
AUTOR
TÍTULO
Prazo
Nome
Devolução
Prazo vencido
STEPHANIE PERKINS
"Profundamente romântico."
Christina Lauren, autora do best-seller Imperfeitos
AMORE

PRAZO VENCIDO

Outros livros de Stephanie Perkins

The Woods Are Always Watching

Tem alguém na sua casa

Isla e o final feliz

Lola e o garoto da casa ao lado

Anna e o beijo francês

Editados por Stephanie Perkins

O presente do meu grande amor: doze histórias de Natal

Aconteceu naquele verão: doze histórias de amor

STEPHANIE PERKINS



Prazo vencido

TRADUÇÃO
Carolina Candido
Karine Ribeiro

AMORE

TÍTULO ORIGINAL *Overdue*

Copyright © 2025 by Stephanie Perkins
Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução total ou parcial, em qualquer formato.
© 2026 VR Editora S.A.

VR AMORE é um selo da VR Editora

GERENTE EDITORIAL Tamires von Atzingen
EDITORA Marina Constantino
EDITORA-ASSISTENTE Michelle Oshiro
PREPARAÇÃO Raquel Nakasone
REVISÃO Érika Tamashiro e Luana Negraes
COORDENAÇÃO DE ARTE Pamella Destefi
DESIGN DE CAPA Jen Richards
ILUSTRAÇÃO DE CAPA © Dawn Cooper
PROJETO GRÁFICO Michelle McMillian
ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi
PRODUÇÃO GRÁFICA Alexandre Magno
PRODUÇÃO DO E-BOOK Malu Francini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Perkins, Stephanie
Prazo vencido / Stephanie Perkins; tradução Carolina Candido, Karine Ribeiro. – São Paulo: VR Amore, 2026.
ePub

Título original: Overdue.
ISBN 978-65-84047-08-2

1. Romance norte-americano I. Título.

25-314190.0 CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura norte-americana 813.5
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos desta edição reservados à
VR Editora S.A.
Av. Paulista, 1337 – Conj. 11 | Bela Vista

CEP 01311-200 | São Paulo | SP
vreditora.com.br | editoras@vreditoras.com.br

Para Jarrod, melhor amigo e verdadeiro amor

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

JANEIRO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

FEVEREIRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

MARÇO

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

ABRIL

CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
MAIO
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
JUNHO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
JULHO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
AGOSTO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS
SETEMBRO
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
OUTUBRO
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE

NOVEMBRO
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
DEZEMBRO
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Agradecimentos

Janeiro

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		

CAPÍTULO UM

Eu já havia tomado uma decisão catastrófica no começo da semana. Mas ainda não sabia que era catastrófica, assim como não sabia que, até o fim daquele dia, tomaria outra. Quando abri as portas duplas e respirei o ar frio lá de fora, meu peito se encheu de esperança. Tudo tinha um cheiro limpo e cortante. Suave e intenso.

— Daqui a pouco — falei. — Vai começar a nevar a qualquer minuto.

— Foi o que você disse uma hora atrás.

Olhei por cima do ombro e dei um sorriso ofuscante para o meu colega de trabalho.

— Fecha essas portas — resmungou Macon. — Você está deixando todo o ar quente sair. — Mas quando voltou a olhar para o computador, havia um brilho inconfundível de diversão em seus olhos.

As portas eram antigas e era preciso dar um belo empurrão para fechá-las. O cheiro de lenha queimando substituiu o aroma da nevasca que se aproximava. No salão dos fundos, uma lareira de pedra crepitava. Era proibido fazer fogo em propriedades do condado, mas a filial norte da Biblioteca de Ridgetop era um edifício histórico registrado, e por isso a amada lareira havia sido preservada.

Afundei na minha cadeira atrás do balcão de circulação, satisfeita como sempre por ter quebrado a fachada ranzinza de Macon. Eu era uma das poucas pessoas que conseguia fazer isso. Nosso robusto balcão tinha duas estações. Eu ocupava uma delas havia quatro anos, e ele ocupava a outra fazia onze. Literal e figurativamente, ele era meu colega de trabalho mais próximo.

Um livro enorme veio deslizando até mim pelo balcão.

— Almoço? — O exemplar estava aberto em uma página com a fotografia de um

jardim cheio de caminhos, com uma mesa de ferro fundido e cadeiras variadas, mas de um jeito charmoso.

— Nem pensar — respondi. — Hoje não.

— Não? — Ele soou surpreso.

— Tá brincando? Hoje é um dos dias bons.

Esse era um dos nossos jogos favoritos: escolher um lugar onde preferiríamos estar em vez do trabalho. Mas aquele *era* um bom dia. A previsão anunciava neve para as montanhas altas da Carolina do Norte, e nossa pequena cidade de Ridgetop vibrava e se agitava de expectativa. A biblioteca estava vazia, exceto por alguns usuários nos computadores. Todo mundo tinha corrido ao mercado para comprar leite e pão, e então ir direto para casa antes do inevitável fechamento antecipado. Neva pouco por aqui, e todos os anos a reação é sempre deliciosamente exagerada.

— Justo — respondeu Macon quando deslizei o livro de volta para ele.

Ele o colocou na estante de devoluções e retomou a leitura de um artigo online interminável sobre a probabilidade estatística de uma crise global de alimentos iminente. Macon gostava de ler livros de não ficção sobre assuntos aterrorizantes, além de longos romances clássicos que levavam semanas para terminar. Eu lia e gostava de quase tudo.

— Vamos almoçar nesse jardim — falei, apontando para a foto. — Assim que a neve derreter.

— Dizem que vai ser forte.

— Seria ótimo ter mais um dia de folga amanhã.

— E sair mais cedo hoje.

Falávamos como se não estivéssemos nessa mesma conversa especulativa havia horas, assim como falávamos como se estivesse tudo normal entre nós… porque só eu sabia que não estava. Minha barriga estava se revirando. Apesar de todo aquele papinho de almoço, eu não tinha conseguido comer nada no meu intervalo, de tão ansiosa.

Não sabia como contar. O assunto me consumia havia dias, mas agora que estava na hora, a tarefa me parecia intransponível. Afinal, como eu poderia dizer à pessoa

que eu queria beijar — que eu queria *mais* do que beijar — que, de repente, eu estava solteira, mas só por um mês? De qualquer jeito que formulasse a frase, ela soaria absurda.

Esse deveria ter sido meu primeiro sinal de que aquilo *era* mesmo absurdo.

As portas se abriram de repente e um senhorzinho exclamou em voz alta:

— Será que as velhas amizades devem ser esquecidas…

— Feliz Ano-Novo, sr. Garland — falei enquanto ele empurrava energicamente um romance policial pela janelinha de devoluções do meu lado do balcão.

Eu me sentava ali porque era onde a maioria dos usuários ia primeiro, e porque era mais simpática do que Macon. A melhor recepcionista. Embora fosse introvertida como muitos bibliotecários, eu não era tímida. Sabia ouvir, tinha interesse nas histórias dos outros e adorava rir. *Ingrid Efervescente*, era como Macon me chamava às vezes. Era uma provocação, mas no fundo eu gostava, porque suspeitava que ele também gostava.

— Ingrid Dahl! Macon Nowakowski! — O sr. Garland sorriu para nós dois. — Passaram bem as festas?

Sorri de volta.

— Passei, obrigada. — Era o terceiro dia do ano, uma terça-feira. Nós sempre fechávamos aos domingos e às segundas, mas eu tinha ficado fora ainda mais tempo, pois havia tirado férias desde antes do Natal. — E o senhor? Como ficou aquele rocambole de Natal?

Ele já estava se afastando a passos rápidos em direção aos lançamentos.

— Não posso reclamar, não posso reclamar! Preciso pegar outro livro antes da tempestade chegar.

Macon fechou a cara diante daquela explosão de energia. Embora tivesse o espírito exausto de um homem prestes a se aposentar, ele tinha apenas trinta e nove anos. Dez a mais do que eu. Quieto e rabugento, Macon tinha uma voz cuidadosamente modulada e um olhar intenso e penetrante. Seu guarda-roupa era limitado, e do outono até o inverno ele usava o mesmo casacão todos os dias, muitas vezes até dentro do prédio — um casaco encorpado com alamares. *Urso Paddington zangado*,

eu adorava provocá-lo. Ele vivia chegando atrasado, era propenso a discursos inflamados, e o cabelo castanho-escuro estava sempre no desesperador estado de quem precisava de um corte profissional. Havia quem fosse desleixado de propósito para dar um charme… e havia o Macon.

Eu o achava encantador.

Ele apontou para a plaquinha de latão com seu nome, derrubando-a com a manga do casaco.

— Nunca vou perdoar o condado por nos obrigar a usar isso.

A biblioteca pública era financiada pelo governo do condado, e as regras variavam o tempo todo. As plaquinhas obrigatórias tinham aparecido no balcão na primavera anterior, e ele ainda se irritava sempre que alguém dizia seu nome completo.

— Nem é tão ruim assim. — Meu sorriso virou uma risada. — E pelo menos o sr. Garland sempre pronuncia seu nome direito. Mason.

— Como se atreve? — Mas Macon estava se divertindo com a própria indignação.

Meu sobrenome era pronunciado errado em todo lugar, exceto na biblioteca, onde a maioria dos frequentadores conhecia os esplêndidos livros de Roald Dahl, ainda que desconhecessem seu lado preconceituoso. ("Não tenho parentesco com ele", eu sempre me apressava em dizer, embora ambos tivéssemos raízes norueguesas. Um parentesco era possível.) A pronúncia certa era *Daal*, mas o preguiçoso *Dól* era próximo o suficiente para eu não me importar. Já *Nov-a-kov-ski* era complicado demais para quase todo mundo, principalmente para quem não sabia que, no polonês, os w deviam ser lidos como v. E para a eterna irritação de Macon, os erros não paravam aí. Muita gente lia errado até seu primeiro nome.

— Não sou um pote de conserva nem uma fraternidade para me chamarem de Mason — ele resmungava com frequência. Na verdade, indicava que sua família também era do Sul, já que era um nome frequentemente usado nessa região para designar cidades, condados ou ruas.

O sr. Garland voltou apressado para a sala.

— Que rápido — comentei.

Ele largou um livro de capa dura sobre o balcão, jogou o cachecol estiloso sobre o

ombro e sacou o cartão da biblioteca.

— Sou um homem que sabe o que quer.

O sr. Garland estava na casa dos oitenta, e seu cabelo espetado, sua baixa estatura e suas roupas sob medida me faziam pensar num duende. Ele só pegava mistérios recém-lançados, sempre um de cada vez, porque gostava de ter uma desculpa para aparecer com frequência. Quando o marido dele ainda era vivo, o sr. Garland saía da biblioteca com montes de livros quase caindo das mãos, e só o víamos na hora de devolvê-los. Por isso, eu sempre tentava dar a ele toda a atenção possível. Naquele dia, porém, minha mente estava em outro lugar.

— Público exigente — brincou ele, baixando a voz de forma teatral.

Estava falando com Macon, mas o olhar era para mim. Eu já estava lhe entregando o livro com o recibo da data de devolução. Ele tinha contado uma história, e eu perdi a piada. E a história toda.

— Desculpa. — Fiz uma careta. — Estou a mil quilômetros daqui. Passei o dia inteiro assim.

O sr. Garland fingiu se ofender.

— Desde que não seja só comigo, tudo bem.

Dei a risada que ele queria ouvir.

— Se cuide nesse frio, tá?

Em resposta, ele ergueu a gola do casaco com um floreio e performou uma saída triunfal.

— Até a próxima!

— Da próxima — falou Macon, levantando-se para fechar as portas, que, como sempre, o sr. Garland deixara abertas —, vou trancar as portas assim que o vir chegando.

— Ele só quer um pouco de atenção.

Macon bateu as portas com mais força do que o necessário.

— Ele é solitário — falei.

Muitos dos nossos frequentadores eram solitários. Bibliotecas eram refúgios seguros para pessoas que levavam vidas isoladas, inclusive alguns bibliotecários.

Inclusive Macon.

— Ele canta toda vez que entra no prédio.

— Você adora a cantoria dele.

Ele se jogou na cadeira e girou na minha direção em uma postura acusadora.

— A mil quilômetros de distância.

— O quê?

— Você mesma disse isso, e dá pra ver que você está mesmo bem longe. Já passou da Lua. Está indo pra Marte. — Tentei disfarçar, mas ele insistiu. — *E também* não para quieta.

— Não paro... — Percebendo o que ele queria dizer, soltei o colar. Estava retorcendo a corrente entre os dedos sem nem perceber.

— Você vai acabar embolando isso, daí vou ter que desenrolar. De novo.

Ergui as mãos.

— Já larguei!

Mas eu estava rindo. Eu tinha esse hábito nervoso de brincar com minhas joias. Por sorte, Macon era paciente e habilidoso em desfazer nós. Fones de ouvido, cabos de carregador, pisca-piscas de Natal. Novelos de lã para as oficinas infantis. Meu cabelo enroscado numa presilha. Ele conseguia ficar o tempo que fosse preciso desemaranhando itens diversos até desatar todos os nós.

— O que tá pegando? — ele perguntou.

— Nada — respondi rápido demais.

O medo me atravessou. Tinha passado o dia todo procurando uma brecha, e agora ele a oferecia de bandeja. Mesmo assim, eu lutava contra minha própria resistência.

Ele ficou me encarando, esperando.

Pergunta de novo, implorei em silêncio.

Mas o momento já tinha passado, e ele girou a cadeira, dando de ombros. Não era do estilo dele insistir para obter informações ou ultrapassar limites.

As palavras escaparam de mim como se eu estivesse em uma experiência extracorpórea:

— O Cory saiu de casa.

Macon ficou imóvel. A cadeira girou de volta na minha direção.

Enrolei novamente o colar nos dedos.

— Foi no Natal.

— O que aconteceu no Natal?

A pergunta chegou antes mesmo da dona da voz, uma mulher de rosto e óculos redondos que apareceu atrás de Macon. Nós dois levamos um susto. Alyssa estava na seção infantil, nos fundos, trocando a vitrine de livros ilustrados sobre festas de fim de ano por uma de bonecos de neve.

Procurando uma resposta sincera, mas que não revelasse demais, optei por começar pelo início da história:

— Minha irmã ficou noiva.

Macon ergueu as sobrancelhas.

— Noiva! — Alyssa se iluminou, como era de se esperar. — Da jogadora de basquete?

— Isso mesmo — respondi. Olhei para Macon, e suas sobrancelhas já estavam no lugar, em uma expressão neutra. Ele entendeu que a conversa tinha mudado de rumo.

— Graças a Deus — disse Sue, surgindo do anexo. — É oficial, o expediente está encerrado? Estou distraída demais para conseguir fazer qualquer coisa esta tarde.

— O e-mail chegou? — perguntou Elijah, empurrando um carrinho vazio atrás do balcão. Ele trabalhava como ajudante e era responsável por recolocar os livros nas prateleiras. Sue era a gerente da filial, e Alyssa, a bibliotecária de livros infantis. Nós cinco formávamos a equipe completa.

— Ainda não — respondeu Macon. O tão esperado e-mail viria do diretor da biblioteca central, no centro da cidade, e nos daria permissão para fechar mais cedo.

— Esse e-mail nunca chega antes da neve — explicou Sue.

— Que droga — reclamou Elijah, tirando os fones de ouvido para participar de vez da conversa.

Ele passava todo o tempo ouvindo livros de divulgação científica e romances de ficção científica enquanto trabalhava. Era o funcionário mais novo, a apenas dois meses de completar vinte e um anos. Ele sabia da regra, mas ainda era jovem e

otimista o bastante para achar que ela podia, de repente, ter mudado. Como as plaquinhas de identificação.

— A irmã da Ingrid ficou noiva — contou Alyssa.

Sue pareceu interessada.

— Da jogadora de basquete?

Todo mundo sempre se interessava pela Jess. A noiva da minha irmã era ala-armadora na WNBA e bicampeã olímpica. Ela e minha irmã, Riley, se conheceram quando ficaram em uma mesma bolha da covid durante uma temporada encurtada da liga, que a imprensa apelidou de "Wolha". Riley era uma das enfermeiras responsáveis pelos testes diários.

— Da jogadora de basquete — confirmei.

— E qual a altura dela mesmo? — perguntou Elijah. Essa era a pergunta de sempre.

— Uma altura normal. Um metro e setenta e oito.

— Quem pediu quem em casamento? — perguntou Alyssa.

— Foi a Jess. Elas se deram ao luxo de fazer um cruzeiro da Disney durante as férias. — Isso arrancou risadas deles; todos adoravam o fato de a minha irmã pragmática e a namorada atleta profissional serem duas adoráveis nerds da Disney. — Mas, pelo jeito, Jess estava tão nervosa que nem percebeu que minha irmã estava enjoada. Ela se ajoelhou para fazer o pedido bem na hora que a Riley começou a vomitar no mar.

Os outros continuaram rindo, mas Alyssa pareceu chocada.

— Elas também acharam engraçado — garanti.

— Se o Tim tivesse me pedido em casamento enquanto eu estivesse vomitando, eu *não* teria dito sim.

— Que injusto — retrucou Macon. — Pobre Tim.

Troquei um olhar com Macon, mas conseguimos manter a expressão séria. Gostávamos de Alyssa, apesar de não termos muito em comum com ela. Ela era só um ano mais nova que eu, mas era um tanto ingênua. E podia ser crítica demais, principalmente em relação ao marido, o que não era nada agradável. Mas ele tinha

essas mesmas características *e* era um pé no saco. Alyssa, no geral, era divertida.

— E você teria pedido a Dani em casamento se ela estivesse vomitando? — Alyssa perguntou a Macon, se referindo a sua ex-namorada de longa data.

Macon fechou a cara.

— Não existe cenário nenhum em que eu teria pensado em casar com ela.

— Com neve ou sem neve — brinquei, lançando um olhar a Macon enquanto trazia a conversa de volta para um terreno seguro —, pelo menos vocês duas vão poder sair logo. — Olhei para Sue e Alyssa, que sairiam às seis em ponto, como de costume. Terça-feira era um dos dias em que nossa filial ficava aberta até mais tarde, e se não começasse a nevar logo, Macon e eu ficaríamos ali, junto com Elijah, até as oito.

Sue olhou para o relógio de parede e suspirou.

— Mas ainda falta um tempinho.

Ao contrário de Macon, que só agia como se estivesse a dois anos da aposentadoria, Sue de fato estava e fazia questão de comentar isso quase todo dia. Estava sempre tão pronta para ir embora quanto o resto de nós, mas sua postura era relaxada e eficiente, e ela administrava nossa filial da mesma forma. Eu a admirava e, em segredo, a via como uma figura materna — como uma mãe em Ridgetop. Essa era a principal razão pela qual eu não queria lhe contar sobre a situação com Cory. Não queria que ela se preocupasse. Nem queria o julgamento de Alyssa, e Elijah era jovem demais.

Demorou, mas, aos poucos, os três voltaram ao trabalho. Assim que ficamos a sós de novo, Macon se virou para mim com a testa franzida de preocupação. Mas balancei a cabeça. Eu não ousaria retomar a conversa até que Sue e Alyssa tivessem de fato deixado o prédio.

Fazia sete anos que Cory e eu tínhamos nos mudado para Ridgetop, no dia seguinte à nossa formatura. Nascidos, criados e educados em Orlando, viemos para cá numa viagem rápida no último ano da faculdade, e aquela primeira lufada de ar frio das montanhas nos pareceu mais lar do que a umidade grudenta da Flórida jamais tinha

sido. As duas cidades viviam do turismo, mas Ridgetop era um refúgio artístico que atraía sonhadores e andarilhos. Conhecida por acolher seus novos moradores de maneira natural — alguns diriam que de maneira quase mística —, Ridgetop tinha o dom de fazer as pessoas acreditarem que tudo daria certo. E, no nosso caso, de fato deu.

Por isso, fazia sentido que a ligação decisiva tivesse acontecido enquanto estávamos em Orlando, pouco mais de uma semana antes, visitando a família durante as festas. Era manhã de Natal, estávamos na cozinha dos meus pais glaceando um presunto fatiado em espiral que nenhum dos dois comeria — Cory tinha várias restrições alimentares, e eu era praticamente vegetariana, embora meus pais nunca lembrassem ou talvez preferissem achar que já tínhamos superado essa fase — quando o telefone tocou. Era a Riley e a Jess, que estavam atracadas em Tortola, pedindo para colocarmos a ligação no viva-voz.

Quando ouvimos a notícia delas, minha mãe deu um grito de alegria e meu pai soltou uma risadinha de satisfação. O resto do dia virou um turbilhão: maravilha daqui, especulação dali, conversa, planos. Só à noite, depois que as latas de biscoitos caseiros tinham circulado, meus pais perceberam como Cory e eu estávamos calados. A tensão pairava no ar, doce e açucarada feito o pó de confeiteiro sobre a mesa.

Meus pais não perguntaram qual era o problema, mas nem precisavam. Gostavam de Cory e o tratavam como parte da família. Mas também acreditavam piamente que não deviam se meter na vida dos filhos, tanto que só tinham mencionado o assunto casamento uma única vez, quando minha mãe bebeu algumas margaritas azuis a mais na nossa festa de formatura. Já a família de Cory era o oposto: barulhenta, espalhafatosa, vivia fazendo piada sobre quando iríamos nos casar. Os pais dele também moravam nos arredores de Orlando, e sempre passávamos metade das férias com eles. Mas, apesar das brincadeiras, eles nunca nos pressionaram de verdade.

Mesmo assim, a notícia da Riley foi um soco inesperado. E quanto mais eu pensava nisso, mais incomodada ficava. Ela era a minha irmã. Minha irmãzinha. Que só namorava a Jess havia dois anos e meio. Claro, dois anos e meio é tempo mais que suficiente para saber se você quer se casar com alguém. Mas…

Mas.

Cory e eu estávamos juntos havia onze anos.

Nos conhecemos na primeira semana da faculdade comunitária. *No primeiro minuto do primeiro dia da primeira aula*, gostávamos de contar, rindo, quando conversávamos com alguém pela primeira vez. Ele se sentou do meu lado na aula de Introdução à Psicologia e, como a faculdade era a chance perfeita para se arriscar, não perdeu tempo e logo me chamou para sair. Fiquei tão surpresa que disse sim na hora. Almoçamos juntos naquele mesmo dia. Depois vieram mais almoços, jantares. Tudo era tão fácil, e nunca tinha sido fácil para nenhum de nós dois antes. Éramos os típicos adolescentes impopulares, desajeitados de verdade, solitários, alvo de bullying.

Cory foi meu primeiro e único namorado, e eu fui a primeira e única namorada dele. Mas, apesar da falta de experiência, nosso relacionamento sempre foi saudável e até invejável. A gente ria junto, quase não brigava, tinha uma vida sexual boa. E embora nenhum dos dois quisesse filhos, estava implícito que, um dia, iríamos nos casar. Só que, por alguma razão meio obscura e desconfortável, nunca chegamos a falar *quando*. Mesmo à medida que nossos amigos começaram a se casar ao chegar na casa dos vinte e tantos anos, ignorávamos as perguntas curiosas. *Vamos nos casar quando comprarmos uma casa*, respondíamos de modo vago. Mas também nunca chegamos a decidir quando faríamos isso.

Alguns dias depois do Natal, enfim criei coragem para falar com Cory. Durante a longa e, para nós, incomum viagem de carro em silêncio, a pergunta foi crescendo, latejando e sufocando na garganta, até que *não* perguntar se tornou mais incômodo.

— Por que você acha que a gente ainda não se casou?

Para ser justa, Cory não pareceu assustado. Continuou olhando para a estrada à nossa frente como se também estivesse pensando nisso fazia tempo.

— Não sei — disse, mas parecia que talvez soubesse, sim. — Vai ver tem uma parte de nós que não quer se comprometer antes de ter vivido outras experiências.

A rodovia não se abriu para me engolir. Nossa vida não passou diante dos meus olhos. Foi como se ele tivesse dito exatamente o que eu estava pensando, mesmo que a ideia nunca tivesse me ocorrido antes.

— *Com outras pessoas* — murmurei.

Macon estava com uma revista de resenhas na mão, circulando alguns títulos para incluir no nosso acervo, mas as páginas demoravam a virar. Ele batucava sem parar no balcão com a caneta. E, de vez em quando, me lançava um olhar pesado, tão carregado quanto a nevasca prestes a cair.

O próprio tempo parecia inquieto. Os minutos se esticavam e se arrastavam. Luzes vermelhas, azuis, verdes e douradas coloriam as estantes do lado esquerdo do prédio enquanto o sol se punha. Ridgetop era famosa pelos vitrais, mas as janelas da nossa biblioteca eram especialmente marcantes.

Arthur Frey Brisson foi o responsável por trazer o ofício para a cidade, um artista tão talentoso que seu único rival nos Estados Unidos era Louis Comfort Tiffany, embora muitos acreditassem que Brisson merecia ainda mais fama. Ele também foi o dedicado marido de Mary Brisson, fundadora da primeira biblioteca pública de Ridgetop em 1879. Localizada ao lado de um pequeno, mas encantador lago chamado Lago de Cardo, a biblioteca dela — a nossa biblioteca — também era pequena, mas tinha uma varanda aconchegante de frente para o lago, onde as pessoas podiam se sentar em cadeiras de balanço e ler pelo tempo que quisessem. E tinha as janelas.

Na parte de baixo, Arthur mandara colocar vidraças transparentes que deixavam entrar luz suficiente para ler, mas, no topo, os vitrais formavam um desenho glorioso e caótico de livros e lombadas. Ao lado da porta da varanda, um grande vitral mostrava Mary segurando um livro como se fosse uma criança. Um halo de páginas douradas cercava sua cabeça. Era um retrato impressionante, um escândalo blasfemo, e agora uma pequena atração turística.

Esses fragmentos de luz colorida já tinham se apagado quando Sue e Alyssa deram seus desanimados adeus no horário de sempre. Nem a neve nem o e-mail tinham chegado.

Macon fechou a revista e encaixou a caneta atrás da orelha, onde costumava ficar. Certa vez eu perguntei:

— Não te incomoda com os óculos?

— Não. — Mas vinte minutos depois, num tom defensivo, ele acrescentou: — Eu tenho orelhas grandes.

Na verdade, eram só um pouco maiores que a média. Eu gostava delas. E também da caneta.

Ele afastou a cadeira da mesa para espiar entre as estantes. Satisfeito, voltou a se aproximar de mim. Dessa vez, chegou mais perto do que antes.

— Ele não está ouvindo — disse, referindo-se aos fones de ouvido de Elijah.

Mais cedo, eu tinha pensado em contar tudo a Macon. Agora, não estava pronta.

— Sinto muito. — O tom dele era solidário, embora a expressão fosse indecifrável. — Términos são difíceis.

— Ah. — O mal-entendido me ajudou a soltar a voz. — Na verdade, a gente não terminou. Estamos *dando um tempo*.

Só percebi a ansiedade dele no instante em que ela desapareceu. Mas isso me deu coragem de continuar.

— Minha irmã ficou mesmo noiva, e isso fez a gente pensar, sabe? No motivo por que ainda não nos casamos. E percebemos que talvez seja porque nenhum de nós nunca namorou outra pessoa, então decidimos tirar o mês para sair com outras pessoas.

A cara dele ficou ainda mais séria.

— E o que vai acontecer no fim desse mês?

— Ele vai voltar pra casa, e a gente vai decidir nosso futuro. Pensar sobre casamento e tal.

— Casamento — ele repetiu sem entusiasmo algum.

— É.

— E ele já se mudou?

— Levamos as coisas dele para um Airbnb no dia primeiro.

Macon balançou a cabeça devagar.

— É uma resolução e tanto.

Era mesmo. Mas ao mesmo tempo não era. A decisão fora tomada com calma, de forma pragmática. E foi a decisão mais adulta que já tínhamos tomado. Janeiro seria um mês de promiscuidade sem consequências, mas não era só porque queríamos sair por aí beijando e dormindo com outras pessoas. Não de verdade. Era mais para matar algumas vontades, viver o desconhecido para que enfim pudéssemos seguir em frente juntos.

Tínhamos combinado que seria sensato evitar contato até fevereiro. Então decidiríamos se seguiríamos separados ou nos casaríamos, embora tivéssemos certeza de que seria a segunda opção. Pela primeira vez, inclusive, falamos sobre o casamento em si. Seria no outono, nossa estação preferida, só com os familiares mais próximos. Ou talvez nem isso. Nenhum de nós gostava de casamentos, então talvez fosse melhor só fazer alguma coisa no cartório.

Ainda assim, apesar do meu otimismo natural, eu sabia que esse plano me fazia parecer totalmente iludida. Sabia como soaria para os outros.

— Desculpe — disse Macon —, mas esse plano me parece péssimo.

— Eu sei.

— Sabe?

Dei de ombros e sorri.

— Claro.

— E isso não te preocupa?

— Não.

Ele tirou a caneta da orelha, depois os óculos, e esfregou o espaço entre os olhos.

— Tá tudo bem. — Meu sorriso ficou ainda mais tranquilizador. — Só precisa fazer sentido pra mim. E faz. Eu sei o que estou fazendo.

Infelizmente, foi nesse exato instante que percebi que eu não sabia o que estava fazendo. De algum jeito, apesar de todos os cenários que passaram pela minha cabeça desde que Cory e eu nos despedimos, eu não tinha imaginado como seria essa transição crucial. Eu não só teria que contar para Macon que queria alguns encontros, mas também que gostaria que os encontros fossem *com ele*. A omissão agora parecia

gritante. E foi só nesse instante, no pior momento possível, que me dei conta de que ele poderia achar que eu só queria usá-lo.

Devo ter pensado que… ia acabar acontecendo. Que ele toparia. Porque ele sabia, nós dois sabíamos, que sempre existiu a possibilidade de algo a mais na nossa amizade. O ar vibrava mais denso entre nós. Nos surpreendia com faíscas intermitentes e imprevisíveis. Não era aquela descarga de mão única que ocorre de quando vemos alguém atraente; a descarga elétrica acontecia nos dois sentidos. Acontecia sempre que estendíamos a mão para o mesmo objeto ao mesmo tempo, quando nos esbarrávamos sem querer, quando nos encontrávamos fora do trabalho. Sempre que aparecíamos num lugar onde o outro não esperava, nosso mundo cintilava.

Teve uma vez, trabalhando de noite, cerca de um ano antes, em que o prédio estava vazio e nós estávamos meio eufóricos, e por algum motivo indaguei em voz alta se ainda conseguiria dar uma estrela. Macon disse "vá em frente" e aplaudiu quando consegui fazer uma bem na frente da nossa mesa. Tomada pela fixação de continuar a impressioná-lo — não sei por que eu achava que ele ficaria impressionado com isso —, corri até as estantes e tentei fazer várias seguidas. Consegui dar uma e meia antes de bater no expositor de audiolivros.

— Meu Deus! — eu o ouvi dizer e, um instante depois, ele já estava pairando acima de mim.

Atônita, pisquei para ele do chão. Então soltei uma gargalhada doida.

O medo dele se desfez, e ele me segurou com as duas mãos. Mas enquanto ele me ajudava a levantar, acabei ficando perto demais, perto demais mesmo, perto o bastante para o peito dele encostar no meu. A energia entre nós pulsou… e então disparou. Em vez de rir e dar um passo rápido para trás, nos bebemos com os olhos. As pupilas dele se dilataram. O momento durou apenas alguns segundos antes que nossos corpos e mãos se afastassem, mas aqueles segundos pareceram uma eternidade.

Por mais notáveis que fossem esses episódios, no entanto, eles não importavam na época. Não iríamos falar nem fazer nada com base nessa química. Até um ano e meio

atrás, ele tinha uma namorada, Danielle, e eu sempre estive com Cory, e nenhum de nós era do tipo que trai. Pelo contrário, éramos do tipo que consegue só ficar na amizade.

E ainda assim. Mesmo assim.

Quando Cory e eu fizemos nosso acordo incomum, meu primeiro pensamento não foi sair caçando um estranho num bar. Meu primeiro pensamento foi Macon Nowakowski.

Sem dizer mais nada, ele recolocou os óculos, depois a caneta, e se afastou para o lado dele da mesa, cansado.

A biblioteca pareceu mais fria. Eu tinha passado o dia anterior me preparando — depilação, esmalte, a roupa certa, um almoço que não deixasse bafo. Até coloquei na bolsa uma pasta e escova de dentes para refrescar o hálito, embora no fim tenha sido desnecessário, já que estava nervosa demais para comer meu sanduíche de pasta de grão-de-bico. Mas escovei os dentes mesmo assim. Meu plano simples de repente parecia muito complicado.

Enquanto minhas unhas vermelhas e vibrantes cutucavam minha calça vintage favorita — a calça que fazia minhas pernas, meu melhor atributo, parecerem ainda mais compridas —, meu bolso se iluminou. Puxei o celular sabendo exatamente de quem era a mensagem.

Como foi??

Kat também era bibliotecária, mas numa cidade litorânea da Austrália Ocidental, num fuso horário treze horas à frente do meu. Ela devia ter acabado de acordar. Mesmo sem nunca termos nos encontrado pessoalmente, Kat era uma das minhas amigas mais próximas e a única outra pessoa que sabia da situação com Cory. E definitivamente a única pessoa que sabia das minhas intenções com Macon.

Não faço ideia, respondi.

Ele me lançou um olhar. Ao contrário do resto do mundo, Macon não era viciado no celular, sobretudo porque não confiava nele. Ele cobria as câmeras do aparelho com fita isolante preta e, quando me pegava mandando mensagem, costumava fazer algum comentário espirituoso. Mas daquela vez ele não disse nada.

Enfiei o aparelho de volta no bolso, paranoica de que, de alguma forma, ele pudesse ler minha tela.

Restavam noventa minutos até o fechamento da biblioteca. O sr. Brember, figura permanente da nossa seção de computadores, era o único frequentador que restava no prédio. Do lado de fora, já estava tudo escuro.

E ainda nem sinal da neve.

Será que eu tinha me enganado sobre Macon? Ele parecia chateado, talvez até decepcionado comigo. Ou talvez estivesse confuso porque eu não
tinha explicado a situação com clareza. Sei que fui leviana demais. Como ele poderia saber que eu estava interessada em sair com ele se eu nunca tinha dito nada — se nem sequer tinha flertado com ele para valer? Conforme meu pânico crescia, comecei a ter dificuldade de respirar. Minhas mãos suavam. Eu nunca tinha dado em cima de ninguém antes. Só tinha tido *um* primeiro encontro na vida, aos dezoito anos de idade. Será que Cory já tinha dormido com outra pessoa? Nós dois éramos bons de conversa, mas ele era mais extrovertido do que eu e gostava de sair. Eu não tinha ido a lugar nenhum ainda porque estava esperando esta noite. Esperando Macon.

Dois relógios corriam: vinte e oito dias até fevereiro, oitenta e cinco minutos até o fim do expediente. E eu não tinha a menor ideia do que fazer.

A rigidez de Macon indicava que ele ainda me observava. Minha garganta fechou. Baixei a cabeça, tentando me recompor.

A cadeira dele girou outra vez na minha direção.

Eu me forcei a erguer o queixo. Me obriguei a encarar seu olhar. Os olhos dele estavam sérios e gentis.

— Tá tudo bem?

Fiz que sim. Depois, fiz que não. Fiquei corada como uma adolescente sem habilidades sociais nem autocontrole.

— Parece justo — ele disse. E então sorriu.

Não era que Macon nunca sorrisse, mas ele nunca dava um sorriso falso, o que fazia com que os sorrisos dele me atingissem mais fundo. Eles me atravessavam em nível atômico, enquanto os dos outros só arranhavam a superfície. Aquele sorriso era

para me tranquilizar e, milagrosamente, conseguiu. Enxuguei uma lágrima que tinha escapado e ri de mim mesma.

— E aí, como vocês decidiram quem ficava e quem tinha que sair? — Ele estava tentando me distrair para que eu não desmoronasse.

— Do nosso apartamento? Foi uma decisão fácil. Eu tenho mais roupas, mais maquiagem, mais coisas. Você sabe, tudo que é necessário…

— … para se arrumar para um encontro.

— É. — Engoli em seco para me centrar. — Então eu fiquei. Cada um vai pagar o próprio aluguel este mês.

— Ah. Merda. — A preocupação dele mudou de foco. — Vai ficar muito pesado pra você?

Não me incomodava que ele me perguntasse sobre dinheiro. Todos nós, bibliotecários, falávamos abertamente sobre a nossa falta de recursos. O governo não nos pagava bem — aproveitando-se do fato de que qualquer pessoa disposta a trabalhar com livros aceitaria fazer isso por um salário medíocre —, então éramos todos frugais por necessidade.

— Não está tão horrível. Quer dizer, não é ótimo. Mas eu me viro.

— O e-mail ainda não chegou?

Uma voz rouca nos interrompeu. Assim como o sr. Garland, o sr. Brember já passava dos oitenta, mas era bem menos disposto. Ele aparecia todos os dias para trabalhar no planejamento do funeral dele, o que não era tão mórbido quanto parecia. Sua saúde estava boa; ele só queria garantir que, quando morresse, receberia a homenagem apropriada. Da última vez que eu tinha visto, o documento já passava de cem páginas, contendo instruções detalhadas sobre coroas de flores, arranjos de coral, banda marcial, fogos de artifício, comes e bebes e até cavalos de raça.

— Ainda não — respondi.

Ele resmungou:

— Está ficando perigoso. O vento está aumentando.

Num sobressalto, percebi que era verdade. Os vitrais estavam chacoalhando. O sr. Brember não dirigia, então saber que ele morava logo na esquina me deixou aliviada.

— Cuidado na volta.

— Vocês deviam fechar — disse ele, nos repreendendo enquanto escapulia, apressado. (Havia muito tempo, Macon e eu tínhamos decidido que *escapulir* era o verbo mais preciso para descrever o jeito como ele se movia, e nunca mais consegui pensar em outra coisa.) — Nunca esperem alguém dizer o que vocês têm que fazer.

As portas se fecharam atrás dele com um estalo alto, sugadas pelo vento.

— Alguém como você? — disse Macon, seco.

Mas o sr. Brember tinha razão. Macon nunca, em cem mil vidas, me diria que estava interessado em aproveitar meu mês de liberdade. Nós éramos amigos e colegas havia tempo demais. Ele era respeitoso. Profissional. Caberia a mim dar o primeiro passo.

— O e-mail já chegou? — Elijah gritou do outro lado da biblioteca.

Levei a mão em concha até a boca:

— Ainda não!

— Que se dane. — Macon se afastou da mesa e se levantou. — Não tem ninguém aqui. — E foi se preparar para o fechamento.

Os familiares ruídos metálicos me contaram que ele estava apagando a lareira na sala dos fundos, então comecei a procurar prateleiras para arrumar e itens para guardar. O prédio histórico tinha um formato retangular e uma única parede no meio, que dividia o espaço em forma de "O". Fui seguindo no sentido horário, passando pelos lançamentos, ficção e jovem adulto. As estantes de madeira eram lisas pelo tempo e pelo toque das mãos, e vasos de plantas preenchiam cada cantinho disponível. Macon era o cara das plantas, e todas as suas crias estavam, sem exceção, exuberantes e saudáveis, até as que teoricamente eram difíceis de cuidar. Os frequentadores sempre pediam conselhos para ele.

Tudo parecia abarrotado, mas limpo e organizado. Com tão poucos leitores naquele dia, as estantes ainda estavam em ordem, ou talvez Elijah já tivesse feito o serviço. Provavelmente as duas coisas. Ao passar pela porta da varanda, fiz uma reverência discreta diante do retrato de Mary Brisson. O vitral a transformava em uma espécie de santa padroeira dos que tinham a vocação de colocar bons livros nas

mãos das pessoas, e normalmente eu sentia afinidade por ela; mas, naquele instante, não era nela que eu pensava. O gesto foi automático, talvez até supersticioso.

Segui para os fundos do prédio, dividido em três seções: a infantil, com seu tapete trançado e poltrona fofinha; a de periódicos, com mesas riscadas e lareira de pedra; e a de computadores, com mesas modernas e telas iluminadas.

Macon ergueu os olhos da posição em que estava, junto à lareira. Me assustei e o encarei de volta, intensa demais. Ele fez uma expressão hesitante e eu me apressei para sair, ainda com o cheiro de fumaça nas narinas.

Elijah estava guardando livros de não ficção. Era um garoto negro e magricela, com um leve estrabismo e um charme exuberante. Nos cumprimentamos com um aceno, e ele olhou mais uma vez para algo atrás de mim, mas eu já estava na metade da seção de mídias — audiolivros, música, filmes — quando ele gritou:

— Tá nevando!

E não é que estava mesmo? Os primeiros floquinhos do ano finalmente começavam a cair. A esperança reacendeu dentro de mim.

— Parece mágico, não acha? — falei, me virando para Elijah.

— Parece frio — disse Macon, passando por nós num sopro.

Meus nervos se sobressaltaram.

— E *um tantinho* mágico — ele admitiu, já da sala da frente. Ouvi o clique do mouse e imaginei que estivesse atualizando o e-mail.

— Alguma novidade? — perguntou Elijah, quando nos juntamos a ele. Ele empurrou o carrinho vazio para o lugar e se sentou em cima dele. O trabalho já tinha acabado, oficialmente ou não.

— Nada — disse Macon. — Mas vai chegar. — Ele digitou FECHADO POR CAUSA DA NEVE e apertou imprimir.

— Confere de novo — pediu Elijah.

A impressora começou sua rotina barulhenta, e fui buscar a folha de papel.

— Nada — disse Macon. E logo em seguida: — Ah, merda. Chegou.

Meu coração acelerou.

— *Todas as bibliotecas do condado de Colburn serão fechadas imediatamente* — ele

leu em voz alta. — Blá-blá-blá do governo, blá-blá-blá do governo… *e abrirão duas horas mais tarde amanhã.*

— Isso! — Elijah saltou do carrinho. — Vocês não precisam mais de mim, né?

— Vai embora logo — ordenou Macon.

Elijah fez continência, agarrou as coisas dele e saiu, tropeçando na entrada.

Estava quase na hora. Meu coração estava disparado e minha mente girava.

— Eu fecho as portas.

— Eu cuido da varanda e dos computadores — respondeu Macon.

Com as mãos trêmulas, travei a fechadura e colei o cartaz. O carro de Elijah saiu do estacionamento, restando apenas o de Macon e o meu. Macon dirigia um Volvo sedã, velho e prático, do qual cuidava com esmero. Eu dirigia um Fusca amarelo-vivo, velho e nada prático. Estava sempre quebrando, mas antes de ir embora Macon sempre fazia questão de garantir que o motor pegasse. Sempre fazia questão de que eu estivesse segura.

Você está *segura*, disse a mim mesma. *É o Macon. Você consegue.*

O assoalho de madeira rangia enquanto ele passava de computador em computador, desligando-os. Fechei o caixa, e as moedas de troco para multas, cópias e impressões escorregaram pelo balcão enquanto eu fazia as contas. Precisei contar duas vezes. Levei o dinheiro até o anexo, a única parte do prédio que não era original, e quando voltei depois de trancá-lo no escritório da Sue, Macon já estava com meu casaco e minha bolsa, junto com as duas sacolas de almoço.

— Você não comeu nada? — perguntou, franzindo a testa para o peso da minha sacola.

Fiz um som impreciso e aceitei o casaco. O leve tremor das minhas mãos virou tremedeira enquanto eu tentava abotoá-lo. Ele apertou o interruptor, e a biblioteca mergulhou na escuridão. Só uma lâmpada de emergência brilhou e zumbiu, destacando ainda mais a atmosfera já carregada.

Macon abriu uma das portas. O cheiro mineral e aquoso da neve, fresco e frágil, invadiu meus pulmões. Peguei minhas coisas e me abaixei para passar sob o braço dele. Nunca tinha feito isso antes, e ele riu.

— O que foi isso? — perguntou.

Mas, quando trancou as portas e se virou, viu que eu não estava rindo. Eu estava parada bem atrás dele, imóvel.

Os olhos escuros dele se arregalaram.

Os flocos de neve, iluminados pelos postes da rua, cintilavam feito estrelas, desejos infinitos girando ao nosso redor. Os flocos engrossaram. Grudavam nos nossos casacos e cabelos. Era agora. A hora era *agora*.

Eu me inclinei para a frente…

Fechei os olhos…

Entreabri os lábios…

— Não. — Macon recuou, esbarrando nas portas. — Ingrid, não.

Minhas mãos voaram para cobrir a boca. Eu estava morrendo de vergonha.

— Meu Deus. Eu…

Sinto muito. Eu errei. Estou pronta para me atirar no lago e me afogar.

— Não, *eu*… — Mas ele também não conseguiu terminar a frase.

Ele correu para o carro. Os limpadores do para-brisa entraram em ação ao mesmo tempo que os faróis, lançando neve de volta para o céu, e então ele já estava engatando a ré, virando e dirigindo para longe.

CAPÍTULO DOIS

Não acendi as luzes. Larguei minhas chaves no aparador ao lado da porta de entrada, no lugar de sempre, mas só por hábito. Afundei no chão do apartamento, desfeita em prantos. O carpete áspero esmagava meu rosto. Eu chorei e gritei o caminho inteiro de volta para casa — *Por que você fez isso? Como pôde ser tão burra?* — e agora meu corpo estava em choque. Não lembrava a última vez que me senti tão humilhada ou envergonhada. Como podia ter interpretado tão mal a amizade de Macon, e de forma tão monumental? Foi um erro de principiante, um erro adolescente demais.

O horror nos olhos dele.

Senti um aperto no peito e meus braços ficaram dormentes. Achei que estava tendo um ataque cardíaco, até perceber que a dormência era só porque eu estava deitada em cima deles. Então mexi os braços e aceitei o incômodo formigamento. Acolhi aquela dor física porque ela combinava com o que acontecia na minha mente.

O chão vibrou sob a minha bochecha. Um casal jovem, alunos da faculdade local, morava no apartamento de baixo, e um deles estava andando do quarto até a cozinha. O cara disse algo que soou como uma pergunta. Ouvi a resposta abafada da namorada.

Procurei o celular na bolsa, que tinha caído no carpete ao meu lado.

Horrível, escrevi para Kat. *Foi horrível. Nível vou-ter-que-arrumar-outro-emprego.*

Fiquei olhando para a tela, esperando a resposta rápida de sempre. Mas a resposta não veio, o que significava que Kat provavelmente estava em trânsito. Já fazia quase dez anos desde que nos conhecemos nos círculos literários das redes sociais, e costumávamos conversar nos horários em que nossas rotinas coincidiam. Apesar do oceano que nos separava, sempre que eu fazia ou dizia algo estúpido, Kat era minha

primeira linha de defesa. Mas Cory era a segunda. Ele era quem me abraçava, quem dizia que tudo ficaria bem — e depois lembrava todas as vezes que ele mesmo fez alguma idiotice parecida. Era estranho ele não estar ali. Estranho não poder contar como foi meu dia.

Todos os meus músculos se contraíram quando a cena voltou à minha cabeça. Macon *fugiu* de mim. Voltei a chorar — por Kat, por Cory, por uma máquina do tempo.

A tela acendeu, e meu coração parou. Kat!

Seu carro pegou? Você chegou em casa?

Macon.

Apesar de tudo, ele ainda queria saber se eu estava bem. Senti um arrepio, a vergonha vindo ainda mais intensa. Eu queria ignorá-lo, mas isso só o faria voltar para a biblioteca e depois vir até o meu apartamento, preocupado que eu tivesse ficado parada em algum lugar com o celular descarregado. Ele já tinha me resgatado na beira da estrada antes. Escrevi e apaguei, escrevi e apaguei, até me decidir por: *Tô em casa. Me desculpa. Não sei o que passou pela minha cabeça. Só posso dizer que foi uma semana estranha. Se estiver tudo bem pra você, vamos fingir que nada aconteceu.*

Demorou um minuto inteiro — eu fiquei olhando para o relógio — até os três pontinhos aparecerem. Diferente de mim, Macon pensava na resposta antes de digitar.

Sem problemas.

Só isso.

Deus. Que desastre.

Eu não estava exagerando quando disse para Kat que teria que arrumar outro emprego. Voltar ao trabalho e passar quarenta horas por semana sentada ao lado dele era impensável. O nível de falta de noção em tudo aquilo era extraordinário. Não era como se eu não tivesse considerado a possibilidade de ele me rejeitar, mas… eu acreditava de verdade que ele não faria isso. Como eu podia ter sido tão convencida, tão confiante a ponto de achar que o sentimento era recíproco? Em que planeta eu vivi todos esses anos? Eu não sabia se conseguiria dar um dia de aviso prévio para a

Sue, muito menos duas semanas inteiras. Como eu explicaria minha saída repentina? Onde arrumaria outro trabalho? Será que a biblioteca da faculdade me contrataria ou exigiria um diploma mais avançado?

Minha tela acendeu de novo.

O QUE ACONTECEU?

Me levantei cambaleando, fui até o sofá e me enrolei num cobertor feito um burrito. *Tá podendo falar?*, perguntei, e no mesmo instante, o celular tocou com uma chamada do FaceTime.

— Foi horrível — solucei, voltando a chorar.

— Não consigo te ver direito. Onde você tá? Você tá bem?

Kat estava do lado de fora da biblioteca. O cabelo dela estava no habitual rabo de cavalo, e a pele marrom-clara estava bronzeada e generosamente salpicada de sardas. Ela cintilava sob o sol da manhã de verão do hemisfério sul.

O meu brilho, ao contrário, era pálido e assombrado, iluminado apenas pela tela.

— Meu Deus. Foi horrível.

— Você não para de repetir isso. O que aconteceu? — Enquanto eu contava, ela arfava nos momentos certos. — Tem certeza de que ele só não ficou assustado? — perguntou, embora sua expressão mostrasse que nem ela acreditava nisso. — Talvez ele precise de mais tempo pra pensar. Sobre você.

— Ele disse *não* duas vezes. Não poderia ter sido mais claro.

— É, tem razão. Não é não e pronto.

Um pensamento horrível e repugnante me atravessou.

— Sou um daqueles monstros… um daqueles monstros hediondos que assediam sexualmente os colegas de trabalho.

— Não é, não.

— Sou. Meu Deus, sou, sim.

— Você aceitou o não dele?

— Claro, mas...

— Você tentaria algo assim de novo?

— Claro que não, mas…

— Então fim de papo.

Alguns segundos se passaram. Eu mal conseguia encará-la.

— Eu pisei na bola — admiti enfim.

— Sim.

— Vai ficar um clima estranho no trabalho.

— Sim.

Resmunguei.

— O que eu faço?

— A respeito do Macon?

— Macon, meu trabalho, tudo. Tudo isso.

— E o Cory?

— O que tem o Cory? — perguntei.

Kat parecia procurar a forma certa de fazer a próxima pergunta.

— Tem certeza de que você ainda quer fazer isso? Esse acordo com o Cory?

— Quero, é só que… — Minha voz baixou até virar uma confissão. — Achei que seria mais fácil.

A gargalhada dela veio seca e inesperada, e ela pareceu arrependida na mesma hora.

— Foi mal. Mas você sabe que isso é um absurdo, né? Por que você acha que o mercado dos relacionamentos fatura bilhões de dólares por ano?

— Eu sei, mas…

— Se quer mesmo seguir com essa história, você vai ter que se recompor e encarar o mundo lá fora.

— É fácil falar quando se é casada — retruquei num tom meio birrento. Kat era um pouco mais velha que eu. Quando nos conhecemos, ela já era casada, e agora tinha um filho. Eu não acompanhei seus anos de solteira.

— Pois pode apostar que o Cory não está sentado sozinho no Airbnb, chorando para algum amigo no telefone.

A realidade me acertou com tudo. Imaginei Cory em uma sala lotada, com o grave da música sacudindo as paredes, se aproximando para conversar com uma mulher atraente. A tentação sorria de volta para ele e passava a língua pelos dentes.

Senti uma onda de tontura e enjoo.

— Você precisa sair de casa — Kat estava ficando mandona — e conhecer um homem que não seja do seu trabalho.

— Tá bom, tá bom — concordei, mesmo atordoada. — Como faço isso?

— Você sabe… vai pra um pub, um bar ou coisa assim.

— Sozinha?

Ela arregalou os olhos, alarmada.

— Não. Você tem que levar alguém, um amigo pra te fazer companhia e te ajudar a se livrar dos babacas.

— Certo. — Balancei a cabeça. — Faz muito tempo que não faço isso.

— Você nunca fez isso.

— Certo. Eu nunca fiz isso.

— Eis o que você vai fazer. Você vai lavar o rosto, jantar e ir dormir. E enquanto você dorme, eu vou bolar um plano brilhante.

O pânico voltou com força.

— Não, eu preciso sair hoje à noite. Agora.

— Você precisa ir pra cama agora.

— Eu tô falando sério, não consigo ficar aqui. Não consigo ficar parada pensando nisso. Tenho que sair.

— Sair pra onde?

— Pra um bar! Como você mesma disse.

— Com quem?

Era uma boa pergunta, e isso interrompeu minha espiral de pensamentos. Sue e Alyssa estavam fora de cogitação, e a maioria das outras pessoas com quem eu saía eram amigos do trabalho do Cory.

— E se eu fosse sozinha só hoje… — falei.

— Nem ferrando. Você está péssima.

— Valeu, hein — respondi, me sentindo ainda pior.

— Me escuta. Estou dizendo que seria perigoso você sair sozinha hoje à noite. Você não está num bom momento, e eu não quero que faça algo de que vá se

arrepender.

Isso finalmente me atingiu, e eu cedi. Desabei.

Um clarão, um reflexo, brilhou atrás da Kat. A janela da minha biblioteca dava para um laguinho enfeitado, enquanto a dela dava para o mar.

— E a Brittany? — ela perguntou.

Eu hesitei.

— Não sei. O Cory também é amigo dela.

— Mas você não é *mais* amiga dela do que ele?

— Acho que sim. Talvez.

Eu era. Quando nossos antigos vizinhos de baixo, Brittany e Reza Najafi, se mudaram para uma casa do outro lado da cidade, no outono passado, fui eu quem fez o esforço extra para manter contato. Cory só tinha ido à casa nova deles uma vez para a festa de boas-vindas, mas eu fui outras vezes ajudar a pintar e decorar. Também ajudei Brittany a garimpar móveis usados para preencher todo aquele novo espaço vazio.

— Então é melhor marcar território antes que o Cory faça isso — disse Kat.

A ideia me deixou gelada. Ainda nem tínhamos terminado, mas as linhas já estavam sendo traçadas. Se bem que a Kat não estava errada.

— Queria que *você* pudesse ir comigo — comentei.

Ela fez uma expressão triste, e eu sabia que ela também queria.

— Maldita Austrália — falei, desanimada.

— Malditos Estados Unidos.

— Você precisa trabalhar.

— Preciso. Qualquer coisa, me manda mensagem, tá?

Nos despedimos, e eu liguei para Brittany sem nem mandar mensagem antes para não desistir. Ela atendeu no terceiro toque, parecendo preocupada.

— O que está rolando? Você tá bem?

Me deprimia o fato de a maioria das pessoas pensar que um telefonema significava que algo ruim tinha acontecido. Infelizmente, costumava ser verdade.

— Tô. — Funguei. — Quer dizer, não. Mas sim.

— Você tá chorando? Seu carro quebrou de novo?

Cory e Macon não eram os únicos que já tinham me resgatado na beira da estrada. Reza uma vez fez uma chupeta no meu carro no estacionamento do Taco Bell.

— Ela tá bem? Onde ela tá? — perguntou uma voz ao fundo.

— Tô em casa — respondi.

— Ela tá em casa — Brittany falou para o marido.

A história inteira, complicada e humilhante, saiu de uma vez. Embora eu estivesse conversando com Brittany, estava ciente da presença de Reza. Eles ficaram chocados com a situação com Cory e igualmente chocados por eu ter dado em cima de um colega de trabalho.

— Você tem que me ajudar — implorei. — Sai comigo.

— Pra um bar? — Brittany perguntou.

— Sim! Eu não sei o que estou fazendo.

— E você acha que eu sei?

A pergunta era justa. Um dos motivos pelos quais todos viramos amigos foi porque tínhamos a mesma idade e estávamos em relacionamentos sérios quando mais ninguém dos nossos amigos parecia estar. Tínhamos todos vinte e dois anos na época, tínhamos acabado de sair da faculdade. Os pais de Brittany eram fervorosos evangélicos do Alabama, e os de Reza eram fervorosos muçulmanos xiitas do Paquistão. A única maneira de irem morar juntos sem enfurecer todo mundo foi se casando. Então se casaram. Como Kat, eles já eram casados quando nos conhecemos, mas, assim como Cory e eu, não tinham filhos.

— Por favor. — Minha voz falhou, a represa prestes a arrebentar de novo. — Não consigo fazer isso sozinha.

Senti a resignação dela do outro lado da linha.

— Tá bom. Só dessa vez. *Dessa* vez, vou ser sua parceira de balada. Parceira de bar. Ai, meu Deus. Parceiras de bar não têm que tentar dormir com estranhos, né?

Fui tomada pela gratidão.

— Não faço ideia. Mas a minha parceira não vai fazer isso, claro.

— Então na sexta a gente procura um bar ou qualquer lugar aonde os solteiros vão

hoje em dia…

— Sexta? — Minha gratidão foi embora. — Isso é daqui a três dias.

— Tááá. Então a gente vai amanhã…

— Isso é daqui a vinte e quatro horas!

— Desculpa — disse Brittany, sem parecer muito arrependida. — Você tá me pedindo pra sair com você *hoje à noite*?

— Por favor. — Eu estava à beira da histeria. Pelo silêncio tenso, percebi que Brittany e Reza estavam se comunicando freneticamente de alguma forma.

— Não dá — ela disse depois de um minuto. — Você também não pode sair. Pra começar, tá nevando.

— Em Minnesota as pessoas dirigem na neve todo dia e ficam bem.

— Vai estar tudo fechado.

— Até parece. Sempre tem gente que precisa de álcool. Algum lugar vai estar aberto.

Mais silêncio do outro lado da linha. Mais comunicação silenciosa.

Reza pegou o telefone.

— Oi, Ingrid. — Ele ainda tinha um leve sotaque da infância em Karachi. — Entendemos a sua emergência, então eis a nossa oferta. A Brit não se sente confortável em dirigir nesse tempo, então eu vou te buscar…

— Não me importo de dirigir. Quase nem está nevando. — Estava nevando bastante, mas quem se importava?

— Ah, mas eu *me importo* com você dirigindo até um bar no seu Volkswagen caindo aos pedaços com tanto gelo na estrada. O meu Subaru tem tração nas quatro rodas. Então vou levar você e a Brit aonde precisarem, vou ficar invisível e sóbrio e, quando vocês quiserem, levo você de volta pra casa.

— Mas a ideia não é eu ir pra casa de outra pessoa? Ou alguém vir aqui pra casa? — Eu não tinha certeza.

— Ela tem razão — disse Brittany ao fundo.

— Que pesadelo — resmungou Reza.

Brittany me mandou mensagem assim que chegaram, e eu corri para fora. Reza dirigia um caminhão — uma van de entregas, como eles chamavam — da UPS, então dava muito valor à velocidade e pontualidade. Fui tomada pelo medo. Enquanto me arrumava, percebi que Kat estava certa. Eu devia ter ido para a cama e chorado até dormir. Aquilo era uma loucura. Podia ter esperado até amanhã. Mas eu já tinha implorado, e Brittany e Reza estavam fazendo todo aquele esforço para me ajudar. Agora não dava para voltar atrás.

Uma rajada de flocos de neve entrou junto comigo quando deslizei para o banco de trás. Reza me encarou pelo retrovisor.

— Só pra constar, ainda acho que isso é uma péssima ideia. Só estou aqui pra garantir que você não volte pra casa com o Ted Bundy.

— Entendido — respondi.

— Quer dizer, tudo isso é ruim. Esse término temporário é uma péssima ideia. A pior ideia que já ouvi.

Brittany se virou para me encarar.

— Não liga pra ele. A gente só está… meio que estranhando. A gente te apoia… você sabe que a gente apoia você *e* o Cory, mas…

— Eu sei — falei de uma vez para que ela não precisasse terminar a frase.

Reza balançou a cabeça, mas começou a dirigir.

— Pra onde a gente vai?

Fiquei envergonhada de não ter uma resposta.

— Também só pra constar — ele disse —, acho que vai estar tudo fechado por causa da neve. Só estou deixando isso claro agora pra não ter que me gabar depois quando eu provar que estou certo.

— Ah, mas você vai se gabar se estiver certo — provocou Brittany.

— Pode ter certeza que vou — ele retrucou.

Felizmente, Brittany veio preparada.

— Pensei naquela sidraria perto do rio, sabe? Aquela com o mural gigante do Frei Tuck. Nunca fui lá, mas sempre tem um monte de carros na frente. Aposto que vai estar aberta.

— Não vai estar aberta — retrucou Reza. Mas olhou pra mim, esperando uma confirmação.

— Pra mim serve. — Concordei com entusiasmo. — Parece perfeito. Obrigada.

A enorme quantidade de pomares de maçã na região deu origem à bebida alcoólica típica de Ridgetop, a sidra, e a cidade tinha várias sidrarias. Moradores e turistas lotavam esses lugares o ano inteiro, mas eu só costumava ir quando encontrava os amigos de Cory. Eu preferia sair para jantar, não só beber. Ou, melhor ainda, preferia nem sair de casa.

Fiquei mexendo nos enormes botões do meu casaco. Tinha trocado a roupa do trabalho — que eu precisaria queimar depois de ver *o horror nos olhos dele ao recuar daquele jeito… Não. Ingrid, não* — por um vestido fofo de brechó e meu melhor casaco. Eu estava paranoica de que, aonde quer que a gente fosse, o lugar estaria cheio de jovens relaxados vestindo o jeans da moda, mas também acreditava que era melhor estar arrumada de mais do que de menos.

Brittany se virou e me deu um sorriso encorajador.

— Você está linda.

— Você também — respondi. Ela sempre estava.

Brittany não era apenas bonita; era deslumbrante. Tinha um corpo curvilíneo e volumoso, seios enormes e um rosto em forma de coração. Seus olhos e cabelos escuros estavam sempre impecáveis, e, como era costureira, ela usava roupas ajustadas à perfeição. Naquela noite, estava com um vestido violeta com estampa de garças. O tecido parecia seda, e o decote era profundo, mas ela colocou uma jaqueta casual que suavizava o conjunto com naturalidade. Seu look era arte viva.

Já eu era o oposto dela. Quando era jovem e magricela, minha mãe dizia que eu me desenvolveria na idade adulta, e em parte foi o que aconteceu. Meus quadris se alargaram um pouco, meus seios ficaram um pouco mais arredondados. Mas eu tinha pernas longas para a minha altura mediana, e meu cabelo era naturalmente loiro, uma cor que outras mulheres pagavam caro para ter. A pinta na minha bochecha esquerda, que eu tanto queria tirar na adolescência, agora me dava personalidade, e meus olhos grandes e arregalados me faziam parecer mais amigável que o normal. Quando

criança, os outros achavam isso estranho e desconfortável. Como adulta, fazia com que as pessoas quisessem me contar seus segredos.

Eu tinha me acomodado com um tipo discreto de beleza. *Como uma corça escandinava*, Cory falou não muito depois de nos conhecermos. Eu ainda guardava esse elogio com carinho. Eu me sentia desajeitada e desengonçada, com os olhos saltados e os membros desproporcionais, e ele foi o primeiro a retratar isso como algo belo e misterioso. Ele mudou a forma como eu me via.

— Só pra deixar claro — disse, me inclinando para a frente para falar com Reza —, eu e o Cory ainda estamos juntos. Você chamou a situação de "término temporário", mas a gente não terminou. Estamos *dando um tempo*. É bem diferente.

— "Estávamos dando um tempo!" — disse Brittany, imitando uma voz muito específica.

Estremeci, e Brittany caiu na gargalhada.

— Isso é de *Friends*? — Reza perguntou. — Sabe, eu nunca vi nem um episódio dessa série, mas até eu sei que depois que o Ross dormiu com outra pessoa, a Rachel nunca o perdoou.

— E é por isso que tanto a Ingrid quanto o Cory vão dormir com outras pessoas — respondeu Brittany.

— E isso foi planejado — acrescentei, grata pela defesa inesperada. — O Ross e a Rachel não planejaram nada.

— O Ross e a Rachel não ficaram juntos por mais de uma década — comentou Reza.

— Como você sabe, se nunca viu nem um episódio? — perguntou Brittany.

— É verdade ou não? — ele retrucou, indignado.

— É.

Brittany e Reza caíram naquela risada fácil de melhores amigos. Com um aperto no peito, percebi que lembrava o que eu tinha com Cory. Ou com Macon.

Eu precisava parar de pensar em Cory. E em Macon.

A neve ainda caía de forma constante, e as ruas estavam desertas, por isso foi uma surpresa quando finalmente avistamos a sidraria. O estacionamento estava lotado, e

as janelas brilhavam de vida. O frade jovial pintado na lateral do prédio parecia rir e brindar à nossa chegada com uma caneca transbordante.

— Está aberta! — Brittany gritou para Reza.

Mas ele já estava com os olhos grudados em outro lugar.

— Hum, não quero alarmar ninguém, mas…

As palavras seguintes chegaram até mim em um zumbido ensurdecedor:

— … esse não é o carro do Cory?

Era o carro de Cory. Eu o reconheceria mesmo com a massa de adesivos na traseira — de bandas alternativas obscuras, quadrinhos e campanhas para incentivar o comércio local — agora coberta de neve. Estava parado ali havia um bom tempo. Minha visão escureceu, e fiquei tonta.

Reza diminuiu a velocidade ao passar reto.

— E agora?

— Você está bem? — perguntou Brittany.

— Eu preciso de instruções! — disse ele.

— Continua! Não tem outro lugar mais para a frente no rio? Deve ter uma dúzia de opções por aqui.

As vozes deles se distanciavam enquanto eu tentava enxergar a figura familiar pelas janelas lotadas, emolduradas por luzes piscantes de Natal. Não consegui distinguir nada, mas as luzes eram um aviso redundante. Cory estava lá dentro, e eu estava ali fora — e nossa cidade era pequena demais.

As próximas sidrarias que tentamos estavam todas fechadas, mas Reza não se gabou de estar certo. Ter visto o carro de Cory mexeu um pouco com ele. Agora ele estava sério, mais determinado a me ajudar. Ou talvez sua motivação fosse por pura simpatia e resignação.

Rodamos por meia hora até parar na Cervejaria Vidro Azul. Mesmo de fora, o lugar não parecia nada promissor. Poucos carros no estacionamento, nenhum mural acolhedor para nos dar boas-vindas. Mas as luzes estavam acesas, e a porta,

destrancada. A minha própria desesperança me empurrou para dentro.

A microcervejaria tinha todos os clichês do design moderno: concreto polido, madeira reaproveitada, cardápio no quadro-negro, lâmpadas de filamento. Só o cheiro forte de água sanitária misturado à fermentação a diferenciava de qualquer outro bar do país, ou de um café, ou de um hotel boutique. Brittany e eu escolhemos uma mesa no canto que parecia mais aconchegante. Lembrando-se do papel que lhe cabia, Reza se sentou sozinho em um banco de bar, de frente para a rua.

— Vou buscar algo pra gente beber — avisou Brittany.

Cerveja me animava ainda menos do que sidra, mas não havia a menor chance de eu encarar aquilo sóbria. Imagino que esse fosse exatamente o propósito de conhecer pessoas em bares. O problema é que aquele estava parado. Havia mais oito pessoas ali, e sete delas eram homens. O mais atraente, que nem fazia o meu tipo, estava de aliança. O segundo mais atraente era o próprio barman. Eu não tinha certeza, mas parecia falta de etiqueta dar em cima do cara que estava sendo pago para me servir. Um deles estava em um encontro. Um tinha idade para ser meu pai. Outro estava bêbado demais, despejando monólogos na mesa ao lado. E os dois que o ouviam pareciam do tipo que teria invadido o Capitólio. Meu humor ficou ainda mais azedo.

Olhei de novo para o barman. Ele também tinha aliança.

Brittany voltou com dois copos.

— A gente é péssima nisso. Era você que devia ter ido buscar as bebidas, não eu. O barman… até que não é de todo mal.

Apontei para o dedo anelar.

— Ah, merda. Esqueci de olhar isso.

— Me sinto péssima. O Reza tá ali sozinho, tomando água.

— Ele tá bem. Tá jogando no celular.

— Foi muita gentileza dele trazer a gente.

— Ele é demais — disse ela, dando uma olhada pelo salão. Seu rosto murchou de decepção.

— Pois é — confirmei, desolada.

— Então… agora a gente espera outras pessoas chegarem? É assim que funciona?

— Não sei. Talvez? — Dei um gole na cerveja. Tinha um gosto todo errado, cítrico e leve demais para aquela noite e aquele ambiente. — Acho que a gente devia ter olhado em volta antes de pedir as bebidas.

— Tudo bem. É assim que as pessoas aprendem, né? Estamos aprendendo.

— Eu nem sei o que devo fazer se vir alguém que *me* interesse. Tipo, eu tenho que… ir falar com ele? E do que a gente falaria?

— Não sei. Do que você falaria normalmente, eu acho.

— Livros? Por algum motivo, acho que falar de livros não é muito sensual.

— Para a pessoa certa, seria.

Senti um peso no peito.

— Por favor, não.

— Não o quê?

— Não diga o nome dele.

— De quem?

— Do Macon.

Parecia impossível que ela não estivesse se referindo a ele, mas Brittany ficou genuinamente confusa.

— Ah — disse. — Certo.

Era de se imaginar que ela não soubesse muito a respeito dele. Talvez tivesse me ouvido falar dele como um amigo do trabalho, mas nunca como objeto de interesse até hoje.

— Talvez — Brittany soou hesitante — você devesse ir flertar com aqueles caras.

Ela estava falando dos homens com cara de insurreição.

— Meu Deus. Não.

— Pra treinar!

Olhei feio para ela.

Ela deu de ombros, impotente.

— É que eu ainda não sei muito bem o que estamos fazendo aqui.

— Bom, eu também não sei, tá? — Não queria soar ríspida, mas a irritação me escapou, e logo recuei. — Desculpa.

— Ei. *Ei* — disse ela, esperando até que eu a encarasse. Sua expressão era séria, e por um instante me acalmou. Mas logo me lembrei de Macon de novo, e meu coração voltou a se partir e a sangrar. — Vamos descobrir juntas — ela disse. — Vamos esperar um pouquinho.

Ficamos bebericando. O bar estava desanimado e silencioso, e a música estava tão baixa que eu mal conseguia ouvir. Eu me sentia horrível por ter arrastado meus amigos para aquele inferno entediante. Peguei o celular e encontrei uma mensagem da Kat: *Quantos homens você já beijou?*

Nenhum, mas um cara da idade do meu pai não para de encarar a Brittany.

— Olha só pra gente aqui, numa mesa de bar, mexendo no celular — provocou Brittany, e me perguntei se ela estava trocando mensagens com Reza. Não comentei do tarado sentado atrás dela, porque não queria estragar ainda mais a noite. — Esse lugar é uma porcaria. — Ela empurrou a bebida para longe. — Cervejaria Vidro Azul. E ainda assim nossos copos são transparentes.

Apontei para uma luminária pendente no estilo industrial.

— Nem as lâmpadas são azuis.

— Tô de saco cheio desses lugares que parecem ter sido projetados por um dos algoritmos de merda do Zuckerberg.

Empurrei meu copo até encostar no dela, brindando de leve.

A cervejaria tinha uma corrente de ar cortante. Me levantei para vestir o casaco, desistindo de parecer bonita, e notei Reza ainda sozinho. Fui até o banco dele. Ele ergueu os olhos do seu joguinho colorido, e fiz um gesto com a cabeça em direção à nossa mesa. Ele guardou o celular no bolso, pegou sua água com gás e limão e se juntou a nós.

— Estávamos falando que esse lugar é horrível — comentei, o que fez Brittany rir meio sem jeito, e eu também ri meio sem jeito. — Meu Deus. O que eu esperava que fosse acontecer?

— Que você fosse conhecer um gostosão no bar e ele te levasse pra casa e te fodesse até você perder a noção? — perguntou Reza.

Minha risada foi ficando mais alta conforme a humildade se misturava com a

humilhação. Até que minhas emoções mudaram de novo, e comecei a chorar e a ofegar, e nada mais tinha graça.

Reza colocou uma mão firme nas minhas costas.

— Respira. Respira.

Eu não conseguia. Eu não conseguia.

— Você não precisa fazer nada disso hoje à noite — disse Brittany, se colocando ao meu lado e sussurrando a permissão que eu precisava. — A gente pode ir embora agora.

O reflexo da lua na neve iluminava a cidade com um brilho fantasmagórico enquanto eles me levavam para casa. Parecia a versão da meia-noite do meio-dia. Na sidraria barulhenta, mulheres-fantasma circulavam ao redor de Cory. Talvez ele já tivesse levado uma delas para casa. Ou talvez estivesse no apartamento de alguma delas, nu, aquecido e enredado em uma nova posição, uma daquelas para as quais nunca fui flexível o bastante.

Vi Macon recuando desajeitado contra as portas. *Não. Ingrid, não.*

A neve caía mais forte. Meus dedos gelados se agarraram uns aos outros. Segurei minha própria mão, pois não havia ninguém ali para segurá-la por mim.

CAPÍTULO TRÊS

A neve chegou a vinte centímetros naquela noite, coisa que não acontecia desde o ano em que Cory e eu nos mudamos para a cidade e fomos deslizar nas colinas do bosque atrás do nosso apartamento usando caixas de pizza. A camada branca se acumulava nos galhos secos, contornando as árvores caducas com sombras brancas e despencando das coníferas em pequenas avalanches. Os telhados se transformavam em telas em branco. Ruas, calçadas e gramados desapareceram, mas ao amanhecer o vento se acalmou, e a terra lisa estava toda marcada de pegadas de esquilos, coelhos e pássaros. Tudo cintilava com a promessa de recomeço.

Menos para mim. Eu tinha dormido muito mal, aos trancos e barrancos. Uma repetição interminável do beijo malogrado me atormentava tanto desperta quanto em sonho. Só conseguia perceber a diferença porque, nos sonhos, o tempo se arrastava, me obrigando a reviver cada milésimo de segundo sem me dar a chance de mudar o desfecho. O ciclo recomeçava sempre que eu chegava à expressão horrorizada de Macon se afastando de mim.

Não. Ingrid, Não.

Minha mandíbula doía de tanto ranger os dentes contra a placa de bruxismo. Apesar do frio — Cory e eu mantínhamos o termostato baixo para economizar —, eu estava encharcada de suor. Levantei para fazer xixi, sequei o peito com um lenço de papel e voltei para a cama, agarrada ao celular.

Sue certamente mandaria uma mensagem em breve. Tinha nevado o suficiente para a biblioteca não abrir, mas eu precisava da confirmação dela. Precisava de um dia de folga para pensar em como pedir demissão. Que desculpa, que mentira eu poderia inventar? Talvez fosse melhor pedir uma reunião antes do expediente, só para evitar

Macon.

O alívio veio por volta das oito e meia, quando Sue confirmou no grupo que a biblioteca ficaria fechada o dia inteiro. A nevasca já tinha passado, então estaríamos de volta ao trabalho logo no dia seguinte, mas ao menos eu teria um respiro, um dia inteiro para elaborar um plano.

Alyssa foi a primeira a responder, com três emojis de festa.

Elijah mandou logo depois: *dia de neve!!*

Esperei ansiosa pela resposta de Macon, torcendo para que ele desse alguma pista — qualquer pista — do seu humor. Dez minutos mais tarde, a resposta finalmente veio: *Que boa notícia. Vejo vocês amanhã.*

Tão típico dele se manter profissional. Eu sabia que minha frustração e decepção eram desproporcionais, mas não conseguia evitar. Com medo de deixar transparecer meu estado, mandei apenas um joinha e arremessei o celular na cama.

O aparelho acendeu na mesma hora. Meu coração disparou, e pulei para pegá-lo.

Como você tá?

Não era o Macon.

Voltei a me enterrar sob as cobertas e apertei o botão para fazer uma chamada. O rosto de Kat surgiu na tela. Ela também estava deitada, iluminada pela luz do abajur. O quarto ao fundo estava mergulhado na noite. Eu conhecia bem a rotina da família para saber que o filho de três anos, Howie, já devia estar dormindo, e o marido, Lachlan, estava assistindo à televisão.

— Parabéns! — disse ela. — Você sobreviveu até de manhã.

Resmunguei, e me dei conta de que ainda estava com a placa na boca. Eu a deixei na mesinha de cabeceira, depois desembuchei tudo de uma vez. Quando terminei minhas lamúrias, ela mudou a postura de quem ouve para uma de quem vai falar.

— Ouve só o que eu pensei — disse. — O meu plano pra você.

Eu a fitei com olhos inchados, pesados, sem vida.

— Você não vai pedir demissão. Não agora. Não antes de entender a situação. O Macon é adulto, é seu amigo, e pode ser que não seja tão grave quanto você imagina.

— Ah, é grave…

— Sim, *é* grave. E sim, vai ser horrível trabalhar ao lado dele. Mas a gente não sabe se vai ser tão horrível assim, nem por quanto tempo. E não quero que você tome outra decisão precipitada antes de termos todas as informações.

— Outra decisão precipitada — repeti com certa frieza.

Ela endureceu o tom, mas disse com carinho:

— Você e o Cory resolveram se dar uma chance pra ficar com outras pessoas. Você tentou beijar seu colega de trabalho. Não é hora de abrir mão da sua renda e do seu plano de saúde pra sair em busca de outro emprego.

— Eu não consigo voltar. Não *consigo*.

— Consegue, sim. E vai. Você vai fingir que está tudo bem, que está tudo normal. Porque é normal! Levar um fora faz parte da vida amorosa de qualquer um. Você não pode desabar toda vez que alguém te rejeitar.

— O Macon não é alguém. Ele era um dos meus amigos mais próximos…

— Se ficar insuportável — ela me cortou —, vou apoiar seu pedido de demissão. Vou apoiar até se você sair correndo no meio do expediente e sumir pela porta. Mas não vou apoiar se você desistir antes mesmo de sabermos com o que estamos lidando.

— Vai ser insuportável. Posso até morrer.

— Você não vai morrer. Mas se morrer, prometo pegar o primeiro voo para tirar qualquer coisa escandalosa do seu apartamento antes dos seus pais chegarem.

— Eu não tenho nada escandaloso.

— Espera mais um dia — ela disse. E ficou repetindo isso até me convencer.

Assim que Kat tomou a difícil decisão por mim, meu corpo desligou de vez. Algumas horas depois, acordei arfando, como se tivesse sido trazida de volta à vida. A ansiedade me apertava o peito enquanto dois nomes se revezavam, se chocando dentro da minha cabeça: *Cory, Macon, Cory, Macon, Cory, Macon*.

Do lado de fora, pessoas gritavam.

Eu me sobressaltei na cama antes de perceber que era o casal do andar de baixo brincando de guerra de neve no estacionamento. Meu desespero tinha se tornado

assustadoramente físico. Levei a mão ao peito para abafar a dor e fui aos tropeços até o banheiro. Eu sabia que estava tendo um ataque de pânico prolongado, mas não conseguia afastar a sensação de que minha vida realmente corria perigo. Tinha perdido a dignidade — não importava o que Kat dissesse — e talvez até o emprego.

Fiquei remoendo tudo sentada no vaso até minhas pernas começarem a formigar. O que eu deveria fazer? Em momentos de crise, eu sempre achava útil me ater ao básico.

Comer, decidi. Café da manhã. Almoço. Tanto faz.

Meus pés ainda estavam dormentes quando parei diante da geladeira. A situação era crítica. Cory e eu não fazíamos compras desde antes das festas de fim de ano, e ele tinha levado todo o conteúdo do congelador quando se mudou. Cory era exigente com a dieta, mas continuava comendo como criança. Sua pirâmide alimentar consistia quase que só de pizza, nuggets e batata frita. Frutas e verduras eram raridade, mas às vezes eu o convencia a comer umas fatias de maçã ou umas cenourinhas com molho ranch. Não que ele fosse difícil. Na verdade, ele nunca transformava os problemas dele num problema para os outros, ou pelo menos tentava não fazer isso. Eu só me preocupava mesmo com a saúde dele.

Preparei uma torrada com pasta de amendoim, pois não tinha energia pra nada mais elaborado. Era simples o suficiente até para o paladar de Cory, a não ser pelo detalhe de a pasta de amendoim ser daquelas naturais, e ele só aceitava a cremosa. Ainda por cima, usei a bundinha do pão, já que as fatias normais tinham acabado. Ele também não teria gostado disso.

De repente, minha mente trouxe outra imagem indesejada: Cory com alguma desconhecida na cama, os corpos preguiçosos e nus entrelaçados, olhando pela janela para observar a neve. Quase sem perceber, abri as redes sociais dele. Tínhamos combinado de não postar nada sobre o acordo, para evitar perguntas da família. E claro que ele estava cumprindo o combinado — ele sempre cumpria —, então não havia nada para ver. Minha vontade desesperada era mandar uma mensagem: *Não é estranho a gente não estar se falando? Nem sei onde você está agora…*

Eu também não podia escrever para Kat, porque ela ainda estava dormindo, e a

única outra pessoa com quem eu trocava mensagens com frequência era minha irmã, que não podia saber de nada. E tinha o Macon, com quem obviamente eu nunca mais falaria. Aliás, a gente nunca trocou tantas mensagens assim por causa do luddismo natural dele.

O que será que ele estava fazendo agora? O que ele estava achando de mim?

Não. Ingrid, não.

A repetição mental era um tormento.

Desculpa por ontem, escrevi para Brittany. *Obrigada por cuidar tão bem de mim. Vocês são os melhores, prometo que nunca mais vou fazer vocês passarem por nada daquilo.* Eu queria de verdade me desculpar, mas também ansiava por uma resposta reconfortante. *Imagina! Foi um prazer! Vai dar tudo certo, você tá indo bem!*

Brittany não respondeu.

Os últimos pedaços da torrada estavam tão grossos e secos que quase engasguei. Joguei o resto no triturador do ralo e desabei contra a pia. Cada dia que passava era mais uma oportunidade perdida. O que eu teria feito se algum cara da cervejaria *quisesse* ir para casa comigo? A ideia me enchia de medo e pavor, indicando que eu estava condenada aos aplicativos de namoro. Eu também temia e detestava aquilo, mas pelo menos era mais fácil começar uma conversa através da tela. Ainda assim, não tive coragem de criar um perfil. Fiquei encarando as manchas engorduradas ao redor do ralo.

Não. Ingrid, não.

Fechei os olhos com força. Levei alguns minutos até conseguir soltar a pia. Enxaguei o resto da pasta de amendoim, mas a pia ainda parecia suja. Peguei o limpador e esfreguei, e logo percebi que a bancada também precisava de atenção. Depois foram os eletrodomésticos, o chão, a janelinha que dava para a garagem. Não demorou muito até que a cozinha inteira estivesse limpa. Nossa cozinha — o apartamento todo — era pequena, não só a janela.

Era o nosso segundo apartamento. Durante os três primeiros anos da faculdade — dois na escola técnica e um na Universidade da Flórida Central —, continuamos morando com nossos pais para economizar e conseguir pagar os estudos. A economia

era necessária, e o hábito já estava entranhado. Nossas famílias se viravam, mas nunca sobrava muito. Meus pais eram professores de ensino médio, o que significava que a faculdade era inegociável, mas eles também não tinham como bancar tudo. Quando Cory e eu chegamos ao último ano, estávamos ansiosos para sair de casa e começar nossa vida juntos.

Encontramos um apartamento de um quarto perto do campus. Era minúsculo, escuro e só tinha duas janelas, ambas na mesma parede. Era parte de um enorme condomínio cheio de vizinhos barulhentos. O mofo enchia o teto de pontinhos, insetos desfilavam pelos armários e a lavanderia ficava em um espaço deprimente tomado por mosquitos, lagartos e, certa vez, até uma cobra enorme que a administração jurou (vezes demais para soar convincente) *não ser* uma píton-birmanesa. Tínhamos empregos, claro, e ainda assim sofremos um baque financeiro saindo de casa um ano antes. Mas também estávamos felizes.

O que não significava que não prestássemos atenção nas coisas. Quando nos mudamos, ficamos empolgados com a melhoria de minúsculo para pequeno. Nosso novo apê de um quarto tinha quase trinta metros quadrados a mais, janelas em todos os cômodos e até um closet com máquina de lavar e secar empilhadas. Não tinha mofo, quase nenhum inseto e, melhor ainda, nenhum sinal de cobras. O condomínio todo tinha só seis prédios de dois apartamentos cada, e cada unidade contava com uma varanda virada para o bosque. O melhor de tudo: cabia no nosso orçamento.

Não era fácil lidar com dinheiro, mas no ano anterior finalmente tínhamos conseguido quitar o último dos empréstimos estudantis. Então passamos a guardar o mesmo valor das parcelas em nossas contas individuais, porque nenhum dos dois conseguia se livrar do medo de ficar sem dinheiro. Não estávamos falidos, mas era como nos *sentíamos*. Ou talvez fosse só porque o dinheiro continuava nos parecendo precioso demais. Gastar era doloroso, então vivíamos como se não tivéssemos nenhuma sobra. Economizar cada centavo fazia parte da nossa programação interna. No fundo, eu sentia raiva da faculdade — por não ter valido o custo, pelo peso da dívida, por termos investido tanto para conseguir empregos que mal pagavam o suficiente para nos bancar —, mas ainda assim éramos sortudos. Nossa dívida era

relativamente pequena. Eu me formei em Letras; Cory, em Hotelaria. Se tivéssemos escolhido áreas que exigiam mais de quatro anos de estudo, teríamos levado décadas para quitar os empréstimos. Mas ali estávamos nós, enfim livres da dívida.

E ainda ali.

Quando nos mudamos, Brittany e Reza moravam no apartamento de baixo. Agora, um jovem casal ocupava o imóvel, praticamente clones de nós mesmos naquela época. A maioria dos vizinhos ainda estava na faculdade ou tinha se formado recentemente, o que só aumentava aquela sensação persistente e irritante de que nossos amigos já tinham avançado para a fase seguinte da vida adulta enquanto nós continuávamos presos no passado.

Que impressão nosso apartamento causaria a algum pretendente? O que revelaria sobre nós? Cory e eu éramos limpos, relativamente organizados, cuidávamos das nossas coisas. Isso era importante. Mas o proprietário não permitia que pintássemos ou pendurássemos quadros, então as paredes eram bege e vazias. E nossos móveis eram em grande parte de MDP, frágeis peças compradas na IKEA e na Target que montamos nós mesmos e já estavam cedendo ao peso do tempo.

Pelo menos o pretendente hipotético também notaria nossas vastas coleções de livros (em sua maioria meus) e de vinis (em sua maioria de Cory). Éramos interessantes! Éramos cultos! Ainda assim, o apartamento não refletia a forma como eu me via. Eu era mais vibrante do que aquilo. Eu era mais robusta. As pessoas se sentiam à vontade comigo, capazes de se aconchegar e abrir o coração. Porém, não fosse pelos livros e pelos discos, aquele espaço poderia pertencer a qualquer um.

Me joguei na faxina do resto do apartamento e varri, tirei o pó, girei em círculos. *Não. Ingrid, não.* Esfreguei e lavei com força. O possível pretendente semicerrava os olhos e me julgava, então arrumei os vinis de Cory para parecer mais descolada. Escondi os porta-retratos com as nossas fotos no fundo do armário.

A temperatura subiu. A neve começou a derreter. Eu suava enquanto lavava roupa. Enquanto tirava os lençóis da cama, fiquei pensando: E se fosse o contrário? Se Cory estivesse aqui e eu num Airbnb… será que eu teria coragem de continuar dormindo nesses lençóis?

Não. Foi a única resposta fácil do dia.

Mesmo assim, coloquei os lençóis para lavar e arrumei a cama com o jogo que eu menos gostava, caso precisasse me desfazer deles depois. Talvez eu nem devesse levar ninguém para o quarto.

Meu olhar parou na placa de bruxismo, ainda em cima da mesa de cabeceira. Já foi constrangedor o bastante ter que usá-la quando passei a ranger os dentes na pandemia. Não conseguia me imaginar com aquilo diante de qualquer pessoa além de Cory ou Kat. Peguei o celular para ver se ela já estava acordada e encontrei uma mensagem da Brittany.

Topa ser apresentada pra um colega de trabalho do Reza?

O caos me deixou congelada. Minhas mãos tremiam enquanto eu respondia: *Talvez. Quem é ele?*

Por sorte, Brittany ainda estava perto do celular. Eu me sentia nervosa conforme ela digitava. Nunca tinha cogitado ser apresentada a alguém, mas aquilo me parecia muito melhor do que minhas outras opções.

É um cara legal. Engraçado. Recém-divorciado. Achei que poderia funcionar, já que ele também não deve estar procurando compromisso. Ele ficou com a guarda da filha, então é um bom sinal, né?

Era um bom sinal.

Qual é o nome dele?, perguntei, para poder procurá-lo na internet.

Brittany me mandou um link. As redes sociais de Adam Coughlin mostravam principalmente fotos da filha e do enérgico vira-lata, além de algumas dele. Infelizmente, ele não estava de uniforme de trabalho em nenhuma delas. Era um fato conhecido que, de algum modo, a UPS tinha conseguido o impossível: deixar os uniformes marrons com bermuda atraentes — talvez porque seus funcionários sempre estivessem em ótima forma de tanto carregar caixas pesadas. Adam, assim como Reza, parecia ter braços fortes e pernas musculosas. Cory não era musculoso — musculoso nem era meu tipo —, mas *havia* algo de atraente em um homem que trabalhava na UPS. E Adam parecia gatinho e simpático.

Sim, falei. *Obrigada!*

Blz. Vou pedir pro Reza falar com ele.

Larguei o celular, trêmula e animada, até me dar conta de que Reza mandaria para Adam os links das *minhas* redes sociais. Peguei o telefone de novo, pensando no que ele veria: livros. Um feed infinito mostrando o que eu tinha lido e gostado. Senti as bochechas quentes ao lembrar como era ser a nerd da escola, sempre com o nariz enfiado nos romances, meus melhores amigos. Mas, se livros afastassem Adam, eu também não ia querer sair com ele. "Se você vai pra casa de alguém e a pessoa não tem livros, não transe com ela", certo? (A frase de John Waters era popular online, mas eu a conhecia pelo ensaio *Faça o que eu digo, não faça o que eu faço*.) Só que eu não estava atrás de um encontro normal. Então será que importava? Eu não tinha certeza, mas suspeitava que sim.

Analisei as poucas fotos que eu tinha postado. Estavam boas — como todo mundo, eu só postava as boas —, embora a maioria fossem selfies com Cory. Ainda assim, senti uma pontinha de esperança e mantive o celular na mão o resto do dia, esperando uma atualização de Brittany, vendo as fotos de Adam e também as minhas.

Na manhã seguinte, a neve tinha derretido por completo e virado lama. Cheguei ao trabalho no horário, mas Macon se atrasou, o que não era incomum. Eu sempre chegava no horário; e Macon, frequentemente atrasado, sempre resmungando alguma desculpa. Alyssa estava no meu posto, atendendo os usuários no balcão de circulação. Quinta-feira também era dia de horário estendido na nossa filial, então ela e Sue já estavam lá havia duas horas, porque elas sempre abriam a biblioteca. Eu e Macon sempre a fechávamos. Claro que nosso próximo turno tinha que ser noturno.

— Como foi seu dia de folga? — perguntou Alyssa quando voltei do escritório dela, onde tinha ido deixar minha bolsa e a marmita do almoço. O anexo era pequeno, então a mesa dela dividia espaço com a nossa copa.

— Foi bom — respondi. Mas minha voz saiu trêmula. Era melhor mantê-la falando para eu não ter que falar. — E o seu? O que você fez?

Alyssa tinha lido — era o que quase sempre fazíamos — o romance de algum

autor estreante sobre… sei lá o quê. Eu pulsava de pavor. Estava suando dentro do suéter. Tinha sido tão cuidadosa na escolha da roupa quanto da última vez. Afinal, o que alguém poderia *vestir* para ir trabalhar depois de dar em cima de um colega? Calça de veludo cotelê e suéter volumoso, decidi. Roupas que escondessem e confortassem.

— Blá-blá-blá-Macon-blá — disse ela.

Me assustei, captando só a parte que me interessava.

— Desculpa, o quê?

Ela fez um gesto com a cabeça em direção às janelas da frente. Ele estava saindo do carro. O telefone tocou, então eu o agarrei, rezando para que fosse uma ligação longa.

— Ingrid, querida? É você?

A voz era rouca e familiar. Não seria uma ligação longa. Contive a exasperação e me joguei na falsa animação.

— Bom dia, dona Fairchild!

— A lareira está acesa hoje?

Doreen Fairchild era uma das várias frequentadoras idosas que disputavam as poltronas perto da lareira durante o inverno. Era o lugar perfeito para ler revistas e resolver as palavras-cruzadas do *New York Times*, nosso item mais fotocopiado. A regra era acender o fogo sempre que a temperatura caía abaixo dos dez graus, mas, por mais que repetíssemos essa informação para aquele grupo específico de usuárias, elas continuavam perguntando. Nas raras vezes que estávamos ocupados demais para acender a lareira, as piromaníacas ficavam abertamente hostis.

Do fundo da sala veio um estalo aconchegante.

— Está sim.

— Tem cadeira vaga? — ela perguntou.

Normalmente eu detestava essa pergunta, porque tinha que me levantar para responder, mas Macon já estava quase na porta.

— Só um minuto — falei. — Vou verificar.

Saí apressada, sentindo a lufada de ar frio atrás de mim, escutando Alyssa e Macon se cumprimentando. O tom grave da voz dele fez meu rosto corar. Pressionei as mãos contra as bochechas para esfriá-las.

Se ficar insuportável, você pode se demitir. A promessa de Kat voltou à minha mente como um mantra. *Se ficar insuportável, você pode se demitir. Se ficar insuportável, você pode se demitir.*

Olhei para trás, e nossos olhos se encontraram através de todo o comprimento das estantes. Então abaixei o olhar para o chão. Desacelerei os passos numa tentativa de acalmar o coração disparado, mas, assim que peguei o telefone de novo, percebi que tinha voltado para a mesa sem verificar as cadeiras.

— Você deu sorte! — falei entusiasmada demais. — Tem uma vazia. — Se quando ela chegasse todas estivessem ocupadas, eu podia fingir que tinha acabado de acontecer.

— Obrigada, querida — disse ela. — Já estou indo.

Desliguei, sem ousar olhar para Macon.

— Desculpa o atraso — ele disse para Alyssa. — O Edmond apareceu de novo hoje de manhã.

Edmond aparecia todas as manhãs. Era o quase-gato dele — pertencia a um vizinho, mas preferia a casa de Macon. Seu nome verdadeiro era Phish, com PH, como o vizinho fazia questão de frisar, mas Macon o chamava de Edmond Dantès, em homenagem ao protagonista injustamente condenado de *O conde de Monte Cristo*, que opera uma fuga paciente e determinada da prisão. Edmond tinha aparecido pela primeira vez no outono passado, entrando por um buraco desconhecido na fundação da casa. Macon o encontrou se lambendo no sofá. Fechou o buraco, mas depois o gato entrou por um rasgo na tela da janela. Macon também o consertou. Daí o gato adentrou pela porta dos fundos enquanto Macon buscava uma ferramenta no galpão, depois pela da frente enquanto ele carregava as compras para dentro. Para deixar claro seu ponto, Edmond começou a se instalar no capacho da entrada todas as manhãs, até Macon finalmente ceder. Agora Edmond passava o dia inteiro lá, dormindo e beliscando, e só era mandado embora à noite. Parece que ele sempre protestava, e Macon sempre retrucava que não era seu dono. Um dia, ele teria que aceitar que era.

Uma vez perguntei por que ele tinha dado o nome de um fugitivo e não, sei lá, de

um ladrão. (Um gatuno! Era óbvio.) Macon disse que, se eu conhecesse esse vizinho, também acharia que a casa do Edmond era uma punição injusta digna de uma fuga triunfante.

— Claro que ele apareceu de novo — disse Alyssa. — Você dá comida pra ele.

— Se eu não desse, ele morreria de fome — disse Macon, indignado.

— Você compra a ração mais cara.

— Porque a barata é um lixo. Seria como dar um McLanche Feliz pra ele e ainda moer o brinquedinho de plástico junto. — Macon era avesso a fast food, então ninguém se surpreendia que sua opinião sobre dieta se estendesse aos gatos. Eu suspeitava que ele gastava mais dinheiro com Edmond do que consigo mesmo.

— Ah, desculpa! — Alyssa se levantou de repente. Tinha percebido que eu estava em pé, meio sem jeito, e achou que era porque ela estava sentada na minha cadeira. — Vou sair daqui.

No verão passado, ela tinha chamado Macon e eu de "marido e mulher de trabalho", e, em vez de reconhecermos a nossa indiscutível proximidade como colegas, ficamos atrapalhados com a brincadeira, soltando negativas sobrepostas que acabaram soando mais como confissões. Depois disso, passamos meses instintivamente sendo menos cúmplices quando ela estava por perto, como se tivéssemos algo a esconder.

Mas nunca tivemos nada para esconder. Até agora.

Se ao menos eu pudesse implorar para que ela ficasse.

Ocupei o meu lugar, agora vago, incapaz de olhar para Macon. Nosso silêncio estava carregado. A situação *era* insuportável, e eu *teria* que pedir demissão. No mesmo dia. Ainda de manhã. Naquele instante. Eu diria a Sue que sentia muito, mas que não poderia continuar e que não tinha como explicar o motivo, embora fosse grata por tudo o que ela tinha feito por mim e…

Macon limpou a garganta. Depois limpou de novo, como se não tivesse funcionado da primeira vez.

— O que, hum, ah, como foi… ontem?

A vergonha ardia, mais dolorosa e intensa que nunca.

— O que você fez? — Qualquer resquício de rispidez tinha desaparecido. Ele

parecia nervoso e educado. Gentil, até.

Eu não podia ignorá-lo. Devia isso a ele. Olhei para ele rapidinho, mas eu nunca poderia esquecer o que vi: um homem vencendo o próprio desconforto extremo por preocupação genuína. Eu me senti uma tonta e murmurei alguma coisa ininteligível.

— Fiz aquela salada de couve, sabe, a que eu te falei? Com limão e ricota salata. Ficou boa. — Ele fez uma pausa, porque seria o momento de eu tecer algum comentário. — Dei uma olhada em uns catálogos de sementes e escolhi o que vou plantar este ano. Ah, fui dormir cedo. Li um pouco.

O silêncio voltou, rápido e absoluto.

— Nada muito empolgante, acho — disse ele.

Era um esforço nada característico para me deixar à vontade. Era o que eu queria — ele estava fazendo exatamente o que eu havia pedido, fingindo que eu não tinha feito o que fiz —, mas eu estava envergonhada demais para aceitar a gentileza dele. Eu tinha manchado para sempre nossa amizade com meu erro.

— Eu… — Eu precisava dizer pelo menos isso. — Sinto muito mes…

Ele ergueu a mão meio sem jeito, num gesto envergonhado, me cortando. *Não se preocupe. Não vamos falar disso.* E foi assim que deixamos as coisas por um bom tempo.

Ele foi infectado pelo meu constrangimento, e trabalhamos em um silêncio doloroso. Mas eu também não falei com Sue. O gesto envergonhado dele foi o suficiente para me impedir. Em vez disso, fiquei de olho no celular, esperando atualizações de Brittany, enquanto repassava mentalmente todos os Adams que eu já tinha conhecido, tentando encontrar traços de personalidade em comum entre eles. Digitei o nome dele no sistema da biblioteca. Ele tinha cadastro, mas o cartão estava vencido. O sistema não permitia visualizar o histórico de empréstimos dos usuários, a não ser que houvesse multas de atraso relacionadas a algum item específico. Ótimo para a privacidade das pessoas, péssimo para a minha curiosidade. Adam não devia nada.

Se não recebesse notícias da Brittany até a noite, eu mandaria uma mensagem.

Acabei escrevendo para Brittany na hora do almoço. Ela não me respondeu, mas Riley e nossa mãe trocaram vinte e três mensagens no grupo da família sobre possíveis finais de semana para o casamento.

À tarde, só restava neve nas sombras. Kat tinha pedido uma foto, mas eu me esqueci de tirar. A gente sempre trocava fotos: o mar pelas montanhas, cangurus por ursos-pretos. Corri lá fora e tirei uma foto meio deprimente de um pedacinho de branco brilhando no meio da cobertura do jardim. Quando voltei, Alyssa estava de novo atrás do balcão.

— Foto pra Kat — expliquei, ainda evitando encarar Macon. Eu falava dela tantas vezes que os dois já sabiam do que se tratava.

— Ei, sabe os meus vizinhos adolescentes? — perguntou Alyssa, e claro que sabíamos. Ela vivia reclamando deles, mas por algum motivo as queixas dela pareciam mais mesquinhas do que as do Macon. Ou talvez ela só se incomodasse com coisas diferentes. — Eles tinham uma guirlanda na janela que dizia BOAS FESTAS!, mas ontem trocaram as letras, e agora está escrito BOSTAS FEIAS. Dá pra acreditar?

Macon e eu soltamos o mesmo riso surpreso, o que tornou tudo desconfortável instantaneamente, porque não éramos capazes de compartilhar nada naquele momento, nem uma piada, nem uma opinião.

— Eu falei com a mãe deles — disse Alyssa —, mas ela só riu. Nem sequer mandou eles arrumarem.

— Por que eles teriam que arrumar? — rebati. — É engraçado.

Alyssa me olhou surpresa. Até Macon pareceu espantado com meu tom atravessado, já que eu normalmente era apaziguadora.

— Está um clima estranho aqui hoje — comentou Alyssa, nos lançando um olhar desconfiado enquanto pegava uma pilha de gibis danificados para consertar.

A cabeça de Sue surgiu na porta do anexo.

— Ingrid, pode vir aqui um minutinho?

Aliviada por ter uma desculpa para escapar, mas ainda com a sensação de estar

sendo chamada à sala da diretora por algo que ela nem fazia ideia que eu tinha feito, segui Sue até seu escritório apertado. Pilhas de livros bagunçados, papéis, revistas de resenha e porta-retratos do marido e dos filhos gêmeos ocupavam cada cantinho disponível. A luz da tarde atravessava o vitral, espalhando sombras coloridas por tudo. Era óbvio que as janelas do anexo não eram originais do prédio, mas um artesão tinha feito um trabalho notável nos anos 1970 para imitar o estilo.

Sue se sentou atrás da mesa e fez sinal para que eu ocupasse a cadeira extra.

— Acabei de falar ao telefone com a Constance, e ela pediu para eu te lembrar que este é o último ano em que você pode se inscrever com reembolso integral no curso de biblioteconomia. As inscrições vão até a primavera, caso queira começar as aulas no verão.

Bom. Que merda.

Constance, a diretora da biblioteca, vinha me incentivando a me inscrever no curso desde que fui contratada. Algumas décadas atrás, um bibliófilo rico da região tinha deixado sua herança para a biblioteca pública, e parte dos recursos havia sido destinada à educação continuada. Se eu voltasse a estudar em tempo integral, em um programa de ensino à distância, poderia obter meu mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação em dois anos. O dinheiro só duraria dois anos e meio.

Eu não estava animada para voltar a estudar e vinha adiando a decisão. Toda vez que pensava no assunto, era como tentar engolir um ovo em conserva. O mestrado não era exigido para os cargos mais baixos, mas esse diploma era a única forma de conseguir uma promoção. Eu não tinha certeza se realmente queria um cargo mais alto, mas se não aproveitasse a chance, poderia me arrepender depois, *daí* teria que arcar com os custos do meu próprio bolso. Que tipo de pessoa recusa um diploma gratuito? Parecia que eu não tinha muita escolha.

— O prazo é no fim de abril, certo? — perguntei.

Sue assentiu.

— Sei que você não está empolgada, mas concordo com a Constance e acho que você deveria tentar. Você é uma ótima candidata. Pode ter um bom futuro aqui.

— Obrigada. — E eu estava falando sério, apesar do aperto que sentia no peito.

— Você já pensou no que gostaria de fazer depois? Dirigir uma filial? Trabalhar com referência? Na administração?

— Não sei dizer.

A confissão soou fraca até para mim, mas Sue me lançou um olhar reflexivo.

— Sabe, quando eu me aposentar daqui a dois anos… — *Ding!* Mesmo no meio do meu desespero, contei mais uma menção ao assunto favorito dela. — A Alyssa provavelmente vai assumir esta filial. Mas há outros dois gerentes perto da aposentadoria, e consigo te imaginar chefiando uma filial um dia. Você tem as habilidades de liderança certas.

Sue era uma das poucas bibliotecárias negras de sua geração no condado de Colburn. Ela teve que trabalhar o dobro para chegar à posição que ocupava e era a respeitada chefe dessa filial havia quase quatro décadas. Sua equipe e os frequentadores a adoravam. Eu também. Um elogio vindo dela tinha um peso enorme.

Sorri para que ela visse meu apreço, e não minha insegurança. Eu já tinha pensado bastante em dirigir uma biblioteca — a ideia de ser responsável por uma coleção era sedutora, admito —, mas algum bloqueio mental que eu não entendia me impedia de me entusiasmar com isso. Talvez fosse a burocracia. Embora o aumento dos censores de livros também não ajudasse. Eles não eram frequentadores regulares, mas depois da pandemia passamos a lidar com eles com frequência. A fúria e a ignorância eram exaustivas, a ponto de o nosso método usual de lidar com gente irritante — mostrar o dedo do meio por baixo do balcão enquanto forçávamos um sorriso mais ou menos apaziguador — já não ser suficiente. Vários colegas bibliotecários acabaram saindo no último ano. Não aguentavam mais os abusos, e com razão.

Eu não tinha planejado ser bibliotecária. Meu primeiro emprego em Ridgetop foi como caixa na lojinha de presentes da Pousada Tamsett Park, um imenso hotel histórico onde Cory ainda trabalhava como recepcionista. Eu não gostava de lidar só com turistas — me lembrava de Orlando —, mas, felizmente, não demorou para eu encontrar um novo trabalho na Livraria Tic-Toc.

A Tic-Toc tinha esse nome por causa do magnífico relógio de pêndulo que dava

ritmo à loja. Eu adorava trabalhar lá e fiquei até o lugar fechar. O enfisema de Len o obrigou a se aposentar, e ninguém se interessou em comprar o negócio, que acumulava problemas. Eu queria continuar na área, mas as únicas opções na cidade eram alguns sebos improvisados, cujos funcionários não largavam o osso nunca, e a livraria cristã perto do shopping. Eu estava prestes a voltar para o hotel quando surgiu a vaga na biblioteca. Eu já estava ali havia quase o dobro do tempo que passei na livraria. O que eu queria de verdade era o meu antigo emprego, mas às vezes o máximo que se podia fazer era se agarrar à coisa mais próxima do sonho. E isso era o mais próximo que eu tinha.

Ainda assim, quando voltei ao balcão, não consegui esconder a minha infelicidade.

— Eita — disse Alyssa. Ela ainda não tinha ido consertar os gibis danificados. Eu tinha interrompido a conversa que ela estava tendo com Macon sobre a mãe dele, que morava na cidade e sofria de agorafobia severa. Ele passava boa parte do tempo cuidando dela. — Como foi?

Macon também me observava. Sua postura tinha ficado tensa e inquieta. Talvez estivesse se perguntando se eu tinha acabado de pedir demissão — até torcendo por isso. Contei para eles da conversa com Sue.

— Caramba, quanta empolgação — disse Alyssa.

— Só porque vou me inscrever não significa que eu precise estar animada — respondi.

— Você vai mesmo se inscrever? — Macon pareceu surpreso. Ele sabia o quanto eu estava adiando isso.

Dei de ombros, num gesto que queria dizer *acho que não tenho escolha*.

— Eu gostei — comentou Alyssa. Ela tinha aproveitado o programa de reembolso logo que foi contratada.

— Eu não — resmungou Macon, já de volta ao seu mau humor. Para ele, o curso de biblioteconomia não foi uma pós; era sua formação inicial. Mas, apesar de ser tão qualificado quanto Sue e Alyssa, ele nunca demonstrou interesse em subir de cargo.

— É, mas você odeia tudo — provocou Alyssa.

— Odeio mesmo — concordou Macon.

Embora não parecesse incomodá-lo, me incomodava quando outras pessoas o acusavam de ser ranzinza. Eu também costumava brincar com isso, mas Sue e Alyssa não acreditavam nele do jeito que eu acreditava. Não pareciam entender que o mau humor dele era só parte do seu senso de humor, e que suas ações sempre revelavam a verdade: ele era gentil, atencioso e generoso, e pessoas que de fato odeiam tudo não são assim.

Também me incomodava o fato de ele estar fazendo esse trabalho — o mesmo trabalho que eu — havia onze anos. Eu entendia que ele não queria ter a responsabilidade de chefiar uma filial ou gerenciar uma equipe, mas o Macon pertencia à mesa de referência da biblioteca central. O salário era melhor e ele seria ótimo nessa função. Eu nunca o encorajei a se candidatar por puro egoísmo. Gostava de tê-lo ao meu lado.

Se ao menos eu não tivesse sido tão egoísta… talvez ele já não estivesse mais aqui, e eu não teria tomado uma atitude, e não estaríamos naquela situação.

Normalmente, eu preferia o turno da noite. A biblioteca ficava mais tranquila e, tirando os estudantes estressados e os pais juntando fontes para trabalhos escolares de última hora, os frequentadores costumavam ser mais simpáticos e relaxados. Mas ninguém tinha trabalhos para fazer na primeira semana de janeiro, e todos os frequentadores agradáveis deviam estar fazendo outra coisa aquela noite.

Estava quieto demais e vazio demais.

As calças de veludo cotelê foram uma péssima ideia. O barulho do tecido roçando era um sinal constante da minha presença. Eu tentava ficar imóvel, mas o silêncio era tão desconfortável que beirava o profundo. Mesmo sem fazer contato visual, eu sentia Macon me observando do mesmo jeito que eu o observava, mas ainda assim não fazia ideia do que ele estava pensando ou de quanto tempo conseguiríamos sustentar aquilo.

Não é INSUPORTÁVEL, escrevi para Kat. *Mas é insustentável.*

Eu estava com o celular na mão porque ainda esperava a resposta de Brittany. A

conclusão mais lógica era que Adam não tinha se interessado pelo que viu, o que… tudo bem, tanto faz. (Não era bem tanto faz.) Acima de tudo, estava irritada comigo mesma por não ter aproveitado o dia de neve para instalar um aplicativo de namoro. Foi burrice colocar todos os ovos na cesta de Adam.

O relógio do mês estava correndo: cinco dias perdidos, vinte e seis restantes.

Macon se levantou tão de repente que olhei para ele. Murmurando algo sobre plantas, desapareceu no anexo para pegar o regador. Quinta-feira era a noite em que ele as regava. Pelo menos isso nos daria alguns minutos de alívio.

O celular vibrou com uma mensagem de Kat: *Você vai pedir demissão??*

Todas as bibliotecas ficaram fechadas nos primeiros meses da pandemia. O condado mandou Sue para um centro de atendimento a pessoas em situação de rua, Alyssa para o banco de alimentos, e nosso antigo estagiário perdeu o emprego de vez, já que só trabalhava meio período. Macon e eu fomos enviados para a central de atendimento de emergências, junto com um punhado de outros bibliotecários e algumas pessoas do tribunal eleitoral. No começo, ficamos intimidados, mas durante o treinamento percebemos que só atenderíamos ligações de baixa prioridade, como reclamações sobre guaxinins raivosos ou sobre pessoas descumprindo a quarentena. Depois disso, nos sentimos úteis. Era algo que podíamos fazer para ajudar. Só que, após duas semanas, os despachantes receberam uma ocorrência de grande escala e acabei atendendo uma emergência de verdade. Era um conflito doméstico. Uma mulher estava sendo perseguida pelo ex-marido em um caminhão, e tive que permanecer na linha e explicar para o policial o que esperar ao chegar. Tive que manter a mulher calma e fazer perguntas para saber onde ela estava e se era possível que o homem estivesse armado. A mulher conseguiu escapar ilesa e eu também, mas continuei tremendo no estacionamento depois do expediente. Macon ficou comigo até eu me sentir calma o suficiente para conseguir dirigir.

— Fico feliz que tenham mandado a gente pra cá juntos — falei. Sentia a bunda gelada por conta da calçada fria. Estávamos sentados no meio-fio, a dois metros de distância um do outro. — Me senti mais segura sabendo que você estava lá. Tipo, se eu tivesse feito alguma besteira, sabia que você poderia intervir.

— Você não teria feito besteira. Não fez. Sendo sincero, acho que é por isso que fomos mandados pra cá. Somos equilibrados.

— Você é — falei.

— Você não se dá o crédito que merece.

— Mesmo assim. Fico feliz que você esteja aqui. Eu teria sentido a sua falta.

Era a pura verdade, e não havia intenção nenhuma por trás daquilo. Mas as orelhas dele ficaram vermelhas, e as palavras ficaram presas na garganta.

— Eu também sentiria sua falta.

Meu corpo inteiro esquentou na hora.

O regador de metal do Macon bateu na borda de um vaso, me trazendo de volta ao presente. Meu corpo estava queimando de novo.

Não, escrevi para Kat. *Ainda não.*

Ela tinha razão: largar meu emprego enquanto minha vida estava de pernas para o ar não seria inteligente. Mas também não parecia seguro. Eu precisava da segurança desse trabalho e desses colegas, e Macon era o mais seguro de todos. Prometi a mim mesma que honraria nosso passado e faria o que era certo por ele: em fevereiro, eu procuraria um novo emprego para que Macon também pudesse se sentir seguro no trabalho. Eu não deixaria esse silêncio terrível pairar entre nós por tempo demais a ponto de ele ser obrigado a pedir demissão primeiro.

Mas eu precisava de tempo. Eu precisava desse mês.

Meu celular acendeu de novo.

Adam quer saber se você está livre amanhã à noite, disse Brittany.

CAPÍTULO QUATRO

Nos encontramos no terraço de um bar da moda, conhecido pelos coquetéis chamativos e caríssimos. Eu já tinha ouvido falar, mas nunca tinha ido por causa da minha aversão a lugares frequentados por gente obcecada por popularidade, aparência e dinheiro, um resquício previsível dos meus anos infelizes na escola. Beber foi ideia minha; o local, ideia de Adam. Mesmo com meu conhecimento extremamente limitado sobre encontros, eu entendia que, se a parte dos drinques corresse bem, poderia levar a um jantar, que por sua vez poderia levar a um quarto. Mas, se tudo saísse mal, seria mais rápido para escapar.

E a possibilidade de escapar rápido me parecia crucial.

Embora eu fosse uma pessoa pontual, não necessariamente era do tipo que chegava cedo, mas dessa vez cheguei vinte minutos antes da hora combinada. Presumi que Reza não era exceção e que todos os funcionários da UPS prezavam a pontualidade, então não quis correr o risco de chegar nem um segundo atrasada. Descobri que o terraço estava fechado no inverno e o bar funcionava apenas no último andar aquecido, mas mesmo assim havia uma multidão ali e a vista era linda. Resolvi comprar minha própria bebida. Achei que era uma boa estratégia; pensar em escapar rápido me fez pensar na Cinderela, o que me fez pensar em Boa noite, Cinderela e em como era injusto as mulheres *terem* que pensar nisso. (Eu duvidava que Cory estivesse pensando em Boa noite, Cinderela). Meus nervos estavam em frangalhos enquanto eu esperava sozinha em uma cadeira alta demais, em uma mesa alta demais. Era como se as mesas de bar existissem apenas para infantilizar os adultos, e eu não precisava de ajuda nesse quesito. Aquele encontro já mexia com todas as minhas vulnerabilidades da infância.

Cory e eu demoramos para atingir a puberdade. Enquanto a idade média para a primeira menstruação tende a cair cada vez mais — sabe-se lá por quais hormônios presentes nos alimentos ou por quais danos ambientais —, a minha só apareceu aos dezesseis anos. E quando os seios e quadris finalmente vieram, eu já estava tão mergulhada na arte da invisibilidade — cabeça baixa, ombros curvados, sempre no fundo da sala de aula — que não fez diferença nenhuma para os meninos. Eu já acreditava que era indesejável.

Cory parecia ainda mais novo aos dezesseis, e muitas vezes o confundiam com um garoto de doze. Quando ele me contou isso, achei que estivesse exagerando. Mas depois, quando já éramos íntimos, ele me mostrou as fotos. Não estava exagerando. Seu corpo era devastadoramente infantil, mais parecido com o de um aluno do fundamental do que com alguém que já podia dirigir. Enquanto eu voltei minha vergonha para dentro, me tornando triste e reflexiva, ele externalizou a dele, se tornando raivoso e rebelde. Nós dois ainda carregávamos ressentimentos desses traumas, mas os meus estavam quase sob controle, enquanto os dele ferviam ativamente. No entanto, ali, com os pés balançando sem alcançar o chão, eu me sentia jovem e invisível de novo. Será que sair com outras mulheres o fazia se sentir da mesma forma? De repente, parecia impossível sair com alguém que *não fosse* Cory. Impossível que alguém além de Cory sequer quisesse me conhecer.

Adam chegou uns minutos antes do combinado e era igual às fotos — e diferente de Cory. Era mais alto e mais musculoso do que meu namorado. Pele branca com fundo oliva, não pálida. Olhos castanhos e desobstruídos, não azuis e escondidos atrás de óculos. O pacote inteiro era tão diferente que precisei lutar contra o impulso de me abaixar e rastejar para longe.

Ele escaneou o ambiente e ficou surpreso ao já me encontrar ali. Aproximou-se com um sorriso nervoso.

— Ingrid?

Eu me levantei e lhe dei um abraço leve.

— Prazer em te conhecer.

— Digo o mesmo. — Ele tirou o casaco e o colocou na cadeira à minha frente. —

Estou impressionado. A maioria das mulheres com quem marco de sair chega atrasada.

Vários pensamentos se atropelaram em minha mente: *Eu estava certa! Ainda bem que cheguei cedo. Ele parece um pouco crítico. Com que frequência será que ele sai pra beber com mulheres?*

Ele fez uma careta.

— Isso soou estranho. Só quis dizer que agradeço por você já estar aqui.

Corei como se a gafe tivesse sido minha.

— Eu te ofereceria uma bebida, mas… quer que eu traga outra coisa?

Recusei, e ele prometeu voltar.

Não seja invisível. Me sentei sobre as mãos para impedir que tremessem. *Cabeça erguida. Ombros para trás.* Eu queria espiá-lo enquanto fazia o pedido, mas ele também merecia um momento para se recompor em paz, então me forcei a olhar para o horizonte. O centro de Ridgetop ainda preservava sua arquitetura art déco original. Eu tinha aprendido com Macon que muitas cidades dessa região do país já tiveram prédios igualmente elegantes e ornamentados, mas que a maioria deles foi demolida nos anos 1970 e substituída pelos blocos quadrados e sem graça da época. Ridgetop era pobre demais para se modernizar.

— Uma coisa ruim que acabou trazendo uma coisa boa — ele dissera.

Tinha sido outro dia horrível no trabalho, com a gente mal conseguindo se dirigir a palavra. Mais uma fiscal de livros tinha aparecido com sua presença odiosa, embora talvez tivesse se arrependido, porque Macon quase a mordeu. Ele costumava lidar bem com reclamões. Tinha a paciência e a teimosia necessárias para competir com eles. Exaurir cada um. Ele conseguia vencer praticamente qualquer discussão sem jamais levantar a voz, mas naquela tarde ele *rugira*, e a mulher ameaçou denunciá-lo para que fosse demitido.

— Você não vai ganhar essa discussão, e também não vai ganhar essa outra — ele esbravejou, arrancando o livro juvenil das mãos dela.

Esse gesto *bastaria* para lhe render uma bronca da diretora, mas ele estava certo de que não seria demitido. Se ainda fôssemos amigos, eu teria vibrado com o surto dele e

voltado a dar estrelas na seção de audiolivros. Mas, se ainda fôssemos amigos, duvido que ele tivesse perdido a paciência. Eu tinha plena consciência de ser o motivo do seu mau humor, e isso fazia eu me sentir ainda pior.

— Desculpa. Esqueci que não é temporada de terraço. — Adam tinha voltado, parecendo sem graça de novo ao acompanhar meu olhar e adivinhando a razão da minha expressão desconfortável.

— Eu não me importo! — falei com um entusiasmo forçado, e me corrigi na hora. — Juro que não foi sarcasmo. Só estou nervosa. Faz tempo que não tenho um encontro.

Fiquei pensando se deveria ter admitido isso ou até chamado aquilo de encontro, mas ele abriu um sorriso compreensivo.

— É, o Reza comentou. E eu entendo. Nos meus primeiros encontros depois do divórcio, eu estava um caco. Não que você esteja um caco — ele acrescentou rápido. — Só quero dizer que eu entendo. Esse tipo de coisa é difícil.

— Alguma hora fica mais fácil?

— Um pouco. Mas às vezes fica mais difícil também. — Não era a resposta que eu queria, mas soava verdadeira, e uma parte da minha ansiedade diminuiu. — Você vai se sair bem — ele disse. — Prometo.

Dei um sorrisinho torto.

— Como você sabe?

Ele deu de ombros, mas foi gesto caloroso.

— Só uma intuição. E não atrapalha o fato de você ser bonita — acrescentou. — Os homens sempre vão ficar felizes em te ver.

Fiz uma careta.

— Ai, meu Deus. — Ele arregalou os olhos enquanto caía na gargalhada, sem conseguir acreditar no que tinha dito. — Falei que esse tipo de coisa é difícil. Não quis parecer esquisito, mas acho que acabei parecendo.

Eu também ri, nem que fosse só para aliviar a tensão. Mas o que ele não podia imaginar era que aquela era a primeira vez que um homem diferente de Cory elogiava tão abertamente a minha aparência. Eu não sabia bem como reagir, mas a conversa

realmente ficou mais leve. Ele não era muito de ler, mas a Brittany tinha razão: era uma boa pessoa. E até tinha um senso de humor decente, embora não fosse tão naturalmente engraçado quanto Cory, nem tão sutilmente espirituoso quanto Macon. Ele jogava futebol quando criança e havia acabado de entrar em uma liga amadora de adultos, o que fazia sentido. Tinha cara de ser um daqueles garotos bonitos que, no ensino médio, nunca teriam me notado, mas que pelo menos teriam pedido desculpa se esbarrassem em mim no corredor.

Adam vai se casar de novo, pensei. Talvez com alguém que também tivesse filhos. Ele mencionou a filha, Lily, várias vezes, e fiquei contente por ele não ser um daqueles homens que fingem que os filhos não existem. Também fiquei aliviada por saber que nunca teria que conhecê-la.

Não tenho certeza do que falei para ele. Não por causa do segundo drinque, que ele comprou e eu fiquei de olho o tempo todo, mas porque toda a experiência era tão surreal que minha mente vagava. Não achei que ele me rejeitaria se eu tentasse beijá-lo. O clima entre nós parecia até bom. Mas como eu saberia a hora certa? E como as pessoas — pessoas que tinham acabado de se conhecer! — passavam de um beijo para o sexo? Eu esperava que ele tomasse a iniciativa. Também esperava que ele tivesse camisinha. Eu tomava pílula, mas ainda assim. Tinha o lance das doenças. Ai, meu Deus. E se eu pegasse uma doença em um desses encontros? (E se Cory pegasse uma doença?) Como eu deveria perguntar a um estranho se ele tinha alguma IST?

— Ingrid? — Adam claramente tinha me feito uma pergunta, mas não ouvi.

— Não jantei ainda — soltei do nada. — Quer comer alguma coisa?

Ele deu uma risada tão surpresa que me fez pensar se não tinha acabado de dizer a mesma coisa.

— Espera — falei. — Você tinha acabado de me convidar pra jantar?

— Ah, não. Eu perguntei se você gosta de ser bibliotecária.

Meu rosto pegou fogo.

— Desculpa, eu estava…

— Com fome? — ele provocou, educado.

— É — respondi baixinho.

Ele sorriu, e as marcas de expressão nos seus olhos se enrugaram de um jeito que eu gostei.

— Vamos.

Enquanto descíamos as escadas em direção à rua, lembrei que Kat e Brittany tinham me pedido notícias, já que estavam paranoicas com assassinos em série. (Cory não precisava ficar paranoico com assassinas em série.)

— Foi você que me arrumou esse encontro! — eu tinha dito para Brittany.

— É — ela respondeu —, mas alguns psicopatas são tão psicopatas que *não dá* pra saber.

Mandei para cada uma delas um emoji de joinha e guardei o celular no bolso.

— E aí, você gosta? — ele perguntou.

— Gosto do quê?

— De trabalhar na biblioteca.

— Ah, hum…

De repente, ele se inclinou e me beijou. Foi inesperado e chocante. Estávamos descendo do quarto para o terceiro andar e, de repente, não estávamos mais. Confusa, comecei a rir na hora. Ele se afastou, alarmado.

— Não — falei. Depois, com outro flash indesejado de memória, me corrigi: — Quer dizer, sim. Tá tudo bem.

Estava acontecendo muito mais rápido do que eu tinha imaginado, mas talvez fosse assim mesmo que essas coisas aconteciam. Nossas bocas se encontraram de novo, primeiro timidamente, depois com mais energia. *Meu segundo beijo!*, pensei, em êxtase. Quer dizer, não era meu segundo beijo *na vida*. Mas Adam seria, agora e para sempre, o segundo homem que eu beijei com intenções românticas. Parecia uma vitória.

Ele tinha um gosto diferente de Cory. Não desagradável, mas estranho. Continuei catalogando as diferenças como se fosse uma observadora externa: minha cabeça estava inclinada mais para trás. A mão na minha cintura era maior. O pescoço que meus braços envolviam, mais grosso.

— A gente podia pular o restaurante — ele disse contra meus lábios.

Minha coluna endureceu de cima a baixo.

Ele se afastou de novo.

— Só se fosse mais fácil pra você.

Cambaleei ao dar um passo para trás.

— Desculpa. — Houve uma pausa, e a expressão dele se tornou apreensiva. — Juro que não quis sugerir nada. Só pensei que, na sua situação, talvez…

Abracei meu casaco contra o corpo.

— Na minha situação?

— Esse lance com o seu ex. Ou ele ainda é seu namorado? — Enquanto me observava, ele murchou ainda mais. — Você não sabia. Você não sabia que eu sabia.

— Não — respondi tensa.

— Desculpa. Meu Deus. Que situação estranha.

Meus pensamentos estavam tumultuados, confusos e contraditórios. Sexo casual com um homem gentil e atraente era o que eu queria, mas não com alguém que já sabia que eu era uma transa fácil. Mas eu também estaria apenas o usando, então não seria melhor estarmos em pé de igualdade? Não era, na verdade, uma coisa boa?

— Quem decide é você — ele disse. — A gente pode ir pra sua casa. Ou pra minha. Ou passar num restaurante antes…

— Não. — A palavra saiu rápido demais e eu estremeci, porque nem tinha pensado em dizer isso.

— Não pro restaurante, ou…?

A noite pareceu estar tomando o rumo errado. Ele não estava sendo vulgar nem fazendo nada diferente do que eu mesma estava fazendo, mas ainda havia algo errado. Eu não sabia por que, só sabia que havia.

— Pra tudo — eu disse.

— Você não pode contar pra um homem que uma mulher quer apenas sexo casual — disse Brittany para Reza.

— Mas é o que ela *quer* — ele respondeu, em pânico.

Meus amigos ficaram constrangidos e pediram desculpas pelo telefone enquanto eu chorava e queimava a língua com meu chá com leite. Por mais envergonhado e decepcionado que Adam estivesse, nada chegava perto da vergonha e da decepção que eu sentia. Assim que saí do campo de visão dele, corri para o carro, onde comecei a ficar paranoica com as duas bebidas que tinha tomado. Alguns quarteirões adiante havia um minúsculo quiosque de chá, montado em uma cabine telefônica vermelha, então fui até lá para tentar ficar sóbria. Eu adorava esse quiosque excêntrico. Mas naquela noite ele me pareceu solitário, patético e confuso sobre seu próprio lugar no mundo.

— Por favor, parem de pedir desculpas. — Funguei, tremendo e me encolhendo atrás de um carvalho mirrado, com meu copo descartável nas mãos. A temperatura estava congelante, mas ainda havia gente circulando pelo centro. Eu não queria ser vista. — A culpa é minha. Não sei qual é o meu problema.

— Não tem nada de errado com você — disse Brittany. — Você só não estava pronta.

Enxuguei o nariz na luva, porque tinha esquecido de pegar guardanapo.

— Achei que estivesse pronta. Eu queria estar pronta.

— Ele não era o cara certo — disse Brittany.

— A questão é que ele não precisava ser o cara certo — falei. Adam foi a segunda pessoa que eu beijei na vida, mas aquilo já não soava como uma vitória. Era especial quando eu só tinha beijado um cara. Agora me parecia inconcebível terem sido apenas dois.

— Bom — respondeu Reza —, talvez ele não precise ser *o* cara certo, mas ainda tem que ser *um* cara certo.

— Queria que a gente tivesse alguém pra te apresentar, mas só tem mulher no meu estúdio — comentou Brittany. — E o resto dos nossos amigos ou já são casados ou literalmente moram do outro lado do planeta.

Afundei a ponta do sapato numa raiz grossa da árvore.

— Tudo bem. Eu nunca pediria pra vocês fazerem isso de novo. E desculpa por ter te colocado nessa posição estranha no trabalho, Reza.

— Não se preocupe — ele respondeu, embora a hesitação na sua voz deixasse claro que ele já tinha se esquecido da conversa constrangedora que o aguardava na próxima vez que visse Adam.

Era humilhante ter enredado meus amigos em tudo aquilo. E eu também não tinha intenção de contar nada para Sue nem Alyssa, muito menos a Elijah. Mas o problema de estar temporariamente fora de mim era que sem querer me enfiava em problemas.

Como nossa filial abria de terça a sábado, precisei trabalhar na manhã seguinte ao meu desastroso encontro de sexta-feira. Cheguei atrasada, ainda mais que Macon, e todo mundo já estava conversando e cuidando da preparação da manhã. Sábados eram os dias mais cheios de fofoca, então fui direto escanear os livros da caixa de devoluções noturnas para não precisar me juntar a eles. Consegui manter a calma por uns cinco minutos, até Alyssa me chamar. Talvez meu incomum silêncio tenha me entregado, ou talvez fosse meu estado desgrenhado. Aquela foi mais uma noite de pouco sono e muito choro.

Não lembro o que ela me perguntou — provavelmente algo mundano como *Você tá bem? Tá com uma cara de merda.* Só que Alyssa não falava palavrão. Fosse o que fosse, minha boca se destravou de repente. Tudo escorreu num jorro, menos a parte sobre Macon. Só que ele estava bem ali com todo mundo, ouvindo, e eu despejei tudo de novo na frente dele.

Alyssa ficou chocada. Sue, desconfiada. A testa jovem de Elijah se franziu de perplexidade. Pelo menos a biblioteca ainda estava fechada, então não havia frequentadores por perto.

— Mas tá tudo bem. — Eu escaneava freneticamente outra pilha de devoluções, tentando transmitir com minha linguagem corporal que estava tudo sob controle. — Nós sabemos o que estamos fazendo.

— Deixa eu ver se entendi. — Sue cruzou os braços. — Você e Cory vão viver como solteiros por um mês. E depois vão *se casar*.

— Isso — respondi.

Ela trocou um olhar preocupado com Macon. Ele balançou a cabeça uma vez, discretamente. Eu costumava me aconselhar com os dois, mas não conseguia lidar

com opiniões ou julgamentos naquele momento — ainda mais vindo de Macon, mesmo que ele continuasse em silêncio sobre a parte que eu tinha omitido. Sue observou meus movimentos trêmulos e sua voz ganhou um tom de misericórdia.

— Só me pergunto se um mês é tempo suficiente para um experimento dessa magnitude.

— É suficiente — falei, toda animada e alegre. — Vai dar tudo certo. Estou bem, não se preocupem.

— Viu só? — ela disse. — São declarações como essa que me preocupam.

— Esse cara de ontem… — Alyssa abaixou a voz como se ainda houvesse alguém ali que não sabia dos meus segredos mais íntimos. — Você ia transar com ele? Está fazendo isso pelo sexo?

Travei. Eu tinha mesmo contado aquilo para eles? Sério mesmo?

— Não. Quer dizer, sim. Mas isso é só parte da questão.

Macon estava colocando o dinheiro no caixa. Ele parou ao ouvir isso.

Minhas orelhas zuniram. Senti um nó no estômago. Macon só sabia que eu queria beijá-lo. Eu tinha usado a palavra *sair*: Cory e eu íamos *sair* com outras pessoas. Agora eu estava praticamente confessando que teria dormido com ele também. Desmoronei — quase desmaiei — na cadeira. Se ele já tinha refletido sobre minhas ações, e com certeza tinha, talvez já tivesse deduzido que havia sexo em jogo. Mas talvez não. De qualquer forma, minha confirmação nos atingiu em cheio de novo.

Alyssa não pareceu notar.

— Quer dizer que você e o Cory são poliamorosos?

— O quê? — Pisquei para ela. — Não.

— Essa é literalmente a definição de poliamor — acrescentou Elijah. Para ele, significados literais eram importantes.

— É uma situação temporária — respondi. Não sabia por que essa palavra me soava tão estranha. Eu era a favor do poliamor com consentimento, mas nunca tinha desejado isso para mim. E aquilo não parecia ter ligação com a minha situação. — É temporário — repeti.

Sue colocou a mão no meu ombro e encarou Alyssa e Elijah até que se afastassem.

Depois me perguntou baixinho:

— Você quer ir pra casa?

— Só preciso de um minuto — respondi. Respirei fundo.

— Tem certeza? Foi uma semana tranquila. O Macon pode ficar no balcão.

Ele ainda não tinha se mexido. Ninguém mais parecia ter percebido.

Tentei dar a Sue um sorriso tranquilizador, mas vacilei. Ela apertou meu ombro, como para me emprestar um pouco de força.

—— ❧ ——

À tarde, Sue e Alyssa estavam de novo rondando o balcão. Eu virei o principal assunto de interesse do dia, tanto que nenhuma das duas percebeu o sofrimento que irradiava de Macon. Estava tão absorta nos meus pensamentos que não resisti à atenção, então quando elas me pressionaram para criar um perfil num aplicativo de namoro ali mesmo, não resisti muito tempo.

— "Seus pais são feios?" — li em voz alta.

Sue colocou os óculos de leitura para examinar meu celular.

— Meu Deus. Está escrito isso mesmo.

O aplicativo em que eu estava me inscrevendo exigia que eu respondesse pelo menos cinquenta perguntas algorítmicas, mas recomendava responder a algumas centenas ou até milhares. Supostamente, quanto mais respostas, melhores seriam as combinações. Eu já tinha algumas dezenas. Depois das previsíveis perguntas sobre estilo de vida envolvendo sexo e uso recreativo de drogas — algumas das quais li em voz alta para Sue e Alyssa, mas que respondi em particular —, as questões foram ficando cada vez mais estranhas. Eu estava lendo tudo em voz alta para diversão geral.

— Vai — incitou Alyssa. —, responde.

— Não. — Cliquei. — Meus pais não são feios. — A próxima pergunta apareceu. — "Você acredita em dinossauros?"

Sue bufou.

— Só mesmo nesse país precisam perguntar isso.

Alyssa balançou a cabeça, concordando com ela, incrédula. Ela era religiosa, mas não esse tipo de religiosa.

— "Você e o par ideal se sentiriam à vontade para peidar um na frente do outro?" — li.

Sue caiu na gargalhada.

— Sim — respondi.

Alyssa ergueu uma sobrancelha julgadora.

— Essa foi rápida.

— Tá querendo dizer que você e o Tim não peidam? — perguntou Sue.

— Não! — Alyssa riu. — A gente é educado. Preferimos segurar e sair da sala.

— Ah, o Russell e eu já passamos dessa fase faz décadas. É uma alegria soltar pum sem cerimônia.

As duas desataram a rir, e eu as interrompi:

— "Você tem algum dado com mais de seis lados em casa?" Eu não tenho, mas deveria marcar sim, certo? Alguém que curte D&D não seria um problema.

— Marca que sim — disse Alyssa.

Sue concordou.

— É preciso ler nas entrelinhas.

— "Você acha que mulheres têm obrigação de depilar as pernas?" — perguntei.

— Meu Deus — disse Macon finalmente, embora ainda se recusasse a virar na nossa direção.

Cliquei em não, óbvio.

— "Erros de ortografia e gramática te irritam?"

— Sim — respondeu Alyssa.

— Algumas pessoas não têm facilidade com isso — comentou Sue. — A menos que estejam ignorando o corretor de propósito, eu não levaria pro pessoal.

— Essas perguntas te irritam? — perguntou Macon, num tom cortante.

Guardei o celular, constrangida. Mas passei o fim de semana grudada nele. Respondi a mais perguntas, configurei meu perfil, curti outros, esperei mensagens.

Recebi mensagens. Não demorou para eu ter vários encontros. Não tinha percebido que acabaria conversando com várias pessoas ao mesmo tempo, sondando quem valia a pena. Tinha sido ingênua ao achar estranho quando Adam dissera "a maioria das mulheres com quem marco de sair". Mas esses encontros eram exatamente isto: interações rápidas com um monte de gente até que algo fosse adiante. Às vezes, os flertes por mensagem eram excitantes, às vezes repugnantes. Mas eu estava adquirindo a experiência que Cory e eu queríamos. Finalmente, estava fazendo algo certo.

Passei direto pelas fotos sem camisa e pelos caras posando com peixes mortos. (Não fazia ideia de que veria tantas trutas.) Escolhi a faixa etária de vinte e cinco a quarenta e cinco anos, mas logo subi a idade mínima para vinte e sete. Só em termos de qualidade das mensagens, esses dois anos já fizeram diferença. E então eu estava a todo vapor.

Meu primeiro encontro foi com Brandon, um soldador de trinta e três anos, mãos cheias de cicatrizes e uma risada boba e gostosa. Assim como Adam, ele tinha cadastro na biblioteca, mas estava vencido. Nos encontramos numa sidraria perto do rio — não a do frade, ou a do carro de Cory — e, embora não tivéssemos nada em comum, gostamos um do outro o suficiente para trocar uns beijos no estacionamento. A pele dos dedos dele era áspera, e os beijos, desajeitados e gentis, e voltei para casa me sentindo leve, animada e desejando tudo de bom para ele.

Na noite seguinte, ainda vibrando de otimismo, saí com Lawrence, um assistente de chef de cozinha de vinte e oito anos cujo rosto era torto de um jeito charmoso. Sem cadastro na biblioteca. Nos encontramos para jantar churrasco coreano, e ele passou a maior parte da refeição reclamando do restaurante de comida sulista gourmet onde trabalhava. Ouvi sobre seus interesses, sua formação, seus amigos. Ele só se importava com os detalhes da minha vida que se relacionavam com a dele. Não tentou me beijar, o que foi surpreendente, porque parecia tão apaixonado por si que achei que fosse presumir que eu também estava. Mas quando nos despedimos, ele disse:

— Só pra você saber… — Ele bateu nos dentes. — Tem um pouco de bulgogi.

Bem aqui.

Não desejei nada de bom ao Lawrence. E não cometi o erro de aceitar outro convite dele para jantar.

Dois dias depois, encontrei Geoff (trinta e dois anos, reabilitador de animais silvestres, cadastro ativo mas sem nenhum livro emprestado) para um café no meu intervalo de almoço e depois Mike (trinta e oito, agrimensor, possível cadastro na biblioteca, porque havia duas pessoas com o mesmo nome) para tomar drinques depois do trabalho. Geoff tirou uma batata-doce roxa do bolso abarrotado da calça cargo e me deu de presente, dizendo que as roxas me fariam viver mais. Macon sempre me dava vegetais da horta dele, então eu nunca tinha percebido que existia um jeito desagradável de fazer isso. Depois Mike falou sem parar sobre variedades de maconha, o que me pegou de surpresa, pois ele usava calça cáqui. Nada contra, mas também nada a ver comigo. Tanto maconha como calça cáqui nunca foram a minha praia.

Não fiquei com Geoff nem com Mike.

Meu próximo encontro foi com outro Brandon — vinte e nove anos, paramédico, sem cartão da biblioteca —, e fiquei feliz que a gente se pegou. De novo, a única coisa que tínhamos em comum era química suficiente para grudar nossos corpos dentro do meu carro, mas ele era mais intenso que o primeiro Brandon, e virei uma adolescente tarada e afoita. Ele perguntou se eu queria sair de novo. Eu disse que sim e depois esperei quase uma semana por uma mensagem. Acabei escrevendo primeiro. Ele nunca me respondeu, e percebi que tinha levado um gelo pela primeira vez.

Nem fiquei tão chateada assim. Era só mais um distintivo da vida adulta conquistado.

Mas *fiquei* irritada pelo tempo perdido e mergulhei de novo no aplicativo com uma ansiedade frenética. Conheci Kenji (fofo, nerd e bem meu tipo, mas que claramente não estava interessado em mim), Jay (lento e deprimido, exceto quando falava sobre antenas de rádio), Cameron (que me mostrou fotos da casa de 316 metros quadrados dele e repetiu várias vezes que ela tinha 316 metros quadrados) e Sunil (que perguntou se eu estaria disposta a manter as unhas dos pés pintadas o ano inteiro).

Acabei cedendo e dei um beijo de despedida em Sunil depois de vários segundos desconfortáveis de pressão e culpa, o que fez eu me sentir suja, irritada e brava comigo mesma, e não com ele.

Kenji tinha um cartão ativo na biblioteca, mas sem nada emprestado.

Jay estava com o cartão vencido e devia 4,25 dólares em multas por causa de um livro sobre antenas de rádio, sem brincadeira.

Cameron e Sunil não tinham cadastro, e não fiquei surpresa.

De volta ao aplicativo, troquei mensagens com um cara legal chamado Chad, que comentou que era uma droga se chamar Chad, e fiquei mal quando decidi não sair com ele também. (Ele queria me levar ao karaokê. Cory também gostava de karaokê, e eu odiava aquelas noites em que saíamos com os colegas de trabalho dele e eu tinha que fingir que estava me divertindo ao ouvir todo mundo cantar músicas que pareciam três vezes mais longas que as originais.)

Considerei mandar mensagem para o primeiro Brandon de novo. O Brandon doce, que tinha aquela risada boba! Será que eu o julguei rápido demais? Fevereiro se aproximava rápido. Eu ainda não tinha dormido com ninguém e tinha certeza de que Cory estava na frente. Nunca me considerei competitiva, mas agora estava sentindo a ferroada. Também nunca me considerei puritana, mas agora tinha minhas dúvidas.

A verdade é que não tive vontade de transar com nenhum deles.

Nos meus turnos mais eufóricos no trabalho, nos dias de lábios inchados depois de uma noite de beijos atrapalhados e desajeitados, tentei voltar a ser amigável com Macon. Puxei conversa, mas só recebi respostas monossilábicas. Corri para ajudar a mulher cujo cheiro de mofo nas roupas sempre me dava ânsia, e me ofereci para expulsar o cara que tinha sido banido no verão passado por se masturbar em público com um livro sobre anatomia de cavalos. Uma vez até passei para Macon um livro de fotografia de viagem aberto em uma página dupla: de um lado, um imponente penhasco oceânico; do outro, uma floresta coberta de campânulas azuis. Ele queria me encontrar em algum deles para almoçar? O telefone tocou e ele atendeu. Ele nunca

atendia o telefone se pudesse evitar, mas, enquanto explicava irritado para o leitor como fazer uma reserva online para o novo livro do Kazuo Ishiguro, Macon fechou o livro e o colocou de volta no carrinho.

No meu celular, uma discussão prolongada e acalorada acontecia entre minha mãe e Riley. Minha irmã, fanática por festas, queria fazer o casamento no Natal, e nossa mãe, sempre prática, fazia de tudo para convencê-la de que a civilização poderia entrar em colapso se isso acontecesse.

Ignorei a conversa e fiquei atualizando, atualizando, atualizando o aplicativo de namoro.

Sue e Alyssa me perguntaram como eu estava me sentindo com a aproximação do fim do experimento. Não soube como responder. Eu tinha acabado de começar, ainda era uma iniciante inexperiente. Não é que esperasse me tornar especialista — nem mesmo avançada — em um mês, mas será que não deveria pelo menos ter chegado ao nível intermediário? Eu estava decepcionada e frustrada. Sobrecarregada e ao mesmo tempo decepcionada. O que poderia ter acontecido se eu tivesse mais tempo? E o que será que o Cory tinha conseguido no mesmo período? Nunca tinha considerado a possibilidade de que talvez não fôssemos mais os mesmos quando nos encontrássemos. Nossas experiências com outras pessoas deveriam ser uma experiência compartilhada. Era para termos tido vivências semelhantes. E embora eu não soubesse como o mês dele tinha sido, era difícil imaginar Cory desperdiçando a oportunidade. Ele era, por natureza, alguém que agarrava o que viesse. Topava qualquer coisa.

Eu senti falta da parte do meu namorado que era meu *amigo*. Sentia falta dele nos momentos de pausa, da convivência, de cozinhar juntos e arrumar a bagunça depois. Também sentia falta da presença calorosa dele na cama, apesar de não sentir falta do sexo, porque estava obcecada demais com a ideia de experimentar isso com outra pessoa. Se eu tivesse mais tempo, poderia ter me afundado menos nas paranoias e realmente ter feito alguma coisa. Então nós dois ainda estaríamos na mesma página.

No último dia de janeiro, acordei sobressaltada, em pânico, como na minha primeira semana sozinha. Nosso plano era nos encontrar num restaurante na noite

seguinte, depois do trabalho. Era ali que discutiríamos nosso futuro, e então ele voltaria para casa comigo ou nunca mais voltaria. Mas é claro que Cory voltaria. O pânico era porque eu não estava pronta. Nosso *apartamento* não estava pronto. Como Cory não estava lá — e eu praticamente também não —, as roupas se amontoavam pelo chão, restos endurecidos de maquiagem cobriam a pia e a bancada do banheiro, e a cozinha estava cheia de pratos sujos e embalagens de comida congelada. Passei duas horas faxinando tudo antes do trabalho e depois continuei limpando até as três da manhã.

Será que ele vai me dar um anel?, pensei, esfregando com fúria o pó compacto que tinha se fundido a um resto de pasta de dente. Será que estávamos prestes a ficar noivos? Esfreguei com tanta força que o cabo da escova de
limpeza quebrou. Ele vai esperar até a gente conversar, com certeza, tranquilizei a mim mesma, passando o dedo pela borda de plástico serrilhada.

Nós dois sempre fomos práticos e racionais.

Fevereiro

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		

CAPÍTULO CINCO

Cheguei dez minutos atrasada ao restaurante. Sempre tive orgulho da minha pontualidade, mas minha vida se tornara tão caótica que agora eu me atrasava para tudo. Naquela noite, o atraso foi por causa da roupa. Tinha tirado a roupa que usei no trabalho para colocar algo mais bonito, mas era estranho me arrumar para o Cory, assim como também era estranho vestir algo que eu já tinha usado num encontro com outra pessoa. Acabei revirando o armário por tempo demais, como se alguma peça nova fosse aparecer do nada, até enfim aceitar a derrota e recolocar as roupas de trabalho.

Também não era comum o Cory se atrasar, mas o carro dele não estava no estacionamento quando cheguei. Olhei em volta e confirmei que ele não estava lá dentro. Senti o olhar atento do recepcionista, um homem mais velho, forte, com barba de lenhador, que passava a impressão de ser o dono do lugar, embora o restaurante se chamasse Lottie e o nome bordado na camisa dele fosse KEVIN. Ele quase sempre ficava ali na frente.

— Estou procurando meu… — A palavra *namorado* ainda não parecia certa na minha boca, então deixei a frase morrer no ar. — Acho que ele ainda não chegou.

— Mesa para dois? — perguntou Kevin.

— Isso — respondi, tentando disfarçar a hesitação.

Ele me guiou por entre as mesas *Grease — Nos Tempos da Brilhantina*, *Moonlight: sob a luz do luar*, *Depois de horas*, *Garçonete*, *Swingers — Curtindo a noite* e *Harry e Sally — feitos um para o outro*, até o sofá do *De volta para o futuro*. Cory e eu nunca chamávamos esse lugar de Lottie nem de Kevin. Para nós, era a "lanchonete temática", um dos nossos lugares preferidos em Ridgetop. Na entrada, bandeiras do

arco-íris nos davam as boas-vindas. Os assentos eram de vinil rosa-choque e os funcionários usavam camisas cor-de-rosa no estilo dos anos 1950, com seus nomes bordados na frente. Bordados! Ninguém fazia mais isso. Mas o grande destaque eram as mesas, todas decoradas com colagens temáticas. Naquela noite, fiquei encarando o Marty McFly no restaurante original e também a lanchonete futurista da *Parte II*. Pelo visto, o salão da *Parte III* não contava.

Apesar da ansiedade, era reconfortante estar em um lugar conhecido, depois de um mês de bares e sidrarias novos. Esse era o eterno charme de uma lanchonete: a familiaridade. Cory gostava da previsibilidade do cardápio, e eu também curtia o fato de sempre sabermos o que esperar ao entrar em uma lanchonete. Pela primeira vez, eu não sabia o que esperar.

Cory.

Eu me assustei ao vê-lo. Meu coração era um misto de dor e alegria. Ele me viu e abriu um sorriso. Acenamos um para o outro. Minha mão tremia. Quando ele atravessou o chão xadrez, me levantei para abraçá-lo, mas, de repente, fiquei nervosa em tocá-lo.

Nosso abraço foi frouxo — fora de prática, fora de ritmo.

— Desculpa o atraso — disse ele quando nos sentamos em lados opostos do sofá. — Tive um problema com uma reserva cancelada, daí o Mitchell me parou na saída, e você sabe como ele é…

— Eu sei — respondi, rindo. O porteiro da Pousada Tamsett Park, onde o Cory trabalhava, era um cara legal, mas falava demais e era muito entediante. Tinha várias teorias sobre os Cavaleiros Templários. — Na verdade, eu também acabei de chegar.

O sorriso dele se alargou.

— Quem nos tornamos?

A pergunta fazia sentido. Sob a luz nostálgica das luminárias cor-de-rosa, ele ainda parecia o mesmo Cory. Tinha o mesmo cabelo ruivo-alaranjado espetado para cima, estilo Tintim, as mesmas sardas juntinhas que, em certos ângulos, o faziam parecer bronzeado, em vez de pálido-irlandês, e o mesmo sorriso acolhedor que deixava todo mundo à vontade. Um amigo da faculdade uma vez disse que o Cory e eu tínhamos

sorrisos iguais. Também tínhamos a mesma altura e nascemos com o mesmo problema de visão, embora eu tivesse feito cirurgia a laser no primeiro ano com o plano de saúde do condado, enquanto ele ainda usava óculos pretos e grossos. No conjunto, ele era bonito e até um pouco cartunesco. Mas aquela noite havia algo diferente nele, algo quase imperceptível.

— Você parece…

— Eu sei. — Ele também me encarava como que intrigado. — Você está igual, mas meio etérea. É como se meus olhos não conseguissem te processar direito.

— Esse foi o maior tempo que ficamos separados em onze anos.

— Quis te ligar tantas vezes.

Me inclinei para a frente.

— Eu também. Foi estranho não poder te contar cada coisa que me acontecia.

— Muito estranho. — Ele tamborilava na mesa.

Era a energia dele, percebi. Cory sempre foi cheio de energia, mas aquela noite estava agitado, inquieto. Talvez até um pouco elétrico demais. Ele empurrou o cardápio para o lado, revelando o jovem George McFly pedindo "leite com chocolate".
— Que mesa boa! — disse Cory. — Mas não tão boa quanto a do…

— *Quando os jovens* — dissemos juntos.

Tempos atrás, havíamos decidido que a mesa do filme *Quando os jovens se tornam adultos* era o auge da lanchonete temática. Afinal, o nome original do filme era *Diner*, e estávamos em uma lanchonete. Mas, infelizmente, nunca conseguimos nos sentar nela. Poderíamos ter pedido, claro, mas sempre brincávamos que estávamos esperando acontecer naturalmente. Dividíamos esse gosto por temáticas bobas, resquício da infância em Orlando. Nenhum de nós queria mais morar na capital mundial dos parques temáticos — na verdade, meio que odiávamos aquilo, e detestávamos as leis mais recentes da Flórida —, mas um bom tema ainda nos trazia lembranças felizes.

O sorriso dele ficou suave e um pouco triste.

— É.

— Então… hum. Oi.

— Oi — ele disse.

Rimos de novo. Foi estranho, mas bom. Parecia um encontro de verdade.

— Como você está, Iggy? Está bonita.

Eu não ouvia aquele nome fazia um mês. Cory e Riley eram as únicas pessoas que me chamavam assim, e eu ainda estava ignorando as mensagens dela. Como irmã mais velha, herdei o nome da família. Ingrid Dahl era nossa avó paterna. Farmor e Farfar — "mãe do pai" e "pai do pai" — imigraram da Noruega, e meu pai era filho único. Apesar de hoje em dia ser um nome mais comum, quando eu era criança ele *parecia* o nome de uma avó imigrante. Eu morria de inveja da Riley, dois anos mais nova, que tinha ficado com um nome bem americano. Mas foi a Riley quem inventou o "Iggy". Quando bebê, ela não conseguia pronunciar meu nome direito, e o apelido pegou. Todo mundo me chamava de Iggy até eu, finalmente, assumir meu nome de verdade na faculdade.

Foi a Riley, claro, quem deixou escapar o Iggy na frente do Cory, pouco tempo depois de a gente começar a namorar.

— Iggy Doll seria o alter ego roqueiro mais legal de todos os tempos — ele disse. Mesmo não sendo músico, Cory era apaixonado por música, especialmente por artistas alternativos de estilos que eu nem sempre entendia. E assim o apelido pegou de novo. Mas eu não me importava. Agora, só as pessoas mais próximas podiam me chamar assim.

— Você também está bonito — falei.

— Como foi… seu mês?

— Ah, não sei. — Tentei sorrir para disfarçar o desconforto, mas não consegui. — Não sei como você quer abordar esse assunto. Como foi o seu?

— Hum, foi bom. Estranho. Mas bom. Eu me diverti.

Bom.

— Mas também não quero deixar o clima pesado, sabe? — ele comentou. — Quer dizer, a gente não vai falar de números, né?

Pelo jeito que ele disse *números*, entendi que não era só o dele e o meu. Era no plural, uma confirmação. Cory tinha dormido com várias mulheres. Fiquei enjoada.

— É — ele continuou, interpretando certo a minha expressão. — Também não acho que quero esse tipo de informação de você.

Demos um pulo quando dois copos vermelhos de plástico bateram sobre a mesa. Nosso garçom era um homem esguio, com corpo de dançarino e a cabeça raspada. O nome HANK estava bordado na camisa dele.

— Boa noite. Eu vou atender vocês hoje. Querem mais alguma coisa para beber?

— Água está ótimo — falei, já pegando o copo para me refrescar.

— Uma Coca, por favor — respondeu Cory. — Na verdade, acho que já podemos pedir. — Ele me olhou para confirmar, e fiz que sim. Sempre pedíamos a mesma coisa: ele, frango empanado com batata frita; eu, queijo-quente com sopa de tomate. Hank bateu de leve na própria cabeça, indicando que não precisava anotar, e foi embora com passos elegantes.

— Vamos manter a conversa mais genérica — disse Cory. — Você… também teve um bom mês?

Ficamos presos nesse adjetivo. Eu não sabia como responder e corei de vergonha.

— Ih. — Ele esfregou as mãos, como quem se prepara para ouvir uma fofoca.

Teria sido fácil mentir. Eu podia ter deixado escapar um pluralzinho estratégico e deixado que ele chegasse à conclusão errada, mas era preciso ser sincera.

— Eu não tive, não.

Ele não entendeu de imediato.

— Você não teve…

Arregalei os olhos.

— Ah — ele disse. E depois: — *Ah*.

— Conheci pessoas, tive alguns encontros. Mas… não.

Cory se recostou contra o banco rosa-choque. Parecia perturbado. Eu não sabia bem que reação esperar, mas com certeza não era essa.

— Eu… preciso de um minuto pra processar isso. Quer dizer… o que isso *quer dizer*? Você queria mesmo fazer isso? Será que eu te pressionei? — A respiração dele acelerou. — Meu Deus, Iggy…

— Não. — Estendi a mão para ele. Demorou um instante até que ele se desse

conta do que eu estava fazendo e me desse sua mão. Apertei-a com força. — Eu também queria. Isso não significa nada além de…— Dei de ombros, impotente. — Eu sou muito, muito ruim nisso.

A expressão alarmada sumiu um pouco, mas ele ainda parecia magoado e confuso.

— Não entendo.

— Estou fora de forma. Só isso.

— Mas eu também. Nenhum de nós *nunca* teve prática nisso. — Ele puxou a mão de volta, a ansiedade transbordando outra vez. — Eu sou um cara esquisito, e você é uma mulher bonita. Deveria ter sido muito mais fácil pra você.

Abaixei a voz para tentar acalmá-lo.

— Conheci homens com quem eu poderia ter dormido, mas… não sei. Não pareceu certo com nenhum.

— Tá, mas a gente não estava procurando nossa alma gêmea. Era pra ser só diversão — comentou ele, inclinando-se de novo, até que uma nova ideia pareceu surgir. Sua voz ganhou um tom mais duro: — Você ficou medo de que eles pudessem te machucar? Que fossem uns babacas?

— Não, nada disso. — Ele continuou me encarando, então dei uma risada nervosa, quase histérica. — Não sei! Não sei por que ainda não rolou comigo.

Cory se recostou um pouco.

— Ainda.

Mordi o lábio inferior, como se isso pudesse impedir a palavra de ter escapado.

— Você tá… — Ele parou. — Não. Me explica o que você quis dizer com isso.

Senti o sangue subir à cabeça. Eu não estava pronta para encerrar nosso experimento, não quando eu ainda estava no meio dele. Não quando ele tinha números e eu não tinha nenhum.

— Eu não tô pronta — falei. — Preciso de mais tempo.

Cory murchou. A princípio, achei que estivesse arrasado. Mas quando se dobrou de tanto rir, percebi que, na verdade, estava aliviado.

— Graças a Deus. — Ele tirou os óculos para esfregar os olhos. — Esse mês passou voando. Eu também não tô pronto.

— Não tá?

— Não!

Ele explodiu em outra gargalhada meio histérica. Acabei rindo junto, embora o meu riso tivesse um fundo de choque. Eu não era a única que não estava pronta. Não havia anel algum. Até aquele momento, não tinha me permitido sentir toda a decepção do meu fracasso. De ter janeiro marcado como o limite para sempre. Mas agora estava ganhando uma segunda chance. Meu choque e minha tristeza deram lugar a um alívio eufórico que acompanhava o dele.

— O que a gente estava pensando? — ele perguntou.

Arfei.

— Um mês! Como se desse pra fazer tudo em um mês.

— Estava morrendo de medo de te falar isso porque não sabia como você ia reagir, mas… um mês!

Continuamos a zombar da nossa própria burrice até que o Hank apareceu com a comida. Atacamos os pratos, radiantes, reabastecidos por uma confiança tola. Cory enfiava as batatas fritas no ketchup, e eu mergulhava meu queijo-quente na sopa. Manchas vermelhas sujavam nossas roupas de trabalho enquanto estendíamos nosso plano por mais um mês e comentávamos sobre o tempo que passamos separados.

— E você contou pra quem? — perguntei.

— Ah, você sabe… — Ele citou os colegas de trabalho. — Eu não queria que pensassem que eu estava te traindo ou que a gente tinha terminado.

— Sim. Fiz o mesmo.

— Sério?

— Sério. Por que você tá com essa cara de surpresa?

Ele mordeu um pedaço de frango empanado, que demorou para mastigar e engolir antes de responder:

— Achei que meus colegas podiam acabar me vendo em um dos nossos bares, mas não consigo imaginar a Sue ou a Alyssa saindo pra beber. Achava que você não ia contar nada.

A Pousada Tamsett Park tinha vários restaurantes e bares. Nunca tinha me

ocorrido que ele poderia tentar ficar com alguma hóspede. Devia ser contra as regras do hotel, mas talvez não fosse… Ou talvez todo mundo simplesmente fingisse não reparar. Seria até conveniente para ele subir para o quarto delas. Também não pude deixar de reparar que ele não mencionou o Macon. Por algum motivo, o Cory nunca gostou dele.

— É, mas a Sue e a Alyssa me veem todo dia. Elas iam perceber que tinha alguma coisa estranha. E se uma delas me visse ou me flagrasse usando um aplicativo de namoro? Eu também não queria que elas pensassem que eu estava te traindo.

— Acho que faz sentido.

— Tudo bem pra você? — perguntei, já na defensiva.

Cory balançou a cabeça para deixar claro que não era esse o problema.

— Claro que tá. Só é esquisito pensar nos seus colegas sabendo da nossa vida.

— E por que seria mais esquisito que os seus?

— Sei lá. É que os seus colegas parecem tão… adultos.

Era verdade. A maioria dos colegas de Cory — pelo menos aqueles com quem ele costumava sair — tinham menos de trinta e eram solteiros. E sim, a Alyssa também era mais nova que a gente. Mas era casada, confiável, responsável. Ao contrário dos colegas dele, ela nunca tinha faltado no trabalho por causa de uma ressaca.

— E o que o Macon acha disso? — ele perguntou.

Me remexi no banco, e o vinil debaixo de mim soltou um rangido.

— Como assim?

— Ah, esquece.

Meu rosto esquentou.

— Não. Como assim?

— Nada. — Ele amassou o guardanapo e o jogou sobre a mesa, em sinal de rendição. — O cara é meio julgador, só isso.

Não me parecia que era *só isso*, e não era justo com o Macon, mas deixamos o assunto de lado. Eu definitivamente não queria me aprofundar nesse tópico.

— Então — disse Cory, após alguns segundos de silêncio constrangedor. — Você está usando um aplicativo de namoro.

A tensão passou. Ele também tinha entrado no mesmo aplicativo, então contei dos caras posando com peixes mortos, e ele contou das mulheres fazendo biquinho nas fotos. A gente se arrepiou de vergonha e caiu na risada com a ideia de dar de cara um com o outro por lá. Sob nossos pratos, Marty McFly olhava para George McFly chocado com o quão jovem, inocente — e fraco e perdido — seu pai era naquela idade.

Mais um mês seria tempo suficiente, certo? Nós acreditávamos mesmo nisso.

CAPÍTULO SEIS

Fevereiro era o mês mais curto do ano. Cory e eu tínhamos nos esquecido disso. Aquele fevereiro em particular tinha vinte e oito dias, e embora fossem apenas três a menos que janeiro, eu sentia a diferença como um cinto apertado demais. O clima estava ficando estranhamente quente para a época. Os botõezinhos amarelos dos narcisos e das forsítias estavam prestes a se abrir numa floração precoce, alimentada pelo aquecimento global. Não havia tempo a perder.

Na manhã seguinte ao encontro na lanchonete, Alyssa e Elijah ficaram surpresos ao saber que Cory não tinha voltado para casa. A julgar pelo olhar que trocaram, Sue e Macon não ficaram surpresos. Sem dúvida já andavam comentando o assunto pelas minhas costas. Se fosse ao contrário e algum deles estivesse agindo estranho, eu também estaria fofocando.

Sue perguntou do aluguel. No mês anterior, apesar de estarmos pagando em dobro, Cory e eu não tínhamos precisado mexer na poupança, mas também não conseguimos juntar nada. O que era igualmente ruim. Ainda bem que nossas despesas voltariam ao normal naquele mês. Antes de nos encontrarmos na lanchonete, ele já tinha saído do Airbnb e colocado as malas no carro, mas — prevendo onde nossa conversa poderia nos levar — também já tinha pedido à amiga mais próxima do trabalho para ficar no quarto de hóspedes dela. Fiquei grata por ele ter tido a precaução de falar com a Robin, e igualmente grata por não ter se mudado de fato antes de conversarmos.

Eu gostava da Robin. E como ela só se relacionava com mulheres, não havia nada com o que me preocupar. O jeito que o Cory se irritou ao falar do Macon, porém, me fez pensar se ele não teria ficado com alguma colega de trabalho. De repente, me

pareceu bem possível, se não provável. Isso não deveria me incomodar, mas incomodava. Eu não queria que o Cory dormisse com pessoas que a gente conhecia. E assim que pensei nisso, percebi a hipocrisia. Talvez eu até intuísse que isso dizia algo sobre meus sentimentos em relação ao Macon, embora não estivesse disposta a explorar essa ideia a fundo. Ele continuava fechado como um muro de concreto, tanto que eu estava reconsiderando pedir demissão. Porque *teria* que ser eu a ir embora, não ele. Mas ainda não era hora. Eu só tinha mais um mês pela frente, um mês curto, e precisava aproveitar cada minuto.

Naquela noite, saí por um momento da minha melancolia quando um velho cliente entrou pela porta dupla.

— Oi — falei. — Fazia tempo que não você vinha.

Gareth Murphy era um dos frequentadores das nossas sessões de cinema e cliente assíduo das quintas-feiras. Trabalhava na construção civil e, mesmo que sempre estivesse salpicado de tinta e poeira de gesso, ele não fazia o estereótipo do brutamontes grosseiro. Era bem-humorado, de porte mediano, e tinha um gosto amplo e variado para filmes.

Ele sorriu de volta.

— Pois é, estava trabalhando numa obra em Fairfax e aproveitei pra dar uma olhada na coleção de lá.

— Tinha alguma coisa boa?

Ele riu, me entregando os filmes que estava devolvendo.

— Não. Era a mesma seleção que vocês tinham.

Nossos Blu-rays rodavam entre as filiais a cada seis meses, para que a seleção sempre fosse renovada.

— Ah, não.

— Pelo menos aproveitei pra assistir ao resto da série *Up*.

— Meu Deus — falei. — Eu sempre fico tão preocupada com o Neil.

— Sim!

Conversamos empolgadamente por alguns minutos naquele tom animado que surge quando duas pessoas descobrem que viram o mesmo documentário

arrebatador. Depois ele se dirigiu às prateleiras giratórias.

— Chama ele pra sair — disse Elijah em voz baixa assim que Gareth se afastou. Elijah estava atrás do balcão, enchendo o carrinho com livros de culinária, um dos piores gêneros para organizar. Todos começavam com o mesmo número da Classificação Decimal de Dewey, o que deixava os decimais enormes, atravessando a lombada e chegando até a capa. Para guardar um único livrão de receitas, era preciso puxar vários outros e conferir os últimos dígitos.

Um calor subiu pelo meu corpo.

— O quê?

— Chama ele pra sair — repetiu Elijah. — O cara tá a fim de você.

Fiquei tão desconcertada que nem sabia como reagir.

— Eu não vou chamar um cliente pra sair — consegui dizer por fim.

— Por quê? É contra as regras?

— Não.

— Ele parece legal. Sempre puxa papo com você. Qual é o problema?

Olhei para o Macon em busca de uma segunda opinião, esquecendo por um instante que era o Macon. Ele franziu a testa e balançou a cabeça. Aquilo podia significar tanto *não me pergunte* quanto *não faça isso*.

Elijah deu de ombros enquanto empurrava o carrinho.

— Mal não vai fazer.

Eu discordava. Gareth estaria diante de mim em carne e osso, não no celular. Eu nunca tinha chamado ninguém para sair pessoalmente, e a rejeição com certeza podia me fazer mal. Além disso, não ia fazer isso com o Macon sentado bem ali. Nunca tinha sequer considerado a ideia de sair com o Gareth, e não sabia direito o que achava dele — nem o que ele achava de mim. Eu gostava dele. E sabia que ele geralmente vinha ao meu balcão, não ao do Macon. Mas sempre pensei que era porque eu era mais simpática. Gareth frequentava a biblioteca havia anos. Se quisesse me chamar para sair, já teria feito isso. A não ser que eu tivesse mencionado o Cory em algum momento…

Ainda estava me debatendo com esses pensamentos quando o Gareth voltou.

Macon endireitou a postura, em um convite para cadastrar os empréstimos no terminal dele.

Gareth colocou a pilha de filmes na minha frente. Como sempre, tinha escolhido cinco, o máximo que permitíamos por vez.

— Eram tantos títulos da Criterion que eu nem sabia por onde começar.

A cadeira do Macon rangeu quando ele se largou contra o encosto. Uma energia pesada emanava dele.

Gareth ergueu uma caixa.

— Você já viu Tarkovski?

— Não — respondi. — Sempre me senti meio intimidada.

— Eu também. Mas vou encarar. Vou mergulhar de vez.

— Vou esperar o seu relatório. Quero saber se os planos-sequência são meditativos ou uma tortura.

Ele me prometeu uma resenha completa e ficou comentando as outras escolhas, animado. Gareth parecia ter quase a minha idade e era atraente de um jeito não intimidante. Tinha sonolentos olhos azuis e uma barba castanho-clara curta e desalinhada, com fios dourados e avermelhados. Foi quando percebi a semelhança com o Cory. A constatação me atingiu de repente: *sim*. Eu poderia dormir com esse homem.

Olhei para a mão esquerda dele, salpicada de tinta cinza, sem aliança. Talvez ele a tirasse para trabalhar. Fazia sentido alguém da construção civil tirar a aliança por segurança. E aquela simpatia podia ser apenas simpatia. Eu mesma já tinha estado do outro lado muitas vezes, com clientes confundindo minha cordialidade profissional com interesse pessoal. Eu reparava quando eles olhavam para a minha mão em busca de uma aliança e já me preparava, sabendo que a ausência do anel seria o sinal verde para me chamarem para sair ou me passarem um número de telefone.

Gareth disse algo que não ouvi direito, e voltei, um pouco atrapalhada, a prestar atenção na conversa. Ele me lançou um olhar engraçado. Será que tinha percebido que eu conferi a mão dele? Senti minhas bochechas queimarem enquanto lhe entregava o comprovante do empréstimo.

No instante em que ele foi embora, a cabeça do Elijah surgiu por trás da estante.

— E aí, chamou?

Olhei feio para ele.

Meu colega estalou a língua, decepcionado comigo, e de repente também fiquei decepcionada comigo mesma. A ideia de convidar o Gareth para sair me apavorava, mas o objetivo do experimento era justamente viver experiências novas. Chamar alguém para sair, acontecesse o que acontecesse, era uma experiência nova. E tudo bem, eu não conhecia o Gareth a fundo, mas pelo menos ele não era um completo desconhecido. Não corria o risco de chegar ao encontro e me deparar com uma surpresa desagradável. Isso, claro, se ele aceitasse meu convite.

Uma ansiedade surda e contínua vibrava no fundo do meu estômago. Ele voltaria quando tivesse que devolver os filmes. Eu tinha uma semana para descobrir como chamá-lo para sair.

Enquanto isso, perdi minha segunda virgindade com um homem que usava um par de All Stars de cano alto. Eu não estava esperando por isso. A gente tinha dado match, trocado mensagens e marcado o encontro de praxe depois do trabalho. Eu não estava animada. Ele nem tinha carteirinha da biblioteca, e meu último encontro, no fim de semana, tinha sido com um cara cujo grande sonho era abrir uma academia chamada Viver Rir Malhar. Minha cabeça estava inteiramente focada no dilema Gareth. Eu estava cansada. Só queria ir para casa remoer as coisas, me estressar e bolar um plano para o dia seguinte, quando o Gareth voltaria à biblioteca.

Mais um, Kat tinha mandado por mensagem. Ela estava fazendo o possível, à distância, para garantir que eu transasse.

Você já disse isso da última vez.

Só mais um antes do Gareth. Pra praticar.

Mais um, concordei.

Antes de sair do trabalho, não fiz esforço nenhum para me arrumar além de tirar a oleosidade do nariz e retocar o batom. Sue e Alyssa nem notaram nada na minha

aparência digno de piadinha, e o Macon não ficou todo estranho. Mas, assim que Justin e eu nos vimos de longe, no meio da sidraria lotada, esse encontro já me pareceu diferente: ele era um gato. E pelo visto também me achou uma gata.

Ele abriu um sorriso.

Eu também sorri.

Justin parecia ao mesmo tempo mais velho e mais novo que eu. Em teoria, era dois anos mais velho que o Macon, e o cabelo prematuramente grisalho comprovava isso. Mas seu corte era jovial, e as roupas eram tão divertidas quanto os tênis. Ele era cheio de energia, engraçado e ria muito — um coroa charmoso, embora não tivesse nada de distinto. Ainda parecia ágil como um filhote de raposa.

A conversa fluiu fácil entre nós. Ele nasceu na região rural e ainda carregava o sotaque de lá. Fazia boas perguntas, contava boas histórias. A idade lhe conferia a maturidade e o respeito pelas mulheres de que eu sentia falta nos outros caras, mas seu jeito era brincalhão e leve. A gente riu, fez piada, e os olhos dele brilhavam atrás dos óculos de aro grosso. Eu sempre tive uma queda por homens de óculos.

Viramos nossas bebidas e pedimos outra rodada. Ele já tinha sido casado. Tinha um filho. Eu menti, dizendo que tinha saído recentemente de um relacionamento longo. E depois disse a verdade, afirmando que não queria falar disso. Ele gerenciava uma loja de equipamentos variados e fazia parte da equipe de voluntários que resgatava trilheiros perdidos ou presos. Era apaixonado por escalada e descer montanhas de bicicleta. Não gostava de ler. Eu nunca conseguiria acompanhar — nem me casar com — um cara como ele.

Ele era perfeito.

Tudo era muito mais fácil com alguém que realmente estava a fim de mim e não apenas mirando num objetivo, embora esse objetivo mútuo e não dito estivesse claro. Pedimos mais uma rodada. Fomos ao toalete ao mesmo tempo, o que nos fez rir de novo, e então nos beijamos no corredor mal iluminado em frente aos banheiros. Ele era alto, com braços e pernas longos e fortes. A barba por fazer roçou minhas bochechas e meu queixo. Eu estava faminta e, pela primeira vez desde que tudo aquilo começou, não fiquei pensando demais.

Acabamos indo para o apartamento dele por escolha minha. Mandei o endereço para a Kat e para a Brittany junto com uma foto que ele topou tirar, sorrindo. Fiquei sem graça quando ele arrancou minha roupa, mas arfei quando me tocou. Quando me penetrou. Quando gozei.

— ❧ —

Acordei por volta do amanhecer já tendo uma nova experiência: a casa de outra pessoa. À medida que a primeira luz do dia escorria pelas janelas, o quarto do Justin foi se revelando. Uma cadeira ali, coberta de roupas, um abajur de parede com braço articulado sobre minha cabeça, uma fotografia dramática em preto e branco de um penhasco sobre uma cômoda robusta que não parecia ter sido montada por ele. Era reconfortante que o ambiente correspondesse à imagem que eu tivera dele na noite anterior — a de um adulto responsável o bastante para ter uma casa e manter a roupa lavada em dia, mas sem tempo ou disposição para guardá-la. Eu me sentia segura e feliz. Me levantei da cama de mansinho para usar o banheiro, que não tinha nada de especial além de ser maior do que o meu, e depois juntei minhas coisas para ir embora. Ele acordou quando eu já estava calçando os sapatos.

— Foi divertido — disse ele com a voz ainda pesada de sono.

— Foi, sim — concordei. — Continua dormindo. Estou indo. Preciso me arrumar pro trabalho.

— Tenha um bom dia — respondeu, soando sincero.

Não falamos de nos ver de novo, porque ambos tínhamos conseguido a experiência que queríamos. Enquanto eu seguia para a porta, aproveitei para observar cada cômodo por onde passava: um quarto com uma colcha do BB-8 e prateleiras cheias de conjuntos de Lego, que só podiam ser do filho dele; uma sala com uma bananeira e mais fotografias em preto e branco de montanhas; uma cozinha com armários de carvalho pesado, mais antiquados que o resto da casa; um hall de entrada com um suporte para equipamentos de escalada e uma mesa estreita abarrotada de

correspondências. Poucas coisas me interessavam mais do que os livros que alguém tinha, mas não vi nenhum além de uns livrinhos infantojuvenis no quarto do filho e alguns guias na sala de estar. Visitei e deixei para trás uma vida inteira em poucas horas.

— Não só transei — me gabei para Kat pelo FaceTime, ainda na entrada da garagem do Justin —, como também foi coisa de uma noite só.

❧

Passei o expediente levitando. Sentia meu assoalho pélvico agradavelmente aquecido, feito um bom segredo. Estava falante e até flertando um pouco com os frequentadores, e a atmosfera dentro da biblioteca pareceu se elevar para acompanhar meu humor. Macon foi o único que demonstrou desconfiança. Naquela noite, enquanto o Gareth e eu travávamos nossa costumeira discussão animada sobre os filmes a que ele tinha assistido — veredito sobre Tarkovski: meditativo *e* implacável —, ao meu lado, Macon vibrava como uma nuvem de tempestade prestes a se desfazer em chuva.

— Resolveu não chamar ele pra sair? — perguntou assim que Gareth foi embora.

Fiquei surpresa. Era a primeira vez que ele abordava minha situação de forma direta.

— Não vou chamar ninguém pra sair — respondi, fria e composta. Como se não tivesse passado a semana inteira planejando.

Macon resmungou, mas pareceu ligeiramente menos desagradável. Foi uma reação confusa vinda de alguém que não queria me beijar, e eu não sabia bem como interpretá-la. Pelo menos o que falei era verdade. Eu não precisava chamar ninguém para sair, porque finalmente me sentia preenchida.

A fome voltou naquela noite, mais insaciável do que nunca. Peguei meu vibrador e depois encomendei um novo. Dei uma olhada no aplicativo e rejeitei todos os caras. Me arrependi de não ter chamado o Gareth para sair. Prometi a mim mesma que faria isso da próxima vez que o visse.

Justin me escreveu pelo aplicativo no sábado. Eu passei meu número, trocamos algumas mensagens e então minha aventura de uma noite só acabou virando duas.

Pela primeira vez, arrumei minha bolsa para dormir fora de casa — que não passava da minha bolsa habitual com alguns itens a mais. Não incluía vários objetos práticos que eu normalmente precisaria, como pijama ou a placa de bruxismo, mas tenho quase certeza de que todas as bolsas de pernoite eram uma mentira. Talvez fosse esse o sinal de que a relação tinha se transformado em algo mais sério: as placas de bruxismo, os travesseiros ortopédicos e os equipamentos para apneia do sono entravam em cena. Mas Justin e eu ainda não estávamos nesse ponto, jamais estaríamos. Esse não era o propósito.

Fiquei com vergonha de me despir diante dele de novo, mas apesar de o constrangimento ainda não ter desaparecido, também ainda havia as sensações estimulantes, arrepiantes, avassaladoras de algo ao mesmo tempo familiar e completamente novo. Eu era um broto de primavera se abrindo em uma flor delicada. Essas experiências tinham certa importância para mim, mas não pareciam ter uma importância particular, individual. Eu entendia que essas primeiras florações não durariam a estação inteira — não poderiam durar. Será que as flores lá fora também pressentiam a geada fatal? Por natureza, eram prazeres temporários. Extáticas num instante, murchas no momento seguinte.

Sue trouxe chocolate quente com marshmallows cor-de-rosa para todos nós no Dia dos Namorados. Ela e Russell iam sair para dançar salsa naquela noite. Alyssa contou que Tim tinha feito reserva no restaurante chique de carnes dentro da Pousada Tamsett Park, e várias das crianças que estavam na contação de histórias passaram

para entregar cartões e desenhos para ela. E embora o Macon fosse do tipo que criticaria bebês-Cupido feios e o impacto ambiental de rosas fora de época, ele não se juntou a mim nas reclamações. Estava satisfeito em deixar as pessoas aproveitarem. Macon não ligava para o Dia dos Namorados.

Cory e eu concordávamos que era uma data ridícula — mais um subproduto de termos sido adolescentes indesejáveis —, mas sempre fazíamos cartões um para o outro e assávamos uma pizza em formato de coração para o jantar. Será que ele tinha planos ou também comeria uma pizza congelada sozinho? Provavelmente ia sair com os colegas de trabalho. Alyssa e Tim podiam até vê-los num bar da pousada. Eu não gostava da ideia de presenciarem o Cory flertando com outras mulheres. Isso me deixava com raiva do Cory, com raiva da Phoebe (a colega de trabalho mais provável de dormir com ele), com raiva da Kayla (a segunda colega mais provável de dormir com ele) e com raiva do Tim, só por ter feito a reserva na pousada. É claro que o maldito Tim queria um maldito bife. Enquanto isso, eu ficaria presa em casa, sendo obrigada a ouvir os vizinhos de baixo transando.

Não esperava ter notícias do Justin, mas uma mensagem chegou no fim da tarde: *Essa data é uma droga. Quer vir aqui?*

Eu queria.

Alguns dias depois era outra noite em que o Gareth apareceria. Assim que ele chegou, senti meu corpo aquecer e me atrapalhei toda na hora de cumprimentá-lo. Senti o olhar enviesado do Macon. Eu ainda ia chamar o Gareth para sair? Tentei me decidir enquanto ele fazia sua seleção, mas minha mente era apenas um zumbido vazio e ininteligível, e logo ele estava de volta ao meu balcão. Não, eu não estava pronta. Ou talvez não precisasse mais fazer aquilo, agora que estava dormindo com o Justin. Eu não sabia bem como me sentia, então o risco não parecia valer a pena.

Quando ele foi embora, a tensão também deixou o prédio. Macon voltou a ler o artigo sobre os Estados Unidos terem derrubado quatro objetos em oito dias: um balão espião da China e três óvnis. Os eventos eram estranhos, mas mais estranho

ainda era ver a palavra *óvni* nas manchetes. Embora fosse usada apenas no sentido literal — três dos objetos ainda não tinham sido identificados —, de repente muita gente estava interessada em fenômenos aéreos. Todos os nossos livros sobre o assunto tinham sido discretamente emprestados.

E quero dizer discretamente mesmo. Eles chegavam ao balcão de circulação empilhados entre livros com temas menos estigmatizados, com os códigos de barras posicionados para serem escaneados rápido, de modo que não percebêssemos nem julgássemos ou questionássemos nada. Nós sempre percebíamos, mas nunca julgávamos ou questionávamos as escolhas alheias. Afinal de contas, éramos profissionais.

Especialistas diziam que esses novos óvnis eram provavelmente lixo espacial, talvez civil, talvez militar — balões, drones ou algum outro tipo de artefato científico ou de vigilância. Inteligência não humana estava bem embaixo na lista de suspeitos.

— O que você acha que são? — perguntei.

— Hum? — Macon olhou para o lado e viu que eu estava encarando o computador dele. Eu sentia falta das nossas conversas e percebia que ele também. O trabalho ficava monótono sem elas.

— Deve ser algo bem sem graça — disse ele. — E não é como se fossem contar a verdade pra gente mesmo. — Embora não fosse um teórico da conspiração, o Macon desconfiava bastante do governo. Eu também não confiava, afinal, que americano seria capaz disso hoje em dia? Mas ele desconfiava havia mais tempo. Além disso, eu não me demorava na minha desconfiança do mesmo jeito que ele.

Não sei o que me levou à pergunta seguinte. Era algo que eu nunca mais tinha perguntado a ninguém, exceto a Cory, desde a infância. O tema era culturalmente vergonhoso demais, sobretudo para quem se orgulhava de ser bem-informado. Talvez eu só quisesse que o Macon continuasse falando.

— Você acredita em óvnis?

— Acredito — ele respondeu.

Fiquei surpresa com a resposta, mas também com a naturalidade com que ele disse aquilo. Ao longo dos anos, eu tinha lido alguns livros e assistido a vários

documentários da biblioteca. Passei da mais absoluta descrença para acreditar que havia *algo*, sabe-se lá o quê. O assunto era uma gaveta aberta na minha mente que eu vivia revisitando e remoendo, sem nunca chegar perto de concluir nada.

— Acredito que existem coisas lá em cima que nós, civis, e talvez até o governo e os militares, não conseguimos explicar. Simples assim — disse ele.

Assenti, um pouco desapontada.

— E a maioria das respostas é mundana, com toda certeza. Mas algumas não são. E as implicações e possibilidades são todas… bastante extraordinárias.

Nesse momento, me senti bem próxima dele por causa daquela bobagem que não era bobagem de verdade. Macon era mais inteligente do que eu. Tivera uma década inteira a mais para ler, pesquisar, pensar e observar o mundo. O que ele dizia tinha peso para mim. Pensava que ele fosse descartar o assunto de cara, mas sua curiosidade e mente aberta fizeram eu me sentir melhor sobre o que eu mesma pensava. Eu esperava ser motivo de chacota. Em vez disso, me senti reconfortada.

— Eu também acho — falei.

Os olhos dele brilharam só um pouquinho, apenas o suficiente para eu notar.

Foi a primeira vez que me perguntei se ele não era tão seguro de suas opiniões quanto parecia. Talvez ele também se preocupasse com o que eu pensava a respeito dele. A energia entre nós se realinhou e, pelo resto daquele turno, não conseguimos parar de conversar, imaginar, questionar e nos maravilhar com todas as possibilidades que existiam no universo.

Não demorou para que nossa frágil amizade começasse a se desintegrar de novo. Tínhamos tido uma boa sexta-feira e uma manhã de sábado ainda melhor, e aquela tarde eu estava na sala dos fundos ajudando um homem educado, recém-saído de uma longa sentença de prisão, a criar uma conta de e-mail. Grande parte do meu trabalho era dar suporte técnico, guiando as pessoas no preenchimento de tediosos formulários online. O sr. Brember lançava olhares atravessados para o homem, e eu os devolvia na mesma moeda. *Seja gentil*, articulei sem som. Sua expressão azedou

ainda mais, mas ele voltou aos seus planos de funeral. Felizmente, o homem não percebeu nada; estava absorto demais no opressor trabalho de reintegração à sociedade.

Uma pergunta cortou o burburinho do prédio:

— A Ingrid está trabalhando hoje? — A voz era alta, segura e tinha um forte sotaque do interior da Carolina do Norte.

Meu coração disparou. Me virei na cadeira e dei de cara com o Justin no balcão de circulação.

Macon confirmou que sim, eu estava trabalhando, no seu tom baixo e respeitável de biblioteca. Embora eu não conseguisse ouvir muito, percebi uma pontada de surpresa e cautela em sua voz — talvez porque o Justin não fosse um frequentador regular. Macon deve ter mencionado os computadores, porque Justin olhou na minha direção. Nossos olhares se encontraram, ele abriu um sorriso e eu acenei discretamente. Ele respondeu com um aceno enorme e fez sinal de que me aguardaria ali na frente até eu terminar.

— Como esperam que alguém memorize uma senha tão complicada? — resmungou o homem ao meu lado.

Demorei dez minutos para guiá-lo até o fim do processo, o tempo todo ruborizada e distraída pelos trechos de conversa que me chegavam: Justin perguntando sobre os vitrais, e Macon dando respostas curtas, tão incomuns a ele. Justin brincando sobre o perigo de manter a lareira acesa perto de tantos livros, e Macon nem se dando ao trabalho de fingir que não ouvíamos essa mesma piada várias vezes por semana. O que Justin estava fazendo ali? Até então, nosso relacionamento fora puramente carnal. Sua presença me deixava constrangida — eu queria que ele parasse de tentar puxar assunto com o Macon —, mas também me lisonjeava. Era mais um dia quente de inverno, e ele usava uma jaqueta leve sobre a camiseta. Sua postura era tão segura quanto sua voz, e era evidente, mesmo com a jaqueta, que ele tinha um belo corpo. Corpo de escalador. Senti um arrepio indecente para o ambiente de trabalho.

Ainda assim, quando me aproximei do balcão, meu plano era me esconder trás dele, evitando o constrangimento de ter qualquer contato físico na frente do Macon.

O plano fracassou quando o Justin me alcançou primeiro, me envolveu nos braços e me deu um beijo na bochecha. Embora o gesto tivesse saído natural, me afastei depressa e coloquei o balcão entre nós.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei. Não olhei para o Macon, mas estava ciente de que estávamos sendo observados.

Justin apoiou os quadris de modo sedutor no meu posto.

— Fui comprar uma bomba d'água nova na loja de ferragens ali do lado e pensei: será que a Ingrid está trabalhando hoje?

Abri os braços.

— Estou.

— E então me perguntei se você não quer sair hoje à noite. Talvez pra algum restaurante de verdade dessa vez. Ou ir ao cinema. Ou, sei lá, pode ser meio ousado, mas ouve só: jantar *e* cinema.

— Ah, hum… — Não consegui conter o sorriso. — Sim.

— Ótimo — ele disse.

— Ótimo — repeti.

— Então tá. Eu te mando mensagem pra combinar os detalhes. — Os olhos dele brilharam enquanto dava duas batidinhas triunfantes no balcão.

Assim que ele saiu pela porta, Sue e Alyssa apareceram do anexo.

— Quem era *esse*? — perguntou Alyssa.

Sue arqueou a sobrancelha.

— "Talvez pra algum restaurante de verdade dessa vez"?

— A gente já saiu pra beber algumas vezes — expliquei.

Na verdade, tínhamos feito isso uma única vez. Nas outras, fui direto para a casa dele. Eu estava tão surpresa quanto elas com o rumo dos acontecimentos; Justin aparecer para me convidar para sair na frente de todo mundo ia contra tudo o que os filmes, as séries (e até a maioria dos romances) me haviam ensinado sobre relações carnais. Mas, de fato, estávamos passando um pouco mais de tempo juntos, antes e depois do sexo. Eu não fazia ideia se aquilo era normal ou não.

Alyssa deu uma gargalhada.

— Olha a sua cara.

Corei ainda mais. Eu nem sabia direito o quanto gostava dele, apenas que gostava, e que tinha ficado empolgada em vê-lo de novo.

— O nome dele é Justin.

— Quantos anos ele tem? — perguntou Sue. Por causa do cabelo grisalho.

— Quarenta e um.

— Combina com ele — comentou Alyssa.

O maxilar do Macon estava travado quando ele agarrou um monte de livros recém-chegados e saiu decidido a colocá-los nas prateleiras. Eu estava me esforçando ao máximo para manter tudo isso longe dele, mas era difícil com os outros me provocando e pedindo histórias sobre os encontros que tinham dado errado. As pessoas não se cansavam. Mas aquilo era ainda pior. Nosso espaço de trabalho tinha sido invadido pelo homem com quem eu estava dormindo. Meus colegas eram educados demais para perguntar, mas nenhum deles precisava perguntar. *Macon* não precisava perguntar. Justin e eu tínhamos a linguagem corporal de duas pessoas que já tinham transado.

O que o Macon pensava de eu estar saindo com alguém mais velho do que ele? Às vezes eu me perguntava se esse era o motivo de ele ter me rejeitado, se a década que nos separava me fazia parecer jovem e imatura. Mas eu sempre me senti atraída por homens mais velhos, Macon obviamente incluso. No entanto, reconhecia que era estranho admitir isso, considerando meu longo relacionamento com alguém que tinha a mesma idade que eu.

Justin me disse para escolher o filme, e nos encontramos no cinema alternativo do centro. Havia um lançamento sobre Emily Brontë, mas não iria obrigá-lo a passar por aquilo, então fiquei com a segunda opção: um filme indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. O pôster prometia perigo e ousadia, mas eu devia ter lido as críticas, porque o filme se revelou sóbrio e introspectivo. Longas cenas contemplativas da protagonista nos obrigavam a encarar sua tristeza e tendência a autodestruição. Eu estava curtindo, mas as duas horas do filme vieram acompanhadas do desconforto de perceber que o Justin não estava. Ele se remexia no assento, impaciente com o ritmo

lento. Os planos-sequência me fizeram pensar em Tarkovski e Gareth, e como eu poderia estar relaxada ao lado dele. Mesmo que o Gareth porventura não gostasse do filme, estaria interessado. Um pensamento ainda mais perigoso me ocorreu: eu também não teria levado o Gareth ao filme da Brontë, já que ele não era leitor. Mas o Macon era. Eu poderia ter levado o Macon para ver qualquer um dos dois.

— Eu poderia te apagar da minha vida com um estalar de dedos — disse a protagonista ao namorado numa cena devastadora.

Justin não era meu namorado, mas ouvi o estalo do mesmo jeito. Quando o filme terminou de forma ambígua, Justin sussurrou:

— Acabou?

Apesar da promessa do "restaurante de verdade dessa vez", ele me levou à sidraria onde tínhamos nos encontrado pela primeira vez.

— Você gosta daqui, né? — perguntou ele.

Mas percebi que a decisão era mais pelo conforto dele do que pelo meu. Dividimos uma tábua de aperitivos, e aquilo não tinha nada a ver com nosso primeiro encontro. Tínhamos chegado ao limite da conversa. Ele falava de uma trilha que queria fazer, e senti que ele estava me sondando, tentando descobrir se eu toparia. Eu não via problema em fazer trilhas, mas essa em particular parecia longa e extenuante, equivalente ao filme que tínhamos acabado de assistir, mas ao ar livre. Nossa química sexual era suficiente para despertar curiosidade sobre nossa química fora da cama, mas ela não existia. E o que eu faria se *existisse*? Namorar pelos dez dias restantes e depois dispensá-lo quando o Cory voltasse? A gente já tinha se visto vezes demais. Mais que isso, a situação podia se complicar.

Estava prestes a pedir para que ele me acompanhasse até o carro quando um grupo de colegas do Cory entrou na sidraria. Meu sangue gelou. Pisquei e conferi de novo. Cory não estava com eles, ainda bem, mas antes que eu pudesse me virar discretamente, eles me viram, e o falatório cessou. Logo recomeçou com cochichos fervorosos. Voltei a olhar tranquilamente para o Justin como se aquilo não fosse nada de mais. Como se eu não tivesse começado a suar frio.

Justin olhou por cima do ombro para ver o que me incomodava, mas os amigos do

Cory já estavam de costas, indo para o bar.

— Está tudo bem? — perguntou.

Algo tomou conta de mim. Minha energia disparou, comecei a flertar de novo, ri mais alto das piadas dele. Ele ficou confuso, mas não descontente. Não me orgulhava do meu comportamento, mas também não suportava a ideia do Cory recebendo a notícia de que eu estava infeliz.

Ao sairmos, entrelacei meu braço no de Justin e o puxei para perto. Meus olhos brilhavam, até que entramos no carro dele e as portas se fecharam.

E o clima foi embora.

— Quer ir lá pra casa? — ele perguntou, hesitante. Já tinha voltado a ser uma pergunta, não uma suposição.

Eu não conseguia encará-lo, porque não conseguia encarar a mim mesma.

— Tô meio cansada.

Ele assimilou, depois assentiu. Quando me levou até o meu carro, parecia decepcionado, mas não magoado.

— Me liga se mudar de ideia.

— Obrigada — respondi com sinceridade. Mas eu sabia que isso nunca aconteceria.

A situação me deixou inquieta, insatisfeita e ruminando sobre relacionamentos. Não relacionamentos como os do aplicativo, mas relacionamentos como o que eu e Cory tínhamos. Cheios de conversa e risada e conexão. Decidi que chamaria Gareth para sair na última quinta-feira do mês. O pior que ele poderia fazer era dizer não, e como ele era um cara legal, pelo menos recusaria de forma educada. Claro que, se ele me rejeitasse, eu teria que me esconder no anexo toda quinta-feira pelo resto da minha vida de bibliotecária, mas, de todo modo, a situação deplorável com Macon provavelmente me forçaria a pedir demissão em breve.

Meu plano era chamar Gareth para ir ao cinema — um convite seguro, óbvio —, mas então Amelia Louisa Hatmaker, uma das nossas clientes favoritas, uma mulher

engraçada e um tanto excêntrica de meia-idade, nos repassou um presente generoso.

— Eu diria que estou ocupada, e estou mesmo — disse ela —, mas *na verdade* estou é com medo.

Nenhum de nós queria aquilo, mas prometemos encontrar um bom destino para o presente. Horas depois, ninguém tinha se interessado, e a novidade e a gratuidade daquele brinde se infiltraram na minha cabeça. Gareth chegou, e eu estava tão nervosa que por um instante perdi o contato com a realidade e mal consegui falar nada quando ele pegou seus cinco discos emprestados. Foi assim que me vi correndo e indo atrás dele no estacionamento antes que perdesse a chance para sempre.

— Ei! — soltei.

Ele se assustou e se virou.

Acelerei o passo e despejei a pergunta.

— Eu só queria saber se você gostaria de ir a um… passeio de balão comigo neste domingo. — Meu Deus, aquelas foram as palavras mais ridículas que já saíram da minha boca.

A expressão dele passou da confusão para a surpresa, para o prazer de ser convidado para sair — ele ia dizer sim! —, e depois voltou à confusão.

— O quê?

Entendia por que ele achou que tinha ouvido errado.

— É ridículo, eu sei. Foi presente de outra cliente. Todo mundo deu risada, mas não consegui parar de pensar nisso e me perguntei se… talvez… você gostaria de ir.

Não. Ele *não* ia dizer sim.

— Ah, si… sim. — disse ele num gaguejo adorável. — Claro. — Sua voz voltou a ficar confiante e brincalhona. — Quer dizer, eu adoro passear de balão.

— Adora?

— Não. Não penso em passeios de balão desde que era criança. De verdade. Nem uma vez. — Ele riu e coçou a barba rala. — Mas sim, acho que gostaria de passear de balão… com você.

A pausa me fez tremer por dentro. Trocamos números, ele me deu um sorriso tonto de descrença, e meu coração disparou quando passei pelas portas duplas.

— Você acabou de chamar ele para sair? — Macon perguntou.

Hesitei. Depois disse com um tom desafiador:

— Chamei.

Eu pensei que você tinha dito que não ia chamar nenhum cliente para sair. Ele não disse isso em voz alta, mas ficou no ar do mesmo jeito. Fui para trás do balcão e evitei o olhar dele. Um minuto depois, Macon tirou a caneta da orelha e apontou para mim.

— E aquele outro cara?

— Eu não estou saindo com os dois, se é isso que está perguntando.

Ele bateu a caneta rapidamente na mesa, prestes a dizer mais alguma coisa, mas então a enfiou de volta no lugar.

— Desculpa. Não é da minha conta.

Não era mesmo. Mas não conseguia evitar a sensação de que eu o envolvera naquilo.

— Tudo bem — murmurei, pegando o voucher do presente na gaveta e enfiando-o no bolso.

— *Passeio de balão?* — disse Macon. — Você vai mesmo fazer um passeio de balão com ele. Com o Gareth Murphy.

— Não — rosnei. — Vou com o sr. Brember.

Nosso ritmo estava tão fora de compasso que ele demorou alguns segundos para perceber que eu não estava falando sério. Sua confusão se transformou em entendimento.

— Sim, eu vou com o Gareth Murphy — falei.

A expressão dele se tornou sombria e furiosa.

— É, já sei.

— Então por que perguntou?

— Esquece que eu falei alguma coisa.

— Não vai ser difícil, já que você não fala mais comigo — rebati.

Ele se contraiu e eu me senti uma idiota no mesmo instante.

— Desculpa. — Minha voz baixou para um pedido quase silencioso. — Sei por que você não está falando comigo, e sei que quer que eu peça demissão, mas não

posso. Ainda não.

Ele pareceu perplexo.

— Eu não quero que você peça demissão.

— Ah.

Ele ficou sério de repente e depois se fechou num ar de sofrimento. Eu senti que ele queria se explicar e então, depois de lutar consigo mesmo, se fechou de novo. O cheiro de fumaça que vinha da lareira pareceu se intensificar, mas era só porque a faísca entre nós, tímida mas volátil, tinha se apagado.

CAPÍTULO SETE

— Este é o encontro mais estranho que já tive — disse Gareth. — E também o que começou mais cedo.

Chegamos em carros separados a um estacionamento abandonado às seis e meia da manhã e, de lá, fomos levados em uma van até o local de lançamento, a quinze minutos dali. Era uma fazenda, mas não havia gado pastando àquela hora. O piloto usou um balão de festa com hélio, pasme, para testar a velocidade do vento e disse que poderíamos voar ao nascer do sol. As peças foram estendidas, conectadas e verificadas, e então um grande ventilador começou a inflar o balão. Gareth e eu ficamos ali perto, assistindo àquele enorme tecido colorido de retalhos ondular, inflar e se encher.

Minha risada soou um tanto desesperada.

— É, desculpa. Eu não sabia.

Eu realmente não tinha me dado conta de muitas coisas até encaminhar para ele as instruções da empresa. Também tínhamos sido orientados a usar roupas quentes, sapatos confortáveis e toucas. Toucas foram mencionadas duas vezes.

Gareth sorriu.

— Faz parte da aventura, né?

Fiquei grata, porque parecia que ele estava falando sério.

Tremíamos enquanto bebíamos nosso café. Ele tinha trazido dois copos térmicos de casa, um gesto atencioso que me pareceu um bom sinal, apesar de a temperatura estar em torno dos cinco graus. Estava quente para uma manhã de fevereiro, mas frio para uma atividade ao ar livre. Como pedido, estávamos de touca. A dele era simples, vinho; a minha tinha um pompom felpudo no topo. Quando ele me viu, apertou de

leve o pompom e disse que eu estava bonita. Era a primeira vez que eu o via com roupas que não estavam sujas de obra. Ele também estava bonito, e falei isso. Sua expressão ficou tímida de prazer, o que só aumentou minha atração. Já tínhamos contado um pouco sobre nós, mas passamos a maior parte do tempo em uma conversa educada com os três funcionários da empresa do balão que estavam ali com a gente. De algum modo, eu havia esquecido o óbvio: não estaríamos sozinhos nesse encontro.

— Sabe — ele disse —, eu sempre quis te chamar para sair.

Isso me aqueceu mais do que o café, mais do que os elogios trocados.

— É mesmo?

— É, mas achei que era meio inapropriado. Tipo pedir o telefone de uma garçonete no restaurante.

— Eu também achava um pouco inapropriado te chamar pra sair — confessei.

— Além disso, por algum motivo eu tinha a impressão de que você morava com um cara.

— Ah — falei.

— Morava?

— Sim.

— E é muito cedo, tanto aqui no encontro quanto a essa hora da manhã, pra gente falar disso.

Dei risada.

— Com toda certeza.

O envelope do balão já estava cheio de ar, então o piloto acendeu o queimador e lançou fogo para dentro, vindo dos tanques de propano. O calor ergueu a estrutura. De perto, um balão de ar quente era algo gigantesco e impressionante. De repente, eu não sabia mais se queria ir. Gareth também parecia um pouco incerto.

— Você não tem medo de altura, tem? — perguntei.

— Não tenho, mas agora estou começando a achar que sim.

— Graças a Deus, porque eu também.

— Por que estamos fazendo isso mesmo? — ele perguntou.

— Por que é de graça?

— E por que é de graça mesmo?

— Hora de voar, crianças — gritou Tom. Já tínhamos descoberto que ele pilotava balões desde antes de nascermos, então não nos importamos em ser chamados de crianças. Deixamos os copos térmicos na van de apoio e corremos para não o decepcionar. Ficamos surpresos quando o integrante mais jovem da equipe, que eu imaginei que ficaria com o motorista da van, disparou à nossa frente e saltou com agilidade para dentro do cesto. Tom percebeu nossa reação e sorriu:

— Connor é piloto em treinamento. Ele vai me ajudar. Por isso vocês conseguiram um preço tão bom hoje.

— Eu não consegui nada — falei. — Foi um presente.

Tom soltou uma gargalhada:

— Acho que você tem um amigo meio mão de vaca.

Não me dei ao trabalho de explicar que quem tinha um amigo mão de vaca era Amelia Louisa Hatmaker, mas já estava ansiosa para contar tudo para ela. Sabia que ela ia achar graça.

— Não se preocupem — disse Connor. Ele tinha um bigode, mas bem ralo. Um princípio de bigode. — Eu só caí uma vez, e só dois passageiros morreram.

Gareth e eu rimos, entrando na onda da piada batida.

A gôndola era mais alta do que eu esperava, passando da minha cintura, e não tinha porta, por segurança. Tudo parecia tão pitoresco e frágil quanto um cesto de vime na sala de estar de uma avó.

— Não tem jeito elegante de entrar — explicou Tom, se divertindo com o nosso desconforto. — É só pular pra dentro… e rápido.

Gareth e eu jogamos as pernas por cima da gôndola ao mesmo tempo. Eu não queria parecer assustada, e presumi que ele também não. Ele fez um *uff* quando pousou, e Tom deu tapinhas em suas costas. Fiquei presa no meio do caminho, então Connor estendeu a mão para me ajudar. Ao tropeçar para dentro, trombei nele, que trombou com Gareth e com Tom. No mesmo instante, ficou claro o motivo: a gôndola, que já seria apertada com três pessoas, estava ainda mais cheia com o piloto

extra. Não havia como mudar de posição nem se mexer.

— Sorriam para a câmera — gritou o motorista da van.

— Ai, meu Deus — Gareth e eu dissemos ao mesmo tempo, enquanto éramos girados e esmagados um contra o outro num sanduíche de Tom e Connor.

— Vamos garantir que vocês recebam uma cópia da foto — disse Tom.

— Agora é um bom momento para selfies — disse Connor. — Ainda mais se sua câmera ou celular não tiver alça. Seiscentos metros é uma queda e tanto.

Nossas sobrancelhas se ergueram ao mesmo tempo, tanto pela menção da altura quanto pela ideia de tirarmos mais uma foto juntos.

— Vai ficar mais esquisito se a gente não tirar — sussurrei. Gareth concordou, então peguei o celular e bati uma foto de nós dois rindo, confusos e um pouco assustados. Atrás de nós, Tom terminou de dar instruções a Connor e esticou o braço acima de mim para soltar as amarras, e então aconteceu.

A decolagem foi suave — suave demais. Percebi que esperava algo extremo, sacolejante e cheio de vento como seria num biplano de cabine aberta, mas deixamos o chão com delicadeza, sem esforço. Subimos flutuando de modo quase onírico.

— Fico me imaginando caindo do cesto — comentou Gareth.

— Justo agora que eu estava começando a ficar tranquila — falei.

— Mas você vai ficar bem, já que é mais baixa do que eu. É mais difícil você tombar para fora.

Apontei para cima.

— Ei, reparou como o tecido do balão é fino e frágil?

— E olha como fica perto do fogo — disse Tom, entrando na brincadeira com alegria.

— Agora é com vocês nos ajudar a observar as linhas de energia, casas, árvores — comentou Connor. Nós rimos de novo, mas ele completou: — Não é brincadeira. Quatro pares de olhos são melhores que dois. Avisem se virem algum obstáculo que a gente não percebeu. — Ele tinha mudado para o modo sério de piloto em treinamento, e alisava o bigode ralo com autoridade.

Olhei nervosa para Tom, que respondeu com um sorriso. Outra rajada explosiva

de fogo estourou acima de nós. Gareth e eu nos assustamos e nos abaixamos, o que fez Tom iniciar uma palestra sobre como tudo funcionava: o ar quente era menos denso que o ar frio ao redor, e era por isso que o balão subia. A navegação consistia em subir ou descer o balão para pegar correntes de vento de diferentes velocidades e direções. E, no fim, nós aterrissaríamos… onde quer que a sorte nos levasse. Cada voo era único e irreproduzível, explicou Tom, e era por isso que ele nunca se cansaria.

Esse era o mesmo motivo pelo qual algumas pessoas não eram feitas para a monogamia. Elas se energizavam com o novo e o desconhecido, e sempre buscariam isso. Mas eu não era assim. Eu era apenas uma visitante nesse mundo, cruzando-o como o balão cruzava o nascer do sol. Por mais excitante que fosse sentir o braço de Gareth roçando no meu, tão perto que eu podia sentir o frescor mentolado do xampu dele, eu desejava ter uma vida inteira com uma única pessoa. E, quando tudo isso acabasse, essa pessoa ainda seria Cory.

Como seria meu futuro com Gareth, em vez disso? Era impossível imaginar, mas suponho que era porque eu não o conhecia. Mais perturbador era o fato de também ser difícil imaginar os detalhes do meu futuro com Cory. Quando compraríamos uma casa? Como ela seria? Para onde viajaríamos? Como passaríamos o resto da vida?

O balão agora deslizava sobre as montanhas, ainda envoltas em névoa matinal. As árvores estavam quase todas sem folhas, mas a vista era majestosa, e o cesto me parecia seguro e tranquilo. O céu brilhava em tons de roxo, rosa, laranja e amarelo. Nossa sombra se arrastava lá embaixo.

Connor monitorava a altitude, a velocidade do vento e outras coisas que eu não entendia, enquanto Tom observava tudo. Como viajávamos ao sabor do vento, não dava para ouvi-lo, só sentíamos uma brisa quando mudávamos de altitude. O voo seria quase silencioso não fossem as comunicações de Tom com a van de apoio e as rajadas ocasionais de fogo, que revelavam o verdadeiro propósito das toucas: proteger nossos couros cabeludos do calor dos queimadores.

Gareth se mexeu para olhar alguma coisa e esbarrou em mim.

— Desculpa. Você está bem?

Eu estava, e disse isso a ele. Estávamos nos esbarrando por acidente e nos

desculpando desde que o voo começou.

— Há quanto tempo vocês estão juntos? — Tom parecia genuinamente curioso, não apenas educado, e percebi na hora que ele vinha reparando na nossa linguagem corporal.

— Ah… — começou Gareth. Ele me olhou, e nós dois nos contorcemos de vergonha.

— Bem, nos conhecemos há alguns anos — falei.

— Mas, na verdade, este é … nosso primeiro encontro — ele completou.

Já sabíamos o que viria a seguir e não deu outra. Tom e Connor explodiram em gargalhadas incrédulas.

— Em meus quarenta e três anos de voo, já testemunhei muitos pedidos de casamento e viagens de lua de mel — disse Tom, balançando a cabeça —, mas só alguns primeiros encontros. Eu sabia que vocês dois eram especiais.

— É muito dinheiro para se gastar num primeiro encontro — disse Connor para Gareth.

— Foi de graça, lembra? — Gareth respondeu.

Tom riu ainda mais.

— E quem chamou *ele* para sair fui eu — acrescentei, porque percebi que Tom era do tipo que ainda se agarrava a ideias ultrapassadas e acharia isso hilário. E achou mesmo.

Felizmente, Gareth também decidiu que era mais fácil entrar na brincadeira. Então jogamos o jogo enquanto Tom e Connor nos provocavam falando que era romântico ver o nascer do sol juntos e indagavam se aquele par de gaviões-de-cauda-vermelha eram parceiros para a vida toda. Eles encostaram o balão num pinheiro e nos incentivaram a pegar umas agulhas de lembrança; mergulharam a gôndola perto de uma cachoeira e nos mandaram fazer um pedido especial para esse primeiro encontro. E como Gareth e eu tínhamos nos comprometido a nos divertir, nos divertimos.

Cory também era descontraído, mas, se não estivesse se divertindo, não conseguiria disfarçar. Se as piadas sobre namoro o incomodassem, ele estaria transbordando raiva e mau humor. Macon era igualmente incapaz de fingir estar de bom humor. Justin

teria adorado o voo — dava até para imaginá-lo como piloto —, mas fiquei aliviada que nenhum dos homens que assombravam
os meus pensamentos estivesse ali. Pela primeira vez, estava feliz por estar com quem estava.

Depois de cerca de uma hora, Tom apontou um campo arado para Connor e depois para a van de apoio.

— Talvez estejam pensando que vamos ter um pouso fácil — falou Tom. — Só que o vento ficou mais forte, então vou precisar que sigam minhas instruções à risca.

A diversão sumiu das nossas expressões.

— Não precisam ter medo — comentou Tom, se deliciando com a nossa cara. — Vamos nos inclinar contra o cesto, virar de lado assim e dobrar um pouco os joelhos para suavizar o impacto.

— Ah... você acha que o impacto vai ser muito forte? — perguntou Gareth.

— É só continuar se segurando nas alças para se apoiar.

— Connor? Você dá conta? — brinquei, desejando ardentemente que fosse Tom quem estivesse pilotando. Segurei a corda grossa e áspera com toda a minha força.

— Vai dar tudo certo — disse Gareth, me encarando fixamente de olhos bem abertos.

Olhei de volta.

— Muito certo.

O azul dos olhos dele era penetrante, e meu coração disparou quando sustentei seu olhar.

— Terra à vista! — gritou Connor, e a gôndola deu um tranco ao tocar o chão. O cesto quicou delicadamente pelo campo algumas vezes antes de tombar de lado e parar. Demos risada de novo, aliviados de emoção, como se tivéssemos acabado de sair de um brinquedo de parque de diversões.

Gareth e eu saltamos para fora e atravessamos a lama.

— Terra, doce terra — ele disse. A lama sujava nossas calças até os joelhos, e nossos tênis estavam submersos. O motorista da van nos recebeu com aplausos, balançando duas garrafas: champanhe e suco de laranja.

— Meu Deus do céu — falei. — Tem mais.

— Não me oponho a uma bebida agora — respondeu Gareth.

Tom recitou de forma pomposa o que chamou de "Oração do Balonista" e depois propôs um brinde para celebrar nosso bem-sucedido primeiro encontro — haha, quer dizer, voo.

Brindamos com nossas mimosas e tomamos tudo de uma vez só.

Agora que a aventura tinha acabado, o frio estava cortante enquanto ajudávamos a equipe a esvaziar o balão, enrolá-lo e carregar tudo para o reboque preso à van. Eles não pediram nossa ajuda, mas parecia indelicado não fazer nada. Trabalho concluído, voltamos ao estacionamento. Dei gorjeta para Connor, e Gareth para Tom. Daí eles ficaram parados nos olhando, então Gareth e eu nos abraçamos meio desajeitados sob os gritos brincalhões deles, entramos cada um no seu carro e fomos embora.

Melhor ou pior que o Justin?, Kat perguntou naquela noite assim que acordou.

Não fizemos nada, respondi.

O QUÊ? Mas… Foi um passeio de balão romântico!!

Exato. Muita pressão. Tivemos que ficar brincando o tempo todo para não ficar estranho. Ela me ligou por FaceTime.

— Que palhaçada. Não rolou nem um beijo?

— A gente teria plateia. Os pilotos não iam embora.

Ela riu. Ainda estava na cama, e o quarto atrás dela estava claro e ensolarado.

— Então foi só isso?

— Não faço ideia. Acho que sim. Eu te falei, foi tudo esquisito.

— Bem, foram meses estranhos. Mas pelo menos você está terminando o experimento em alta. — Ela abriu um sorriso. Segurou o riso.

— Ah. Foi uma piada de balão.

— Foi, sim.

— Viu as fotos que te mandei?

— Vocês parecem apavorados. Mas ele é mais bonito do que parece nas fotos que

achei na internet. Você já beijou alguém de barba?

— Não, mas o Primeiro Brandon estava a um ou dois dias sem se barbear e tinha mais pelos no rosto que Cory consegue deixar crescer.

Ela suspirou.

— Acho que vai ter que servir.

Fiquei surpresa ao receber uma mensagem de Gareth na noite seguinte. Acho que não deveria ter ficado. Afinal, eu é que o chamei para sair — sinalizando meu interesse e minha disponibilidade —, e a gente se divertiu, apesar de tudo. Claro que ele entraria em contato. Não sabia que meu namorado voltaria a morar comigo em dois dias. Nem sabia que eu tinha namorado, aliás.

Eu devia ter te levado para tomar café da manhã, ele disse. *Bora tomar café da manhã.*

Liguei para a Kat de novo.

— Ele quer ir tomar café da manhã. O que eu faço?

— Como assim, o que você faz?

— Quer dizer, é ético ir só para tentar ficar com ele amanhã? Sabe, só para dar um check no item barba?

— As pessoas costumam dar uns amassos depois do café da manhã?

— *Eu* vou dar uns amassos depois do café da manhã.

Ela hesitou.

— Não sei se você quer uma resposta de verdade.

— Então… a resposta é não.

Sabia que ela tinha razão, mas ainda assim fiquei irritada.

— Talvez sim, talvez não. Mas se você quiser fazer alguma coisa com ele, o mais *ético* seria primeiro contar o que está rolando.

Resmunguei.

— Qual é a outra opção?

— Não ir tomar café da manhã com ele.

— E a outra opção que não essa?

— Não contar, tomar café, colocar uma bala na boca, pegar o cara, nunca mais falar com ele e depois se sentir culpada pelo resto da vida por ter tratado ele desse

jeito.

— Mais coisas boas do que ruins.

— Olha, acho que você quer que eu te diga para ir em frente, e não vou te impedir de nada nem te julgar. Mas também não vou te encorajar. Ele parece ser um cara legal.

Gareth era um cara legal.

Que tal amanhã?, escrevi, ignorando o conselho de Kat e meu próprio instinto.

Ele respondeu rápido: *Tenho que estar na obra cedo. Duvido que você queira me encontrar às 6h! Quarta?*

Quarta-feira, depois de amanhã, já seria março. Eu só veria Cory de noite, mas me parecia antiético descumprir o nosso acordo.

Eu entro tarde no trabalho, e você me encontrou às 6h30 para andar de balão. Vamos considerar que estamos quites.

Serve só um restaurante ou devo marcar um passeio de rafting?

Caí na risada. *Vou me contentar com o restaurante.*

Lottie? Eles abrem cedo.

Senti um aperto no coração. O Lottie era meu lugar com Cory.

Que tal aquela cabine telefônica no centro? Eles servem docinhos de manhã.

Fechado, ele disse. E depois: *Nos vemos em… algumas horas então?!*

Algumas horas depois, ele me esperava ao lado da cabine telefônica com uma expressão que ficava entre um sorriso e uma careta.

— Eles não têm comida aqui, nem café. Só chá.

— Ah, não! — Eu o cumprimentei com um abraço. Ele estava de roupa de obra, mas cheirava a dia novo, fresco e limpo. Eu estava enrolada num casaco alegre e colorido que sabia que ele nunca tinha visto. — Jurava que tinham.

— Eu estava me perguntando como eles enfiavam doces dentro daquele quiosque minúsculo.

— Ai, desculpa. Você precisa de café?

Ele fez que sim, mas comprou um chai latte para mim antes de partirmos em busca de café.

— Talvez a gente devesse ter tentado se enfiar lá dentro com o barista — disse ele.

— Sabe como é, pra refazer a cena do balão.

— Dá pra dizer que são baristas mesmo que não sirvam café?

— A bibliotecária aqui é você. — Ele cutucou meu braço de leve, brincalhão. — Você me diz.

Fiquei surpresa com a leveza e a felicidade que senti em estar ali com ele. Já tínhamos piadas internas e uma certa cumplicidade. Eu sentia falta disso com Justin. Encontramos uma cafeteria, e quando ele me acompanhou até o meu carro uma hora depois, meu peito vibrava como se estivesse cheio de beija-flores. Percebi que ele queria me beijar, mas estava nervoso.

Eu o segurei pela jaqueta. Senti nas mãos a firmeza do algodão grosso, e ele sorriu, meio rindo, quando o puxei para mim. Seu hálito de café era reconfortante, e meu corpo inteiro se derreteu, ficando mais leve com o prazer de beijá-lo. Seus braços fortes me envolveram de calor. Eu queria levá-lo para algum lugar privativo para fazer coisas privativas com ele, mas, em vez disso, ficamos só nos beijando na calçada até ele perceber que estava quase atrasado para o trabalho. Seus lábios estavam tão vermelhos e machucados quanto minha pele pelo atrito da barba áspera.

Ele se despediu meio atordoado, e assim que desapareceu de vista, meu corpo explodiu num tremor. Essa reação inesperada escalou rápido. Violentamente. Corri para dentro do carro e estremeci, me despedaçando por dentro. Chorei, gritei. Abri a porta de novo e vomitei o latte na rua. Morrendo de vergonha, arranquei com o carro. Depois, fiquei duas horas em casa tomada por uma angústia primitiva, incontrolável.

Se ao menos eu o tivesse chamado para sair antes. Um ciclo tinha se formado dentro de mim, e eu sabia que nunca conseguiria fechá-lo. Cory voltaria para casa no dia seguinte. Eu queria que ele voltasse — *queria querer* que ele voltasse —, mas também não queria. Não estava pronta. Esses pensamentos me pareciam desleais, mesmo estando dentro das regras. Eu precisava de mais tempo, só isso. *Ainda não*, meu corpo gritava enquanto eu tomava outro banho para me acalmar. Enquanto dirigia para o trabalho. Enquanto cumprimentava os clientes e passava os livros no scanner. Enquanto Macon oscilava entre me evitar e perguntar se eu estava bem.

Não, idiota, eu não estou bem!, gritei.

— Tudo bem. — Foi o que respondi.

Naquela noite, tentei limpar o apartamento para a volta do Cory, mas o furacão emocional tinha me deixado esgotada. E se ele também precisasse de mais tempo? Essa possibilidade fez eu me sentir um pouco melhor, e logo depois, muito pior. Eu estava sem apetite, então pulei o jantar e fui direto para a cama, mas não consegui dormir. Acendi o abajur para ler, fazendo careta para o irritante *ding* da cordinha. A gente sempre odiou aqueles abajures. A pilha de livros na mesa de cabeceira me envergonhava conforme eu pensava em qual tentar de novo. Eu sempre começava a leitura achando que seria boa, mas logo perdia o interesse. Outro livro me chamava a atenção. Depois outro. Mas também não queria desistir de nenhum, por que e se eu perdesse algo excepcional? Assim a pilha só crescia, e eu não terminava nenhum deles. Duvidava ter passado da página trinta de um livro desde o início do ano.

No topo da pilha, meu celular piscou com uma mensagem de Gareth: *Somos ruins nesse lance de café da manhã. Bora pular e ir direto pro almoço.*

Peguei o celular em vez de um livro. Mas fui covarde e não respondi.

Março

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		
30 MAR		

CAPÍTULO OITO

Feitiço do tempo. Essa foi a mesa que nos coube. Senti o peso daquele filme como se Kevin tivesse me colocado ali de propósito, numa piada de mau gosto. Cory e eu estávamos atrasados de novo, e tive a sensação de que íamos repetir a mesma conversa de antes. Ele tinha pedido outro encontro na lanchonete, e eu não sabia direito o motivo, embora o lugar também me parecesse adequado. Talvez fosse um território neutro. Talvez o apartamento já fosse mais meu. Será que ele se incomodava de imaginar quem poderia ter estado lá durante sua ausência? Debati se deveria contar que não havia levado ninguém, que eu achava errado estar em casa com outra pessoa que não fosse ele.

Quando Cory finalmente chegou, parecia ainda mais agitado do que no nosso último encontro. As coisas tinham se intensificado. A comparação com o personagem Phil Connors me pareceu certeira, exceto pelo fato de que Cory e eu havíamos optado por viver o looping temporal, e Phil não. Demos um abraço antes de nos sentar e percebemos que a distância e a frouxidão entre nossos corpos também tinham aumentado.

Mas a amizade ainda estava ali. Cory sorria para mim, e o sorriso se espalhava na voz:

— Você *teve* um encontro. Meus colegas te viram.

Fiquei vermelha e baixei os olhos.

— É, imaginei que eles iam te contar.

— E aí? Rolou? — Se fosse uma mensagem de texto, viriam dezenas de pontos de interrogação e exclamações depois da frase.

Assenti, e ele explodiu em uma risada de pura alegria. Depois ficou em silêncio.

Balançou a cabeça e franziu a testa. E congelou no lugar.

— Sabe — ele disse. — Eu não sei como reagir.

Dei uma risada curta e baixa.

— Imagina eu.

— É estranho, não é?

— É a única palavra que uso descrever essa situação. — Agarrei minhas coxas por debaixo da mesa, em busca de conforto. Pela primeira vez, percebi que não me preocupei com a possibilidade de ele me dar um anel naquela noite.

E ali, olhando para ele, tive certeza de que meus instintos estavam corretos.

— Iggy, eu preciso te falar uma coisa. Ainda não estou pronto.

Eu esperava sentir uma onda de alívio, e ela veio. Mas, ao mesmo tempo, uma parte irracional de mim também ficou magoada e chateada. Eu não queria que ele voltasse para casa, mas queria que ele quisesse voltar. Não sabia se queria me casar com ele, mas queria que ele quisesse se casar comigo.

— Diz alguma coisa, Ig. Fala comigo.

Meus dedos se cravaram mais fundo nas pernas.

— Eu também preciso de mais um mês.

Ele estava inclinado para a frente, mas logo desabou de volta no assento.

— Meu Deus. Você me assustou. Por um segundo, achei que não estávamos mais na mesma página.

Era estranho ele dizer isso. Claro que ainda estávamos na mesma página, mas a nossa página agora estava em dois livros diferentes. Estávamos encenando duas histórias separadas.

— Mas você ainda quer voltar, né? — perguntei.

Ele se endireitou de novo, nervoso e pronto para me tranquilizar.

— Claro. É que fevereiro foi um mês tão curto, sabe? — Sua expressão mudou para medo. — *Você* ainda quer?

— Claro — respondi, porque achava que queria.

Estendi as mãos para tocá-lo — eu precisava tocá-lo —, mas nesse momento dois copos vermelhos de plástico cheios de água foram colocados com força sobre a mesa

entre nós. Nos assustamos. Era Hank, o mesmo garçom esguio de um mês antes.

— Oi, gente — disse ele. — Vou atender vocês hoje. Querem mais alguma coisa para beber?

— Uma Coca, obrigado. Na verdade, acho que já estamos prontos pra pedir — disse Cory, olhando para mim em busca de confirmação. — Vou querer o frango empanado com batatas fritas, e ela vai querer um sanduíche de queijo-quente com sopa de tomate.

Hank tocou a cabeça raspada e depois foi embora com passos leves.

Cory disse algo que não entendi.

— Hein? — Eu ainda estava observando Hank. — A vibe de *Feitiço do tempo* está forte hoje.

— O quê? Ah, é. A mesa.

Não era bem a isso que eu me referia. Estávamos fora de compasso e confusos, mas o que mais importava estava evidente: o feitiço continuava. Nós dois precisávamos de mais tempo.

Mandei uma mensagem para Gareth do estacionamento da lanchonete. *Almoço amanhã?*

Nossos horários não batiam, então combinamos o encontro para o fim de semana. Mas eu tinha esquecido que o dia seguinte era quinta-feira, o dia em que ele ia à biblioteca, e fiquei animada quando ele lembrou que nos veríamos de qualquer forma. Fui trabalhar de vestido e caprichei no cabelo.

— Uau, olha só pra você — disse Alyssa quando cheguei. Ela estava atrás do balcão, sentada na minha cadeira, fazendo o turno da manhã na recepção. — Cory deve estar voltando pra casa.

Me sobressaltei ao ouvir o nome dele.

— A Sue e o Macon disseram que isso não ia acontecer — ela continuou. — O Elijah estava em dúvida. Mas eu sabia que o Cory ia voltar.

Senti um calor no corpo.

— Vocês andaram apostando?

— Apostando não. Especulando.

Joguei a bolsa com força sobre a mesa.

— Pois especulou errado.

— Quem errou? — perguntou Sue, surgindo do anexo. Não era uma pergunta genérica. Ela estava ouvindo a conversa.

Estava com medo de contar, mas não havia como fugir.

— Cory e eu estendemos o experimento.

— Aha! — falou Sue para Alyssa, que parecia decepcionada comigo. Não sabia se por motivos morais ou só porque ela tinha perdido.

Macon entrou no prédio andando arrastado.

— A gente acertou — Sue disse para ele. — Nada de Cory.

Eu esperava que ele fosse ignorá-la — era sempre mais rabugento quando chegava, e era cedo demais para fofocas —, mas ele parou. Ficou me encarando. Eu o encarei de volta.

— Você está bem? — ele perguntou, e só então as outras se lembraram dos modos e também perguntaram como eu estava.

Antes que eu pudesse responder, Elijah chegou para o seu turno. Soltou um assobio quando me viu.

— É aquele cara!

— Que cara? — perguntaram Sue e Alyssa.

— O cara da quinta-feira à noite. Esqueci que você tinha chamado ele pra sair. Você se arrumou toda pra ele, não?

Eu não fazia ideia de que Elijah tinha ouvido minha briga com Macon por ter chamado Gareth para sair. Alyssa se inclinou, curiosa:

— Que cara da quinta-feira? — perguntou. Ela e Sue não conheciam Gareth porque ele sempre chegava quando elas já tinham ido embora.

Macon foi até o anexo para guardar o almoço na geladeira. Quando voltou, os outros três ainda estavam em volta de mim, me pressionando.

— Deixem a gente em paz — ele rosnou.

Elijah e Alyssa se dispersaram na hora. Sue levantou as mãos em rendição e se afastou devagar, mas deu uma olhadinha para trás antes de sumir. Com a sobrancelha erguida.

A gente. Macon não falou *me deixem em paz* ou *deixem ela em paz*. Ele nos agrupou. Era uma coisa pequena, mas me agarrei a isso.

— Valeu — falei.

Ele se jogou na cadeira, exausto.

Como ele sabia que Cory e eu precisaríamos de mais um mês? E o que ele achava disso? Eu odiava que sua opinião ainda fosse tão importante para mim, mas eu felizmente tinha uma distração. À medida que o relógio se aproximava da hora de Gareth chegar, a adrenalina foi aumentando. Eu não sabia por que me sentia menos envergonhada de estar com Gareth do que com Justin na frente do Macon. Talvez porque ele já sabia das coisas com Gareth, ou talvez porque nossa briga me deixou mais teimosa. Ou, quem sabe, era porque estava tão frustrada que uma parte cruel de mim queria esfregar isso na cara dele.

Mas ele não me deu essa oportunidade. Assim que Gareth apareceu, Macon desapareceu para regar as plantas. Não liguei. Fiquei radiante de revê-lo. Não nos abraçamos e ele não me deu um beijo na bochecha como Justin tinha feito. Sua aproximação foi tímida, mas depois flertamos sem parar, e quando ele finalmente foi embora — depois de passar muito mais tempo no balcão do que de costume e ser discretamente expulso por outro cliente, que começou a pigarrear, impaciente —, eu estava delirante de desejo.

Macon bateu o regador de metal com força na nossa mesa e eu dei um pulo. O estrondo metálico reverberou pela biblioteca silenciosa.

— Ei! — gritou Elijah.

Fiquei olhando para Macon, atônita, até que ele me encarou. Depois se encolheu de vergonha.

— Tô com dor de cabeça — murmurou, como se isso explicasse alguma coisa.

Se eu não o conhecesse, pensaria que ele estava com ciúmes. Aliás, ainda jurava que ele estava. A excitação se acendeu em mim, mas logo foi consumida pela raiva. Eu

tinha tentado, e ele me disse não, então agora não tinha o direito de sentir porcaria de ciúme nenhum.

Meu humor transparecia, porque Macon não recuou. Ele se armou, se sentando com as costas rígidas. A expressão dura. Ficamos nos encarando feito dois animais selvagens.

— Encontrei bacon no meu romance policial — alguém cantou.

Nos viramos para o homem que entrava na biblioteca.

— Minha nossa — disse o sr. Garland, olhando surpreso para nós. — O que foi que eu interrompi?

— Nada — eu disse, ao mesmo tempo que Macon perguntava:

— Bacon?

— Uma tira de bacon frito — confirmou o sr. Garland, abrindo o livro de capa dura nas mãos. — Quem pegou por último deve ter usado o bacon de marcador.

Macon suspirou.

— Mas não é possível.

— Foi o que eu disse — retrucou o sr. Garland. — Não via a hora de mostrar pra vocês.

Macon pegou o bacon com os dedos em pinça, o jogou no lixo e examinou as páginas engorduradas com nojo.

— Quer que eu peça uma cópia de outra biblioteca pra você? — perguntei.

O sr. Garland abanou a mão, distraído.

— Não, só virei a página e continuei lendo. É um ótimo livro.

Apesar de a tensão já ter diminuído, Macon e eu continuamos mal-humorados e bravos um com o outro até o fim da manhã seguinte. A correria que se seguia à hora da contação de histórias estava quase acabando quando o telefone tocou. Era uma mulher idosa, de voz trêmula.

— Posso falar com o Macon Nowakowski, por favor?

— Claro. Ele está atendendo alguém, mas já vem.

— Obrigada — disse ela.

Enquanto eu esperava Macon terminar de registrar uma pilha de livros ilustrados

para uma mãe acompanhada do filho — um menininho do jardim de infância simpático, apaixonado por baleias, tubarões e especialmente tubarões-baleia —, tive uma reação atrasada. A voz acendeu uma lembrança na minha mente, e percebi que a mulher tinha pronunciado corretamente o sobrenome de Macon. Apertei o telefone contra o peito.

Ele notou a mudança na minha energia e olhou para mim.

— Acho que é sua mãe — eu disse.

O rosto dele murchou. Fui terminar de registrar os livros, assim ele poderia atender a ligação. Em todos os meus anos trabalhando ali, a mãe dele nunca havia telefonado. Só reconheci a voz porque ela costumava aparecer na biblioteca logo que comecei no trabalho. Ela ainda morava na cidade, mas sua agorafobia tinha piorado a ponto de impedi-la de sair de casa. Como o filho, era uma leitora voraz, então agora ele levava os livros até ela. Macon também fazia as compras, cozinhava muitas das refeições e cuidava do jardim. Tomar conta dela era praticamente um segundo emprego.

— O que aconteceu? — ele perguntou. E depois: — Ela está bem?

Mas não era só com a mãe que ele tinha que se preocupar, e ficou óbvio que a má notícia de hoje tinha a ver com a tia. Macon era filho único, o pai nunca estivera presente, e a única parente próxima era a irmã da mãe, que tinha ajudado a criá-lo antes de se casar e se mudar. O marido dela havia falecido alguns anos antes e, pouco depois, ela machucara as costas tentando limpar as calhas do telhado. O médico receitou opioides para a dor. Deu no que tinha que dar: ela já tinha sofrido mais de uma overdose e entrado e saído de várias clínicas de reabilitação.

— Ela ainda está lá? — ele perguntou.

Christina Castillo, a mãe do menininho, também estava ouvindo a ligação. Trocamos um olhar preocupado. Ela me deu um aceno firme — *Espero que dê tudo certo* — e, em seguida, forçou uma expressão animada antes de ir embora com Miguel e seus livros de tubarão.

— Eu resolvo isso — declarou Macon. — Não, tudo bem. Vou ligar pro Will. Isso, estou saindo agora. Vou tomar cuidado. — Ele desligou.

— Eu seguro as pontas por aqui — falei. — Pode ir.

— A Bonnie foi presa de novo. Está sendo transferida pra outra clínica de reabilitação, ou já foi, não tenho certeza, mas a vizinha ligou pra minha mãe e, pelo visto, a casa da minha tia está um caos. Preciso ir até Durham pra resolver isso. — Normalmente era o enteado de Bonnie, Will, quem cuidava dessas situações, mas ele estava morando em Mianmar por um ano, acompanhando a esposa em missão com os Médicos Sem Fronteiras. Macon já esperava ter que intervir em algum momento. Puxou o encosto da cadeira para pegar o sobretudo, mas ele já o estava vestindo. Tinha passado o dia todo com ele. Foi recitando os planos, metade em voz baixa, metade em voz alta:

— Vou ter que ligar pros vizinhos, pedir pra darem comida pro Edmond… Merda. Eles tão viajando.

Dei um passo à frente.

— Eu posso dar comida pra ele. De manhã, certo?

— E à noite.

— Ah. Achei que o dono dele desse comida à noite.

— O Edmond não mora mais com ele. Mora comigo. É o meu gato.

Ergui as sobrancelhas.

— Sério? Quando isso aconteceu?

— Hum, no fim de janeiro. O Shawn se mudou pro litoral e não quis levar o gato.

— Meu Deus — falei, porque não conseguia me imaginar deixando um animal para trás. Porque Macon não tinha me contado, sendo que sempre sentei ao seu lado. Doeu.

Ele desapareceu no anexo para falar com Sue e voltou um minuto depois, procurando as chaves no bolso.

— De manhã e à noite — eu disse. — Pode deixar comigo.

— Tem certeza?

— Claro. Posso dar comida e brincar com ele. Pegar sua correspondência. O que você precisar, pelo tempo necessário.

— Não quero te dar trabalho. Sei que você anda ocupada…

— Pelo amor de Deus, Macon. Não é trabalho nenhum. — Não era para soar tão ríspida.

Ele me encarou de novo antes de ceder.

— Vou deixar uma chave reserva embaixo do menor vaso da entrada, e as instruções vão estar lá dentro.

Saí do trabalho e fui direto para a casa de Macon. O bairro dele era mais antigo e menos iluminado que a maioria dos lugares em Ridgetop. Havia menos luzes na rua. Menos *postes*. Ele tinha sorte de morar numa área da cidade que ainda preservava os rebuscados postes originais. Eles iluminavam menos que os altos postes das avenidas principais, mas davam um charme especial ao bairro cheio de curvas e árvores. Macon já tinha me dito que preferia esses postes porque produziam menos poluição luminosa, o que era melhor para os pássaros e outros animais. Eu nunca tinha me dado conta dos efeitos da poluição luminosa, mas agora pensava sempre nisso — em todos aqueles pobres chapins e esquilos tentando dormir.

Eu já tinha ido à casa de Macon uma vez, muito tempo atrás, no meu primeiro ano como bibliotecária. Ele tinha nos convidado para um jantar: Sue e Russell, Alyssa e Tim, Cory e eu. Nosso ex-colega Richard e a esposa dele, Lucy, também estavam presentes. Magro feito um graveto e de barba branca, Richard parecia um Papai Noel esquelético. Ele geralmente era tranquilo, exceto quando começava seus inflamados discursos sobre mudanças climáticas. Ele e Macon ainda se encontravam algumas vezes por ano para descarregar a raiva. Richard já estava na casa dos setenta quando fui contratada, aposentado do Serviço Nacional de Parques. O trabalho na biblioteca era para ser temporário — uma renda extra para ajudar nas contas médicas de Lucy —, mas ele acabou ficando por seis anos.

No mês seguinte, seria o aniversário de cinco anos da minha contratação. Para mim também era para ser um trabalho temporário, mas não foi. Eu nem sabia ao certo quando aquilo tinha virado uma carreira. Era um bom emprego e eu me sentia sortuda, então por que não o amava como deveria? Não sabia como conciliar o fato de

ter um trabalho desejável em que eu era competente, e ainda assim me sentir insatisfeita. Eu parecia mimada. E mesmo entediada e inquieta, eu entrava em pânico sempre que Sue mencionava o curso de biblioteconomia, que poderia me tirar do balcão. Não fazia sentido. Ela vinha insistindo de novo, e eu sabia que precisava me inscrever, mas não era a hora certa. Não conseguia me imaginar de volta aos estudos, assim como não conseguia imaginar uma vida com Cory diferente do que já era. Por que meu futuro sempre parecia tão estático?

Prometi a mim mesma que me inscreveria no curso quando Cory voltasse. Quando as coisas estivessem tranquilas de novo e estivéssemos seguindo em frente.

Reduzi a velocidade para ler os números das casas e, como lembrava, a de número vinte e quatro estava exatamente onde deveria estar. Era estranho como eu ainda sabia a localização depois de tantos anos. Mesmo no escuro, a casa de Macon era fácil de encontrar.

Estacionei na entrada e conferi a caixa de correio. Estava vazia. Então fui procurar a chave, que estava exatamente onde ele dissera. A porta da frente tinha uma janela redonda. Eu me lembrava disso também. Agora estava escuro, mas na noite da nossa reunião ela brilhava como um sol.

A casa inteira estava quente e acolhedora. Havia velas em todos os cômodos, tapeçarias boêmias nas paredes, plantas, tapetes, almofadas, cristais e pedras enfeitando os peitoris, e cadeiras suficientes para todo mundo se sentar confortavelmente. O jantar tinha sido preparado com cuidado, um menu completo com vários pratos, e Sue e Richard levaram vinho. Fiquei constrangida por não ter levado nada, mas felizmente Alyssa também não levou. Éramos jovens, não conhecíamos as regras dos adultos, e trocamos risadinhas aliviadas longe dos outros. A comida estava excelente, a conversa, animada, e até a minha ansiedade com festas se dissolveu naquela atmosfera de companhia fácil, com todos corados de vinho e gargalhadas.

Só agora, ao cruzar novamente aquele limiar, percebi o quanto eu guardava essas lembranças com carinho. Sempre que Macon mencionava sua casa, eu a imaginava suspensa em âmbar, quente e iluminada por velas. Mas quando encontrei o

interruptor — um botãozinho, outro detalhe encantador —, não havia velas, nem almofadas, nem cristais reluzentes. Quase não havia móveis. A casa estava limpa e organizada, mas também fria e vazia.

Eu estava olhando para a ausência de uma pessoa. A ausência de *Danielle*. Porque é claro que a ex-namorada dele também estava naquele jantar.

Um incômodo esquecido, mas familiar, me atravessou. Macon e Dani foram parceiros por muito tempo. Eu gostava dela, mas também não gostava. Eu a conhecia, mas ao mesmo tempo mal a conhecia, e me agarrava a cada migalha de informação que Macon deixava escapar. Ela era uma daquelas pessoas boas que faziam eu me sentir mal por não estar à sua altura. Dava aulas na Escola Apalache de Fitoterapia e, como Macon, alimentava-se de forma saudável. Meditava e fazia ioga. Nunca usava maquiagem, mas tinha a pele perfeita, ou seja, não precisava usar. Se eu tivesse aquela pele, também não usaria. Mas ela era pessimista como Macon, só que com bem menos leveza. E nunca pareceu gostar de mim — eu suspeitava que fosse sorridente demais, leviana demais para o gosto dela. Ainda assim, naquela noite, nas minhas lembranças, ela também estava feliz, rindo junto com os outros.

— Edmond? Edmond Dantès? — chamei na escuridão que se aprofundava dentro da casa. — A gente nunca se viu, mas sou amiga do seu pai. — Parecia bobo, mas achei importante me apresentar para o gato. Mesmo que *amiga* talvez não fosse a palavra certa. Era como falar com uma criança pequena, escondendo as partes difíceis.

A casa respondeu com silêncio.

Eu nunca tinha tido um gato, mas, quando era criança, minha família teve um cachorro basenji. Trixie tinha um pelo avermelhado com manchas brancas, adoráveis orelhas pontudas, um rabinho enrolado e uma mente calculista que sabia esperar Riley e eu sairmos do quarto para destruir nossos brinquedos favoritos. O latido dela soava como um canto tirolês, ela roubava comida direto do prato e se recusava a pisar na grama. Eu amava nossa cadela arteira e terrível, mas Trixie era devota da minha mãe e não dava a mínima para o resto da família.

Já Cory tinha crescido com vários labradores.

— São grandes, brincalhões e cansam meus meninos — a mãe dele me contou uma

vez.

Cory era o caçula de três irmãos, e quando estavam juntos, eram pura energia, lutando sem parar e fazendo queda de braço. Cory e eu também queríamos ter um cachorro, em algum momento. Planejávamos adotar um vira-lata, mas estávamos esperando ter um quintal cercado primeiro.

Senti uma onda de triunfo com aquele vislumbre do nosso futuro: um cachorro. A gente teria um cachorro. E ainda assim, apesar do meu amor por cães, essa visão não me encheu de entusiasmo nem de expectativa.

— Edmond? Ed? Eddie?

Deixei a chave e a bolsa sobre a mesa e inspirei fundo, devagar. O ar cheirava a Macon. Meu coração doeu.

Um gato bicolor, preto e branco, deslizou até a sala.

— Oi, tudo bem? Posso te fazer um carinho?

Edmond parecia interessado, mas desconfiado.

— Quer me mostrar a cozinha? Fica aqui atrás, né?

Fui apertando os botões para acender mais luzes enquanto avançava pela casa. Meus passos ecoavam pelos cômodos silenciosos.

Edmond me seguia a uma distância cautelosa.

As instruções sobre como cuidar do gato estavam no balcão da cozinha, exatamente onde eu esperava encontrá-las. A caligrafia me provocou outro aperto no peito. Era bom ser próxima o suficiente de alguém para reconhecer sua letra. Ver aquilo era quase como ver o próprio Macon. O rabisco desalinhado, mas preciso, era inconfundivelmente dele. Passei os dedos pelo papel e senti as marcas deixadas pela caneta.

Edmond se mexeu atrás de mim, me lembrando da minha missão. Eu lhe dei uma mistura de cavala com cordeiro, lavei a lata e a joguei no lixo reciclável. As instruções diziam que trocar a água e limpar a caixa de areia eram tarefas da manhã.

Ao lado da pia, havia uma saboneteira com duas barras de sabão. Como a nota não especificava qual deles era para as mãos, escolhi no chute. Depois tirei uma foto de Edmond comendo e rascunhei uma mensagem. *Tudo certo! Espero que você tenha feito*

boa viagem pra Durham e que sua tia esteja bem. Depois de pensar um instante, acrescentei um emoji de coração vermelho e enviei. Eu costumava colocar corações nas minhas mensagens, então sabia que ele entenderia que era apenas carinho de amiga, algo nada romântico. Seria mais suspeito se eu não tivesse incluído o coração.

Edmond ainda estava comendo. O prato raspava de leve no piso de azulejo, e o cheiro enjoativo de carne molhada se espalhou pela cozinha.

— Hum, que delícia, hein. Tá gostoso? — perguntei, me abaixando para tentar fazer carinho nele.

As orelhas dele se colaram à cabeça, e ele recuou para longe da minha mão. Não estava pronto para fazer contato físico com uma estranha. Entendi e respeitei.

— Recado recebido, campeão. Te vejo de manhã.

Mas, no meio do caminho até a porta da frente, parei.

O vazio fantasmagórico da casa me envolveu. Ela tinha sido construída nos anos 1930 e a estrutura parecia ter resistido a qualquer modernização. O piso, os acabamentos, os acessórios, tudo parecia original, e a impressão geral era de muita madeira exposta. As paredes e superfícies estavam em sua maioria desocupadas. Na sala de jantar havia apenas uma mesa pequena e duas cadeiras. A sala de estar era anormalmente comprida, ocupando quase toda a frente da casa, e Macon improvisara um canto com um sofá gasto, uma mesinha de centro e uma mesa lateral com um abajur. Em frente, havia uma televisão empoeirada. O resto daquele espaço enorme estava desolado, exceto por um arranhador e várias mantas e caminhas cobertas de pelos, confirmando minhas suspeitas: Macon gastava mais dinheiro com Edmond do que consigo mesmo.

A escuridão no fundo da casa parecia me chamar. Acendi a luz do corredor e surgiram quatro portas, três abertas e uma entreaberta.

Na minha memória, aqueles cômodos eram pequenos, e o primeiro era um escritório. Sorri ao descobrir que a escrivaninha de Macon e as estantes abarrotadas ainda estavam ali. Naturalmente, perdi alguns minutos inspecionando as lombadas dos livros. A coleção era dividida em ficção e não ficção, tudo em ordem alfabética. Havia uma porção de clássicos e edições da Everyman's Library, algumas ainda com

etiquetas de sebos. Volumes sobre meio ambiente, história, ciência e economia. Vários romances antigos e amados da infância dele. Livros de jardinagem, alguns que reconheci das vendas da Associação de Amigos da Biblioteca. Um livro novo sobre cuidados com gatos. Meu peito doeu com a sensação de familiaridade. Se me mostrassem uma lista daqueles títulos, eu saberia exatamente a quem pertenciam. Tudo ali estava certo.

O cômodo ao lado costumava ser de Dani. As paredes já tinham estado cheias de móveis e objetos, mas agora havia apenas um tapete redondo no centro, um pufe lilás e uma mesinha baixa com um sino. Antes o cheiro era de incenso. Agora cheirava a caixa de areia. Para ser sincera, o incenso talvez fosse pior. Caixas de papelão se espalhavam pelo chão, havia um poleiro diante da janela, e a caixa de areia com todos os seus apetrechos estava num canto.

Edmond passou correndo por mim, me assustando, e pulou no poleiro.

— Então o Macon transformou esse no "quarto do Edmond"? Aposto que sim.

Embora estivesse olhando pela janela, seu corpo estava voltado para mim. Seus olhos verdes eram vigilantes, intensos.

Segui adiante. O próximo cômodo era o banheiro — como a casa era antiga, só havia um —, e aproveitei para usá-lo. Era ainda menor do que o do meu apartamento, mas muito mais charmoso. Assim como no resto da casa, os acessórios pareciam originais, e os azulejos estavam bem conservados. Com uma demão de tinta e alguns detalhes decorativos, poderia ficar encantador. Lavei as mãos com outra barra de sabão com cheiro de Macon. Levei os dedos ao nariz, e uma tristeza pesada me cobriu como um manto. De repente, lágrimas ameaçaram brotar.

Edmond me esperava no corredor.

— Ah. Oi pra você de novo. — Estendi os dedos para que ele pudesse me farejar.

Ele não se mexeu. Estava intrigado, mas precisava me observar melhor.

O último cômodo era o da porta entreaberta. O único que eu não tinha visto na visita anterior. Lancei um olhar para o gato, como se ele pudesse me dedurar, e empurrei a porta com cuidado. Não tive coragem de acender a luz. Fiquei no batente do quarto de Macon e observei o que a claridade do corredor me permitia ver. Não

era muito. Uma cômoda grande com espelho, a cama arrumada, duas mesas de cabeceira e dois abajures.

A tristeza voltou e me envolveu. Fora as duas cadeiras da sala de jantar, aquelas mesas e abajures eram a única evidência que notei de uma segunda pessoa — ou da esperança de haver uma segunda pessoa. Eu não sabia se Macon queria voltar a namorar. Era um daqueles assuntos que nunca mencionávamos. O Macon do futuro vivia na minha mente em duas versões: em outro relacionamento de longo prazo ou em paz, sozinho, para o resto da vida.

Puxei a porta até a posição em que estava.

Ele não falou nada sobre a luz da varanda, mas eu a acendi mesmo assim. Seria perturbador demais deixar Edmond e a casa no completo escuro. Tranquei a porta e levantei o vasinho para devolver a chave. Mas… ela era minha até ele voltar. Então devolvi o vaso no lugar e enfiei a chave no bolso. Ela irradiava calor lá dentro.

CAPÍTULO NOVE

Naquela noite, enquanto tentava pegar no sono, percebi a ausência de uma coisa: eu não tinha visto uma única planta. Será que antes havia? Eu não tinha certeza, mas na minha memória havia plantas. Macon cuidava com tanto carinho das plantas da biblioteca e dedicava tantas horas ao jardim dele. Era impossível imaginar que não estivesse cercado de verde. Será que Dani as tinha levado embora? Ou será que ele se desfez delas quando Edmond chegou? Muitas plantas eram tóxicas para gatos e cães.

Me virei na cama, pensando no jardim. Fazia anos que eu separava restos de comida para a composteira de Macon — literalmente estava ajudando a adubar o jardim dele —, e mesmo assim nunca o vira. Sempre ensacava os restos e os levava para a biblioteca. Ridgetop não tinha coleta de compostagem, então os moradores precisavam dirigir até alguma instalação comercial ou criar pilhas de composto orgânico nos próprios quintais. Para a maioria das pessoas, as duas opções davam trabalho demais. Macon não era como a maioria das pessoas. Ele me fazia um favor ao levar meus restos, mas eu também fazia um favor a ele. Seu jardim era notoriamente enorme, cada centímetro de terra ao redor da casa era cultivado, então ele precisava do adubo. Mas como era possível que eu nunca tivesse visto o tal jardim?

Naquela noite estava escuro demais lá fora, mas na visita anterior também estava. E embora fosse verdade que éramos apenas colegas de trabalho, eu passava mais horas com ele do que com qualquer outra pessoa. O jardim era importante para Macon, e ele era importante para mim. Eu devia ter pedido para ele me mostrar o lugar. Se eu tivesse me esforçado mais para conviver com ele fora do trabalho, quem sabe nossa amizade seria mais sólida e eu não teria tentado beijá-lo. Tudo voltava para aquele beijo fracassado. Meu coração doía de forma física, um vazio escavado em forma de

Macon. Eu devia me esforçar mais para voltar a ser amiga dele. Não devia provocá-lo até começarmos a brigar. Principalmente porque, se eu fosse mesmo fazer o curso de biblioteconomia — se não largasse o emprego antes —, ele *continuaria* na minha vida, pelo menos até eu conseguir outra vaga em outro lugar. E isso levaria alguns anos. Minha única opção era tentar fazer as pazes com ele. Era uma decisão pragmática, mas eu também sentia muita falta do meu amigo.

Passei a noite inteira acordada pensando em Macon.

Não pensei no Cory nem no Gareth.

CAPÍTULO DEZ

Cheguei à casa de Macon bem cedo na manhã seguinte, uma hora antes do trabalho. O bairro dele era um dos mais desejados de Ridgetop, e à luz do dia pude apreciá-lo ainda mais. As árvores eram grandes e antigas, e as casas eram um conjunto encantador de bangalôs no estilo Artes e Ofícios, espaçosas construções vitorianas e adoráveis chalés. Quinze anos antes, os moradores eram quase todos idosos e tudo estava caindo aos pedaços. Mas, à medida que foram falecendo, moradores mais jovens foram chegando, e o ciclo da vida — e da restauração das casas — recomeçou. Era um bairro que, até pouco tempo, era acessível, mas agora estava completamente fora do orçamento da maioria dos compradores.

Macon morava em uma casa menor, toda revestida de pedra, e na luz da manhã ela parecia tanto um chalé de conto de fadas que fiquei sem fôlego. Foi amor à primeira vista, e sentir aquilo me deixou furiosa. Com inveja. A intensidade dessas emoções me surpreendeu. Eu não sabia que era possível se apaixonar por uma casa, mas como raios era possível ele ter aquilo e não eu? Como algumas pessoas ousavam ter casas, enquanto eu ainda estava presa a um apartamento medíocre?

Macon também não teria conseguido a casa se ela não tivesse pertencido à tia dele. Depois de se casar, já com seus quarenta e tantos anos, e se mudar para Durham, Bonnie passou a alugá-la. Muitos anos depois — na época em que Macon pensava em sair da cidade universitária de Chapel Hill —, os inquilinos haviam saído e ele encarou isso como um sinal de que deveria voltar para Ridgetop, sua cidade natal. Ficou lá sem pagar aluguel por seis meses, até Bonnie vendê-la para o sobrinho com um bom desconto de família. Seis meses depois, Dani se mudou para lá.

Que idiota! Como ela pôde deixar essa casa?

Bati a porta do carro com força e fui pisando duro até a porta da frente. Foi então que vi o maldito jardim.

Ainda não havia muita coisa além de couve, cebola e mudas de alface. Mas os enormes espaços reservados para a horta estavam protegidos por cercas de piquete para manter os animais afastados e por cultura de cobertura, e eu conseguia visualizar exatamente como ficariam no verão — como um jardim de livro infantil, do tipo que o maldito Pedro Coelho tentaria invadir. Enxerguei a pilha de compostagem, que de algum modo parecia organizada e até elegante, e então me dei conta do resto da paisagem, que era selvagem, vigorosa e artística. Artística! Não havia outra palavra para descrever o lugar. Duas pereiras estavam a caminho da encantada floração branca, e os botões de uma cerejeira indicavam que nuvens cor-de-rosa não demorariam a chegar. Jacintos-de-uva se agrupavam e folhas de bulbos maiores sugeriam que as tulipas estavam iminentes.

Eu sabia que o jardim era grande — *sabia* disso —, mas ainda assim imaginava que fosse algo agradável, porém modesto. Talvez porque já o tivesse visto trocando mudinhas com frequentadores da biblioteca, ou porque ouvia que ele resgatava plantas moribundas de outras pessoas, e tudo sempre me pareceu algo pequeno e econômico. Mas mesmo fora de estação, o jardim era abundante. Cada canto do terreno estava em uso. Eu nunca fui boa com plantas, mas agora desejava ser. Eu desejava a casa inteira!

puta merda, macon, digitei, enfiando a chave na fechadura, irritada demais para usar maiúsculas e já esquecendo a promessa de voltar a ser amiga dele. A chave arranhou o metal, e meu corpo inteiro estremeceu.

— Ai meu Deus, desculpa — sussurrei para a fechadura. Aquela fechadura linda! À luz do dia, percebi que ela também era original.

O cheiro de Macon me atingiu de novo quando entrei na casa, como se estivesse me lembrando a quem ela pertencia. Como se eu pudesse esquecer. Chamei Edmond, e então percebi que ele já estava me encarando do encosto do sofá.

— Ah. Oi.

O celular acendeu na minha mão.

O que foi??, Macon respondeu. Duas interrogações. Eu não sabia que ele era capaz de cometer um crime desses. Reli a mensagem que eu tinha mandado e percebi que talvez pudesse tê-lo deixado preocupado.

Sua casa é linda e eu tô com inveja.

Ah. Obrigado?

Fui para a cozinha. Edmond saltou do sofá e me seguiu a uma distância segura. Meu celular acendeu de novo.

Mas você já tinha visto minha casa, Macon escreveu.

Não de dia! Você não me contou que é uma bruxa de conto de fadas.

Esperei quase um minuto pela resposta. Edmond soltou um miado grave e baixo.

— Ai, meu Deus, desculpa. — Era a mesma desculpa que eu pedira à fechadura.

Abri uma lata de patê de pato. A tela do celular voltou a acender, e me apressei para trocar o prato sujo pelo novo. Coloquei a tigela usada na pia e fui ver as mensagens.

Achei que minha postura de bruxa já tivesse entregado isso.

Sorri e mandei mais uma foto de Edmond comendo.

A pia original da casa tinha estilo de fazenda e ficava diante de uma janela, e enquanto eu lavava o prato sujo, meus olhos se fixaram na varanda dos fundos pela primeira vez. Ela era da mesma pedra do exterior, e bem no centro dela havia uma mesinha de ferro fundido com duas cadeiras. Parecia uma foto do nosso jogo — dos lugares onde preferiríamos estar em vez de no trabalho. Mais ao fundo, no quintal, havia um galpão de ferramentas feito de pedra, uma versão em miniatura da casa principal, e uma excêntrica estufa construída com janelas reaproveitadas.

Vá se ferrar, resmunguei em pensamento.

Meu celular acendeu. Macon tinha me mandado uma foto de prateleiras quase vazias com uma quantidade patética de latas — consegui identificar aspargos em conserva, salada de frutas e salsichas —, um pacote aberto de bolachas Ritz, uma caixa de arroz instantâneo e uma ratoeira. Felizmente, não deu para ver se a armadilha tinha algum ocupante. A foto estava borrada porque Macon não tinha limpado a lente depois de remover a fita isolante que costumava cobrir sua câmera.

Minha raiva murchou.

O café da manhã do Edmond foi melhor, escrevi. *Essa é a despensa da Bonnie? Você já se encontrou com ela?*

A resposta demorou, e fiquei ansiosa.

É. Vou encontrar com ela hoje, ele escreveu por fim.

Era o fim da conversa. Decepcionada, fui até o quarto de Edmond, escolhi um pacote vazio de salgadinhos da eclética pilha de sacolas para recolher a areia do gato e fiz minha primeira limpeza da caixa. Foi fácil e sem incidentes. Deixei o pacote ao lado da porta da frente para jogar na lixeira externa ao sair, lavei as mãos e verifiquei o celular de novo.

Nenhuma mensagem nova. Faltavam quarenta e cinco minutos para o trabalho.

Edmond apareceu, então balancei uma vara com uma fita de lacinho diante dele. Ele tirou os olhos de mim para observar, tentado, mas não se mexeu.

Suspirei.

— Bom, você se importaria se eu lesse um pouco? Não quero chegar tão cedo.

Ele não respondeu, então tirei da bolsa o mais recente romance que eu vinha tentando — sem sucesso — ler, e me joguei no sofá. Como vinha acontecendo ultimamente, meus olhos lutaram para permanecer na página. O sofá era velho e afundado, com estofado num padrão geométrico de cores neutras e texturas que certamente foi pensado apenas para esconder manchas. Era, sem dúvida, o item mais horrendo da casa. Eu apostava que fora conseguido de graça.

Mandei para Kat uma foto do estofado, mas ela não respondeu.

Eu já estava prestes a desistir e ir embora quando Edmond pulou para a almofada ao meu lado e depois para o encosto do sofá. Sentou-se atrás da minha cabeça e ficou olhando pela janela. Embora a maior parte do jardim ainda estivesse adormecida, era fácil imaginar quão espetacular seria a vista no verão. Não quis parecer mal-educada, então voltei ao livro. As orelhas de Edmond se voltaram para trás, atentas aos sons, mas os olhos permaneceram fixos lá fora.

Confiança. Uma pequena vitória.

Depois de mais alguns minutos, finalmente me perdi nas páginas.

No caminho de volta à casa de Macon naquela noite, comprei um burrito de feijão. Havia decidido jantar lá para fazer companhia ao Edmond, mas a verdade era que eu também queria companhia. Meu apartamento era solitário, e meu encontro com Gareth só seria no dia seguinte.

Depois de fazer algumas pesquisas no trabalho, descobri que ler em voz alta era um bom método para acostumar um gato tímido à sua presença. Eu não tinha certeza se Edmond se qualificava como tímido — ele não estava se escondendo de mim —, mas ainda não tinha conseguido fazer carinho nele nem brincar com ele, e estava determinada a conquistá-lo antes que Macon voltasse.

Jantamos juntos, Edmond no chão e eu na mesa, e depois voltei para o sofá horrível com meu livro. Depois de alguns minutos, ele tomou seu lugar atrás de mim. Eu não tinha notícias de Macon desde a manhã, então mandei uma foto de Edmond na janela. *Ele está esperando você voltar pra casa!*, escrevi. Não tinha certeza se era verdade, mas esperava que isso o animasse.

Abri o livro de novo e comecei a ler em voz alta para o gato. Não me dei ao trabalho de explicar onde estávamos na história; imaginei que ele pudesse acompanhá-la mesmo assim. Era o livro que o sr. Garland tinha devolvido recentemente. Estava intrigada com a ideia de o romance ser tão envolvente que nem mesmo um bacon esquecido fora capaz de estragá-lo. Era um mistério de quarto fechado, ambientado em uma pousada luxuosa e remota nos Alpes franceses, no período entre guerras. Uma pedra aparentemente imóvel tinha acabado de esmagar um maître antipático, e uma jovem e brilhante governanta — claramente inspirada em Poirot, apesar da idade e da ausência de bigode e do status oficial de detetive — suspeitava que não se tratava de um acidente. No momento, ela examinava um hóspede que talvez fosse um espião alemão, mas era cedo demais para que isso fosse mais do que uma pista falsa.

Lembrei da minha mãe, lendo para mim e Riley quando éramos pequenas. Ela lia com uma voz calma, sábia e divertida, e era ótima em dar vozes diferentes para os

personagens. Embora eu nunca tivesse desejado filhos nem tivesse interesse em ser bibliotecária infantil — envolvia músicas e atividades demais —, gostava de substituir Alyssa nas sessões de contação de histórias quando ela saía de férias, e agora gostava de ler em voz alta para Edmond. Era gratificante compartilhar um livro com alguém.

Algum tempo depois, meu celular acendeu. Estiquei a mão, achando que minhas lembranças tinham invocado minha mãe e minha irmã. Elas continuavam me entupindo de mensagens. Riley vencera a briga sobre a data do casamento, e o evento estava marcado para o fim de semana antes do Natal. O local já havia sido reservado depois de muita discussão, e a disputa atual era sobre os arranjos de flores — poinsétias vermelhas ou rosas vermelhas. Minha mãe achava que poinsétias eram uma escolha óbvia demais, o que levou minha irmã a retrucar: *DIZ ISSO PARA AS ROSAS*. Era estranho que nossa mãe estivesse discutindo assim com ela. Minha irmã era teimosa e acabaria levando a melhor.

Mais estranho ainda era minha mãe estar se intrometendo nas decisões de Riley. Nossos pais nos amavam — sempre foram carinhosos e incentivadores —, mas nunca se envolveram muito em nossas vidas adultas. Ambos eram professores de profissão e também por natureza, e nos ensinaram a fazer tudo quando crianças. Mas, depois disso, passaram a *esperar* que a gente resolvesse tudo sozinha. "Vocês são inteligentes, se virem", passaram a dizer assim que ficamos grandes o suficiente. Então nos viramos. Paramos de pedir ajuda, e nossos pais nunca nos ofereceram. Parecia que estaríamos decepcionando a eles — ou a nós mesmas — se pedíssemos.

Chego em casa a tempo de dar comida pra ele na segunda à noite. Tudo bem assim ou você quer que eu peça pra um vizinho ajudar?

Fiquei tão feliz de ver que era o Macon que respondi sem pensar. Levantei o livro e tirei uma selfie com Edmond.

Eu te disse que pode deixar comigo! Estamos nos dando bem.

Você ainda está na minha casa?

Ah, era estranho que eu estivesse ali? Talvez, mas já era tarde demais. Eu tinha que sustentar a decisão.

Achei que ele poderia estar solitário.

Demorou um minuto para Macon responder. Por fim, ele disse: *Que fofo da sua parte. Obrigado.*

Não sei o que me levou a continuar. Talvez porque ele tivesse usado a palavra *fofo*, que ressoou em mim como uma música distante.

Jantei aqui também.

Algo da minha geladeira?

O quê? Não. Não vou roubar sua comida.

Tem um manicotti de cogumelos prestes a estragar. Pode comer. É de cogumelos, não de carne. Macon sabia que eu às vezes comia aves e peixes, mas nunca outro tipo de carne. Ele também quase não comia carne e era um excelente cozinheiro. As sobras da geladeira dele seriam mil vezes melhores do que o que eu vinha consumindo ultimamente. Pensava que minhas refeições melhorariam na ausência de Cory, mas sem nossa rotina, meus hábitos desandaram e passaram a ser fast food barato e comida congelada.

Talvez eu aceite, escrevi.

Ótimo.

Por mais truncadas que fossem suas mensagens, a casa de Bonnie devia estar tão solitária quanto meu apartamento, porque essas últimas duas conversas foram as mais longas que já tínhamos tido por mensagem.

Viu a Bonnie hoje?

Vi, por mais ou menos uma hora. Foi difícil.

Sinto muito.

Passei a tarde pagando contas atrasadas e limpando a casa. Encontrei umas agulhas. Eu não sabia. Joguei tudo fora.

Ah, Macon. Que merda. Deve ter sido horrível.

Pois é. Eu não esperava encontrar isso na casa da minha tia de setenta e quatro anos, mas aí está. Bem-vindo aos EUA.

Ele me disse que ia continuar faxinando e estocando a despensa da Bonnie com enlatados melhores. Não sabia quando ela voltaria para casa, mas pelo menos a tia encontraria um espaço seguro. *Não que vá durar*, acrescentou.

Era tudo tão doloroso. Eu queria poder ajudá-lo, e ele insistiu dizendo que eu já estava ajudando. Ele se referia a Edmond, mas havia algo implícito ali. Falar comigo também estava ajudando, e me perguntei se não tínhamos tropeçado por acaso em uma solução para o nosso problema. Talvez fosse mais fácil reavivar nossa amizade pelas telas. Talvez já estivesse acontecendo.

CAPÍTULO ONZE

No dia seguinte, encontrei Gareth para almoçar no Tommy Frangos, um restaurante de frango apimentado ao estilo de Nashville, famoso tanto pela comida quanto pelo fato de ter um nome divertido de se pronunciar.

— Balão de ar quente, cabine telefônica… o Tommy Frangos parece tão absurdo quanto tudo isso — brincou Gareth.

O lugar era absurdo na medida certa. Era difícil manter o rosto livre de molho, mas fizemos o possível, e gargalhamos sempre que o molho escapava dos limites da boca e exigia um guardanapo. Depois, caminhamos à beira do rio para manter a conversa fluindo. Eu queria segurar a mão dele, mas fiquei tímida demais para me arriscar; no entanto, não senti timidez alguma quando chegamos a uma área deserta e voltamos a nos beijar.

Era estranho como andar de mãos dadas agora me parecia um gesto tão mais íntimo.

Passamos a tarde inteira juntos, e perdi a noção do tempo.

— Merda. Preciso dar comida pro gato do meu colega. Ele está viajando.

— O cara que trabalha do seu lado?

Caí na risada.

— Ah, sim. Ele mesmo. Macon. Claro que você já sabe quem é.

— Ele é meio sério, né? Quase nunca sorri.

Me remexi, percebendo que não queria falar de Macon com Gareth.

— Ele *é* sério, mas é divertido quando você o conhece de verdade.

— Eu trabalho com uns caras assim. — Gareth puxou a ponta da manga do meu casaco e a balançou um pouco. Quase pegou minha mão. — Posso ir com você, se

quiser. Dar comida pro gato.

Meus ombros se retesaram. Macon não gostaria que Gareth fosse à casa dele, e eu também não. Mas como não queria desencorajar Gareth, optei por flertar.

— Ah, mas daí a gente teria que jantar. E este foi o almoço.

Os olhos dele brilharam.

— Vou ter que pensar em algo bom pro jantar, então.

Uma provocação divertida estava rolando, e parecia que nós dois sabíamos que jantar significava sexo. O assunto ainda rondava minha mente quando entrei sozinha na casa de Macon e fui invadida pelo cheiro dele. Me obriguei a afastar os pensamentos proibidos.

Edmond devia ter me ouvido chegar com o carro, porque já estava me esperando. Estendi a mão para lhe fazer carinho, mas ele ainda não estava pronto, o que era frustrante, pois achava que havíamos progredido naquela manhã. Ele tinha cheirado minha mão, mas recuou quando tentei tocá-lo. Eu esperava que agora ele aceitasse.

— Tudo bem, fique aí se fazendo de difícil — murmurei. — Tal pai, tal filho.

Ansiosa para chegar logo ao meu próprio jantar, tratei de alimentá-lo depressa. Eu não tinha esquecido das sobras que me esperavam. Ao abrir a geladeira, meus olhos se fixaram em um enorme pote de vidro na prateleira do topo. Soltei um grito de susto. Edmond disparou, largando o prato rodando no chão. O pote em questão estava cheio de uma salmoura viscosa e… uma criatura marinha morta?

Mandei uma foto para Macon. *O que é essa coisa??*

Edmond voltou de mansinho para a cozinha, e eu também criei coragem. Esquentei o manicotti e tentei não olhar para a pilha de panquecas gosmentas submersas. Seria capaz de jurar que aquilo estava me observando. Não tinha olhos, mas fosse o que fosse, estava vivo. Ou já tinha estado.

A resposta de Macon foi tão rápida que me perguntei se ele já estava esperando a minha mensagem. *Kombucha.*

O QUÊ?

O grandão no fundo é a mãe, que se alimenta de chá e açúcar e cria bebês. O líquido fermentado que eles liberam é kombucha.

Mas o que É isso??

Uma cultura de bactérias.

Fiquei sem saber o que dizer por vários segundos.

Isso é assustador.

Você já bebeu meu kombucha antes.

Eu sei, mas eu não SABIA.

Houve uma pausa, e então ele disse: *Pode ficar com um, se quiser. Um dos bebês.*

Respondi com oito milhões de emojis chorando. Ele jamais responderia com um HAHAHAH, mas eu sabia que estava rindo do outro lado.

O micro-ondas apitou, e tirei uma foto do manicotti. *Obrigada por isso e por nada mais*, escrevi.

Você está lendo o livro do bacon?

Fiquei em choque. Me perguntei se havia uma câmera escondida na casa, mas então lembrei da minha selfie com Edmond. Será que Macon tinha relido nossas mensagens para olhar de novo a foto?

É O livro do bacon, mas não AQUELE livro do bacon. É o exemplar da filial leste. É bom!

O jantar foi a melhor refeição que tinha feito em semanas, e Macon e eu conversamos o tempo todo, quebrando outro recorde. Lavei a louça e depois levei o celular para o sofá. Se Edmond fosse humano, estaria irritado com a frequência com que eu parava de ler o romance em voz alta para responder às mensagens. Mas era como se ele sentisse a presença de Macon do outro lado da tela, porque pulou do encosto do sofá e se sentou ao meu lado. Finalmente, aceitou minha mão. Seu pelo era tão macio.

Passei mais tempo do que pretendia na casa de Macon naquela noite, e mais tempo do que pretendia na manhã seguinte. Edmond deixou que eu o acariciasse logo de cara. Fizemos nossa rotina de sempre, comemos e depois lemos um pouco, formando nosso aconchegante clube do livro a dois, e troquei mais mensagens com Macon. Eu

já estava no penúltimo capítulo quando ele disse que estava pegando a estrada. Meu tempo ali tinha chegado ao fim. A última coisa de que eu precisava era ficar tão confortável a ponto de adormecer no sofá e acordar quando ele abrisse a porta. Usei o banheiro uma última vez, inspirei o cheiro do sabonete, me despedi do gato e deixei a chave reserva embaixo do vaso.

Bora jantar, Gareth mandou pouco depois. *Sexta?*

Estava me sentindo vazia e inquieta, e já não tinha vontade de terminar o livro. *Que tal hoje à noite?*

Como sempre, ele topou. Era segunda-feira, então ele estava no trabalho e precisaria tomar banho antes, mas nos encontramos no centro da cidade de noite, em um restaurante de comida sem graça e com uma decoração medíocre que nenhum de nós conhecia.

— Você arruinou meus planos — disse ele, rindo.

— Ah, não. O que eu fiz?

— Este não é o nosso encontro.

— Não é?

— Não. Este é o pré-encontro. O verdadeiro encontro é aqui ao lado. — Ele sorriu diante da minha confusão. — O museu dos fliperamas! Eles não servem comida, mas eu ia preparar um piquenique pra sexta e levar escondido. Hoje não tive tempo.

Dei risada, aliviada.

— Eu não ia falar nada porque não queria te magoar, mas este lugar *parece* mesmo um erro.

Ele levou a mão ao peito.

— Eu jamais faria isso com você de propósito.

Eu e Cory já tínhamos ido ao museu algumas vezes. Todas as máquinas funcionavam, e você podia jogar qualquer uma pelo tempo que quisesse por uma taxa única. Durante o dia o lugar recebia gente de todas as idades, mas à noite era só para adultos, e eles serviam raspadinhas com álcool. O prédio estava lotado para uma noite

de semana e vibrava com sons de badaladas, batidas, cliques, tilintares. O volume era alto e estimulante demais, e eu não era boa com fliperamas, mas me divertia tentando jogar. Era um local bobo o bastante para nós dois. Ele pagou as entradas e eu comprei as raspadinhas. Achei que tinha sido esperta ao pedir uma de melancia — pelo menos minha boca não ficaria azul —, mas então ele pediu uma de piña colada, e percebi que poderia ter escolhido uma cor neutra.

Andamos pelo salão, acionando os fliperamas e vendo bolinhas dispararem, objetos girarem e luzes piscarem. Ele gostava da mesma fileira de máquinas antigas que eu. Eram também as menos concorridas. A atmosfera amplificava a ansiedade e a excitação que vibravam em mim. Flertamos mais do que nunca, encontrando desculpas para nos encostar e ficando tão próximos que notei algumas manchas teimosas de tinta cinza no rosto dele e embaixo das unhas. Era como se ambos estivéssemos esperando que o outro criasse coragem para dizer: "Chega, vamos dar o fora daqui".

Uma mulher com maquiagem e cabelo de influencer tropeçou atrás de nós, derramando sua bebida rosa-avermelhada no carpete e na parte de trás da calça jeans de Gareth.

— Opa — ele disse. — Você está bem?

Ela continuou cambaleando em direção à despedida de solteira que estava rolando e não pediu desculpas.

Quando ele olhou para mim, nós dois caímos na gargalhada. Fiquei feliz que ele não tivesse se irritado.

— Suas pobres calças — falei. — *Você* tá bem?

— Acho que ela pediu o mesmo que você. Agora são calças sabor melancia.

— É uma loucura permitir bebidas perto de todas essas máquinas.

— Imagino que o custo dos reparos já esteja embutido no preço. Notei que não era barato. Obrigado de novo — acrescentou.

Examinando a parte de trás das pernas dele, percebi uma oportunidade.

— Se quiser salvar essas calças, elas precisam ir direto pra máquina de lavar. É melhor irmos pra sua casa.

As sobrancelhas dele se ergueram, e então estava decidido.

Segui o carro dele até um conjunto de apartamentos relativamente novo, perto da biblioteca. É claro que ele morava perto da minha filial, e me senti meio burra por ficar surpresa. Eu já tinha passado de carro pelo prédio e o exterior genérico me lembrava do lugar onde morava Robin, a amiga de Cory. Eu tinha sido arrastada para várias festas lá. Por mais desafiadores que tivessem sido os últimos meses, não sentia nenhuma falta de socializar com grupos grandes de quase desconhecidos. Cory e eu éramos bons com gente nova, mas ele gostava de socializar muito mais que eu e genuinamente adorava conhecer pessoas. As histórias das pessoas lhe davam energia. E drenavam a minha. Depois de um longo dia de trabalho, eu preferia retornar ao familiar para recarregar. Nossos dias de folga compartilhados exigiam negociação, compromisso e revezamento para decidir como nosso tempo livre seria gasto.

— Não é grande coisa — disse Gareth, abrindo a porta no segundo andar.

O interior parecia tanto com o meu próprio apartamento que me pegou de surpresa. Sua casa era bege, sem adornos, e os móveis eram do mesmo tipo de mobília produzida em massa de uma década atrás.

— Ok, é pior do que você pensou — ele disse, captando minha expressão.

Expliquei que só estava impressionada pelas semelhanças com o meu próprio apartamento. Ele relaxou, aparentemente reconfortado. Eu não conseguia explicar por que não senti o mesmo reconforto.

— Quer beber alguma coisa? Sidra, refrigerante, água?

Mais uma dose de álcool me parecia uma boa pedida. Ele pegou uma sidra gelada e pediu licença para ir trocar de calça. Se fôssemos mais confiantes, aquele teria sido o momento de tirarmos a roupa de uma vez, mas nenhum de nós era como Justin.

Olhei em volta e encontrei uma estante de livros embaixo da vasta coleção de filmes dele. A maioria era de romances de leitura obrigatória e livros didáticos da época de escola, mas havia também obras de história e crítica de cinema. Folheei uma biografia recente de Buster Keaton.

— Ah, não — disse ele, reaparecendo atrás de mim. A máquina de lavar fazia barulho em outro cômodo. — Era isso que eu temia. Por favor, não me julgue pelos

meus livros.

Forcei um sorriso.

— Eu nunca faria isso.

Era mentira, mas os livros dele eram aceitáveis. Eu não sabia por que me sentia inquieta. Talvez porque ele já tivesse me imaginado no apartamento dele, inspecionando e analisando sua vida, mas eu nunca o tinha imaginado no meu. Fiquei meio mal — eu tinha mais informação sobre a nossa falta de futuro do que ele —, mas havia outra coisa se agitando dentro de mim.

Nos acomodamos no sofá com a desculpa de assistir a alguma coisa. Isso me lembrou dos meus primeiros encontros com Cory, quando ainda precisávamos de uma justificativa para nos sentar lado a lado e começarmos a nos agarrar. Me assustei ao perceber que o sofá dele era igual ao meu, o mesmo modelo só que com estofado azul-marinho em vez de vermelho.

— O que foi? — ele perguntou, alarmado.

— Esse é o meu sofá. Nós temos o mesmo sofá.

Ele riu de alívio, e eu fingi rir, até que alguns segundos depois virou riso de verdade. Eu estava nervosa, só isso. A garrafa suava na minha mão. Ele me perguntava o que eu queria assistir quando os respingos minúsculos de tinta no rosto dele ficaram visíveis com a luz piscante da televisão. Pareciam uma constelação de estrelas. Coloquei meu drinque de lado, toquei-os de leve. Ele fechou os olhos e, ao contrário dos primeiros encontros com Cory, a situação escalou imediatamente para sexo. Só que nos atrapalhamos mais do que Cory e eu nos atrapalhávamos agora, o que fazia sentido, porque era tudo novo — ainda assim, foi mais desajeitado do que havia sido com Justin. Talvez porque Gareth e eu não saímos do sofá. Estávamos excitados demais para ir para outro lugar. Os botões certos foram pressionados e experiências foram vividas. Mas, depois, eu me senti murcha.

O jeito como ele me olhou deixou claro que ele não sentia o mesmo.

Um alarme disparou dentro de mim. Não passei a noite com ele. Ele sugeriu que eu ficasse, mas usei o trabalho como desculpa. Estava tão abalada que esqueci que veria Macon na manhã seguinte e só fiquei nervosa quando já estava sentada em

minha mesa e o vi estacionando o carro. Éramos amigos de novo? Ou pessoalmente as coisas ainda estariam estranhas?

Meu coração batia forte quando ele entrou pelas portas duplas. Nossos olhos se encontraram, e ele parou. Estava com uma expressão hesitante e exausta… mas que também continha um lampejo de esperança.

Abri um sorriso caloroso que pareceu surpreendê-lo.

Ele retribuiu por puro reflexo. Só que logo a vergonha o tomou, e ele se apressou para o anexo, provavelmente para conversar com Sue. Fiquei ansiosa pelo seu retorno e o cumprimentei com entusiasmo. Sua reação arredia me fez pensar em Edmond. Eu estava forçando demais a barra. Resolvi recuar para que ele se habituasse de novo à minha presença.

Naquela semana, vivemos num espaço liminar entre a polidez e a amizade. Conversávamos sobre assuntos que não eram de trabalho, mas já não nos provocávamos como antes. Éramos excessivamente cuidadosos com os limites. Cada um permanecia do seu lado da mesa. Ainda assim, estávamos dando passos na direção certa e finalmente parecíamos a caminho de corrigir o rumo.

O contratempo aconteceu na noite de quinta-feira, quando Gareth chegou. Macon sumiu de novo com o regador e só voltou depois que Gareth tinha ido embora, mas não havia como ele não ter ouvido nossa conversa sobre os planos que estávamos fazendo. Mais uma vez, seu humor azedou, mas ele não descontou em mim, e eu também não tentei provocá-lo. Em vez disso, nos recolhemos em um silêncio frustrado. Ele estava com ciúmes — era tão óbvio —, mas eu ainda não conseguia entender as implicações disso.

Não, Ingrid. Não.

Naquele fim de semana, contrariando o bom senso, acabei passando a noite no apartamento de Gareth. Achei que a companhia acalmaria minha solidão, mas, deitada ao seu lado numa cama incrivelmente parecida com a minha — ele dormia pesado e eu não parava de verificar o relógio do celular —, a verdade veio à tona dentro de mim. Eu gostava dele, os encontros eram divertidos e o sexo tinha melhorado. Mas tudo o que eu queria era sair correndo aos gritos daquele

apartamento. Havia algo profundamente, fundamentalmente errado.

— Talvez seja a cor do cabelo e dos olhos dele — falei para Kat assim que consegui escapar para ligar para ela por FaceTime. — São tão parecidos com os do Cory.

— Ele não se parece em nada com o Cory — ela disse.

Mas lembrava um pouco, sim. O senso de humor também era parecido, sem falar que ambos tinham o mesmo gosto por lugares temáticos. Mas por que era tão perturbador que tivéssemos os mesmos móveis patéticos? Não era como se Macon — e parecia vergonhoso ainda estar comparando outros caras com o cara que me rejeitara — tivesse uma mobília maravilhosa. O sofá dele, na verdade, era ainda pior.

— Mas o sofá do Macon está dentro de uma casa — Kat apontou. — E ele prepara refeições de adulto e cuida muito bem do jardim. Ele pode ter um péssimo senso de decoração, mas está em outra fase da vida, isso é claro. Pelo que você diz, o Gareth te deixa ansiosa porque está na mesma fase que você e o Cory.

— Isso não deveria ser bom? Estarmos na mesma fase da vida?

— Talvez. A não ser que você não queira mais estar nessa fase.

Foi como levar uma marretada. Uma única frase me estilhaçou, me deixando em pedaços que nunca mais poderiam se encaixar como antes.

— Você precisa terminar com ele — disse Kat, sem perceber o que acabara de fazer. — Isso já se prolongou demais.

Mal consegui dizer.

— Com o Cory?

— Com o *Gareth*. — A expressão dela mudou. — Meu Deus. Até que enfim aconteceu. Até que enfim você se tocou que precisa terminar com o Cory.

Mas não era verdade. Por mais chocante que fosse descobrir que ela já estava esperando por isso, eu ainda não tinha chegado a essa conclusão. Ainda não entendia que o término seria inevitável, a única forma possível de aquela história acabar. Cambaleei e gaguejei.

Kat percebeu o erro e voltou atrás, tentando redirecionar minha atenção para Gareth.

— Um passo de cada vez — disse. — Vamos resolver isso primeiro. Depois

pensamos no Cory.

— O que eu falo pra ele?

— Pro Cory? — ela perguntou.

— Pro *Gareth* — eu disse.

Ela me aconselhou a dizer a verdade, mas como eu poderia fazer isso? Do ponto de vista dele, estávamos caminhando para nos tornarmos um casal de verdade. Ele não vivia dentro do meu mundo de faz de conta. Eu o tinha convidado para sair, nós tínhamos ido a uma série de encontros adoráveis e já tínhamos dormido juntos várias vezes. Eu não lhe dera motivo algum para suspeitar que já estava comprometida.

Desculpa, escrevi para ele aquela noite, depois de passar o dia inteiro ignorando suas mensagens. *Não posso mais sair com você porque vou voltar com o meu namorado.* Eu não sabia se estava mentindo, mas era quase verdade. Cory e eu pelo menos voltaríamos a nos ver. Eu só estava omitindo alguns detalhes cruciais que apenas tornariam a situação pior.

Normalmente Gareth respondia na hora, mas dessa vez demorou alguns minutos. Os três pontinhos apareciam e desapareciam. *Não entendi. É uma piada?*

Desculpa, repeti. *Não é. Você é um cara incrível e eu me diverti muito com você. Te desejo tudo de bom.*

NOSSA. Sério?? Vai se foder também.

Uma flecha atravessou meu peito. A mágoa e a dor dele saltaram da tela como se estivessem escritas em néon pulsante. Senti um calor subindo pela pele. Ele era uma boa pessoa. Eu era uma boa pessoa. Não foi minha intenção fazer isso com ele. Eu não tratava as pessoas desse jeito. As palavras que Kat dissera no fim de fevereiro voltaram com força: *e depois se sentir culpada pelo resto da vida por ter tratado ele desse jeito.*

Meu mundo virou de cabeça para baixo. Acho que já estava assim no Natal, mas eu não tinha percebido o quanto estava me segurando na beirada até finalmente me desequilibrar e cair.

Os dias seguintes giraram numa vertigem nauseante. Kat tentou insistir em falar sobre Cory, mas meus pensamentos se revelavam tão rápido, tão catastroficamente,

que eu não ousava dizer nada em voz alta. Comecei a ignorar as ligações dela.

Nunca tinha conseguido imaginar meu futuro com Cory em detalhes. Eu não ansiava por nada além de uma vaga sensação de *mais*. A constatação foi devastadora. O próprio Cory era a única parte que eu conseguia enxergar, mas agora parecia que era porque ele estava bloqueando a visão de todos os outros futuros possíveis, e eu fazia o mesmo com ele. Talvez. Provavelmente. Ainda não sabia ao certo, mas de uma coisa eu tinha certeza: não haveria risco de ganhar um anel em abril. Talvez nunca tivesse havido.

Meu humor e meu comportamento no trabalho ficaram tão instáveis e anormais que a atitude de Macon em relação a mim mudou de novo, e ele passou a ser mais protetor. Tentava me dar espaço. Atendia ao telefone, corria para ajudar os clientes que chegavam ao balcão, se oferecia para auxiliar quem precisava nos computadores. Ele não sabia o que estava acontecendo comigo porque eu não contei. Na quinta-feira, porém, ele ousou perguntar:

— Seu namorado vem hoje à noite?

Ele não estava falando de Cory.

Minha resposta saiu afiada, mas contida:

— Duvido.

Ele não fez mais perguntas.

Os dias continuaram a me escapar, fora de controle. Uma censora enfurecida apareceu durante outro turno noturno. Macon estava organizando os periódicos nos fundos quando a mulher marchou até a minha estação, vociferando algo sobre uma lista de livros da nossa coleção que ela nem tinha lido — eles nunca liam os livros, o que é parte do problema — e me acusando de ser pedófila. Não tive forças para aguentar o desaforo. Não consegui me manter firme. E embora tivesse prometido a mim mesma nunca deixar os disseminadores de ódio me verem chorar, já era tarde demais. Ela ainda cuspiu outro insulto na minha direção enquanto eu corria em disparada para o anexo, e então Macon rugiu para que ela deixasse o local.

Entrei correndo no banheiro e me desfiz em prantos. Deixei o corpo escorregar pela parede ao lado da pia, procurando apoio, e deslizei até que meus membros se

amontoaram no chão. Eu arfava e ofegava. Chorava alto. Ofegava de novo, em choque, e cobria a boca. Catarro e lágrimas borbulhavam nas minhas mãos. Respirava tão rápido que *não conseguia* recuperar o fôlego.

Bateram na porta.

— Ingrid?

Solucei e engasguei, me abraçando tão forte que cravei as unhas na pele.

— Ingrid? — repetiu Macon. Ele experimentou mexer a maçaneta e soltou um som de surpresa quando percebeu que não estava trancada. — Ingrid, vou entrar.

Ele abriu a porta com cuidado, só o suficiente para enfiar a cabeça. Quando me viu, entrou às pressas e começou a pegar folhas de papel. Era ele quem tinha colocado os adesivos com os dizeres LEMBRE-SE: ESTE PAPEL VEM DAS ÁRVORES no nosso dispensador, mas agora ajoelhava-se ao meu lado e me oferecia um punhado inteiro como se fosse um buquê.

Eu tinha consciência de que estava esparramada no chão de um banheiro público e sentia todo o nojo e o ódio por mim mesma que o gesto merecia, mas me sentia incapaz de fazer qualquer coisa a respeito. Enxuguei o rosto com as folhas de papel, ainda soluçando e incapaz de respirar direito.

— Faça como eu. — A voz dele soou firme. — Vamos soltar expirações mais longas que as inspirações. — Ele demonstrou de modo exagerado, encurtando as inspirações para imitar as minhas e expirando alguns segundos a mais. — Olha pra mim. *Olha pra mim.*

Ele me forçou a encará-lo. A cada vez, nossas inspirações foram ficando mais longas. As expirações se estendiam ainda mais. Inspiramos. Expiramos. Inspiramos. Expiramos.

— Pronto — disse ele um minuto depois.

Eu estava respirando de novo.

— Aquela mulher é abominável — falou ele. — Uma demônia. Vou acabar com ela.

Soltei uma risada engasgada. Embora o choro tivesse se acalmado, as lágrimas ainda escorriam pelo meu rosto. Ele arrancou as toalhas de papel amassadas das

minhas mãos, as jogou fora e me entregou uma folha nova.

Minha voz tremeu.

— O problema não é só ela.

— Eu sei — disse ele.

Eu já não conseguia falar, e ele não me pediu para continuar.

— Oi? — chamou um homem do balcão de atendimento.

— Merda. — Macon fez menção de sair, mas parou de repente. Tirou o casaco grosso e pesado e o colocou sobre mim como se fosse um cobertor. O chão de azulejo estava gelado e eu tremia. Ele saiu, mas dois segundos depois a porta voltou a se abrir. Ele entrou de novo, balançando a cabeça como se fosse um tolo. — Acabei de lembrar que tem um lenço no bolso. Se precisar.

Saiu outra vez.

Meus músculos estavam fracos, meus ossos, pesados. Abracei o casaco com o corpo inteiro, do mesmo jeito que abraçava o travesseiro de Cory na cama. Era o mais perto que conseguia chegar da presença reconfortante de outra pessoa e, em algumas noites, a única forma de conseguir dormir. Se eu imaginava Cory no lugar do travesseiro? Às vezes, sim. Outras vezes, era alguém diferente, alguém sem nome, porque ainda permanecia leal a Cory. O casaco era quente, pesado e cheirava a Macon. Cheirava à casa dele. Inalei aquele aroma concentrado.

Alguns minutos depois, ele voltou com um livro enorme de capa dura sobre as Ilhas Faroé. Agachou-se ao meu lado de novo e o abriu na fotografia de uma casinha de pedra com um telhado de grama, de frente para um mar revolto.

— Vamos fechar a biblioteca mais cedo e ir pra lá — disse. — Vamos acender a lareira. Colocar a chaleira no fogo.

— E vestir nossos suéteres mais velhos e confortáveis.

Ele sorriu.

— Eu vou assar pão.

— Eu vou dormir.

Ficamos nos olhando fixamente até ficar desconfortável. Ele desviou o olhar primeiro e colocou o livro no meu colo.

— Eu cuido de tudo. Fique aqui o tempo que precisar.

No chão e na casinha do livro, era o que ele queria dizer.

CAPÍTULO DOZE

E então, numa manhã de vento, Cory me mandou uma mensagem.

Precisamos conversar. Pode me encontrar depois do trabalho?

O contato inesperado me chocou. Já tinham se passado alguns dias desde o episódio do banheiro, mas ainda restavam oito dias no mês. O fato de ele não conseguir esperar mais uma semana me lançou num turbilhão. Minha cabeça se separou do corpo.

Estava acontecendo. Eu sabia que ia acontecer, estava me preparando para isso, mas não estava pronta para que acontecesse de verdade.

Ainda bem que Sue era dessas que priorizavam a saúde mental.

— Só me surpreende que esta seja a sua primeira licença — ela disse, sem nenhuma dureza. Mas meu problema era mais que mental. Passei o dia imóvel na cama.

Dessa vez, no entanto, consegui chegar cedo à lanchonete.

E dessa vez, Cory já estava lá.

Meu coração parou… e depois voltou a bater. Ele estava sentado na mesa temática de *Quando os jovens se tornam adultos*. O universo nos presenteava com a providência do encerramento. Uma estranha calma tomou conta de mim.

Ele ergueu as mãos.

— Juro que não fui eu que pedi.

Sorri, mesmo com minha alma se partindo.

— Eu sei.

Ele se levantou e me abraçou, e ficamos assim por muito tempo. Não importava que nós dois quiséssemos e precisássemos do que estava por vir. A mesa de *Pulp*

Fiction teria sido mais apropriada, porque eu me sentia prestes a ser aniquilada.

Nos sentamos calados e já quase à beira das lágrimas.

— Obrigado por ter vindo tão em cima da hora — disse ele.

— Você trabalhou hoje? — perguntei, olhando em volta, à procura da garçonete. Não parecia certo terminar antes de pedir a comida. Eu não queria ser interrompida.

— Hum… não. — Ele disse aquele *não* com uma certa hesitação, um certo peso. Havia algo a mais na história, mas eu não sabia o quê. — E você? — ele perguntou. E então balançou a cabeça. — Claro que sim.

— Na verdade, não. Eu… não consegui.

— É. — Ele suspirou. — Entendo.

Uma mulher que parecia ter pouco mais de vinte anos apareceu com nossos copos d'água. Tinha o cabelo pintado de preto e usava shorts pretos curtos, as pernas muito brancas cobertas de tatuagens coloridas. O nome na camiseta dizia JO.

— Posso trazer mais alguma coisa pra vocês beberem? — ela perguntou.

— Uma Coca, obrigado. — Cory parecia ansioso para que ficássemos sozinhos de novo. — E eu vou querer frango empanado com fritas, e ela um queijo-quente com sopa de tomate.

— Na verdade — depois de um dia inteiro na cama, meu corpo pedia café da manhã —, eu queria dois ovos estrelados, pão integral com geleia de morango e batatas inglesas.

Jo rabiscou no bloquinho.

— Pode deixar.

Por trás dos óculos, as sobrancelhas de Cory se ergueram de leve.

— Merda — eu disse, lembrando com quem estava. — Nada de ovos.

— Tudo bem — respondeu Cory, por mais que ovos o deixassem mais enjoado do que qualquer outra coisa. Eu nunca pedia ovos quando ele estava comigo.

Jo esperou que eu mesma tomasse a decisão.

— Tem certeza? — perguntei a Cory, e ele respondeu que sim, claro. — Então tá. Os ovos também.

Quando ficamos sozinhos, ele me provocou:

— Vontade de algo novo, hein?

Ele estava falando apenas do meu pedido, mas quando escutou as próprias palavras, seu sorriso se desfez. O silêncio se tornou insuportável. Talheres e louças tilintavam ao redor, pessoas conversavam e gargalhavam, e a jukebox tocava a versão de "La Bamba" do filme. A expressão de Cory se contorceu em agonia.

— Eu nem sei como dizer isso, então vou falar de uma vez…

— Você quer terminar comigo — falei ao mesmo tempo em que ele dizia:

— Eu conheci uma pessoa.

Houve um instante de imobilidade trêmula. E então a represa se rompeu.

— Ah — eu disse. — *Ah*.

Os olhos dele se encheram de lágrimas.

— Eu não queria que isso acontecesse. Sinto muito.

Uma enxurrada de emoções me atravessava, me afogava.

— Quem? Como? — Minhas mãos se agitavam como se buscassem uma boia. — Não, não me conta. Acho que não quero isso ainda. — O que eu queria dizer era: *não quero saber dessa informação ainda*. Mas eu também não queria isso. Não queria que Cory já tivesse outra pessoa.

— Sinto muito — ele repetiu.

Toda a minha eloquência me abandonou.

— Que merda.

— É mesmo.

— Eu ia terminar com você na semana que vem, mas *ainda assim* é uma merda.

— Você ia? — Ele estava curvado de tanta tristeza e culpa, mas se animou um pouco ao ouvir isso.

— Nós não somos a pessoa certa um pro outro.

— Não.

— Você ama ela?

Ele assoou o nariz num guardanapo.

— Não sei. A gente nem está saindo de fato. É complicado. Eu a chamei pra sair, e ela riu de mim e disse que eu precisava colocar minha vida em ordem. Mas… eu

tenho um pressentimento. Sou louco por ela. Não sentia algo assim fazia muito tempo. — Ele me observou desmoronar. — Ah, Ig…

— Não — eu o interrompi. — Eu entendo. Eu também não… não me sentia assim fazia um tempo.

Jo reapareceu com nossos pratos.

— Frango empanado e um café da manhã. — Ela reparou nos condimentos da nossa mesa. — Putz. Não tem ketchup.

Ao se abaixar no banco atrás de Cory para pegar um frasco para nós, meus olhos pousaram sobre suas pernas. A maioria das tatuagens era de flores, mas no meio delas surgia o corpo arredondado do Mumin. Em seguida, vi Wilbur, o porquinho; Pippi Meialonga e o Ursinho Pooh. Eu estava me contendo, mas ao ver aqueles amigos de infância, meu lábio tremeu. Triunfante, Jo colocou um frasco de Heinz entre nós, mas logo percebeu nossas expressões. Desviei os olhos das suas pernas, porque a última coisa que eu queria era deixá-la desconfortável. Ela se afastou murmurando um pedido de desculpas.

Quando Cory percebeu que eu estava chorando, também voltou a chorar. Mudou-se para o meu lado do banco. Ficamos agarrados sob a luz rosada durante três músicas da jukebox.

— Quem é esse? — ele sussurrou finalmente, apontando para a imagem colada ao lado do meu prato, um jovem bonito, de cabelo escovado para trás, despejando açúcar na boca.

— Mickey Rourke — respondi.

— *Como?*

Enxuguei as bochechas.

— Esse não é o Mickey Rourke — ele retrucou.

— Você nunca viu *Quando os jovens se tornam adultos*?

— Já, mas o Mickey Rourke não era bonito.

Rimos, e ele me abraçou de novo antes de voltar para o seu lado.

— Então — falei, furando a gema e deixando-a escorrer. Ele se remexeu um pouco, o que me deu uma pontada de prazer. — Ela acha que você precisa colocar a vida em

ordem.

Ele limpou a garganta.

— Meu Deus. Eu sou um desastre.

— Conta mais pra eu me sentir melhor.

— Bom, eu fui demitido.

— O quê? — Quase me engasguei com o ovo. Cory sempre foi responsável e confiável. Um funcionário valioso.

— Não quero entrar em detalhes — ele disse, o que me fez pensar de novo na política do hotel em relação a funcionários que dormem com hóspedes.

— E o que você vai fazer?

— Um conhecido meu que administra uma pousada vai sair de férias e precisa de alguém pra tomar conta dela. Vou ser tipo uma babá.

Eu não sabia que existia babá de pousada, mas fazia sentido. Caso contrário, os donos da propriedade nunca conseguiriam viajar. Conversamos sobre o trabalho até que o assunto foi morrendo.

Quando os jovens se tornam adultos era um filme sobre ser adulto sem ter crescido de verdade. Sobre velhos amigos sendo obrigados a encarar a vida adulta, mesmo fazendo um péssimo trabalho. Apavorados com a ideia de quem poderiam se tornar, com quem poderiam se casar, se perguntando sobre o rumo que a vida deles tomaria. E bastaram menos de três meses para que Cory e eu destruíssemos algo que acreditávamos ser indestrutível. Tínhamos passado toda a vida adulta juntos. Agora ele estava seguindo em frente, e eu estava sozinha.

— Então… não conheceu ninguém? — Cory perguntou.

Outro garçom passou pela nossa mesa equilibrando bandejas cheias de pratos, com uma caneta atrás da orelha.

— Não. — Larguei o garfo, incapaz de engolir o resto da refeição. — Não conheci ninguém.

CAPÍTULO TREZE

Eu a procurei nas redes sociais. A busca foi fácil. Quem Cory tinha seguido recentemente? Esperava encontrar uma porção de mulheres novas, mas descobri que ele só tinha seguido uma.

O nome dela era Holland.

Ela era musicista.

Tinha covinhas.

Cory vinha curtindo as fotos dela desde o começo de janeiro. Isso doeu. Vasculhei mais e encontrei uma postagem em que ela comemorava o trigésimo terceiro aniversário. Fez sentido para mim que ele tivesse se apaixonado por uma mulher um pouco mais velha. Nós dois estávamos procurando a mesma coisa fugaz que não conseguíamos encontrar um no outro: um futuro. Havia futuro naquela maturidade e estabilidade, naquela sabedoria e capacidade de guiar. Nós dois queríamos alguém com quem pudéssemos crescer rumo à próxima etapa da vida. Embora tivéssemos entrado na vida adulta juntos, em algum momento começamos a nos impedir de seguir adiante. Ficamos presos na juventude por tempo demais.

CAPÍTULO CATORZE

Claro que o nome dela era mais legal que o meu. Claro que ele tinha se apaixonado por uma musicista. Claro que as covinhas dela eram tão profundas que apareciam mesmo quando ela não estava sorrindo.

Claro que eu queria que ele fosse feliz.

Claro que eu queria que ela partisse o coração dele.

Claro que, *na verdade*, eu não queria isso.

Claro que eu só queria ser a primeira a ser feliz.

CAPÍTULO QUINZE

No dia seguinte, liguei no trabalho dizendo que ainda não estava me sentindo bem, e Cory passou para buscar o resto das coisas dele. Ele planejava guardar tudo no quarto de hóspedes da Robin enquanto cuidava da pousada, o que lhe daria tempo para decidir para onde ir depois.

— É estranho estar de volta. — Ele coçou a cabeça, olhando tudo ao redor. — É meio como se eu estivesse visitando a casa dos meus pais.

Enrijeci.

— Quer dizer, é como visitar um lar que já não é mais seu de verdade. Mas uma parte de você, um fantasma, ainda anda pelos cômodos.

Pensei nisso e amoleci.

— Eu senti o seu fantasma.

— Acho que teria sido difícil não sentir, com minhas coisas ainda aqui. Você pretende ficar?

Ele sabia que ficaria apertado. Provavelmente eu não precisaria mexer nas economias, mas também não conseguiria mais guardar nada. A grana ficaria no limite.

— Vou ficar até o contrato acabar, no verão. Ou quem sabe eu renove. Não estou em condição de procurar outro lugar.

Ele riu, mas estava à beira das lágrimas.

— Tamo junto.

E estávamos. Mas também era exatamente esse o ponto: não estávamos.

Sentimos o peso do luto enquanto carregávamos o carro dele com as roupas, o toca-discos e os vinis, os romances e os quadrinhos, alguns utensílios de cozinha. Os itens em comum não foram difíceis de dividir porque nenhum de nós tinha apego a

nada daquilo. Ele não levou um único móvel. Tudo era de MDP, barato e descartável. Nunca tínhamos criado raízes em lugar nenhum nem em nada — nem um no outro —, e ainda assim choramos abraçados no estacionamento.

— Eu queria que fosse você — murmurei no ombro dele.

— Eu também queria que fosse você — ele murmurou no meu.

Naquela noite, quando a corrente idiota do abajur ao lado da cama fez um *ding* alto ao bater na base de metal, lembrei dos abajures e das mesinhas de cabeceira no quarto do Macon. Tinha tentado convencer Cory a levar o dele, mas ele não quis. Eu não o culpava por isso, nem por mais nada. Estremeci quando a temperatura despencou abaixo de zero, e, quando acordei, muitas das flores nas árvores — os brotos mais frágeis e delicados da primavera — estavam mortas.

Achei que já tivesse esgotado todas as lágrimas antes de terminarmos, mas descobri que aquelas lágrimas eram apenas as que estavam acessíveis imediatamente. Agora eu havia acessado a reserva, e a torneira estava escancarada. O choro não parava. Chorei tanto naquela primeira semana que fiquei desidratada. Chorei enquanto virava copos de água, chorei no banho, chorei tomando chuva do lado de fora. A água entrava, a água saía, havia água em todo lugar.

Pedi desculpas à Kat por ignorar suas ligações.

— Não tem por que pedir desculpas — ela disse. — Eu entendi o que estava acontecendo.

Mas eu ainda precisava contar aos meus colegas de trabalho. Temia ter que admitir que Cory e eu não havíamos sobrevivido ao nosso experimento, assim como temia o olhar que Sue e Macon, que sempre souberam de tudo, trocariam. Kat, Sue, Macon — todos previram nosso futuro. Por que estava tão óbvio para eles e não para nós?

Quando voltei ao trabalho, na terça-feira de manhã, meus colegas já tinham adivinhado meu destino outra vez, e não havia nenhum traço de satisfação no ar. Sue e Alyssa me deram um longo abraço. Macon não me abraçou, mas estava todo preocupado e gentil, e me cobriu sempre que eu precisava sair para chorar. Aquele dia

também era o vigésimo primeiro aniversário de Elijah. Sue tinha levado um bolo de rum que eu não consegui comer, e à noite recebemos uma mensagem no grupo em que Elijah proclamava: *ESTOU BEBENDO LEGALMENTE!!*, em vez do costumeiro *ESTOU BÊBADO!!*, coisa que Macon jamais ia deixá-lo esquecer. Fora isso, guardei poucas memórias daquela primeira semana sem Cory.

Uma delas, porém, se destaca. Minha geladeira estava vazia, então me obriguei a passar no supermercado uma noite depois do trabalho. Estava tentando ser responsável. Tentando me alimentar.

Eu não estava com fome.

Minha irmã ligou quando eu estava perdida na seção de hortifrúti. A quantidade de opções era opressora, e eu não conseguia me lembrar do que precisava, do que queria, do que gostava. Até o momento, eu tinha colocado no cesto apenas uma cebola e uma bandeja de mirtilos, que estavam fora de época.

— Oi — eu disse. Cenouras? Talvez cenouras?

— Então você *está* viva — disse Riley.

— Desculpa. Andei ocupada.

— Ocupada.

— É. — Peguei um saco de cenouras. Larguei. Será que tinham cenouras soltas?

— E *agora*, está ocupada?

— Não. O que você quer?

O silêncio dela foi tão afiado que me cortou por dentro. *Meu Deus*, percebi. *Eu atendi o telefone. Vou ter que contar pra minha irmã.* É claro que eu teria que contar para a minha família uma hora ou outra, mas estava esperando até não estar tão destruída. Não queria responder às perguntas sobre o que tinha dado errado. Eu nem sabia o que tinha dado errado: nada, mas tudo?

Grudei o telefone com mais força à orelha, mas adotei um tom mais animado.

— Desculpa, estava distraída! Você tá bem? Você e a mãe já decidiram os arranjos de flores?

— Os arranjos de flores.

— Não foi por isso que você me ligou? Pra pedir reforço? — Eu estava me agarrando a qualquer coisa. — A mãe queria uma coisa e você queria… outra coisa?

— A gente decidiu os arranjos semanas atrás, e estou te ligando porque mal nos falamos o ano inteiro. — Como não respondi, ela insistiu: — O que está acontecendo? Porque parece que você está me evitando? Acabei de mandar mensagem pro Cory e ele disse que eu devia tentar te ligar de novo, mas não quis me dizer por quê. O que é extremamente incomum vindo do Cory.

— Acho que não tenho muito a acrescentar. Você e a mãe parecem ter tudo sob controle.

— Não é disso que estou falando. Você tá bem? Por onde você tem andado?

— Por aqui! Estou aqui, estou trabalhando. Estive ocupada.

Riley ficou ríspida de novo, como uma enfermeira cansada das baboseiras dos outros.

— Sim. Você mencionou.

— Merda — eu disse com a voz tremendo. Uma mulher levando um bebê no carrinho me lançou um olhar de reprovação, e me virei de frente para uma pilha empoeirada de batatas. — Não consigo fazer isso agora — sussurrei.

— Fazer *o quê*?

Então comecei a chorar de novo, e a frustração da Riley se transformou em preocupação. Eu nunca tinha chorado ao telefone com ela antes.

— Iggy. Ig! Você precisa me contar o que está acontecendo.

— O Cory foi embora — engasguei.

— Meu Deus. — Minha irmã ficou atônita. — Quando?

— Logo depois do Natal. Depois do seu noivado.

— *O quê*? Por que você não falou nada? Por que não me contou?

Coloquei a cesta no chão e saí cambaleando, num torpor de soluços. Não me ocorreu entrar no carro. Em vez disso, me agachei ao lado da grande caixa de metal onde ficava o gelo ensacado e a usei como escudo. Contei a minha irmã sobre o experimento, os encontros fracassados, os encontros bem-sucedidos, o término.

Contei tudo, menos sobre Macon. Essas partes ainda eram humilhantes demais, íntimas demais. Havia algo *mais* ali em que eu não estava pronta para mexer.

Riley respirou fundo, assimilando minha história e a guardando em segurança. Minha irmã mais nova tinha se transformado em irmã mais velha.

— Eu queria que você tivesse me contado. Entendo por que não contou, mas eu ao menos teria te tirado do grupo do casamento.

— Meu Deus. Tenho que contar pra eles. Pra mãe e pro pai.

— Tem mesmo — ela disse. — Mas não precisa ser hoje.

— Acho que não quero falar que o Cory e eu estávamos saindo com outras pessoas. Não acho que eles vão entender.

— *Você* entende?

— Eu achava que sim.

Ela deu uma risada triste.

— Senti sua falta. E queria ter sabido. Não teria te mandado tantas fotos de vestidos de noiva.

— Não, me desculpa por não estar presente. Só pra constar, estou sempre do seu lado. Quem liga pro que a mãe quer? Ela já casou.

— *Obrigada* — Riley disse, como quem afirma: *É isso que venho dizendo esse tempo todo*.

— Ela só está sendo mandona porque está pagando uma parte.

— Bom, eu preferiria que ela e o pai tivessem pagado parte da faculdade de enfermagem. *Isso* teria sido mais útil.

— Com certeza — eu disse. — Se bem que talvez ela também esteja assim porque imaginava que eu já teria me casado, daí todos esses planos foram se acumulando.

— Nesse caso, vou falar pra ela guardar os planos pra você.

— Meu Deus. Eu nunca vou me casar.

Minha irmã se calou.

— Sabe, não consigo saber se você acha que ninguém nunca vai querer se casar com você ou se *você* nunca vai querer se casar. Tudo bem se você não quiser — acrescentou rápido. — Mas se quiser… ainda pode rolar. O Cory é só um cara.

Eu não sabia o que eu queria dizer. Quando era mais nova, eu queria me casar, mas não querer me casar com Cory havia complicado tudo. Sem falar que, se ele tivesse me pedido em casamento, acho que eu teria dito sim. Teria sido a coisa certa. O que eu deveria fazer com essa informação que adquiri sobre mim mesma? Isso me enchia de vergonha.

— Com licença — disse uma voz.

Eu me assustei e pisquei, erguendo os olhos atrás da caixa de gelo. Era a mulher que tinha me olhado feio porque falei palavrão na frente do filho dela. Mas agora ela estava com uma expressão simpática, me estendendo uma sacola plástica.

— Não quero me intrometer — disse ela —, mas vi que você ainda estava aqui.

Ela fez um gesto para que eu aceitasse a sacola, e eu aceitei. Dentro estavam minha cebola, a bandeja de mirtilos e uma caixa de lenços de papel.

Kat, Brittany e Reza, meus colegas, minha irmã, essa desconhecida.

Eu nunca estava tão sozinha quanto pensava. Às vezes tinha dificuldade de enxergar isso, mas, naquele momento — com minha irmã no ouvido e aquela estranha diante de mim —, essa verdade revelou-se como a lua crescente surgindo sobre a borda mais escura do estacionamento. Eu era sortuda, e sabia disso. Eu era grata por estar cercada de tantas mãos firmes para me amparar.

Abril

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		
30 MAR		
17 ABR		

CAPÍTULO DEZESSEIS

Eu sempre detestei o Dia da Mentira. Como a maioria dos bibliotecários, me orgulhava do conhecimento — de saber ao menos um pouco sobre quase tudo —, então achava insuportável ser pega de surpresa, parecer ingênua ou ser enganada. Por exemplo, eu sabia que a data era celebrada havia séculos, ainda que os historiadores não tivessem certeza de onde ela havia se originado. Eu também sabia que era uma tola. Tinha sido pega de surpresa, parecera ingênua e enganara a mim mesma. Era como se Cory e eu tivéssemos passado os últimos onze anos pregando uma peça elaborada e cruel em nós mesmos.

Contar para os meus pais sobre o término foi mais difícil do que contar para Riley. Eu odiava ter que admitir que tinha fracassado em algo tão grande e tão básico, algo que deveria ter sido óbvio para mim, porque era óbvio para tantos outros. Mas meus pais não me trataram do jeito que eu mesma estava me tratando. Eles ficaram tristes e surpresos. Foram compreensivos e gentis. E me disseram, como tantas outras vezes, que eu conseguiria lidar com aquilo. Que eu descobriria como atravessar essa fase.

Era uma daquelas noites em que a solidão estava tão à flor da pele que me paralisava. Em que desejava ter pais que viriam voando, literalmente voando da Flórida até aqui para me confortar. Eles só tinham me visitado duas vezes, uma logo que me mudei com Cory e outra alguns anos depois. Era o primeiro domingo do mês, e eu tinha passado o dia inteiro sozinha em casa. Fins de semana eram difíceis. Pelo menos o trabalho me oferecia alguma distração. Ainda era cedo, mas eu já estava deitada quando ouvi um baque abafado na porta.

Arregalei os olhos. Fiquei ouvindo.

Nada.

Percebi que devia ser alguma entrega — talvez até o pacote de chocolates australianos que Kat disse que tinha enviado, embora fosse cedo demais para já ter chegado. Me acomodei de novo. Mas então meu celular se iluminou no breu do quarto: Macon. Não tínhamos trocado mais mensagens desde que eu cuidei do Edmond, então estendi a mão com curiosidade. Ele era a única pessoa, além de Kat e Riley, que me faria pegar o telefone. Uma foto borrada mostrava uma pilha de potes na minha porta.

Tente comer alguma coisa, dizia a mensagem.

Saltei da cama. Esperava encontrá-lo lá embaixo, já na garagem, mas quando abri a porta, ele estava apenas chegando à escada.

Macon se virou, surpreso.

— Como você sabe onde eu moro? — Eu não sabia por que perguntei isso, já que não me incomodava que ele soubesse.

— Eu te deixei aqui uma vez, quando seu carro quebrou.

— Ah. Certo. — Ainda assim, eu estava confusa. — Mas como você sabia qual era o meu apartamento?

— Pela carteirinha da biblioteca — disse ele, como se fosse óbvio. Suponho que fosse. Ele fez uma careta. — Desculpa. Tentei não fazer barulho. Não vi você comer a semana inteira, então pensei que talvez precisasse de… alguma coisa.

Eu não tinha contado da tentativa fracassada de ir ao supermercado, então fiquei surpresa por ele ter notado. Olhei para os potes. Eram cinco, empilhados direitinho por tamanho. Toda semana, ele fazia porções dobradas de quase tudo o que cozinhava e entregava as extras para a mãe, que morava no mesmo bairro que ele. Aquela semana, devia ter triplicado as porções. Peguei os potes no capacho — meio círculo de um sol amarelo com raios alegres.

— Gostei do seu tapete — ele disse.

Bufei.

— É sério — ele insistiu.

Ficamos nos encarando por um instante.

— Te vejo na terça de manhã — ele falou, e virou-se bruscamente para ir embora.

Agradeci enquanto tentava entrar em casa, mas era complicado fazer isso carregando todos aqueles potes de vidro pesados. Ele percebeu e correu para segurar a porta. Notei o olhar curioso que lançou para a escuridão atrás de mim.

— Pode entrar — falei, já me dirigindo à cozinha.

Macon hesitou. Depois, me seguiu para dentro. A porta se fechou suavemente atrás dele. Coloquei os potes no balcão e acendi a luz. Assim que entrou na área iluminada, ele inspirou fundo, de um jeito que indicava estar sentindo algum cheiro no ar.

— Ai, meu Deus. Tá fedendo? — perguntei, me cheirando. — Não tomei banho hoje. Nem limpei nada a semana inteira. Nem no último mês.

— Não. — Ele parecia constrangido, como se eu tivesse flagrado um segredo. — Só percebi que sua casa tem o seu cheiro.

— Ah — respondi. Porque não sabia o que mais dizer. E também porque torcia para que meu cheiro não fosse igual ao de um apartamento sujo. De repente, percebi que estava falando com a língua presa. Que ainda estava com a placa de bruxismo.

— Merda — murmurei, tirando-a da boca. Lavei-a na pia e a coloquei no escorredor para secar. — Desculpa. Que nojo.

— Não é nojento — ele disse.

Sob a luz dura da cozinha, me senti exposta — na minha tristeza, com a placa, de pijama. A calça era velha, fininha, com listras rosa-claras e brancas. Eu estava sem sutiã debaixo da regata branca. Felizmente tinha dormido com um cardigã grosso. Cruzei-o sobre o peito, corando, imaginando se ele tinha reparado.

Ele deu um passo maior que o normal em direção ao balcão.

— Então, eu trouxe umas coisinhas que acho fáceis de comer e que duram bem na geladeira. — Ele desviou o olhar de propósito, me dando privacidade, enquanto ia empilhando os recipientes. — Salada de couve com nozes temperadas, macarrão de gergelim com edamame, sanduíches de abacate com bacon de tempeh…

— Sanduíches?

— ... enchiladas de feijão com salsa verde e sopa de abóbora assada. Coma os sanduíches primeiro, talvez. Vão estar mais gostosos agora.

— "Umas coisinhas" — repeti.

O constrangimento dele pareceu aumentar, então não insisti e comecei a guardar tudo na geladeira.

— Obrigada. Parece ótimo. — Peguei o pote de sopa e fiquei admirando a cor laranja. — Você disse que é de abóbora?

— Da minha lanterna do último Halloween. Sobrou purê no congelador.

— Você esculpiu uma lanterna?

— Tem um monte de crianças no meu bairro que pedem gostosuras ou travessuras.

Eu o encarei.

— Você é desses que dão caixas de uva-passa?

Seus olhos encontraram os meus.

— Granola.

Sorri.

— Mas eu também dou doce — ele acrescentou.

Meu sorriso se abriu ainda mais.

— Eu sei.

Ficamos nos encarando por tempo demais. Uma descarga de energia ricocheteou entre nós. O mesmo arrepio carregado que eu sempre sentira com ele antes de tentar beijá-lo. Meu sorriso sumiu. Virei o rosto, ferida e confusa.

— Ingrid — ele disse.

Nunca tinha o ouvido dizer meu nome daquele jeito. Com tristeza.

Eu já estava chorando de novo. Aquela maldita torneira aberta.

— Ai, meu Deus — ele murmurou, surpreso.

Olhou em volta e viu a bagunça de lenços de papel amassados na minha sala. Pegou um punhado. Não estavam limpos, mas juntou aqueles guardanapos duros de catarro mesmo assim e os entregou para mim.

— Desculpa — disse. — Não achei a caixa.

— Qual o meu problema? — perguntei.

Mas o que eu queria dizer era: *Por que não consigo parar de chorar? Por que meu*

relacionamento não deu certo? Por que não percebi o que estava por vir? Por que você não quis me beijar? Eu queria que os braços dele me envolvessem. Queria ser confortada, sentir o abraço de alguém. Aceitaria até um abraço frouxo. Eu não sabia exatamente o que ele pensava de mim, mas sabia que se importava comigo. Isso era óbvio. Ainda assim, ele não me tocou.

— Não tem nada de errado com você — ele disse, levando a mão até o espaço vazio atrás da orelha, onde normalmente ficava sua caneta. Então passou os dedos pelos cabelos. — Essas coisas só levam tempo.

— Estou cansada de tanto chorar.

— Uma hora você vai parar.

Consegui rir.

— Tipo, logo?

— Uma hora.

— Merda — falei, assoando o nariz.

— Seu apartamento é diferente do que eu imaginava. — Estava tentando me fazer pensar em outra coisa. Ele cruzou os braços, como se estivesse se dando o abraço que eu queria, antes de se afastar para examinar minhas coisas. Não havia muito o que olhar, mas ele ficou tempo demais encarando minha estante.

— Como você imaginava a minha casa? — perguntei, por fim.

— Como o seu capacho. Colorida. Acolhedora. Amigável.

— Bem, não. Aqui é tudo bege. O senhorio não deixa a gente decorar as paredes.

Ele espiou meu quarto, mas a luz estava apagada. Imitando meu próprio comportamento na casa dele, Macon não a acendeu.

— Mas tem uma vista até que boa — comentei. Já não estava mais vazando lágrimas, então o levei até a varanda dos fundos, que dava para a mata.

— É bonita mesmo — concordou.

— Talvez eu coma seus sanduíches aqui fora.

Ele riu.

— Olha quem fala — retruquei, trazendo o assunto de volta. — Você não pode tirar sarro do meu apartamento morando naquela casa vazia.

— Eu não estava tirando sarro. Foi só uma observação.

— Ah, tá. Claro.

Nos apoiamos na grade e ficamos olhando para o céu. A noite estava clara e fria, e a lua, quase cheia. Os pinheiros enchiam meus pulmões de um frescor cortante.

— Então o Cory também levou as coisas boas? — ele perguntou.

— A gente não tinha nada de bom. Mas sim, percebi que a Danielle levou tudo.

Ele riu de novo, mas o som saiu sombrio e cansado.

— Sério, por quê?

— As coisas eram dela. — Ele deu de ombros. — Já pensei em redecorar várias vezes, mas… sei lá. Sempre tem tanto trabalho pra fazer no jardim.

— E no inverno? Você não pode dar uma ajeitada na casa na entressafra?

— Quando está frio lá fora, prefiro ler.

Eu entendia esse instinto — entendia de verdade —, mas não aceitei a desculpa.

— Sua casa podia ficar tão charmosa. Ela tem muito potencial. E nem daria tanto trabalho assim, de verdade. Só precisa de umas cortinas, tapetes, uns móveis novos, com certeza uma pintura…

Macon já resmungava.

— Sério, aquela cozinha sem graça não é digna dos seus legumes e temperos.

— Ah, que ótimo. Agora eu sou sem graça.

— Sua *cozinha* é sem graça. Sua casa não devia se parecer tanto com o meu apartamento.

Achei que conseguiria lhe arrancar outra risada, mas sua expressão ficou séria de novo.

— Eu cuidava da parte de fora — comentou —, e a Dani lidava com a parte de dentro. Nunca falamos disso, mas era o acordo. Quando ela foi embora, a gente tinha acabado de tomar a vacina e eu ainda não me sentia confortável para ir fazer compras. — Ele suspirou, e o vapor ficou visível no ar gelado. — Agora me parece esforço demais.

— Você *cuidava* da parte de fora. Ela *lidava* com a parte de dentro.

— Não sei por que você está enfatizando as palavras desse jeito.

— Só estou dizendo que… talvez seja hora de cuidar da parte de dentro também.

— Olha quem fala.

— Ei. — Dei um empurrãozinho nele. — Meu relacionamento terminou semana passada. Você já teve dois anos.

— É, você tem razão — ele respondeu, tocando o braço no ponto onde eu esbarrei. Então se afastou da grade. — É melhor eu ir.

— O quê?

Ele já estava a caminho da porta. Fui atrás dele.

— Estou falando sério — ele disse, desviando os olhos outra vez. — Come alguma coisa, tá?

Macon me deixou num turbilhão familiar, mas dessa vez eu nem sabia o que tinha feito para ele sair tão de repente. Ainda assim, decidi tomar a sopa, por consideração ao trabalho que ele teve. Quando me aproximei da geladeira, paralisei. Havia uma dúzia de fotos minhas e de Cory, desbotadas e sorridentes. Tinha lembrado de esconder os porta-retratos de possíveis pretendentes, mas me esqueci daquelas fotos. Já faziam parte da paisagem, eram invisíveis. Cory e eu ignoramos as fotos guardadas no armário, assim como aquelas. Ou talvez ele as tivesse deixado de propósito, me forçando a decidir se eu as guardaria ou se as jogaria fora.

Eu nunca tinha levado outro homem ao nosso apartamento. Não sabia bem por que, além de simplesmente não querer. Mas convidei Macon para entrar sem pensar duas vezes.

As lágrimas voltaram a cair pelo que Cory e eu perdemos ao terminar. Pelo que já havíamos perdido ficando juntos por tanto tempo. Me perguntei se o término tinha sido um erro.

Eu sabia que não, e isso doía ainda mais.

CAPÍTULO DEZESSETE

Então minhas lágrimas secaram, e eu fiquei vazia.

CAPÍTULO DEZOITO

A versão-casca de mim mesma brotou. Minha consciência emergiu para o universo, à procura de um novo receptáculo, e meu corpo ficou para trás, rígido e vazio. A casca ia para o trabalho e ficava no meu lugar. Falava, respondia a perguntas e tomava decisões. Tinha passado meses sentindo tudo ao mesmo tempo. Agora não sentia nada.

Não me lembro da maior parte do que aconteceu enquanto eu era apenas uma casca.

Mas minha casca fez duas grandes declarações na minha ausência.

A primeira: meus colegas estavam conversando e fazendo coisas ao redor da minha casca no balcão da biblioteca. Alyssa perguntou se eu ainda estava usando o aplicativo de namoro. Minha casca respondeu que não planejava namorar ninguém por um bom tempo porque eu precisava me entender primeiro. (Na verdade, minha casca disse: "Preciso me namorar primeiro". O que era um bom sentimento, acho, mas dá vontade de morrer.)

Macon estava bem ali quando essas palavras saíram da minha boca.

A segunda: chegou meu quinto aniversário como bibliotecária. Sue me deu um cartão de parabéns e comentou que, coincidentemente, aquele também era o último dia para me inscrever no curso de biblioteconomia.

Minha casca agradeceu pelo cartão, mas anunciou que tinha decidido não se inscrever.

CAPÍTULO DEZENOVE

Alguma coisa precisava mudar, e comecei a acreditar que era o meu cabelo.

— Acho que vou cortar uma franja — falei, puxando o cabelo sobre a testa para mostrar a Kat como eu ficaria.

— De jeito nenhum — respondeu ela.

— Por quê?

— Porque me recuso a deixar você virar um clichê. Se ainda quiser franja daqui a três meses, tudo bem. Mas você não está em condições de tomar grandes decisões a respeito do seu cabelo agora.

Soltei o cabelo, desanimada.

— Mas acho que poderia ficar fofo.

— Espera. — Pelo jeito como encarava a tela, percebi que ela estava abrindo um aplicativo. — Estou anotando: julho. Se ainda quiser uma franja em julho, você vai ter meu apoio total. Eu mesma pago. Considere um presente de aniversário antecipado.

— Ai, Deus. Vou fazer trinta anos em outubro.

— Eu sei.

— Não era assim que eu imaginava minha vida aos trinta.

— Ninguém acha que a vida vai ser assim aos trinta. Nossos pais nunca nos disseram que a economia estaria uma droga e que não teríamos emprego nem dinheiro nem casa.

Kat e Lachlan estavam juntando dinheiro para comprar uma casa fora da cidade que tivesse um jardim espaçoso para Howie, mas achavam que levariam vários anos para conseguir.

— Meus pais se casaram logo depois da faculdade — falei.

— E os meus se divorciaram quando entrei na universidade.

— Acho que quero mesmo a franja.

— De jeito nenhum — respondeu ela.

Naquela noite, arrastei meu cabelo sem graça e a versão sem graça de mim mesma até a casa de Brittany e Reza, pois não tive como recusar o convite deles. Brittany sabia ser insistente quando queria alguma coisa, e ela queria me ver de perto para garantir que eu estava mesmo bem depois do término. Além disso, eu ainda sentia que estava lhes devendo uma pelo que os fiz passar em janeiro.

— Ramadan Mubarak — falei, erguendo uma saladeira de madeira em saudação. Tinha pesquisado a frase no caminho, como fazia todos os anos.

— Olha só pra você. — Brittany sorriu ao me receber na porta. Senti cheiro de comida apimentada, fritura e chaat masala. — Ramadan Mubarak.

— Ela já chegou? — Reza gritou da cozinha.

— O cheiro está incrível — respondi. Era mentira. Eu ainda estava sem apetite, e precisaria fazer muito esforço para experimentar educadamente um pouco de cada prato. — Ramadan Mubarak.

A cabeça de Reza apareceu na porta.

— Olha só pra você — disse no mesmo tom que Brittany, daquele jeito dos casais de longa data que falam a mesma língua com a mesma entonação.

Mesmo que eu fosse uma casca impossível de ser amada, fingi estar contente de estar ali. Dei um meio abraço em Brittany e coloquei a salada de quinoa sobre a mesa, que estava coberta com uma toalha e tinha dois castiçais sem velas acesas. Entre eles, havia duas tigelas: uma vazia e outra cheia de tâmaras. Reza cresceu em uma família religiosa e, embora não praticasse a religião, ainda mantinha algumas tradições.

— É uma abordagem leve — ele explicou da primeira vez que Cory e eu fomos convidados. — Os rituais trazem conforto.

— Você faz jejum? — perguntei.

— Eu como pouco — respondeu. — Bebo água.

Estávamos no meio do Ramadan, e todo ano eles organizavam uma série de jantares. A família dele sempre passava uma semana aqui, e eles usavam as outras

semanas para se encontrar os amigos. Aquele era o primeiro ano em que eu comparecia ao jantar sozinha. Será que o convite era exclusivo para mim ou Cory tinha sido convidado para outro jantar? Não havia jeito educado de perguntar.

Até onde eu sabia, ele não aparecia ali desde a festa de casa nova no outono passado. Tínhamos feito um tour, elogiado os cômodos extras e o segundo banheiro que nosso apartamento não tinha, passeado pelo quintal modesto e ouvido o entusiasmo deles sobre projetos futuros — piso de azulejo, paisagismo, novas bancadas. Naquela época, tudo ainda estava vazio. As fotos e os quadros não tinham sido pendurados, e os cômodos quase não tinham móveis. Mas, mesmo ainda não parecendo um lar, a casa cintilava de potencial.

A lembrança me fez pensar na casa de Macon, embora a dele tivesse a vantagem da idade e da beleza. A de Brittany e Reza foi construída nos anos 2000. Apesar da simplicidade, saí da festa de inauguração sentindo inveja. Naquela noite, sonhei que a casa era minha e que era dia de mudança. Meu apartamento estava abarrotado de móveis maravilhosos e objetos de arte que eu vinha colecionando havia anos, tudo empilhado de qualquer jeito, espremido no pequeno espaço. Mas, à medida que eu levava os itens para a casa nova, ia me surpreendendo ao descobrir que tudo cabia perfeitamente.

Acordei com a compulsão de ajudar meus amigos a se estabelecerem. Cory não entendeu minha motivação, mas voltei durante vários fins de semana seguidos. Ajudei Brittany e Reza a pintar os cômodos e a preencher os espaços vazios. Não ficou como a casa dos meus sonhos, mas era a casa dos sonhos deles. Senti tanto prazer quanto se tivesse recomendado o livro certo para o leitor certo.

Minha casca vocalizava *óóó* e *ahhh* performáticos enquanto Brittany fazia um novo tour para me mostrar as atualizações que eles tinham feito desde a minha última visita.

— Mostra o quarto pra ela! — Reza gritou do outro lado da casa, e me surpreendi quando ela corou. Mas então lembrei de uma coisa.

Na primeira visita, eles tinham dito que o quarto nos fundos seria o escritório compartilhado e talvez, quem sabe, eventualmente — risadinhas nervosas —, o

quarto do bebê. Da última vez, o cômodo ainda estava intocado.

Agora ele exibia paredes verde-claras e um encantador berço de madeira.

— Vamos colocar uma poltrona de balanço ali, acho. — Ela falava rápido demais, e meu coração se agitou, sinal de que não estava tão morto assim. — E talvez uma cômoda ali? Queria achar algum móvel de segunda mão, se possível. O Reza pode reformar. Mas o berço precisava ser novo.

— *Brit*.

Ela pousou a mão na barriga, envergonhada, e eu a abracei.

— Você contou pra ela? — Reza apareceu no corredor atrás de nós. — Contou — disse, respondendo à própria pergunta.

Me soltei dela e pulei nele.

— Parabéns!

Ele me envolveu num abraço. Um abraço de verdade. Era o abraço que eu tinha desejado e que não recebi de Macon, um abraço que me encheu de um desejo poderoso. Não por um amigo, necessariamente, mas por alguém que fosse só meu, um Reza só pra mim.

— Estão animados? — Me afastei mesmo sem querer. — Vocês devem estar muito animados.

— Estou apavorado — ele riu. — Mas feliz.

— Aconteceu rápido — disse Brittany. — Tirei o DIU depois que nos mudamos. Minha irmã levou três anos pra engravidar, então eu achava que comigo seria parecido.

— De quantas semanas você está? — Ela não parecia muito grávida, mas cada corpo carrega a gravidez de um jeito.

— O bebê nasce em meados de julho.

— Já sabem se é menina ou menino?

Eu não entendia nada de gravidez, não sabia em que ponto dava para descobrir isso. Kat engravidou de Howie estando do outro lado do mundo, e poucos outros amigos tinham chegado a essa fase da vida — e todos ainda estavam na Flórida. Eu não tinha presenciado nenhuma gestação de perto. Também nunca fui atenciosa o

bastante para fazer muitas perguntas.

— Menina — disse Brittany.

Então Reza, querendo que a esposa dissesse primeiro, mas também querendo pronunciar a palavra, repetiu depressa:

— Menina.

Eu conheci uma pessoa, Cory tinha dito. Mas mais tarde, naquela mesma noite, sentado comigo à mesa de *Quando os jovens se tornam adultos* da lanchonete temática, ele também confessou que queria ter filhos. Não foi essa nova mulher que o fizera mudar de ideia. Ele disse que já vinha pensando nisso fazia tempo, mas tinha medo de me contar por que sabia da minha decisão. Era mais uma prova de que nossos futuros não se alinhavam, então não doeu no momento — só me surpreendeu. Mas doía agora. Ver essa felicidade, esse futuro compartilhado bem diante de mim, era dilacerante.

Minha casca trincou e ameaçou vazar, mas, felizmente, continuou firme.

Sorri, abracei meus amigos de novo e repeti meus parabéns com entusiasmo.

Quanto tempo faltava para eu poder ir embora?

— Está na hora, está na hora — disse Brittany quando o alarme do celular tocou.

O pôr do sol marcava o iftar, então corremos de volta para a mesa de jantar. Comemos as tâmaras para quebrar nosso jejum inexistente, deixamos os caroços na tigela vazia e Reza voltou para a cozinha, recusando minha ajuda. Naquele momento, eu preferia estar inalando aqueles aromas intensos a ficar sozinha com uma mulher grávida. Mas cumpri meu papel e fiz algumas perguntas, mantendo Brittany animada falando sobre a filha, mesmo sabendo que ela já devia ter tido aquela conversa com inúmeros amigos nas últimas semanas.

— Final de julho — percebi, fazendo os cálculos. — A gente bebeu no começo de janeiro — comentei antes de me dar conta que era um comentário inconveniente e inútil, mas ela não pareceu se importar.

— É, fiquei desconfiada naquela mesma noite, quando uma única cerveja me deixou mega enjoada. Por sorte, tinha sido só essa cerveja mais uma taça de vinho no Natal. — Ela deu de ombros. — Minha menstruação já estava irregular, e… não sei

por que não percebi. Mas não percebi.

Reza voltou com os primeiros pratos, e eu disse que eles seriam ótimos pais, o que era verdade. A conversa seguiu leve enquanto Brittany e eu ajudávamos a trazer o restante do que ele tinha preparado: pakoras de legumes, espetinhos de berinjela, couve-flor frita, dal de lentilha vermelha e vários outros pratos que não identifiquei. Era demais — tanto para em quantidade como no esforço que Reza tinha colocado —, mas ele insistiu que não era nada e que também havia sobras de outras noites.

— Desculpa — disse Brittany. Minha melancolia caíra de repente sobre a mesa. — Ficamos falando, falando, e nem perguntamos como você está.

— Ah, estou bem — respondi. Usei um tom de quem não estava nada bem e por isso ri de mim mesma.

Brittany e Reza abaixaram os talheres com pena, mas não sem compaixão.

— Jantamos com o Cory há algumas noites, e ele também estava mal — comentou Reza.

— Não interprete errado a ordem dos convites — explicou Brittany. — Foi só porque ele podia naquele dia e você podia hoje.

Balancei a cabeça.

— Não, tudo bem. Fico feliz que tenham visto ele.

E fiquei feliz em saber que ele não estava bem. Embora estivesse sozinha, não estava sozinha no sofrimento.

— Vocês acham que ainda podem ser amigos, já que o término foi amigável? — perguntou Reza.

— Não sei — respondi. — Espero que sim, um dia. Mas não agora.

— É — concordou Brittany, mas pareceu não saber como continuar. — É bom finalmente poder comer mais do que sucrilhos e bolachas água e sal. — Ela pegou o garfo e espetou um buquê de couve-flor. — E bem a tempo. Imagina se tivéssemos servido sucrilhos?

Ela estava tentando me oferecer uma saída fácil do papo sobre Cory e talvez também sobre o bebê. Ela sabia que eu não queria ter filhos. Talvez agora também soubesse que Cory queria ser pai.

— Cory teria ficado feliz com sucrilhos — falei.

Por sorte, eles riram.

— É, naquela noite pedimos pizza — disse Brittany.

— Bom, fico feliz de ser um receptáculo guloso pra sua comida maravilhosa, Reza. E fico feliz que você voltou a comer — falei para Brittany.

Senti compaixão por ela, mas também alívio por saber que nunca estaria na mesma situação, seguido de mais alívio ainda por *poder* amar a alegria dela sem desejá-la para mim. Era mais uma prova de que Cory e eu não tínhamos futuro. Pela primeira vez, esse pensamento me confortou.

Minha fome saiu da caverna. Mergulhei a pakora dourada no molho de coentro, e a primeira mordida foi cheia de contrastes: crocante e macio por dentro, com um molho picante e refrescante ao mesmo tempo. Soltei um gemido de prazer, e Brittany e Reza riram de novo enquanto eu finalmente atacava meu prato. Tinha gosto de revelação. Não precisei ficar beliscando e fingindo nada.

A casa deles estava linda aquela noite. A mesa era nova e grande o bastante para acomodar a família que crescia, e as velas de cera de abelha enchiam tudo com um brilho quente, adocicando o ar. Eu nunca tinha pensado em velas de cera de abelha antes, mas agora desejava ter meus próprios castiçais. Queria ter aquela sensação de lar, de amor, esperança e abundância.

Infelizmente, agora que eu sabia que queria isso — agora que estava tão claro —, essa realidade me parecia mais distante do que nunca.

CAPÍTULO VINTE

Mika perguntou se eu queria tomar um café. Ela tinha sido minha colega nos tempos de livraria. Gostava muito dela, e a gente costumava marcar esses encontros umas duas vezes por ano para colocar a conversa em dia. Eu já tinha recusado um convite dela no mês anterior e, embora ainda não estivesse com vontade de socializar, o jantar com Brittany e Reza até que fora agradável. Era mais cansativo inventar outra desculpa. Melhor ir e acabar logo com aquilo.

Nos encontramos num lugar novo que ela estava empolgada para conhecer. Ficava fora das ruas principais, escondido em um bairro não muito longe da casa de Macon. O prédio era pequeno e antigo, mas tinha recebido uma demão de tinta azul-índigo e havia uma porta amarelo-limão com caixilhos da mesma cor e uma banheira vitoriana transformada em floreira, que estava cheia de cosmos cor-de-rosa e laranja, assim como ervas aromáticas.

Vi Mika logo de cara. Ela tinha escolhido uma mesa perto da janela da frente.

Chovia, e assim que entrei, o lugar me envolveu em sua atmosfera quente e acolhedora. O cheiro de café, pães assados e plantas em vasos se misturava a uma energia de limpeza e simpatia. Alguma parte adormecida em mim despertou.

Mika abriu um sorrisão quando se levantou para me cumprimentar.

— Posso te dar um abraço?

Ainda estava desesperada por abraços, mas apreciava quando as pessoas tinham a polidez de pedir permissão. Nunca tinha pensado nisso antes da pandemia. Antes eu abraçava todo mundo, até pessoas que, para ser sincera, provavelmente não queriam um abraço. Agora me sentia mal pelo tanto de espaço pessoal que invadira. Agora, era cuidadosa com abraços. Fazia sentido que Mika também fosse. Sua alma era gentil,

sintonizada com as necessidades
dos outros. Ela se movia pelo mundo com uma delicadeza e leveza que sempre admirei. Foi bom abraçá-la.

— Cheguei mais cedo, então já pedi meu café — disse ela. — Espero que não se importe.

— Claro que não. O que é isso? O cheiro é delicioso.

— Latte de flores silvestres. — Seus olhos se arregalaram e o sorriso dela cresceu. — Tem flores trituradas, botões e xarope floral caseiro. Tudo aqui é à base de plantas.

Sorri de volta, meu primeiro sorriso fácil em muito tempo. O de Mika era tão contagiante que era impossível não retribuir. Apoiei o guarda-chuva ao lado da mesa e fui até o balcão fazer meu pedido. Os baristas eram tão simpáticos e acolhedores quanto o ambiente. Pedi um latte de flores silvestres com leite de coco e ainda comprei um rolinho de canela vegano.

Será que Macon já conhecia aquele café? Ele nunca tinha comentado nada, mas parecia o tipo de lugar de que ele gostaria. Só que ele não costumava comer fora, então talvez nem tivesse ouvido falar. Eu teria que contar para ele.

Já estava me sentindo mais viva quando me sentei de frente para Mika.

— E aí, como você está? Como está Bex?

— Oh, esse seu rolinho está com uma cara ótima — disse ela, admirando meu doce. E depois: — Tudo bem. Bex está prestes a receber o quinto grau da faixa-preta.

Bex era companheire de Mika, e tinham uma academia de taekwondo que gerenciavam juntes.

— Quinto! Quantos graus existem?

— Nove. Na verdade dez, mas o último só é dado postumamente.

— Sério?

— Juro pelo meu cadáver — disse, rindo da própria piada.

Já estávamos de volta ao nosso ritmo. Eu amava todos os meus amigos, mas apreciava ainda mais aqueles que não precisavam de preâmbulos nem aquecimento para mergulhar na conversa.

— Também rola uma mudança de título no quinto grau. De Instrutor pra Mestre Instrutor. Eu já avisei que não vou chamar Bex assim de jeito nenhum.

— Mestre Bex — falei, encantada.

Ela riu de novo.

— De jeito nenhum!

— Bom, Mestre Bex merece meus parabéns. Essa notícia me deixou muito feliz.

— E o Cory? Como ele está?

O lugar escureceu. Saí da minha casca protetora e mergulhei de novo na chuva que caía lá fora.

— Eita — disse Mika. — Aonde você foi agora?

Não surpreendia que ela tivesse notado, mas me surpreendia a forma como falou. Repeti a longa e humilhante história que eu vinha contando o mês inteiro. Ainda não tinha acabado quando Mika estendeu a mão e segurou a minha. Muita gente já tinha me oferecido palavras de consolo e garantias, mas ninguém tinha me tocado assim. Aquilo era a cara de Mika.

A chuva ficou mais suave contra a janela.

— Sinto muito — disse ela quando terminei.

— Está tudo bem — respondi, como sempre. Só que dessa vez estava falando sério. Então acrescentei algo novo: — Acho que estávamos tão presos no relacionamento que esse plano complicado foi a única forma de sair dele. *Tinha* que ser em etapas. Acho que a gente não seria capaz de olhar na cara do outro e falar "não está mais dando certo".

Essas palavras soaram verdadeiras dentro de mim, e senti um peso ser retirado dos meus ombros. Foi um alívio finalmente entender o que tínhamos feito. Que havia uma razão para tudo aquilo. Eu não precisava mais carregar tanta vergonha e confusão. Nosso plano tinha servido a um propósito.

— Faz sentido — disse Mika. — Mas ainda é estranho.

— É. Mas a gente sobreviveu à quarentena juntos, sabe? E muitos casais não conseguiram. Acho que pensamos: "Bom, estamos garantidos. Estamos bem aqui". — Meu rolinho de canela ainda estava intocado, então soltei a mão dela para cortar a

pontinha com o garfo. — Quer dizer, o Macon e a namorada terminaram praticamente no dia em que a vacina foi liberada.

— Quem é Macon?

— Ah. — Minhas bochechas coraram. — Um colega de trabalho.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Não é nada disso.

Ela continuou me encarando suavemente.

Eu não conseguia mentir para Mika.

— Talvez eu *estivesse* interessada, mas ele não está.

As sobrancelhas baixaram, e ela ficou um momento em silêncio. Tomou um gole do latte.

— E você ainda está interessada?

— Não estou procurando ninguém agora. E quando quiser alguém, quero que essa pessoa também me queira.

— Resposta saudável.

— Ei. — Soltei uma risadinha. — Progresso.

Ela também riu.

— Então, tirando esse colega solteiro, que, por algum motivo que não consigo entender, não está interessado em você… como está o trabalho? — Ela ficou triste ao me ver triste. — Ah, não. Está tão ruim assim?

Mika era uma das poucas pessoas a quem eu já tinha admitido que não amava meu trabalho. A biblioteca parecia um lugar tão perfeito para mim que eu sentia vergonha de não gostar de lá tanto quanto deveria. Nesse sentido, não era tão diferente da minha situação com Cory. As coisas eram boas, mas não eram o certo, o que dava uma sensação estranha de desconexão. Não fazia sentido não amar meu trabalho. Eu lidava com livros, meus colegas eram ótimos, o prédio era lindo. O que havia de errado comigo, que não conseguia me sentir satisfeita com o que tinha?

Mas Mika entendia, porque também estava presa num emprego invejável, no qual era competente, mas que não amava. Tinha passado os últimos anos trabalhando em uma loja de presentes bem popular no centro. Contei para ela que recusei fazer o

curso de biblioteconomia, e ela me ouviu com simpatia.

— Então é isso? — disse. — Você nunca vai conseguir uma posição mais alta?

— Não, eu ainda poderia pagar o curso por conta própria. Mas fico mal só de pensar em voltar a estudar. É muito tempo e dinheiro, e não me interesso pelas partes mais técnicas da área, que é o que ensinariam nesse curso. Duvido que valeria a pena. E seria difícil bancar essas mensalidades agora, sabendo que poderia ter feito as aulas de graça. Eu devia ter me inscrito, mas… era como se houvesse uma força dentro de mim me impedindo fisicamente de ir.

— Eu discordo. Acho que você fez bem em ouvir essa força. Ela estava aí por um motivo. Estava te protegendo de cometer um erro.

— Talvez — respondi com tristeza.

— Não, eu acredito nisso de verdade. — Ela falava com tanta convicção que foi reconfortante.

Perguntei do trabalho dela e a deixei desabar e fazer as queixas de sempre — era frustrante estocar produtos inúteis e preparar vitrines que não eram valorizadas pela dona da loja, pois seu lado artístico ficava sufocado. A loja era maior do que costumavam ser as lojas de presentes, ficava num ponto movimentado no centro que atraía muitos turistas e tinha uma equipe grande. Mika tinha um ótimo cargo e era bem paga. Gostava da posição que ocupava, gostava de trabalhar no centro e gostava de ajudar os clientes. Tudo isso tornava o emprego bom o bastante para que ela não conseguisse sair.

— Por que se estabilizar parece tanto com se acomodar? — perguntei.

— Nem sempre. Eu não sinto isso com Bex.

— Às vezes queria que a gente tivesse nossos antigos empregos de volta.

— Ou que tivéssemos conseguido comprar a livraria. Lembra como a gente queria isso?

Mika amava a Livraria Tic-Toc tanto quanto eu. Ela nasceu no Japão e sua família se mudou para cá quando ela era pré-adolescente, então Mika se tornou uma leitora voraz para aprender melhor a língua. Nós duas começamos a trabalhar na livraria mais ou menos na mesma época e ficamos arrasadas quando o lugar fechou.

Passávamos muitos turnos fantasiando sobre o que faríamos se ela fosse nossa, mas Mika era só dois anos mais velha que eu, então ambas éramos jovens e falidas. Salvar a loja não foi uma opção. Então o espaço acabou virando uma boutique de molhos de pimenta e roupas relacionadas a molho de pimenta.

— Sendo bem sincera, não consigo acreditar que uma cidade como esta *ainda* não tenha uma boa livraria — falei.

— Aquele sebo na Dogwood vende uns títulos novos, os best-sellers. Os mesmos encontrados nas grandes lojas. Mas, no geral, todo mundo acaba comprando livros no Lugar Ruim.

Nenhuma de nós dizia o nome do varejista online que dominava o mercado. Tantos anos depois, ele ainda soava como uma maldição.

— A gente devia abrir uma livraria — falei, mas não estava falando sério.

— Sim. E montar uma vitrine enorme de livros banidos logo no dia da inauguração. — Ela sorriu, porque já tinha ouvido minhas histórias sobre os censores da biblioteca.

Continuamos sonhando juntas, acrescentando cantinhos de leitura, arte local e produtos sustentáveis à livraria. Eu conseguia visualizar tudo com clareza. Quando a conversa voltou ao mundo real, a semente tinha começado a germinar dentro de mim. Ao anoitecer, já tinha criado raízes. Fui cedo para a cama e, como sempre, custei a pegar no sono. Mas, em vez de ficar pensando na minha solidão, em vez de ficar pensando em macho, pensei na livraria. Pensei no "e se".

CAPÍTULO VINTE E UM

Liguei para Mika em estado febril na manhã seguinte.

— E se a gente fizesse mesmo isso? E se abríssemos uma livraria juntas?

Ela percebeu que a pergunta era séria e me deu uma resposta séria:

— Sinto muito. Queria poder dizer que sim, mas já sou sócia do dojang com Bex e o parceiro de negócios delu. Ter um negócio é estressante. Quase não conseguimos sobreviver à pandemia. Não quero ter outro empreendimento.

Fiquei arrasada. Naquele estado sonolento da manhã, ainda tão perto dos sonhos, eu tinha certeza de que ela ficaria empolgada. De que conseguiria convencê-la a fazer aquilo comigo. Mas não havia como discutir com a razão dela.

— Acho que me empolguei. É uma ideia boba, de qualquer forma.

— Não é boba — disse ela. — Obrigada por me perguntar.

Eu queria voltar para a cama e saborear minha decepção, mas era segunda-feira. Segundas eram os dias em que meus colegas e eu marcávamos coisas como cortes de cabelo e consultas no dermatologista, e naquela segunda eu tinha uma tarefa particularmente desagradável que não podia esperar. Meu carro estava superaquecendo de novo. Fui até o mecânico para dar um jeito no vazamento do radiador, mas ele me repreendeu. O que eu precisava, disse Harvey, era de um radiador novo e de mangueiras novas. Mas o reparo
custava cem dólares; trocar tudo ficaria perto de mil. Exigi o reparo, e nós dois ficamos de mau humor com isso.

— Vai levar algumas horas — disse Harvey com um desprezo nada velado.

Eu já estava preparada. Peguei o saco de restos de comida que tinha trazido de casa e caminhei os oitocentos metros até a casa de Macon. Como a primavera tinha

chegado em fevereiro, a cidade já reluzia com uma aura de verão precoce. Claro, abril ainda trazia algumas chuvas, mas as flores de maio estavam em plena floração, cestas suspensas de samambaias balançavam nas varandas e sinos de vento tilintavam ao sabor da brisa.

Encontrei Macon no jardim, colhendo delicadas coroas de brócolis. Ele se sobressaltou ao me ver no portão. Eu nunca tinha aparecido na casa dele sem avisar.

— Tenho uma entrega pra sua pilha de bosta — falei, pegando emprestada a expressão que Cory usava, pois ela combinava com meu humor.

Mas Macon não pareceu se importar com minha aparição repentina. Achei que eu pudesse deixá-lo nervoso ao fazer isso, mas como ele estava em sua zona de conforto, levou tudo numa boa. Expliquei sobre o carro e ele apontou para a composteira, levando um carrinho de mão carregado de ervas daninhas para acrescentar ao monte. Ele usava uma camiseta preta suja e uma calça de trabalho puída e cheirava a suor, terra e sol. O cheiro era quente e reconfortante. Senti vontade de me recostar como uma muda buscando a luz do sol, mas consegui resistir.

Tábuas de madeira cercavam três lados da composteira para mantê-la organizada, e a pilha se espalhava no chão pelo lado aberto. Além dos restos de comida, resíduos da jardinagem e papel pardo picado, achei curioso ver rolos de papel higiênico, bolinhas de algodão e outras surpresas domésticas.

— Isso é fio dental? — perguntei, despejando meu saco.

— É.

— Posso trazer o *meu* resto de fio dental?

— Provavelmente não. Eu compro um tipo especial. — Ele pegou um ancinho que descansava encostado em uma das paredes e se apoiou nele, saboreando o que ia dizer a seguir: — Mas você pode me trazer unhas e cabelo.

— *O quê?*

Ele riu.

— São compostos orgânicos.

— Meu Deus. — Eu ri também. — Vou trazer, pode esperar.

— Ei, já que você está aqui e tem um tempinho, se importaria de me dar um

conselho?

— Sério? — Minha curiosidade despertou. Eu é que geralmente pedia conselhos a ele.

— Estive pensando no que conversamos outro dia, da minha casa precisar de umas mudanças, e estava esperando que você pudesse me orientar.

Ele largou o ancinho, e eu enfiei o saco no bolso e o segui pela porta dos fundos. A cozinha ainda me parecia cansada e vazia, mas a luz dourada do sol aquecia o ambiente, e um pão redondo que acabara de sair do forno descansava no balcão. Fiquei tentada a tocá-lo para ver se estava quente.

— Estou pensando em reformar — disse ele, tirando as luvas de trabalho para lavar as mãos —, mas não sei nem por onde começar.

Fui até a parte da frente da casa. Toda a madeira — pisos, rodapés, sancas, guarnições das portas — estava arranhada e marcada. Mas era original e nunca tinha sido pintada. Na verdade, a impressão é de que a madeira estava sedenta. A sala tinha um bom tamanho e muitas janelas. Duas estavam cobertas por persianas baratas, e a fileira inteira ao longo da parede maior estava sem cortinas, mas todas davam para o jardim.

Senti um nó de inveja na garganta.

— Você tem muita sorte.

Ele se aproximou por trás.

— Por quê?

— Por causa desta casa. Eu adoraria ter uma casa assim. Minha geração inteira adoraria ter uma casa.

Felizmente, ele não negou nem minimizou a situação. Não era de seu feitio.

— Eu tenho sorte mesmo — disse, embora soasse cansado. Talvez fosse o mesmo cansaço que envolvia os cômodos.

Coloquei as mãos na cintura enquanto olhava para o vazio que era a sala dele.

— Nossa, Macon. Este lugar está tão *vazio*. Ainda não entendo.

— Eu tenho um sofá. — Ele apontou para um lado. — Tenho uma mesa de centro. — Apontou para outro.

— Você esteve esperando esse tempo todo por… — Parei. Minha pergunta era indelicada.

— Esperando esse tempo todo pelo quê?

Balancei a cabeça.

— Ah, qual é? — disse ele. — Você não pode fazer isso.

Ele tinha razão, então falei com mais cuidado:

— Você acha que estava esperando ela voltar?

Minha franqueza pareceu surpreendê-lo, e percebi que ele esperava outra pergunta. Fiquei com medo da resposta. Tentei voltar atrás — *esquece, fui longe demais* —, mas ele me interrompeu.

Falou com cuidado e firmeza:

— Não.

O alívio me deixou constrangida; parte de mim ainda o queria para mim. Eu já devia saber que não podia querê-lo. Na maior parte do tempo, eu achava que não queria mais. Mas ali estava a prova de que o desejo ainda existia.

Ele me observava atentamente. Ainda bem que o gato dele escolheu aquele momento para entrar de mansinho na sala.

— Edmond! — falei, e o passo furtivo virou um trote. Abaixei-me no chão, e ele me cumprimentou encostando a cabeça em mim. Acariciei suas bochechas. Ele ronronou e pressionou o queixo nas minhas mãos.

— Edmond gosta de você — disse Macon.

— Isso é incomum?

Ele pensou um pouco.

— Não sei ao certo. Sei que ele gosta de mim e que não gostava do dono anterior nem do veterinário. Mas é claro que ele gosta de você.

— Como assim?

— Todo mundo gosta de você.

— Obrigada — falei. — Acho.

— Era pra ser um elogio.

Levantei-me e sacudi as mãos para tirar os pelos.

— Bom, você não costuma gostar das coisas de que todo mundo gosta.

— Você não é uma *coisa*. — Ele soou ofendido.

Isso me fez rir.

— Desculpe, eu só estava te provocando. Sei muito bem que você gosta de mim. Você nunca teria me convidado pra entrar se não gostasse. — Falei com leveza, acrescentando um toque de flerte casual para deixar claro que estava me referindo à nossa amizade. Mas, na verdade, eu estava confusa. — Falando nisso! — exclamei, animada demais. — Sua casa.

— Minha casa — disse ele, piscando. Ele parecia confuso também.

Eu já não conseguia mais encará-lo.

— Então a ideia básica, e veja bem, você está pedindo conselho pra uma mulher que mora num apartamentinho péssimo… então a ideia não é encher o espaço de qualquer coisa. É acrescentar mais daquilo que você já ama.

— Sou um homem de quarenta anos que não tem nada.

— Trinta e nove.

— Então o que seria mais do nada?

— Ai, meu Deus, Macon. — Eu me virei para ele, exasperada, mas havia um brilho nos seus olhos. Ele estava me provocando. Acabei rindo de novo.

— O que eu amo? — disse ele.

Meu coração desacelerou de forma quase dolorosa. Mas meu sorriso só vacilou por um segundo.

— Bem, você ama ler, óbvio. Cozinhar. Cuidar do jardim.

— Então preciso comprar mais livros, comida e plantas.

— Não…

— E esse sofá está ótimo. Isso é bom.

— Seu sofá *não* está ótimo.

— E não preciso de uma cristaleira nem de louças para colocar dentro dela…

— Ninguém precisa de louça hoje em dia, a não ser que goste disso.

— Ah, eu adoro.

Ele estava tentando me provocar de novo, e eu o ignorei.

— Você gosta de ler, então eu criaria um canto bonito para os seus livros. Você gosta de cozinhar, então eu criaria espaços bonitos para preparar e comer refeições. Você gosta de jardinagem, então eu encheria o interior da casa de plantas também. É por aí que eu começaria.

— E o resto?

— Ah. O resto vem depois.

Ele pegou Edmond e o segurou contra o peito e o ombro.

— Tá bom. Finja que eu gostaria de ter lugares bonitos para ler, cozinhar e comer. *Finja*.

— Estou fingindo.

— Como se cria isso?

— Bem, como você aprendeu a cuidar do jardim?

— Minha tia me ensinou.

— Droga. Achei que você fosse dizer que foi com *livros*. Teria sido um gancho perfeito.

Com isso, Macon finalmente riu.

— E a Bonnie, como está? — perguntei, tomando cuidado para manter a voz leve. Ela ainda estava na clínica de reabilitação, e ele não tinha muitas notícias. Mas eu sempre perguntava quando tinha oportunidade.

— Talvez melhor? Provavelmente igual. — Ele deu de ombros, um gesto desconfortável que dizia muita coisa, e depois retomou o assunto. — Então, o que você faria se a casa fosse sua?

— Não estou decorando a casa pra mim. Tem que ser pra você.

Ele dispensou a objeção.

— Estou perguntando o que você faria se ela *fosse* sua.

— Ah. — Meu olhar suavizou. Depois vagueou de novo, absorvendo tudo até parar na cozinha. As paredes e os armários tinham o mesmo tom opaco de branco envelhecido e castigado, mas a luz natural iluminava o brilho gasto dos armários, quase fazendo as portinhas reluzirem. — Eu começaria pela cozinha. Pintaria as paredes de um amarelo amanteigado para combinar com o sol. Limparia os armários

pra dar uma nova demão de tinta. Colocaria cortinas na janela da pia. Um pote bonito pra guardar as colheres de pau, pra que estivessem sempre ao alcance.

— Bem alegre — disse ele.

— Alegre demais pra você.

— Estamos falando da sua casa, lembra?

Sorri.

— Eu colocaria uma grande mesa redonda na sala de jantar. Cadeiras suficientes pra me sentar num lugar diferente a cada noite. Embora, claro, eu acabasse sempre escolhendo a mesma.

— Claro.

— Eu teria jogos americanos coloridos, guardanapos de pano descombinados.

— Por que descombinados?

— Assim, quando inevitavelmente eu perder um, não vai ser um grande rebuliço. Não preciso trocar todos.

— Ah. Prático.

— Às vezes eu sou prática.

— Continue — disse ele.

— Eu tiraria essas persianas baratas e colocaria cortinas em todas as janelas também. Vários assentos confortáveis e almofadas. Abajures e tapetes. E exibiria minhas estantes aqui, bem na sala da frente, porque, não sei se você sabe, mas eu também gosto de ler.

— Já ouvi falar.

Mas eu já tinha passado da piada e voltado ao sonho.

— Não! Eu colocaria prateleiras nessa parede toda. Iria… me cercar de livros. E pintaria a porta com uma cor acolhedora. Ainda não sei qual.

— Parece perfeito.

Fiz uma careta.

— Estou falando sério — Macon disse — Tudo isso parece ótimo. Bem, talvez não a porta acolhedora. Não ia querer que ninguém tirasse a conclusão errada.

— Ah, para.

— Estou falando sério. — Ele riu. — Parece uma casa bem aconchegante onde eu adoraria viver.

O clima mudou de um jeito sutil, mas rápido. Porque Macon tinha, de fato, a capacidade de tornar meu sonho em realidade — para ele mesmo —, enquanto eu ainda estava presa num quarto e sala bege.

— Pelo menos pendure uns quadros — falei, caminhando para a saída. — Paredes vazias são tristes.

A expressão dele se apagou.

— Anotado.

Dei um sorriso tenso enquanto marchava porta afora.

— Até amanhã.

Mas ele pegou as luvas e me acompanhou até o portão do jardim. De repente soltou um palavrão, e olhei por cima do ombro. Ele estava segurando os brócolis que tinha colhido quando cheguei. Tinham murchado ao sol.

Naquela noite, enquanto eu lamentava ter gastado cem dólares no mecânico — e comia miojo numa tentativa de me recuperar financeiramente —, recebi uma mensagem de Mika:

Passei o dia todo pensando na sua livraria, ela escreveu. *Você devia seguir em frente mesmo assim.*

CAPÍTULO VINTE E DOIS

— Andei pensando — Macon me disse alguns dias depois, no trabalho. — Vou pintar minha cozinha de amarelo.

— Sério? — Eu já não me lembrava mais que tinha saído da casa dele irritada e com inveja. Só senti uma pontada de entusiasmo porque minha visão estava prestes a se tornar realidade.

— Sim. Desde que você falou, consigo imaginar muito bem.

Endireitei a postura. Era bom me sentir útil. Não acontecia fazia tempo.

— Tem problema? Tenho a impressão de que roubei sua ideia.

Afastei a preocupação dele com um gesto.

— É assim que eu pintaria *aquela* cozinha. Não faço ideia de como vai ser a minha futura cozinha. Pode roubar minha ideia à vontade.

Horas depois, aquilo ainda me ocupava os pensamentos. Como a tonalidade certa de amarelo ficaria encantadora naquele ambiente. E ficaria horrível se ele escolhesse a cor errada.

— Você vai pintar sua cozinha logo? — perguntei.

Ele assentiu, primeiro devagar, depois mais rápido, conforme pensava melhor.

— Acho que sim.

— Posso ajudar?

Ele ficou surpreso.

— Você quer me ajudar a pintar a cozinha?

— Quero.

Também fiquei surpresa comigo mesma, mas estava mais animada com isso do que com qualquer outra coisa desde que tinha encerrado a vida de encontros. Além disso,

eu não podia falar que temia que ele escolhesse um tom horrível. Que me preocupava com a integridade da casa dele.

Ele me observava de lado, mas de repente seu olhar ficou mais aguçado.

— Você está falando sério, né?

— Claro que sim.

— Você já pintou alguma parede na vida? Pergunto por que você mora num apartamento que não pode pintar.

— Ajudei a Brittany com a casa dela. E os amigos do Cory costumavam fazer "festas de pintura". — A expressão vazia dele me fez explicar: — É quando você chama os amigos pra pintar as paredes da sua nova casa e paga com pizza e cerveja. É pra ser divertido.

— Parece horrível.

— E *é*. Todo mundo sempre acabava bêbado, e de algum jeito a pintura sobrava toda pra mim. E eu dava conta! — Um pensamento me ocorreu. — Talvez por isso me chamavam pra tantas festas dessas.

— Você é responsável demais.

— Sou mesmo.

— Se é tão ruim assim, por que quer me ajudar?

— Porque é melhor do que ficar sozinha no meu apartamento triste.

Ele franziu a testa, mas um homem nos interrompeu, querendo tirar a segunda via do cartão da biblioteca. Macon pediu a identidade dele, e enquanto o sujeito a procurava, Macon balançou a cabeça.

— Não sei. Você estaria me fazendo mais um favor, e eu ainda estou te devendo por ter cuidado do Edmond.

— Você não me deve nada. Você é meu amigo, eu só estava te ajudando. Você faria o mesmo por mim.

— Você não tem gato.

— Qual é?

Ele ergueu as mãos.

— Tá bem. Não vou impedir você de pintar minha cozinha.

— *Ajudar* a pintar. Não vai ser uma festa de pintura.

O semblante dele se fechou quando ele pegou a carteira de motorista das mãos do homem de forma um tanto brusca.

— Quando você quer começar? — perguntei assim que ficamos sozinhos de novo.

— Domingo?

— Se começarmos no domingo, não vai dar tempo de terminar no fim de semana.

— Minha cozinha não é grande. Não vamos levar dois dias.

Expliquei que ele estava se esquecendo da preparação: massear, lixar, limpar, passar fita, aplicar o primer. Mais importante ainda: ele não tinha levado em conta o tempo que gastaríamos escolhendo a cor.

— Mas vamos pintar de amarelo — ele disse, confuso. — Amarelo amanteigado, amarelo ensolarado, como você descreveu.

— Você está subestimando a quantidade de tons de amarelo que existem no mundo. — Fiz uma busca rápida. — Olha, a loja de material de construção fecha às sete. Dá tempo de sobra pra gente pegar umas amostras depois do trabalho.

— Você quer dizer *hoje à noite*?

— Você tem outro compromisso?

— Talvez — resmungou ele.

Algumas horas depois, eu enfiava cartões de amostras de tinta nas mãos dele. Depois de ajudá-lo a eliminar as cores que com certeza não funcionariam, ainda sobravam dezenas.

— Cole esses nas paredes da cozinha — falei, eliminando um amarelo claro demais. — Mude de lugar e observe em diferentes tipos de luz. Vá retirando os que não funcionarem até sobrar só alguns. No sábado, antes do trabalho, eu passo lá e te ajudo a escolher o certo.

— Por que antes do trabalho?

— Para eu ver a cor na luz do dia. Assim você já pode comprar a tinta depois do expediente, e começamos cedo no dia seguinte. Nesse meio-tempo, vá preenchendo os buracos e reparando as rachaduras.

Ele parecia confuso com tantas instruções.

— Como você sabe tudo isso?

Senti um prazer quase infantil em saber mais sobre algo do que ele, pelo menos uma vez, e comecei a explicar a diferença entre rolinhos pequenos e rolos do tamanho normal.

— Os pequenos são tão leves que os braços não cansam. Você vai precisar passar fita, mas depois não vai precisar fazer o acabamento, então compensa.

Ele concordou em experimentar os pequenos só para que eu parasse de falar. Mas, como o bom bibliotecário que era, compensou a ignorância com uma pesquisa diligente. Na manhã de sábado, as paredes estavam preparadas e limpas, e ele tinha uma lista de materiais para comprar e quatro amostras coladas nas paredes.

Li os nomes das cores em voz alta:

— Verão Mágico, Queimado de Sol, Manhã Ensolarada, Cachinhos Dourados.

— Qual você prefere? — Macon perguntou, me entregando uma caneca de chá verde com mel. Eu gostava de cafeína em todas as formas, mas aquela era uma das minhas favoritas. Não surpreendia que ele mesmo tivesse me viciado nisso. Soprei o líquido e tomei um gole. Também não surpreendia que o dele tivesse ficado melhor que o meu.

— Todas são boas — disse, admirando as cores.

Os ombros dele relaxaram, e percebi que minha aprovação o agradava.

— Talvez Cachinhos Dourados seja um pouco dourado demais. E Queimado de Sol meio sem graça?

Ele tirou as duas da parede.

— Manhã Ensolarada — falei. — É essa.

— Também era a minha preferida.

Arranquei o cartão e o bati no peito dele.

— Pronto.

O contato inesperado nos assustou. Eu nunca tinha… tocado o peito dele antes. Ele fez toda uma encenação para desgrudar a fita do cartão da camisa, me lançando um olhar duro.

Dei de ombros, porque sinceramente não sabia por que tinha feito aquilo.

Ele estalou a língua, fingindo desaprovação.

— Então vai ser Manhã Ensolarada.

Macon sempre acordava cedo, apesar do mau humor que demonstrava todos os dias ao chegar no trabalho. ("Meu humor não tem nada a ver com a manhã em si, e sim com o fato de ter que sair de casa", ele me dissera uma vez). Eu ainda não estava dormindo bem, então combinamos que eu voltaria cedo no domingo. Queria ter ido com ele à loja de materiais de construção para comprar a tinta e os suprimentos, mas passei todo o nosso turno de sábado tentando inventar uma desculpa para acompanhá-lo e não consegui pensar em nenhuma.

Caímos na risada quando ele me recebeu na porta. Estávamos usando a mesma camiseta cinza com o logotipo do condado de Colburn, um "presente" de fim de ano que tínhamos recebido do nosso empregador dois anos antes. Outros presentes memoráveis incluíam sacos de papel pardo contendo apenas uma laranja murcha e cinco castanhas, além de canecas com o logotipo da empresa que fomos proibidos de usar alguns meses depois, quando descobriram que continham chumbo.

— Feliz Natal — eu disse.

— Que besteira! — ele retrucou.

Ele já tinha passado fita-crepe em volta dos armários, janelas e guarnições. Estava tudo pronto e esperando por mim, inclusive o café da manhã. Uma hora antes, ele havia me mandado uma mensagem: *Se você valoriza a minha sanidade, por favor não vá comer Pop-Tarts. Vou preparar alguma coisa pra gente*. Ele tinha visto a caixa no balcão da minha cozinha e vinha me importunando desde então.

— Eu só comprei uma caixa — falei, me dirigindo para a pequena mesa de jantar dele. — Em tempos de desespero, sabe como é. — Então arfei. Duas travessas cheias de batatas rústicas e tofu mexido esperavam por nós. — Que maravilha. Obrigada.

Ele colocou outra caneca de chá na minha frente.

— De nada.

Gemi na primeira garfada de tofu, temperado com pimentões, espinafre, cebola e ervas.

— Posso presumir que isso tudo veio da sua horta?

— Sim. Os pimentões estavam no meu congelador desde o ano passado. Estou tentando usar tudo antes de enchê-lo de novo neste verão.

— Está delicioso. Mal posso esperar pra ver o que você vai preparar pra mim amanhã de manhã.

— Vou adorar cozinhar pra você de novo amanhã cedo.

Minha mão parou no ar com o garfo suspenso.

— Eu não estava falando sério.

— Eu estava.

Ele parecia satisfeito em me observar comer. Achei que entendia o motivo. Nunca culpei Cory nem tive raiva dele, mas sempre me entristeceu o fato de não poder cozinhar para nós dois. Não poder compartilhar a preparação, a apresentação e o prazer de uma boa refeição. Eu suspeitava — então talvez eu o culpasse um pouco — que isso tivesse me travado. Minha alimentação não costumava ser tão ruim quanto nos últimos tempos, mas talvez eu tivesse me esforçado mais se gostássemos de comer as mesmas coisas. O desejo e a necessidade de alimentar as pessoas que amamos é algo primitivo. É por isso que famílias se reúnem para jantar, por isso colegas de trabalho assam bolos de rum uns para os outros. E fazem tofu mexido.

Macon brigou comigo por causa da limpeza.

— Você *não* pode não me deixar ajudar — eu disse.

— Está tudo bem. Eu tenho minhas manias com a louça. Gosto que seja lavada de um jeito específico.

— Somos bibliotecários. A gente gosta que as coisas sejam feitas de um jeito específico. Me diga como você faz que eu ajudo. — Peguei uma tampa de plástico para colocar na lava-louças, e ele soltou um som estrangulado. Ergui a peça. — O que foi?

— Plástico não vai na lava-louças.

Coloquei a tampa de volta no balcão.

— Entendido.

Logo aprendi qual sabonete ele usava para lavar as mãos e qual era para lavar a louça (eu tinha chutado errado), quais peças tinham que ser secas no mesmo instante (normalmente só as de ferro fundido, mas aquele dia eram todas, porque precisaríamos tirar tudo do cômodo), e como ligar a máquina de lavar louça (usando uma medida de sabão em pó não identificado). Depois movemos os poucos itens restantes para a sala de jantar e estendemos as lonas. Finalmente estava na hora de aplicar o primer.

Comecei de um lado, ele do outro, e logo nossos rolos se encontraram no meio. O primer era fosco e deixava um acabamento manchado, mas só de cobrir aquele branco velho o ambiente já ficou mais luminoso. Lavamos as mãos e tínhamos algumas horas livres até o primer secar. Por mais estranho que parecesse, nunca tínhamos passado tempo juntos assim, só nós dois, sem nada específico para fazer. Com medo de que ficasse constrangedor, pedi um tour completo pelo jardim, e ele aceitou.

Estava mais verde agora, embora a maioria das plantas ainda fosse pequena e jovem. Ele me mostrou os primeiros legumes, plantados em fileiras ordenadas, e as muitas bandejas de mudas etiquetadas na estufa. As folhinhas minúsculas eram de uma doçura tocante. Havia um jardim de ervas disposto em uma espiral de pedras construída pela tia dele; canteiros robustos com os primeiros sinais de plantas perenes nativas; casinhas e comedouros escondidos para pássaros; e uma placa declarando que o quintal era um habitat certificado para polinizadores. Ele estava orgulhoso de tudo aquilo e eu gostava de vê-lo feliz.

— Quanto disso já existia quando você era criança? — perguntei.

— O canteiro em espiral, algumas árvores frutíferas e aquele bordo japonês ao lado da garagem. Os inquilinos deixaram o mato e a grama tomarem conta do resto. Bonnie ficou furiosa. Mas, no fim das contas, se parece muito com o que ela tinha antes, embora mais por necessidade prática do que por sentimentalismo. — Ele gesticulou em direção à horta para exemplificar. — Aquela é a única parte que recebe sol suficiente nos canteiros.

— Ela também cercou a horta com paliçada branca?

Ele riu.

— Não, com tela de galinheiro. E cada vez que eu precisava consertar, acabava cheio de cortes nas mãos. — A nostalgia se infiltrou na voz dele. — Foi ela quem me ensinou a fazer tudo isso, sabe?

— Eu sei. Ela devia adorar vir te visitar e ver você sendo adulto, cuidando do jardim dela, trazendo vida pra ele.

Sua expressão ficou mais triste e percebi que errei ao me referir às visitas dela no passado. Era como se eu estivesse negando a possibilidade de uma *reabilitação*.

— Desculpe — falei.

Ele balançou a cabeça como quem diz que estava tudo bem, embora nada estivesse bem com a Bonnie.

— Ela adorava mesmo.

Um pensamento me ocorreu.

— Foi difícil decidir pintar a cozinha?

Ele entendeu aonde eu queria chegar.

— Porque a casa esteve assim minha vida inteira?

— Estou me perguntando agora se não foi *por isso* que você nunca mexeu em nada antes. Talvez a casa do jeito que está guarde muitas lembranças felizes.

Macon refletiu antes de responder.

— É verdade que eu sempre fui mais feliz aqui do que na casa da minha mãe — concordou ele, referindo-se às dificuldades da agorafobia dela. Era a tia que o levava para passear, e a infância dele se tornou mais isolada depois que Bonnie se casou e se mudou. — Minha tia era divertida e me deixava burlar as regras. Na verdade, quebrei o braço caindo daquela árvore ali quando tinha sete anos.

Ele apontou para uma das cerejeiras, e nós rimos.

— Sua mãe deve ter surtado.

— Levou meio ano até ela deixar a Bonnie ficar comigo de novo, mesmo que o acidente não tivesse sido culpa dela. Eu estava lá em cima, lendo, e perdi o equilíbrio.

— Você quebrou o braço *lendo*?

Rimos mais ainda.

— Não acredito que você nunca me contou essa história antes — falei.

— Já contei, sim.

— Eu lembraria disso — insisti, porque lembraria mesmo.

— Enfim — disse ele —, quando vim morar aqui, a Bonnie me incentivou a transformar a casa em minha. E então a Dani encheu tudo com as coisas dela, e tudo bem. Sinceramente, eu só não pensei nisso até você tocar no assunto. Acho que tinha parado de enxergar a realidade. Precisei ver pelo seu olhar horrorizado — acrescentou ele num tom de ofensa prazerosa.

Aquilo me fez sorrir.

— Então a Bonnie é a irmã mais velha ou mais nova da sua mãe?

— Mais nova.

— Sabia. As mais novas são sempre as mais divertidas. Elas podem ser. Não têm as mesmas pressões e responsabilidades.

— *Você é* divertida.

Ele ainda estava brincando, mas eu travei, e não tinha nenhuma resposta espirituosa na ponta da língua. Meus Deus, era constrangedor estar sempre tão ávida pela aprovação dele. Tínhamos dado a volta até a varanda, então nos sentamos nas cadeiras de ferro fundido.

— O Edmond fica com você aqui fora? — perguntei, querendo desviar a atenção de mim. — Já que ele costumava ser um gato de rua?

— Às vezes ele me segue por aí. Fica cheirando a terra, correndo atrás de insetos. Mas, na maioria das vezes, ele prefere aproveitar o jardim pela janela. É muito teimoso. E preguiçoso.

— Bom, vou ter que voltar no verão, quando as plantas estiverem crescendo.

— Você é bem-vinda a qualquer momento.

Ele não disse de forma casual. Estava falando sério. E lá estava de novo, aquela carga pairando no ar entre nós. Eu ardia com o novo fio de esperança e confusão.

Ele franziu a testa quando se virou para o galpão de ferramentas.

— Posso te fazer uma pergunta?

Senti o coração na boca.

— Por que você decidiu não estudar biblioteconomia?

Doía que ele ainda tivesse esse efeito em mim — me fazer acreditar que ia perguntar outra coisa —, por mais que estivéssemos firmes no território da amizade. Não queria me sentir assim com ele. Não queria estragar tudo de novo. Precisava parar de interpretar errado só porque uma parte solitária de mim desejava algo que não estava ali.

— Não sei explicar direito — respondi depois de me recompor. — Mas toda vez que pensava nisso, me dava um enjoo no estômago.

— Toda vez que você pensava na escola? Ou na biblioteca?

Hesitei. Me sentia mal em admitir a verdade, afinal, mesmo reclamando do trabalho, era isso que ele queria para si.

— As duas coisas.

O olhar dele se desviou do galpão e se voltou para mim.

— Não me entenda errado. Sou grata pela consideração da Sue e da Constance. Sou grata pelo trabalho estável e amo nossa filial. E meus colegas — acrescentei.

Macon sorriu de um jeito triste, mas compreensivo.

— É como se eu tivesse o segundo melhor emprego do mundo, e isso deveria bastar. Mas não basta.

— E qual *seria* o melhor?

Fiz uma careta.

— Vai soar ridículo.

— Duvido.

— Eu adorava trabalhar na livraria.

Ele franziu a testa.

— Por que isso seria ridículo?

— Os horários eram piores. O salário era pior. Mas sim, o trabalho era melhor. — Assumi uma postura defensiva. — E sei que é hipocrisia, porque a gente vive falando de economizar, de usar o que já temos, comprar coisas de segunda mão, mas… é diferente com livros. Pelo menos pra mim. E o setor livreiro significa mais pra mim

do que qualquer outro, então é com isso que quero gastar meu dinheiro. Por isso não acho que seja hipocrisia. É um investimento no que julgo importante.

Ele deixou minhas palavras pairarem no ar por alguns segundos antes de inclinar a cabeça.

— Se você está tentando justificar por que alguém pode querer comprar um livro novo ou trabalhar numa livraria, sabe que não precisa me convencer, né?

Olhei para o lado, rindo, mas eu me *preocupava* com o que ele pensaria. Macon usava produtos de limpeza não tóxicos, tinha sua própria horta orgânica e seus livros de economia ambiental. Sua opinião era importante para mim.

— Você já pensou em abrir uma livraria? — ele perguntou.

Soltei uma risada surpresa.

— Na verdade, já pensei, sim, e bem recentemente, mas não. Eu não conseguiria.

— Por quê?

Fiz uma careta, como se ele tivesse ficado louco.

— Porque não sei nada sobre abrir um negócio.

— E você acha que os donos de loja todos sabem? Acha que o cara que abriu a Vape ou Desafio sabia alguma coisa? Ou aquele pervertido dono da Mão no Vape?

— Sabiam, sim! — Caí na risada de novo. — Porque eles foram lá e fizeram.

— Então você também pode.

Balancei a cabeça, ainda sorrindo.

— Estou falando sério. Se os donos de loja de vape conseguem, qualquer um consegue.

— É, mas os donos de loja de vape vendem drogas legalizadas. Eles não precisam ter lojas *boas*, só precisam ter *lojas*. Cliente não falta. Já as livrarias estão na pior.

Macon deu de ombros.

— Estão mesmo — reforcei.

— Pois é. Mas… talvez isso não seja motivo suficiente para não tentar.

— Não, mas eu poderia colocar *tudo o que tenho* nisso e perder *tudo*.

— E se isso acontecesse, você poderia voltar pra biblioteca e ter o segundo melhor emprego do mundo. Ou se mudar pro interior e aprender a fazer sidra. Ou ir pra uma

ilha remota no Canadá estudar papagaios-do-mar. O mundo não vai acabar.

Continuei listando os motivos de aquilo ser uma péssima ideia, todas as tarefas de dona de livraria que eu não sabia fazer ou que pareciam chatas e difíceis. E todas as que eu *saberia* fazer que eram *igualmente* chatas ou difíceis. Mas Macon dispensava todos os meus argumentos dando de ombros.

— Nenhum trabalho é perfeito. O segredo é encontrar um trabalho que tenha partes boas o bastante pra te ajudar a aguentar as partes péssimas.

— Falando em trabalho… — eu disse.

A primeira demão de cor era o auge de qualquer pintura. Nossos rolos se moviam feito nadadores sincronizados, e o amarelo era tão perfeito que arfei de surpresa.

— Concordo — Macon falou. O que foi tão bom quanto um suspiro.

O calor amanteigado se espalhou, e em menos de uma hora a primeira camada estava pronta. Macon já tinha deixado o almoço preparado — porque ele sempre fazia isso, claro —, então voltamos ao pátio para comer nossos sanduíches de jaca ao barbecue. O molho era agridoce, e os sanduíches estavam recheados de salada de repolho com maçã verde crocante. As abelhas zumbiam e as folhas dançavam na brisa. Era como se tivéssemos entrado naquele nosso velho jogo: *aquele* era o lugar onde preferiríamos estar em vez de no trabalho. A conversa fluía como nos velhos tempos, como naquele fim de semana em que ficamos trocando mensagens, e não perdeu o ritmo nem na segunda demão, nem na pausa, nem na última. As paredes brilhavam ao pôr do sol.

— Você tinha razão — ele disse. — Essa cor é perfeita.

Era perfeita. Eu me derreti.

Ele ergueu um dos rolinhos.

— Você também tinha razão quanto a isso.

Dei risada. Outra vitória saborosa. E eu mal podia acreditar que tínhamos terminado tão rápido — um dia inteiro antes do previsto —, mas ele tinha avançado mais nos preparativos do que eu esperava. Tiramos a fita e eu fiz os retoques com um pincel fino enquanto ele limpava e guardava as coisas. Edmond apareceu para inspecionar o serviço, curioso com toda aquela movimentação.

Já estava completamente escuro quando tudo voltou ao lugar. Esfreguei a pele na pia para tirar a tinta, mas alguns respingos teimosos de primer ficaram grudados nas mãos e sob as unhas. Lembrei de Gareth e de como eu o tratara mal. A melancolia — que tinha ficado ausente por um dia inteiro — voltou e se instalou para passar a noite.

— Você está bem? — Macon percebeu que eu estava mais calada. O tom dele mudou. — Ah, não.

— O que foi?

— Tem tinta no seu cabelo. Na parte de trás, perto do rabo de cavalo.

Levei a mão à cabeça e xinguei ao encontrar o local. Tirei o elástico do cabelo e tentei limpar a tinta dura. Quase não saiu.

— Merda — falei. — Acho que é primer.

Macon estava com Edmond no colo, mas o colocou no chão para me ajudar. Estendeu a mão — e então hesitou. Ele já tinha mexido no meu cabelo algumas vezes ao longo dos anos, para soltar presilhas rebeldes. Mas esse gesto na quietude da casa dele parecia diferente.

Ele foi delicado. Cuidadoso e lento que nem quando desembaraçava qualquer outro nó. Conseguiu tirar a maior parte do primer com os dedos, mas depois fez eu me inclinar sobre a pia para lavar o resto. Nossos corpos ficaram tão próximos que senti o cheiro do suor dele. Sem dúvida ele também sentia o meu.

— Ah — murmurei quando meus olhos se fixaram em algo.

— Desculpa. Estou tentando ter cuidado.

— Não, tranquilo. É que tem tinta em você também.

Apontei para o ponto atrás da orelha dele, o mesmo lugar onde ele costumava apoiar a caneta. Ele deve ter encostado ali por força do hábito. Era um lugar incômodo de alcançar, então torci a água do cabelo e pedi que ele tirasse os óculos. Estendi a mão — e então hesitei. Assim como ele. Em cinco anos de convivência, eu nunca tinha tocado no cabelo dele. Meus dedos roçaram sua pele e ele prendeu a respiração.

Eu não entendia, mas lá estava de novo: aquele choque familiar, aquele frisson. Tocar o couro cabeludo dele era íntimo demais. Lutei contra o impulso de afundar as

mãos em cabelo desgrenhado, aproximar sua cabeça de mim e beijá-lo.

Eu suspeitava que, desta vez, ele permitiria.

Era só látex amarelo, então a tinta saiu fácil. Eu me afastei. Ele deu um suspiro trêmulo, que ignorei abrindo toda a torneira para lavar as mãos… e deixar aquela sensação de perigo ir embora pelo ralo. Talvez ele *se sentisse* atraído por mim, mas tinha seus motivos para me rejeitar. Não importava que eu não soubesse quais eram. Eu precisava respeitá-los. Eu os respeitava.

— Então, Mason. — Às vezes eu o chamava de Mason só porque o irritava. Naquela noite eu precisava dessa alavanca, da distância do humor. — Mandamos bem.

Ele recolocou os óculos, e meu coração se apertou de desejo. Droga. Eu *sempre* me sentia atraída por homens com óculos de armação grossa. Ele ficou encarando os armários por alguns segundos. Achei que estivesse se recompondo, mas então disse:

— Eles parecem meio encardidos agora, não?

— Um pouco. — Na verdade, pareciam muito encardidos. Já pareciam tristes antes, mas a tinta fresca nas paredes que os rodeava os deixou ainda piores.

Ele suspirou.

— Acho que esse vai ser meu próximo projeto, então.

— Pinta de branco de novo, se quiser se manter no clássico — falei, porque passei o dia todo pensando nisso. — Ou usa o mesmo amarelo, se quiser algo mais interessante… uma saturação proposital.

— O que você faria?

— A casa não é minha.

— Mas o que você faria?

— Eu… teria que pensar. — Trouxe o foco de volta para ele, como deveria ser. — Mas você vai ter bastante tempo para isso. Primeiro, vai precisar tirar as portas, remover todas as ferragens e lixar tudo. Ouvi dizer que é um trabalho horrível.

Ele massageou as têmporas.

— Ah, que ótimo.

— Minha amiga Brittany tem uma lixadeira elétrica — falei, pegando a bolsa e me

preparando para sair. — Tenho certeza que ela te emprestaria.

— Seria ótimo. Você se importaria de perguntar pra ela?

— Espera. Agora?

— É melhor começar amanhã mesmo.

Arqueei as sobrancelhas.

Ele se apoiou na pia de um jeito cansado. Não havia nada de insinuante na sua postura, mas eu pensaria nele mais tarde, deitada na cama.

— Você não toparia me ajudar com esse trabalho horrível, toparia?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Brittany me respondeu cedo na manhã seguinte.

Você quer que eu empreste minha lixadeira pro cara que partiu seu coração em janeiro?

Sim, respondi.

O mesmo que fez você se sentir humilhada e envergonhada?

Ele é MUITO responsável. Vai devolver em melhor estado do que recebeu.

Ela levou mais de um minuto para responder. Seu suspiro de desaprovação parecia audível.

Tá bom.

Brittany deixou a lixadeira na varanda junto com um saco cheio de lixas. Parei para pegar as coisas no caminho até a casa de Macon. Outro café da manhã me esperava na mesa quando cheguei: mingau de aveia com calda de amora e amêndoas torradas. Os armários já tinham sido esvaziados, as gavetas também, e o conteúdo estava todo separado em pilhas organizadas na sala de jantar. Edmond estava brincando com um pequeno batedor que tilintava contra o rodapé.

— Desculpa — falei, sentindo o fedor azedo que emanava de mim mesma. — Eu devia ter vestido outra coisa.

Eu estava de novo com a camiseta do condado de Colburn, porque era o que eu sempre usava para trabalhos pesados, mas claramente devia ter sacrificado outra camiseta.

Macon estava com a camiseta preta que eu o vi usando no jardim.

— Juro que só estou sentindo um pouquinho do cheiro.

Afundei a cabeça nas mãos.

— Quer pegar uma roupa emprestada? — Ele ofereceu, desconfortável.

— Tudo bem. Vou ficar fedendo mesmo.

Eu ainda estava naquela mentalidade que me dizia que a melhor opção, em qualquer situação, era me afundar na própria desgraça. Além disso, a ideia de usar a roupa dele também me deixava desconfortável.

Tentei manter alguma distância entre nós enquanto lavávamos a louça do café da manhã, mas não demorei muito para desistir. Eu estava fazendo esforço demais, e ele não gostava de mim desse jeito mesmo, então não importava. O que eu estava fazendo ali, afinal?

— Você está bem? — ele perguntou. Aparentemente, minhas vibrações não estavam boas, mas ele também parecia estar se sentindo culpado. — Não devia ter pedido sua ajuda. Te pressionei ontem à noite.

— Não é isso. Eu quero ajudar. — Quando ele me lançou um olhar cético, completei: — Literalmente não tenho mais nada pra fazer agora. Não tenho um único compromisso no calendário até o casamento da minha irmã.

Ele me examinou com mais atenção.

— Fui sincera demais?

— Não. — O olhar dele se desviou para o balcão, onde pegou a furadeira. — Você sabe usar isso? — Não era em tom ofensivo. Ele me conhecia o suficiente para imaginar que eu provavelmente nunca tivera motivo para usar uma furadeira. E estava certo. Balancei a cabeça.

— Acho que você vai gostar de passar a manhã fazendo isso — declarou ele.

Logo entendi. A furadeira era barulhenta e agressiva. Aprendi a manuseá-la rápido, e achei bem satisfatório fazer aquele escarcéu. Depois de remover os primeiros parafusos, ele me deixou por conta própria e foi para o quintal tentar se entender com a lixadeira. Juntei-me a ele quando terminei. Ele estava vendo um tutorial no YouTube.

— Acho que entendi — declarou ele, hesitante.

— Tenho certeza de que a gente consegue — falei.

Ele me olhou de um jeito estranho e eu quase esperava que fosse ressaltar a confiança repentina provocada pela furadeira. Mas ele só me observou por um

momento e voltou ao trabalho. E com um pouco de tentativa e erro, conseguimos mesmo.

Mas logo ficou claro que lixar era a parte horrível do trabalho horrível. Até que eu disse:

— Ah, que se foda. Os armários são *seus*. — E voltei para dentro. Usei uma lixa manual para soltar a pintura dos caixilhos enquanto ouvia um audiolivro sobre mulheres que ficavam tão furiosas que se transformavam em dragões de verdade.

Trabalhamos até a hora do almoço — ele tinha preparado banh mi vegano — e continuamos a tarde inteira. Só tínhamos terminado dois terços quando era hora de ir embora.

Macon tirou os óculos de proteção e a máscara.

— Pelo menos deixa eu pedir uma pizza pra te agradecer. — Do pescoço para baixo, ele estava coberto por uma camada grossa de pó branco.

— Você passou o fim de semana inteiro me alimentando — respondi, desligando a torneira. Eu estava tão cansada que quase cochilei enquanto lavava os braços na pia dele. Então perguntei: — Você come pizza?

— Às vezes acho que você pensa que eu não sou humano.

Fiquei olhando para ele.

— Não peço pizza de grandes redes, só sabores vegetarianos e eu faço compostagem da caixa — ele disse, irritado.

Por fim, sorri. Embora estivesse tentada, não sabia se conseguiria ficar acordada até a comida chegar.

— Talvez da próxima vez — falei.

Foi a primeira vez no ano que dormi com facilidade e profundamente.

Naquela semana, no trabalho, Macon ficou me atualizando sobre o progresso na cozinha. Ele ficava lixando até tarde da noite, mas só conseguia avançar até certo ponto, considerando a manutenção que o jardim exigia. Ele falava com tanta contenção que não dava para saber se queria a minha ajuda. Minhas noites eram inquietas, e comecei a ansiar pela distração do trabalho físico.

No sábado, ele devolveu a lixadeira e as lixas de Brittany. Cada fresta tinha sido cuidadosamente limpa, e o cabo estava enrolado com perfeição. Então ele mencionou de uma forma casual-mas-nem-tanto que estava pronto para começar a pintura. Ele enfim estava jogando verde.

— Eu posso ajudar! — falei, talvez entusiasmada demais. Pelo jeito que ele me olhou, ficou claro que eu tinha revelado algo sobre mim. Só não sabia o quê.

— Tá bom — ele disse. — Mas você vai ter que escolher a cor.

— Você ainda não decidiu?

— Não é meu ponto forte. Como dá pra perceber.

— Branco, então.

— Ótimo — ele concordou. Mas, um minuto depois, falou: — Você disse que amarelo era a escolha mais interessante.

— Pra mim. Mas eu nunca te prenderia a uma cozinha toda amarela. E se você odiasse? Ou quisesse vender a casa?

Ele ficou ofendido.

— Eu não quero me mudar.

— Ótimo. Nem deve. Sua casa é incrível.

— Então… branco.

— É mais clássico — eu disse.

Um homem de cinquenta e tantos anos de boca comprimida entrou na biblioteca, e nós paramos a conversa. Era o frequentador com nosso nome favorito, Ken Fondness. Ken Fondness falava o mínimo possível e fazia parte do grupo dos Velhos dos Barcos, um pequeno, mas fiel, círculo de homens que só pegavam romances navais históricos de Patrick O'Brian e C. S. Forester. Eles devoravam uma série, depois outra, e voltavam ao começo. Uma vez fiz uma piada sobre piratas, e Ken Fondness brigou

comigo, porque piratas *não* eram motivo de riso e ele estava farto de Hollywood retratá-los como anti-heróis adoráveis. Depois disso, ele só passava no balcão do Macon.

Macon pegou os livros que ele tinha reservado — Ken Fondness sempre tinha dois livros à espera— e já disse que outros dois livros queria deixar separados. Ele estava chegando ao final da série Horatio Hornblower e estava prestes a voltar para a série Aubrey-Maturin, que ele preferia. (Velhos dos Barcos sempre preferiam O'Brian.) Ken Fondness acenou em agradecimento, Macon retribuiu com outro aceno, e Ken Fondness então saiu do prédio.

— Ele sofre por não ter conseguido entrar na Marinha Real — falei, com a mão sobre o coração.

— Quantos nós você acha que ele sabe dar? — perguntou Macon.

— Tenho certeza de que ele tem um pôster de nós de navegação emoldurado na parede de casa.

— Espero que, quando se aposentar, ele consiga se mudar pro litoral.

— Aposto que seria um ótimo guardião de farol.

— *Eu* seria um ótimo guardião de farol — disse Macon.

Era verdade, e me divertia imaginá-lo como um velho rabugento salgado polindo a lente para manter os barcos em segurança.

O telefone tocou, e eu atendi. Era outra cliente frequente, uma mulher que eu conhecia apenas pela voz. Ela tinha tido mais um sonho perturbador e queria que eu pesquisasse o significado de uma coruja empoleirada num cacto em um dicionário de sonhos. Quando chegamos à conclusão de que o fato de ela ser espinhosa demais talvez a impedisse de adquirir nova sabedoria, eu já tinha esquecido completamente o que Macon e eu estávamos discutindo.

— Mas branco é uma escolha segura, certo? — ele perguntou.

— Ela disse que a coruja era meio castanha.

— Pros meus armários. Pra tinta.

— Ah. — Fechei o dicionário com força. — Sim. Mas você não quer algo seguro? Se bem que combinar os armários com as paredes é mais seguro do que parece.

Também é um visual clássico.

Macon arrancou a caneta de trás da orelha e a jogou em mim.

Depois do trabalho eu o segui de carro até a loja de ferragens. Estava escolhendo os pincéis certos para a tarefa, tentando decidir entre a marca mais barata (é mais barata!) e a mais cara (dura mais!), quando o ouvi falando com o atendente do balcão de tintas:

— Um galão de acabamento fosco na cor Manhã Ensolarada.

Me inclinei para trás, olhei nos olhos dele e arregalei os meus.

Ele deu de ombros.

Devolvi os pincéis para o expositor e corri até o balcão.

— É o que você escolheria — ele disse, na defensiva. — E eu pedi a sua opinião.

Uma onda de euforia me atravessou.

— Manhã Ensolarada acetinado — falei ao atendente. — Nada de fosco. — E então expliquei a Macon: — Um pouco de brilho no acabamento vai facilitar a limpeza.

Outro encolher de ombros, mas esse veio acompanhado de um leve sorriso.

— Você está no comando.

Eu não estava no comando de nada havia muito tempo. Voltei aos pincéis e entreguei para ele os tamanhos necessários, da marca cara. Tinham o melhor custo-benefício, pois eu sabia que ele cuidaria bem deles.

Maio

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		
30 MAR		
17 ABR		
10 MAIO		

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Pintar os armários foi quase tão terrível quanto lixá-los, e recomendo a tarefa só para quem já está infeliz. Por sorte, era o meu caso, então trabalhei com gosto.

Macon cuidava da nossa alimentação, e trabalhamos ouvindo outro audiolivro — o novo da Louise Erdrich, que estava indo bem até a pandemia aparecer na história e nos fazer dar uma pausa. Aquelas feridas ainda sangravam. Mas a trama principal envolvia uma mulher que trabalhava em uma livraria, então Macon perguntou se eu tinha pensado mais na ideia de abrir a minha própria livraria.

— Não pensei em nada, só nos seus armários — falei, o que não era bem verdade, mas a fantasia da livraria era quase tão agoniante quanto ficar me perguntando se alguém um dia me amaria o suficiente para se casar comigo, ou se eu um dia amaria outra pessoa o suficiente para me casar com ela.

Trabalhamos o fim de semana todo, e, no fim, consegui até convencer Macon a remover duas portas dos armários e deixar algumas prateleiras visíveis dos dois lados da janela acima da pia. Para isso, seria necessário pintar o interior dos armários, mas não tínhamos mais tempo.

— Posso vir amanhã depois do trabalho — falei.

— Amanhã nosso turno vai até mais tarde.

— Na quarta, então. Posso fazer isso enquanto você cuida do jardim. — Ele tentou retrucar, mas eu o interrompi. — Vi o desespero na sua cara sempre que você olhava para aquelas ervas daninhas.

Era uma provocação, mas a verdade é que eu sentia uma *necessidade* enorme de voltar pra lá. De continuar fazendo aquilo. Com relutância, ele concordou. Ele não se sentia bem fazendo um trabalho divertido enquanto eu fazia o chato. Garanti que

achava que ser picada por mosquitos não era mais divertido.

Era quase meia-noite de quarta-feira quanto terminei a última demão.

— Posso vir amanhã pra recolocar as ferragens — falei.

— Temos outro turno noturno — disse ele, distraído com o rótulo da lata de tinta.

— Merda. Na sexta, então.

— Aqui diz que precisamos esperar um mês para a tinta secar completamente.

Era tarde e eu estava exausta. Era impossível imaginar notícias mais devastadoras. Caí em lágrimas pela primeira vez desde que me tornei uma casca, e ele riu. Ele riu de verdade!

— Desculpe — falei, observando a bagunça dos itens de cozinha espalhados pela sala de jantar dele. Edmond ficava trocando as coisas de lugar, e as pilhas não estavam mais organizadas. — Não foi minha intenção fazer isso com você.

— Fazer o quê? Trabalhar de graça pra mim? Deixar minha cozinha linda?

Continuei chorando.

A risada dele morreu, como se o coração dele também estivesse partido.

— Ah, Ingrid.

— Tem sido tão difícil. — Eu não entendia de onde essa onda de emoção estava vindo.

Então Macon fez algo que não fazia desde a pandemia. Algo que eu desejava desesperadamente. Ele me abraçou. Fiquei surpresa pela firmeza do toque. Pela força de seus braços. Me derreti nele e chorei no seu ombro.

— Vai ficar tudo bem — disse ele, sem me soltar. — Você vai ficar bem.

— Posso voltar? — gaguejei.

Eu o senti dar risada.

— Sim.

— Na sexta?

— Pelo tempo que for preciso.

Era exatamente o que eu precisava ouvir.

Sem que eu me desse conta, já era maio. Conforme os armários começavam o lento processo de secagem, a ideia da livraria ganhava força na minha mente.

Escrevi para Mika.

Como Bex aprendeu a abrir um negócio?

Você ainda está pensando nisso!, disse ela. *Isso me deixa feliz.*

Só estou curiosa.

Por instinto, Mika sabia que não devia me pressionar.

Ridgetop É Um Negócio. É uma organização sem fins lucrativos que ensina empreendedorismo e administração. Por uma pequena taxa, guiaram Bex e Craig durante todo o processo.

Cliquei no link que ela me enviou e fiquei chateada quando vi que não havia reuniões individuais. Era uma escola de verdade com aulas de verdade. E, diferentemente de Bex, eu não tinha um Craig, não tinha sócio. Eu teria que fazer tudo sozinha.

Engavetei a ideia de novo.

Eu dormia no meu apartamento e ia direto para casa depois dos turnos que terminavam tarde, mas todas as outras horas do dia eu passava na companhia de Macon. Eu trabalhava feito louca. Aquilo com certeza *era* loucura. Como não podia parafusar os móveis outra vez, poli cada maçaneta e fechadura e passei óleo nos armários cujo interior agora estavam expostos. Depois, lubrifiquei as janelas, a porta dos fundos, as sancas e os rodapés. Mas daí o teto ficou parecendo meio capenga, então o pintei, o que foi péssimo ter deixado por último, então tive que fazer mais retoques.

— Acho que não dá para melhorar mais nada — disse Macon, largando um monte de rabanetes vermelhos polvilhados de terra preta ao lado da pia. Fazia um tempão que ele tinha parado de me ajudar, como eu pedi. Ele comprou os materiais e auxiliava na preparação de tudo, mas depois desaparecia no jardim enquanto eu trabalhava.

— Falta um tapete pra área da pia — falei. — E cortinas estilo cafeteria, assim ainda dá pra ver o jardim. Com listras vermelhas e brancas. Ou talvez xadrez. Aposto que Brittany pode me ensinar a costurar.

O silêncio dele foi tão intenso que saquei que tinha que parar.

O revestimento era original e estava em ótimas condições; os riscos só o deixavam mais charmoso. Seria incrível trocar as bancadas, mas o custo tornava essa ideia impossível. Seria legal arranjar um lustre diferente, mas se eu encontrasse algo bonito em algum antiquário, ficaria tentada a comprá-lo para mim.

Ele tinha razão. Eu tinha terminado, só que não.

— Falta o banheiro — falei.

Macon se irritou.

— O que tem de errado com o meu banheiro?

— Não é nojento, não se preocupe. Mas é sem graça pra caramba.

— *Pra caramba* — foi tudo o que ele disse, embora não fosse uma negação. O banheiro era só um espaço chato e todo branco.

— Que tal azul? Tem aquela janelinha alta que mostra o céu, então a cor se espalharia pro resto do cômodo. E é um banheiro. Azul é uma cor limpa.

— Tem tinta no seu cabelo — disse ele, indo lá para fora e deixando a porta bater atrás de si.

Isso era o equivalente a um sim, então mudei o foco e trabalhei no banheiro pela próxima semana e meia. Era um trabalho mais rápido e eu já tinha mais experiência. Pintei o teto primeiro, depois o gabinete da pia e então as paredes, tudo do mesmo tom delicado de ovo de tordo-americano. Macon era absurdamente abençoado por ter uma banheira original e um piso de ladrilhos hexagonal, e claramente sabia disso, porque o rejunte estava limpo. Cory e eu éramos bons na limpeza, mas ruins com rejunte. Como inquilinos, essa tarefa nunca nos pareceu importante. Ver a história contida naquele pequeno cômodo fez o rejunte parecer importante agora.

— Acho que eu devia ser grato por não ter segredos — disse Macon, vindo do corredor e passando por todos os seus pertences.

— Você devia pensar em comprar toalhas novas — falei.

A cabeça dele apareceu na porta.

Eu estava limpando o armário de remédios.

— Sinto muito. Isto aqui vai estar pronto assim que eu acabar, mas o gabinete da pia é outra coisa que você não vai conseguir usar por um mês.

— Não parece que você sente muito.

Parei e sorri para ele.

— Não sinto mesmo.

Nos encaramos por um momento e então ele ficou envergonhado.

— Não consigo superar como ficou lindo — disse ele, virando e olhando ao redor com admiração. Senti que era uma virada. Que ele estava me admirando.

Fiquei nervosa. Eu não confiava em mim mesma.

— Obrigada.

— Estou falando sério. Não sei como vou te recompensar por tudo isso.

Como já tinha feito várias vezes, garanti que a distração me ajudava.

— Falando em distração — disse ele —, você pensou melhor na ideia da livraria?

Fiquei surpresa por ele retomar o assunto. Desanimada, falei sobre as aulas de administração.

— E você não quer estudar — disse ele.

Apontei para ele como se dissesse *bingo*.

— Mas quero pintar sua sala de jantar.

Macon se apoiou na soleira da porta parecendo cansado, mas entretido.

— Ah, é?

— Quero trazer o amarelo para o cômodo e casar os dois espaços.

— Casar os espaços.

Escondi as bochechas coradas atrás da porta do armário de remédios.

— Isso.

Ele ficou em silêncio enquanto eu terminava de limpar. Como alguém que podia ser impulsiva em ocasiões extremamente notáveis, sempre admirei como ele agia sem pressa. Pedi que me entregasse os itens do corredor que pertenciam ao armário, e em vez disso ele me fez sentar. Então sentei na tampa do vaso enquanto ele guardava

tudo cuidadosamente — a pasta de dente em uma prateleira, o barbeador na outra. Ele não tinha muitas coisas. Só o necessário.

— Esse amarelo vai tomar conta de quantos cômodos da minha casa? — perguntou ele.

— Sua sala de estar será verde.

— Meu escritório?

— Vermelho, talvez. Um vermelho escuro e clássico.

— Meu quarto?

— Não vi seu quarto — falei, deixando tudo desconfortável de novo. Eu ainda estava bastante consciente de que Macon *sabia* que eu queria dormir com ele, pois eu sem querer admiti isso em voz alta diante dele e dos nossos colegas de trabalho.

Nossos colegas de trabalho… Eles sabiam que eu estava ajudando Macon com a pintura da casa, mas não sabiam que eu estava passando mais tempo na casa dele do que no meu próprio apartamento. Macon e eu não tínhamos falado disso — não era nossa intenção manter segredo, mas acabou meio que virando. Fosse lá o que eu fazia ali, era estranho e privativo. A única outra pessoa que sabia de toda a situação era Kat.

— Aqui não tem ninguém com quem você queira transar, mas quer vir pintar minha casa? — ela tinha me perguntado.

— Não quero mais transar com o Macon.

— Sei — dissera ela.

— Tá — disse ele. — A sala de jantar é a próxima.

Enquanto eu pintava a sala de jantar, consegui convencer Macon a comprar uma mesa nova. Passamos um domingo inteiro indo a leilões e bazares. Fazia tempo que eu não andava no carro dele. Como todos os carros, ele tinha um cheiro intenso do dono. Ele dirigia com cuidado, e senti que estava aconchegada em um casulo protetor enquanto inspirava o perfume dele.

Encontramos a mesa em um bazar da Humane Society: era grande, redonda e de

madeira.

— Eles nunca têm móveis bons assim — falei.

— Era minha. — A voz da mulher atrás do balcão era alegre e doce, e seu corpo franzino tinha a forma de uma bala de goma. — Trouxe essa mesa pra cá hoje de manhã. Meu ex-marido adorava ela. Eu também, mas odeio mais aquele filho da puta mentiroso.

Prometi que nós cuidaríamos bem da mesa. Foi fácil usar aquele *nós*, mais fácil que explicar quem *nós* éramos de verdade. Macon pagou, a mulher colocou uma plaquinha de VENDIDO na mesa, e concordamos em buscá-la nas próximas vinte e quatro horas.

— Conhece alguém que tenha um caminhão? — perguntei quando voltamos ao carro.

— O Richard ainda tem aquela van enorme — disse ele.

Nosso ex-colega de trabalho precisara da van para transportar a esposa, que usava cadeira de rodas. Lucy falecera durante a pandemia, e ele teve que enterrá-la sozinho. Fomos todos ao memorial dela um ano depois, no parque de observação de pássaros perto do Lago de Cardo. Fiquei relutante de entrar em contato com ele, mas quando Macon lhe escreveu, Richard ficou satisfeito em nos emprestar a van. Bibliotecários sempre ficavam satisfeitos em emprestar as coisas. Buscamos a mesa na manhã seguinte, e Macon me surpreendeu ao doar a antiga mesa e as cadeiras para a loja.

— Dá pra vender e fazer um dinheirinho — falei.

— Passar adiante a boa sorte me parece mais importante — disse ele, provavelmente aproveitando o fato de que sua doação também ajudaria vários gatos indesejados que ainda precisavam de lar.

Foi demais para mim. Kat tinha razão: eu ainda queria transar com ele. Nunca deixei de querer transar com ele. Pior ainda, meus sentimentos iam além de querer transar com ele. Eu gostava dele como quem gosta *gosta*, percebi, voltando à adolescência e a todas aquelas paixonites não correspondidas. A sensação era torturante.

Não. Ingrid, não.

A mesa redonda coube perfeitamente na sala quadrada. Retoquei as paredes amarelas e tentei conter minha intensa e inútil paixonite enquanto Macon selava a madeira e me perguntava sobre as cadeiras. Por ora, ele tinha trazido as duas cadeiras do pátio para dentro.

— Vamos comprar de segunda mão — respondi. Ele estava agachado em uma posição estranha para alcançar uma das pernas da mesa, e sua camisa tinha subido o suficiente para revelar um triângulo de abdômen. A barriga dele não era musculosa nem definida nem particularmente especial, mas indicava o esforço da jardinagem, e era a pele *dele*, e estava exposta. Eu queria mordê-lo todinho. — Cadeiras descombinadas. De madeira. Mas os assentos vão ser da mesma altura e elas vão ser pintadas da mesma cor.

— Então vão ser descombinadas, mas combinando — disse ele.

— Exatamente.

— Que nem os seus guardanapos.

Levei um momento para entender do que ele estava falando. Macon se lembrava. Era injusto ele ser tão romântico assim.

— Isso.

— Que cor? — perguntou ele.

Balancei a cabeça, me lembrando de que eu ainda era um desastre emocional. Eu ia conseguir superar aquilo. Eu era adulta. Os sentimentos iam passar.

— Não sei — falei por fim. — Ainda não pensei direito.

Macon me fitou, buscando algo. Eu não sabia bem o quê.

— Muito bem.

Meus sentimentos não passaram, mas eu tinha tanta prática em lidar com eles que contê-los foi mais fácil que o esperado. Perto do fim do mês, o tempo ficou mais frio e ele começou a usar o casaco de lona de novo (fofo) e se preocupar com seu bordo japonês (fofo também). A lareira da biblioteca ficou acesa a semana toda, e todos lamentavam a mudança no clima. Em geral eu gostava do frio, apesar de achar

estranho fazer frio no final de semana do Memorial Day. Mesmo assim, senti uma animação nervosa enquanto contava a ele meu projeto mais ambicioso até então.

Eu queria levar o exterior para dentro da casa e transformar a sala de estar estranhamente longa em uma aconchegante sala de leitura verde. Não fazia sentido os livros dele ficarem guardados no escritório e a televisão ficar à vista, então meu plano era trocá-los de lugar. A tevê raramente usada ficaria no escritório, e a biblioteca ficaria na sala de estar. Eu planejava instalar prateleiras dignas de sonho que ocupariam toda a parede mais comprida. Não sabia *como* faria aquilo, mas estava confiante que daria um jeito. Os livros também adicionariam calidez, arte e textura, algo que ainda faltava na casa. E eu faria as lombadas coloridas se destacarem ao pintar as prateleiras e paredes do mesmo tom profundo de verde.

Sabia que Macon estaria disposto a adicionar algumas plantas seguras para gatos para aumentar o verdor, mas precisava persuadi-lo a se livrar das persianas e comprar algumas cortinas e tapetes. A sala não tinha suavidade, exceto pelas caminhas do Edmond e pelo sofá. Aliás, o sofá também me deprimia, mas o dinheiro era de Macon, não meu, e eu só podia encorajá-lo a comprar alguns itens.

Expliquei meus planos, esperando que ele demonstrasse cansaço. Ou que dissesse: chega. Em vez disso, algo raro aconteceu: ele se animou.

— Então o cômodo vai se transformar numa espécie de… floresta de livros?

Sorri, embora hesitasse.

— Ou jardim, dependendo do tipo de tapetes e cortinas que você colocar. Ou se for demais, posso te ajudar a encontrar essas coisas mais pra frente. Sei que toda essa tinta não foi barata.

Mas ele dispensou a ideia.

— Posso comprar tapetes e cortinas.

Como Macon não era de gastar muito, imaginei que tivesse economias. Fiquei satisfeita por ele estar disposto a gastar um pouco para enriquecer sua vida diária. Ele seria feliz naquela sala, e eu queria que meu amigo fosse feliz. Deixando os sentimentos complicados de lado, estava adorando ser amiga dele de novo. Eu suspeitava que era sua *melhor* amiga, o que era ainda melhor.

Nos sentamos à mesa nova e fizemos uma lista de tarefas para a sala de estar. Quando terminamos, ele adicionou mais um item.

Suspirei.

— Ridgetop É Um Negócio.

— Também não gosto desse nome.

— Macon.

— Fiz umas pesquisas. O aconselhamento é de graça. Depois disso, *se você tiver interesse* — ele enfatizou, interrompendo minha reclamação —, são seis semanas de aulas, com uma aula por semana. E custa só quatrocentos dólares, o que pode ou não caber no seu bolso, mas é um bom preço.

Me levantei, mas isso não o deteve.

— Você não precisa nem se inscrever no aconselhamento. Pode só aparecer por lá.

— Vou pensar no assunto — falei, saindo da sala para encerrar a conversa.

Mas subestimei a teimosia dele. Macon passou a semana toda me pressionando.

— O aconselhamento é este sábado — disse ele enquanto eu retocava o teto da sala de estar e ele consertava as rachaduras aranhosas nas paredes de gesso.

— Você teria que sair do trabalho um pouco mais cedo, mas Sue não vai ligar — disse ele enquanto eu empurrava um carrinho pelas portas duplas para esvaziar a caixa de livros lá fora.

— Eles não vão tentar te vender nada — falou ele, me ajudando a colocar fita-crepe ao redor das janelas. Sem saber, ele estava se esforçando para ser menos insistente, e estava quase funcionando.

Desci da escada e larguei o rolo de fita, derrotada.

— Excelente — disse ele, e continuou a trabalhar.

Junho

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		
30 MAR		
17 ABR		
10 MAIO		
03 JUN		

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Quando me sentei na sala do aconselhamento da Ridgetop É Um Negócio, eu ainda estava contrariada por ter sido pressionada a ir. As cadeiras empilháveis eram verde-limão e modernas, combinando com o resto da decoração do prédio, o que dava uma sensação de start-up de tecnologia, me deixando ainda mais desconfiada. Éramos catorze. Todos eram mais velhos que eu, exceto por uma pessoa que parecia uns anos mais nova. Isso me deu um pouquinho de encorajamento. Começar um negócio era coisa de adulto, e se aquela pessoa era adulta, acho que eu também era.

Um homem chamado Jamal, que tinha um sorriso amigável e uma camisa polo verde-limão da Ridgetop É Um Negócio, nos contou o que a organização tinha a nos oferecer. Ele era bom. Seu entusiasmo parecia verdadeiro, e fiquei um pouco balançada. As aulas começariam em duas semanas, mas eu podia frequentá-las à noite para não ter que deixar o trabalho na biblioteca. Eles também ofereciam empréstimos e — como eram uma organização sem fins lucrativos, não um banco — podiam emprestar dinheiro para pessoas que não seriam aprovadas por bancos tradicionais. Eles podiam assumir riscos maiores pelos alunos.

Apesar da incerteza, levei a papelada para casa.

Quando Macon me perguntou como tinha sido, eu disse que foi *legal*. A falta de elaboração era um sinal para que me deixasse em paz, o que ele fez. Então perguntei para o retrato em vitral de Mary Brisson o que ela achava de eu sair da biblioteca para abrir uma livraria. Mary reagiu à minha pergunta com um silêncio estoico, sempre segurando seu livro como se fosse um bebê sagrado, mas juro que uma nova faísca brilhou nos seus olhos. Ou talvez tenha sido a luz refletindo no lago.

Na casa de Macon, o momento enfim chegou: a tinta dos armários estava seca e era

hora de remontar a cozinha. Todos os outros projetos foram adiados enquanto remontávamos as ferragens, colocávamos as gavetas no lugar e aparafusávamos as portas.

Paramos para contemplar o resultado do nosso esforço.

O efeito era uma mágica intensificação da realidade. O cômodo brilhava com luz, calor e raios de sol. Era ao mesmo tempo convidativo e reconfortante, e invocava as cozinhas encantadas de antigamente — que ostentavam pães trançados e maços de ervas secando de ponta-cabeça e tigelas escaldantes de sopa nutritiva. Era um espaço que evocava amor e reunião.

— Estou sem palavras — falei.

Estávamos lado a lado, e a voz dele ficou rouca.

— Obrigado.

Resisti à vontade de apoiar a cabeça em seu ombro.

Vários dos itens mais usados já estavam nas prateleiras, mas guardamos todo o resto e arrumamos tudo para que os objetos mais bonitos — as taças e uma coleção de canecas feitas por ceramistas locais — ficassem na prateleira aberta. Então enchemos as gavetas com tudo o que estava entulhando a sala de jantar. De repente, ambos os cômodos estavam mais bonitos, e os espaços limpos davam destaque à madeira recém-tratada. Aquele canto da casa não parecia mais fraco e vazio. Tinha *vida*.

— Tudo bem se eu disser que está ainda melhor do que com as coisas da Danielle?

Era uma provocação, mas ele respondeu com seriedade.

— Tudo bem, e é verdade.

— Acho que estamos restaurando o espírito da sua casa.

Macon ficou em silêncio por um momento antes de perguntar:

— Só da casa?

Eu tinha mergulhado com tudo no trabalho braçal só para me distrair. Essa necessidade parecia estar além do meu controle. Uma compulsão, ou talvez algo maior, me forçou a fazer tudo aquilo. Macon tinha razão. Meu espírito também estava em processo de restauração. E eu estava mudando.

— Decidi que vou em frente — falei. — Vou abrir uma livraria.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso, e eu ri, também surpresa.

— Acabei de decidir — expliquei.

— Ai, meu Deus. Mas isso é ótimo.

O curso de Biblioteconomia tinha me enchido de pavor, mas toda vez que eu pensava nas aulas de administração, sentia um nervosismo. Era aquela ansiedade pinicante que podia ser confundida com algo ruim, mas que na verdade significava que algo era importante e não devia ser ignorado.

— Sei que vai ser difícil… — comecei.

— Você consegue dar conta — disse ele.

— E sei que pode dar tudo errado…

— Não vai dar tudo errado.

— Talvez dê. Mesmo assim, quero fazer isso.

Inesperadamente, Macon correu até a geladeira com um raro nível de empolgação e vasculhou até encontrar o que procurava.

— Não é champanhe, mas tem bolhas.

Era uma garrafa reutilizada e sem etiqueta com um líquido marrom-dourado.

— O que é isto? Vinagre?

— Quase. Kombucha.

Eu ri e resmunguei ao mesmo tempo.

— Não reconheci sem as panquecas de ameba.

— Bem, a mãe está no meu quarto agora, produzindo mais bebês.

— Ah, Macon. A *mãe* está no seu *quarto*.

Ele ignorou meu comentário e me deu uma resposta prática.

— Você ficou tão assustada que eu a guardei no armário, onde você não ia ver.

Eu não esperava uma explicação tão comovente.

— Ah, que fofo. Você escondeu o monstro por mim.

Ele tentou fazer uma careta enquanto servia a bebida em dois copos de inox, mas os cantinhos de sua boca tremiam. Ele empurrou um dos copos na minha direção.

— Só beba logo pra gente celebrar o momento.

Segurei o copo no ar para o brinde.

— À sua livraria — disse ele.

— À minha livraria.

As palavras eram tão aterrorizantes quanto alegres.

Mika deu um gritinho de alegria.

— Quero ser sua gerente-assistente. Prometa que vou ser sua primeira contratação.

Queria poder abraçá-la pelo telefone.

— Claro que você está contratada.

No meu primeiro dia na faculdade comunitária, conheci Cory. No meu primeiro dia de aula de administração, dei a Sue meu aviso prévio. Em ambas as ocasiões, foi como se o chão tivesse desaparecido debaixo dos meus pés, mas enquanto na primeira delas tive a sensação alegre de flutuar, agora sentia que estava à deriva no ar. Estava me preparando para me despedir da estabilidade, do salário e do plano de saúde.

— Sim — disse Sue. — Mas você está se abrindo à oportunidade de ter uma vida melhor.

Depois da preocupação inicial seguida de muitas perguntas para garantir que minha decisão não era tão impulsiva quanto parecia — eu tinha as economias que consegui juntar desde que tinha quitado a dívida estudantil, e até que era um bom dinheiro, e além disso o setor de empréstimos do curso de administração tinha um bom histórico de assistência —, ela ficou orgulhosa de mim. Disse tudo o que meus pais já tinham dito por telefone, e embora eu estivesse grata pelo apoio deles, as palavras dela tinha ainda mais significado para mim. Talvez fosse injusto. Mas Sue conhecia meu lado maduro, havia *testemunhado* minha maturidade, e meus pais, em grande parte, não participaram de nada. Quando Sue me mostrou que acreditava que eu ia conseguir, também passei a acreditar.

O curso era como a escola: útil, opressivo, chato, necessário. Aprendi sobre operações, pesquisa e desenvolvimento, finanças e marketing. Trabalhei em um plano de negócios e aprendi a pedir empréstimos. Toda vez que lembrava que estava prestes a torrar minhas economias e me endividar outra vez por livre e espontânea vontade, eu ficava enjoada, mas não havia como evitar isso. Eu precisava do dinheiro e não havia como pedir nada emprestado para a minha família. Nem ia querer pedir se eles tivessem o dinheiro. Meu orgulho não deixaria. Eu precisava fazer aquilo sozinha.

Meu novo professor também deixou claro que eu tinha que encontrar logo um local para a livraria. Só que esse não era o único imóvel que eu tinha que achar, infelizmente. Quando voltei para casa depois da primeira aula, me deparei com uma carta do proprietário debaixo da porta. Meu contrato acabava no dia primeiro de julho, e se eu quisesse renová-lo, o aluguel ia aumentar. O aluguel já era mais caro do que eu estava confortável em pagar sozinha, mas o plano era fazer funcionar de algum jeito porque achava que não ia dar conta de ficar solteira, começar um negócio e me mudar de casa em um único ano. Agora, eu não tinha escolha.

— Ele só te deu duas semanas para decidir? — perguntou Kat. — Isso é legal nos Estados Unidos?

— Acho que sim? Nem quero morar aqui, mas era a única coisa na minha vida que não precisava ser resolvida. Eu ia dar um jeito nisso no próximo verão.

Escolhi interpretar aquilo como um sinal de que era burrice continuar ignorando a questão do aluguel; eu precisava me mudar para um local mais em conta. Não era hora de extravagâncias. Mas olhando para o meu apartamento, e fiquei com vontade de chorar de novo. Aquele espaço de um único quarto e com móveis vagabundos não era uma *extravagância*. Pensei que precisaria encontrar um estúdio. Um lugar que nem tivesse quarto.

Na manhã seguinte, declarei:

— Preciso encontrar um apartamento sem quarto.

Macon ficou confuso, mas quando lhe contei sobre a carta, a audácia de aquilo estar acontecendo nesse momento o deixou furioso.

— Não tenho tempo pra ficar com raiva — falei. — Preciso trabalhar, ir pra aula, escrever um plano de negócios, encontrar um local pra livraria e agora encontrar um apartamento e me mudar em duas semanas. Não que vá demorar muito pra transportar tudo o tenho — admiti amargamente.

Ele nem pensou:

— Você pode ficar comigo.

Meu coração parou. Como assim?

— Pode ficar com o quarto extra. O quarto do Edmond.

Conferi se algum dos nossos colegas de trabalho tinha ouvido. Ninguém ouviu. Mas quando olhei ao redor, Macon também ficou consciente da presença deles. Ele não estava falando alto, mas abaixou mais o tom de voz.

— Até você encontrar um lugar, claro.

— Pode ser que leve um tempo.

— Tudo bem. Assim você pode guardar um dinheiro.

— Você quer que eu more com você *de graça*?

— Por que eu te cobraria aluguel? Você já fez tanto pela minha casa. Já está pago.

Fiquei chocada.

— Macon…

Era impressão minha ou ele estava parecendo esperançoso?

— Não posso morar com você — falei com cuidado. *Porque é confuso. Porque significaria coisas diferentes para cada um de nós. Porque talvez eu nunca mais queira sair de lá.*

Mas ele não me perguntou o motivo, e não sei como completou a frase por conta própria. Sua energia diminuiu e ficou mais carregada. Ele assumiu um profissionalismo quieto.

— Então você precisa encontrar um estúdio.

Eu ainda estava incerta sobre a ideia de morar com ele. Sobre dormir tão perto do quarto dele e ficar pelada no chuveiro enquanto ele andava para lá e para cá do outro

lado da porta. Era inacreditável ele oferecer isso como se não fosse nada de mais. Significava que *não era* nada de mais para ele. Macon só estava reagindo mal porque eu tinha descartado a ideia rapidinho.

Ele sugeriu que eu procurasse no site de anúncios de apartamento que recomendávamos aos usuários da biblioteca, mas eu já tinha dado uma olhada e me estressado imediatamente. Lá, descobri por que meu aluguel tinha aumentado tanto. *Tudo* em Ridgetop estava mais caro. Pelo preço que eu estava pagando, conseguiria um estúdio… mas a questão é que eu já estava pagando demais. Poucos lugares me fariam economizar dinheiro.

Passei os dias seguintes pesquisando apartamentos durante o horário de almoço, mas estava com azar. Na primeira visita, cometi o erro de dizer ao proprietário que queria achar um aluguel mais barato porque estava saindo do meu emprego para abrir meu próprio negócio. De repente, o local ficou indisponível. Aprendi a manter a boca fechada. Os outros apartamentos já estavam reservados quando apareci para visitar, e havia muita competição até pelos que tinham o mesmo valor que eu estava pagando. Vi locais cada vez piores com aluguéis cada vez mais altos, e tudo parecia estar dando errado.

— Você por um acaso não tem um quarto para alugar? — comecei a perguntar para os visitantes da biblioteca, porque eu tinha a impressão de que todo proprietário de imóvel *tinha* um quarto para alugar. Várias pessoas disseram que sim, mas todos os espaços estavam reservados para turistas no Airbnb. Eu via Macon segurando a língua. Se eu pedisse, sabia que o quarto do Edmond ainda estaria disponível para mim, mas não poderia aceitar isso.

Mandei um e-mail para todos os funcionários do sistema de bibliotecas, algo que era muito malvisto, mas eu estava saindo do emprego e estava desesperada. Ninguém tinha nada disponível, mas recebi uma resposta do Stephen da filial leste perguntando se era verdade que eu ia abrir uma livraria e se ele podia se candidatar para uma vaga. Ele estava interessado em um trabalho similar com bandeiras menos voláteis. Só tínhamos nos encontrado uma vez, mas ele tinha uma boa reputação e eu gostava dele. Falei que entraria em contato e senti uma nova onda de energia, que murchou

assim que voltei à minha pesquisa. Até pensei em escrever para Cory para ver se ele sabia de algum local disponível, mas meu último pingo de dignidade não me permitiria fazer isso.

Mika veio falar comigo três dias antes do meu prazo para sair do apartamento, querendo saber como as aulas estavam indo e perguntando se eu precisava de ajuda para encontrar um imóvel para a livraria.

— Eu adoraria sua ajuda — falei —, mas só vou conseguir começar a olhar na semana que vem. Preciso desocupar meu apartamento até sábado e ainda não tenho onde morar.

Pensei que tinha contado isso para ela, mas aparentemente nós só tínhamos falado da livraria. Depois de fazer algumas perguntas, ela me repreendeu:

— Você devia ter me contado antes! Talvez eu tenha um local. É bem mais ou menos, mas… parece que você não precisa de nada espetacular, né?

O desespero superou a hesitação.

— Bem mais ou menos como?

Ela e Bex estavam transformando um puxadinho da casa em um espaço para alugar. Caso algo assustador acontecesse com a economia outra vez — o que era menos um *se* e mais um *quando* — e o dojang não desse certo, pelo menos haveria uma fonte de renda.

— O vaso sanitário e o chuveiro já foram instalados, mas ainda não colocamos a pia nem o fogão. Nem armários. Tenho que falar com Bex, mas você pode nos pagar com trabalho ou com um valor bem baixo, ou uma combinação das duas coisas. Podemos fazer um contrato pra deixar as coisas claras.

— Mika, isso está me parecendo *ótimo*. — Eu estava segurando as lágrimas.

— Não fale nada antes de ver o lugar — disse ela.

Fui ver o lugar na manhã seguinte antes do trabalho. Era menor que os outros locais que eu tinha visitado — um microestúdio, como meus amigues chamavam. O cômodo era retangular e se estendia pela lateral traseira da casa. Ainda estava em obras, coberto de pó e lonas. A cozinha de Mika e Bex ficava do outro lado da parede principal, e eu poderia usá-la até que a cozinha do estúdio ficasse pronta. Meu

colchão queen-size era grande demais e ainda não havia nenhuma mobília, mas Bex me disse que comprariam uma cama de solteiro naquele final de semana. Nosso acordo era que eu ajudaria a montar o espaço e pagaria uma taxa mínima para cobrir gastos com eletricidade e água, mas o lugar seria meu até o final do ano, e eu podia romper o contrato quando quisesse, sem multa, se encontrasse um local melhor.

Era um lugar horrível. Era um acordo generoso.

Aceitei.

O estúdio não era grande o bastante para todos os meus pertences, então perguntei a Macon se o quarto do Edmond ainda estava disponível. Ele endireitou a postura quando perguntei, mas então expliquei que só precisaria guardar algumas coisas ali até o final do ano. Quando contei do meu novo espaço, ele hesitou.

— Você vai lavar as mãos no chuveiro? Vai *tomar água* do chuveiro?

— Só até a pia ser instalada.

— Ingrid.

— Não é tão ruim quanto parece. E olha só, vou aprender novas habilidades.

Macon ficou em silêncio por vários segundos. Então disse, todo sério:

— O quarto ainda é seu. Está disponível pra você ou qualquer coisa que precisar guardar.

— Só quero ter onde deixar minhas coisas. Obrigada.

Ele se ofereceu para ajudar na mudança. Eu queria dizer que daria conta sozinha, mas precisava da ajuda, e os músculos fortes de um homem com certeza seriam úteis. Era dia de turno noturno, mas não tínhamos tempo a perder, então Macon me seguiu até em casa depois que fechamos a biblioteca para levarmos dois carros cheios de coisas até a casa dele. Eu tinha juntado várias caixas de papelão, e meus livros e vinis já estavam encaixotados. Apontei para as caixas, mas, em vez de pegá-las, Macon analisou cada cantinho do meu apartamento, terminando no quarto. A mudança

enfim nos deu permissão para entrar no espaço mais pessoal um do outro. Ele cruzou os braços ao olhar da minha cama para a penteadeira.

— Acho que posso pegar a van do Richard emprestada de novo. Vamos precisar dela para levar o sofá e as estantes.

— Ah, nada disso vai comigo. Vou deixar tudo perto das lixeiras e postar uma mensagem no grupo de doações.

— Achei que seu apartamento novo não estava mobiliado.

— Não está. Mas nada disso cabe.

Macon se virou para mim, e fiquei surpresa em ver que ele estava com raiva.

— Está tudo podre e caindo aos pedaços mesmo, tá vendo? — Abri uma gaveta da penteadeira com força para mostrar que o fundo tinha cedido. — É MDP. Por isso não posso vender.

— E sua cama?

— Também não quero.

— Mas ela parece boa — pressionou ele.

— Olha, tem um motivo pro Cory não ter ficado com nada disso, viu? — Eu não queria ser ríspida, mas a menção ao meu ex foi suficiente para Macon largar o osso.

Colocamos as caixas nos carros e ainda sobrou um espacinho, então procuramos itens menores para aproveitar a viagem.

— E isto? — Macon apontou para os meus abajures. — Você vai precisar de um, mas não de dois, né? Posso levar o outro pra você.

— Odeio esses abajures. Não vou ficar com nenhum.

— O que tem de errado com eles?

Peguei um abajur, e Macon riu quando o objeto fez som de campainha.

— Bem, você ainda vai precisar de um — disse ele. — Não se livre dos dois.

Eu não precisaria de nenhum utensílio de cozinha por um tempo, então encaixotamos algumas coisas e fomos para a casa dele. Eu não ia para lá desde que minhas aulas começaram e fiquei envergonhada de ver que tinha deixado a sala de estar dele em um estado tão caótico. Macon me assegurou que não se importava, mas então tivemos que arrastar vários itens do quarto do Edmond para o escritório dele a

fim de abrir espaço para os meus pertences, e o caos aumentou. Era quase meia-noite quando todas as minhas caixas estavam enfim dentro do quarto.

— Como sempre, não sei como te agradecer — falei. Estávamos exaustos e precisávamos dormir. Tínhamos que trabalhar no dia seguinte e ainda levar o resto das minhas coisas.

— Como sempre, só estou te retribuindo pelo trabalho que você já fez.

— Bem, o jantar é por minha conta amanhã.

Algumas horas antes, ele tinha me oferecido o macarrão do almoço, incrementado com um punhado generoso de ervas e folhas. Não tinha gosto de sobra. Estava delicioso, e fiquei me sentindo ainda mais culpada. Sim, eu o ajudei bastante, mas também gostava de estar ali, então a conta não fechava. Eu só estava me beneficiando.

Não passou pela minha cabeça que talvez ele também estivesse se beneficiando.

No dia seguinte, aproveitei a hora do almoço para passar em casa e encaixotar rapidamente grande parte do meu quarto. Enchi uma mochila com tudo o que não queria que Macon visse (calcinhas, vibradores, lubrificantes), coloquei o máximo de roupas no cesto de roupas sujas e deixei tudo no meu novo apartamento. O cesto voltou comigo para levar mais roupas depois.

Eu precisava *lavar roupas*. Tinha me esquecido desse detalhe, mas duvidava que Mika e Bex se importariam se eu usasse a máquina da casa. Talvez pudesse também lavar minha roupa na casa de Macon nos dias em que estivesse por lá trabalhando na pintura. Tentei não ficar muito deprimida por estar voltando ao ponto em que estava na época da faculdade — voltando a ser alguém que não tinha a própria máquina de lavar e secar. Na verdade, era pior do que isso, porque o microestúdio era menor que meu primeiro apartamento. Bem menor.

Depois do trabalho, Macon e eu encaixotamos todo o meu banheiro. Era uma troca estranha. Eu tinha visto os produtos de higiene pessoal dele, e agora ele estava vendo os meus: coletores menstruais, xampus anticaspa, creme para dermatite, adesivos para espinha, enxaguante bucal clareador.

— Quer que isto fique por cima? — perguntou ele, balançando minha placa de bruxismo na caixinha de plástico. Eu estava ocupada demais para sentir algo além de

gratidão. Enfiei a caixinha no bolso para não perder.

Esvaziamos o resto do banheiro, enchendo o cesto de roupas sujas e jogando tudo de qualquer jeito em sacolas. Ele me obrigou a pegar um abajur e uma mesinha.

Quando chegamos no estúdio e acendi as luzes, Macon ficou atordoado.

— Eu sei — falei, me adiantando ao sermão. Isso porque ele nem tinha visto o pó e as lonas. Mika e Bex tinham dado um jeito naquilo. — Mas é temporário. Vou deixar as coisas naquele cantinho, então empilhe tudo ali. Provavelmente vou ter que colocar mais coisas na sua casa, mas não tenho tempo pra separar agora.

Macon ficou parado com os braços carregados com os meus pertences. Ele era apenas um pouco mais alto do que eu, mas seu corpo parecia gigantesco no espaço. Foi quando percebi que o teto era muito baixo.

— Eu sei — repeti.

— Ingrid — ele disse daquela maneira familiar e triste, como se eu, de alguma forma, estivesse acabando com ele. Não parecia justo.

A porta se abriu de uma vez atrás dele. Aliviada, me lancei nos braços de Mika e Bex. O casal era baixinho, mas enquanto Mika era delicada e gentil, Bex era uma pessoa esguia e musculosa. Mika estava com uma blusa com transparência e brincos de ouro um pouquinho mais compridos do que seu cabelo chanel. Bex mantinha o cabelo curto por praticidade e só usava macacões estilosos. Naquele dia, Bex usava Adidas dos pés à cabeça.

— Estamos tão felizes por ter dado certo — disse Mika.

— E sentimos muito pelo estúdio ser tão ruim — disse Bex.

Olhei de relance para Macon, preocupada que fosse dizer algo, mas sua expressão agora transmitia menos revolta.

— Este é o meu amigo Macon.

Mika ergueu as sobrancelhas.

Merda. Eu tinha me esquecido que tinha falado dele na cafeteria. Não deu para ver se Macon reparou na expressão dela. Todos se cumprimentaram, e garanti que soubessem os pronomes corretos uns dos outros, e então o casal nos ajudou a descarregar os carros. Quando terminamos, a pilha dos meus pertences quase chegava

ao teto.

— Tem mais? — perguntou Bex, e Macon deu uma risada sombria.

Mika franziu a testa, preocupada.

— Precisa de ajuda? Sei que você tem que esvaziar o apartamento hoje.

Eu ia recusar, porque elus já estavam fazendo demais por mim, mas Macon interveio.

— Seria bom ter ajuda pra carregar os móveis maiores até a caçamba de lixo. Nada é muito pesado, mas vai ser trabalhoso, e o apartamento da Ingrid fica no segundo andar.

Mika vestiu uma camiseta — até uma simples camiseta branca ficava mais bonita nela do que na maioria das pessoas —, e então elus foram conosco para o meu apartamento. Para manter minha promessa, pedi duas pizzas extragrandes de um lugar chamado Pizza Friend, seguindo as regras de Macon: a pizzaria não era de rede, o sabor era vegetariano e a caixa seria compostada. Ele ficou satisfeito, mas também um pouco envergonhado por eu me lembrar tão bem da explicação.

Ele e Bex começaram a mover as mobílias indesejadas enquanto Mika e eu encaixotávamos tudo o que restou. Os vizinhos de baixo apareceram ao ficarem sabendo que eu estava dando coisas de graça. Pegaram uma estante em troca de nos ajudar a carregar o colchão e o sofá. A pizza chegou e a devoramos, até que, por fim, meu apartamento estava vazio.

Mika e Bex ainda estavam bem falantes, mas fiquei mais quietinha. O último item que tiramos foi o aspirador de pó, que eu usei para limpar o chão pela última vez. Por sorte, pelo menos eu receberia meu depósito de volta. Ainda teria que dar a Cory a metade dele. Era nosso último vínculo financeiro.

— O aspirador vai pro estúdio ou pra minha casa? — perguntou Macon.

— Não tem espaço pra ele — Bex disse. — Por que não deixa o Macon levar e você usa o nosso?

Era triste me despedir de tantas coisas, mas um item a menos não faria diferença. Todos já estavam nos carros para ir embora quando lembrei que ainda precisava postar uma foto no grupo de doações. Desci do carro e corri até as caçambas. Estava

tudo empilhado na escuridão. O segundo abajur fez barulho quando me aproximei. O som era pesaroso, como se ele soubesse que aquilo era um adeus.

Olhei para o meu prédio. As luzes do meu apartamento estavam apagadas.

Não era mais o meu prédio. Não era mais o meu apartamento.

Fechei os olhos para sentir o aroma dos pinheiros, mas só inspirei o fedor do lixo. Atrás de mim, ouvi a porta de um carro abrindo e fechando. Passos vagarosos se aproximaram. Macon não iria embora até que eu fosse junto; só tinha me deixado para trás naquela noite memorável.

— Parece que regredi uma década — falei sem me virar. Senti um nó na garganta. — Como se todas as coisas que acumulei nos meus vinte anos não tivessem valor.

— Não é tarde demais. Ainda podemos levar suas coisas.

— Não, você viu. É tudo lixo.

Ele parou ao meu lado.

— E é por isso que você não está regredindo. Você está evoluindo.

Ri só para afastar as lágrimas.

— Você tinha razão — disse ele. — Não precisa de nada disso. Coisas melhores virão.

Eu não sabia se acreditava nele, mas a noite tinha sido longa e ainda não tínhamos terminado. Tirei a foto. Ficou escura, mas melhor que nada. Aquelas coisas serviriam para alguém e, de graça, até injeção na testa.

Já era tarde quando acabamos, e continuei ruminando enquanto descarregávamos meus últimos pertences no quarto extra de Macon. Estava me preparando para partir quando ele apontou que eu não tinha cama para dormir naquela noite.

Suspirei.

— Eu sei. Vou dormir em cima de uma pilha de roupas.

— Por que você não fica aqui? Eu durmo no sofá e você pode ficar com a minha cama.

— Não, tá tudo bem. Estou tão cansada que nem vou perceber que roupas não são

uma cama.

— Você não devia dirigir cansada desse jeito. Sério, fica aqui.

— Não vou ficar.

— Por que não? — A frustração dele aumentou. — Fique com a minha cama e pronto.

— Não vou ficar com a sua cama.

— Tá, fique no sofá então.

Minha súbita explosão foi vulcânica.

— Eu não vou dormir na sua casa!

— Ah, meu Deus. — Ele colocou as mãos nas têmporas. — O que foi? Por que caralhos não?

— Por causa daquilo! Você sabe. Aquilo.

— O *quê?*

— A vez que tentei te beijar! — Cobri a boca como se pudesse engolir as palavras.

Ele arregalou os olhos e deu um passo para trás.

— Aquilo foi… não é…

— Viu? Ainda é esquisito. E sua amizade significa muito pra mim. Não posso arriscar te perder. Não posso arriscar perder *mais nada* agora.

Ele ficou absorvendo as palavras por um longo momento.

— É só uma cama — disse por fim, baixinho. — Ou um sofá.

Fiquei com o sofá.

Macon tinha razão. Era só um sofá, mas, exausta como estava, acabei distorcendo tudo. Não sei no que eu estava pensando. Eu *não* estava pensando. Mas agora que a casa estava silenciosa e fiquei sozinha com meus pensamentos, não conseguia imaginar um único cenário no qual Macon me oferecer um local para passar noite me levaria a… tentar ficar com ele de novo? Eu estava com medo do quê? Minha reação exagerada não fazia o menor sentido, e acabei azedando as coisas entre nós.

Não conversamos muito depois que concordei em ficar. Macon me trouxe um

cobertor e um travesseiro, e escovei os dentes botando a pasta de dentes dele no dedo. O dia seguinte era sábado, então tínhamos que trabalhar. Eu precisava tomar banho, mas teria que fazer isso de manhã no estúdio, porque também tinha que trocar de roupa. Eu sabia que deveria só ter ido embora e pronto, mas isso teria sido grosseiro.

Embora ele estivesse mais adiante no corredor, no quarto de porta fechada, sua presença frustrada me assombrava. Um gatinho ronronante poderia ter me fornecido conforto, mas Macon tinha trancado Edmond no quarto com ele, supostamente para que o gato não me incomodasse.

O sofá era irregular e desconfortável. Semanas antes, o havíamos movido para o meio da sala para que não ficasse sujo de tinta. Agora, o luar lançava sombras lúgubres da escada, dos baldes, dos pincéis e das lonas. A sala inteira havia sido desmontada, mas nada estava pintado. Eu não tinha tempo e ainda não fazia ideia de como arranjar as estantes que prometi. Se eu não conseguia nem dar conta de uma parede de livros, como é que conseguiria dar conta da minha própria livraria?

Minha mente inquieta ficou repassando a lista de coisas que eu ainda tinha que aprender, fazer, planejar. Eu precisava ajudar na reforma do estúdio e encontrar outro apartamento. E eu só tinha mais um mês de salário e plano de saúde, então teria que descobrir como me virar. E apesar de estar aprendendo algumas habilidades de que eu precisava, as aulas eram mais uma demanda na lista, que também incluía solicitar um empréstimo e achar um ponto para a loja. E Mika me ajudaria com isso, mas sempre imaginei Macon me ajudando também — e, sem perceber, eu estava pensando de novo na humilhação de ter sugerido que eu temia acabar tentando ficar com ele de novo. De que outra maneira ele poderia ter interpretado meu chilique?

Não. Ingrid, não.

O cobertor estava quente demais. Eu o atirei para longe. Meu dedo de pasta de dente mentolada encontrou um buraco no estofado e não parou de cutucá-lo. Que mãos inquietas. O travesseiro tinha o cheiro de Macon. Tive a estranha sensação de querer afundar a cara nele e beijá-lo como se fosse uma adolesceste brincando de faz de conta, o que me encheu de vergonha e fúria. Fiquei revirando no sofá. Suei. Os grilos e gafanhotos cricrilavam com o calor do verão. O cheiro era intenso demais.

Enfiei o dedo todo no buraco do sofá, e então de novo e de novo e de novo.

Julho

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		
30 MAR		
17 ABR		
10 MAIO		
03 JUN		
22 JUL		

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Assim que o sol nasceu, dobrei o cobertor, usei o banheiro e caminhei até a porta.

— Já vai? — A voz de Macon estava baixa e rouca de sono quando ele apareceu na soleira entre o corredor e a sala de estar. Ele semicerrava os olhos porque estava sem os óculos. Seu cabelo estava um desastre e ele precisava se barbear.

Meu coração acelerou. Era injusto quão atraente um homem podia ficar de manhã, mesmo exausto, mesmo sendo um amigo, mesmo quando a amizade estava abalada. Limpei a garganta.

— Preciso tomar banho e me trocar. Eu ia te mandar mensagem.

— Café da manhã?

— Não, estou bem.

— Ok — disse ele depois de um momento. Não havia nada mais a dizer.

Minha nova casa ficava a apenas cinco minutos de distância, era tão perto que me pareceu uma burrice ainda maior ter passado a noite na casa de Macon. Cheguei atordoada. Levei irritantes dez minutos para encontrar as coisas para tomar banho, e assim que fiquei nua, percebi que todas as janelas estavam descobertas. Desliguei as luzes e tomei um banho rápido na luz da manhã. O estúdio ficava no quintal do imóvel, então era meio privativo, mas eu ainda me sentia exposta. Tinha esquecido de pegar uma toalha, então sequei o corpo com as mãos e sacudi o resto da água como se fosse um cachorro. Faltavam três horas para o início do expediente, então me encolhi — nua, molhada, infeliz — sobre uma pilha de roupas e dormi até o despertador tocar. Revirei a bagunça de novo, encontrei o que vestir e mais ou menos metade dos meus produtos de maquiagem. O secador poderia estar em qualquer lugar, então torci o cabelo em um coque úmido e murcho.

— Bom dia, vizinha! — disse Bex enquanto eu ia até o carro. Estava tomando café na varanda da frente. Inclinava a cadeira para trás, com os pés sobre a mesa. Mudei de rota e fui até elu. — Só reparamos que você estava aí quando ouvimos o chuveiro — disse.

Quando expliquei que eu não tinha voltado, Bex me analisou mais de perto. Seus olhos eram naturalmente dramáticos, com sobrancelhas grossas e cílios longos. Após uma avaliação intensa, elu deslizou a caneca pela mesa, oferecendo-a para mim. Depois da pandemia, eu raramente compartilhava bebidas, mas aceitei depois de hesitar brevemente.

— Então… — Bex agitou as sobrancelhas grossas. — Macon.

— *Não* é nada do que você está pensando.

Meu tom foi firme o suficiente e o respeito de Bex por privacidade era grande o suficiente para que sorrisse, mas optasse por mudar de assunto.

— Você vai ter uma cama quando chegar em casa.

— Vocês têm planos de cobrir as janelas?

— Bosta. — As pernas dianteiras da cadeira bateram no chão. — Desculpe. Não sei, mas vamos resolver isso hoje também.

Agradeci por tudo, incluindo o café, e cheguei na biblioteca na hora. Sue e Alyssa conversavam alto feito pássaros cantando enquanto nos preparávamos para abrir, mas Macon chegou mais tarde que o costume e com um humor extraordinariamente ruim. Seus olhos escuros ostentavam olheiras ainda mais escuras, e seu cabelo ainda estava amassado e bagunçado e se projetando em todas as direções, um aviso de cautela para qualquer um que ousasse lhe dirigir a palavra.

Alyssa não reparou.

— O que *você* aprontou noite passada?

Antes que ele pudesse massacrá-la por um comentário tão banal, intervim.

— É culpa minha. Ele me ajudou na mudança. — Deixei de mencionar que era a segunda noite seguida que ele me ajudava.

Sue ficou surpresa. Ela sabia da minha saga em busca de um apartamento, mas Macon e eu ainda não tínhamos divulgado até que ponto ia nossa amizade. Não

deveria parecer algo ilegal, mas parecia. Ou talvez o segredo fosse o que fazia nossa relação parecer ilegal.

— Você devia ter pedido ajuda pra gente também — disse ela. — A gente teria ajudado.

— É — disse Alyssa. Eu sabia que se tivesse pedido, ela teria dito que estava ocupada. (Eu não a culpava. Ajudar alguém a se mudar era uma droga.)

— Vou pedir da próxima vez — falei, séria.

O trabalho ficou caótico logo que as portas se abriram. Um titereiro chegou para a programação de leitura que acontecia no verão, seguido por um tsunami de crianças. Alyssa tocava o evento na varanda que dava para o lago, mas até do lado de dentro o espaço estava cheio e barulhento. Macon se encolhia a cada grito da plateia, pronto para incinerar as marionetes na lareira. Um fluxo constante de gente passava pela nossa mesa, e só depois do almoço tardio a biblioteca enfim se acalmou.

Macon apoiou a cabeça na mesa, abafando a voz.

— Que merda de dia.

— Conseguiu dormir noite passada? — perguntei.

— Quase nada. — Ele ergueu a cabeça. — E você?

— Não.

Uma criancinha gritou na área infantil, e arregalamos os olhos, esperando. A criança se calou e Macon outra vez recostou a cabeça nos braços apoiados na mesa.

Eu tinha que falar para que a gente pudesse seguir em frente.

— Desculpe por ontem.

Ele se virou para me olhar de novo.

— Não sei mesmo o que me deu. Estamos bem?

— Sim. Claro. — As palavras dele implicavam que era óbvio que sim, mas vi um pouco da tensão nos músculos do seu rosto se dissipar.

Não fizemos nenhum plano para o final de semana porque estava subentendido que eu precisava me acomodar no estúdio. Quando voltei para lá à noite, havia uma dúzia de engradados espalhados pelo quintal e um colchão novinho em folha no chão do estúdio. Ele exalava um cheiro gasoso e químico, e as janelas estavam totalmente

abertas. Eu não dormia em uma cama de solteiro desde que tinha saído da casa dos meus pais. Quando Cory e eu passamos a visitá-los juntos, eles compraram uma cama maior. Eu tinha me esquecido de como camas de solteiro eram pequenas.

Mika logo se aproximou da minha porta.

— Temos lençóis, prometo. Dos bons, de algodão orgânico. Estão lavando. E já compramos a cama em si, mas deve demorar uma semana pra chegar.

— É melhor do que onde passei a noite ontem — brinquei. O desespero tomou conta de mim.

— Também pedimos persianas de bambu, mas até elas chegarem podemos pendurar uns panos velhos. Tudo bem? Não quisemos fazer nada sem te perguntar antes. E pensei em empilhar esses engradados pra você usar como guarda-roupa. Estavam no porão, então tive que lavá-los com a mangueira, mas já devem estar secos. Posso te ajudar a arrumar tudo.

— Claro. Sim, obrigada.

Mika viu que eu estava para baixo e ficou preocupada.

— Desculpe pelo estúdio ser tão ruim.

— Logo vai ficar bom.

— *Vai*.

Bex entrou com uma pilha de panos dobrados. Começamos a prendê-los nas janelas e então arrastamos todos os meus pertences para o outro lado do cômodo para abrir espaço para as caixas. Juntamos tudo com braçadeiras e empurramos a estrutura para a parede.

Bex pousou as mãos nos quadris.

— Que espelunca.

— Quem alugou isso pra você? — disse Mika. — Vão levar uma surra de taekwondo de Bex.

Pelo menos alguém estava se divertindo.

Mika e Bex me convidaram para jantar, e fizemos macarrão com tomates-cereja e manjericão fresco. Ficou bom, mas não tão bom quanto o de Macon. Mika voltou comigo para o estúdio depois. Bex já tinha feito muito, e embora eu fosse amiga do

casal, Mika era minha *amiga*. Minha principal amiga. Eu não queria dar mais trabalho para Bex. Elu pareceu não se incomodar de ficar para trás, e não nos vimos mais naquela noite. Mika e eu dobramos, enrolamos e organizamos o máximo possível das minhas roupas, mas ainda faltavam muitas, então pegamos as peças de inverno e as colocamos no meu carro, junto com a maioria dos meus sapatos e bolsas. Eu teria que deixá-los com Macon.

Nos despedimos e me enfiei entre os lençóis novos da cama nova. O gás tóxico ainda perfumava o ar. As caixas estavam posicionadas atrás da minha cabeça, e todo o resto estava diante de mim. Insetos de verão zumbiam em uma cacofonia familiar. A casa ao meu lado estava silenciosa.

Eu nunca tinha precisado da ajuda de tantas pessoas antes. Gratidão se misturava à vergonha dentro do meu microestúdio, me embalando em um sono profundo e sombrio, e quando acordei já eram quase dez horas. Quando lembrei que teria de ir até a casa ao lado para o café da manhã, decidi que o primeiro item que precisaríamos resolver era a cozinha do estúdio.

Mas ainda não. Não naquele final de semana.

Fiquei na cama por mais meia hora, sem querer encarar o dia. Era difícil superar como era deprimente ver a luz do sol entrando através dos panos velhos de outra pessoa. Por fim, minha bexiga me obrigou a sair da microcama para usar o microbanheiro, e depois tomei outro microbanho. Depois de uma tigela de cereal de tamanho normal na casa de tamanho normal, eu estava doida para dar no pé. Sem me dar ao trabalho de mandar mensagem antes, levei a última carga de objetos até a casa de Macon.

Fiquei surpresa quando não o vi no jardim, e ele pareceu surpreso por me encontrar à sua porta. Estava vestindo outra camiseta preta, calças de pijama e chinelo com meia. Reparei nos seus pés imediatamente, e os dedos dele se encolheram de vergonha. Sua expressão ficou séria.

— Ei, não estou em condições de julgar ninguém — falei.

Macon me encarou por um segundo na defensiva e então, satisfeito porque eu não ia provocá-lo, relaxou e fez uma expressão confusa.

— Desculpe, me esqueci de alguma coisa? Temos planos pra hoje?

— Não. Eu devia ter te avisado que estava vindo. — Ergui os braços carregados para me explicar. — Só queria deixar mais algumas coisas aqui. As que estão no meu carro são as últimas, prometo.

Suas meias e chinelos se moveram para me deixar passar.

— De tarde tenho que ensinar minha mãe a usar o celular novo dela, então estou aproveitando para ter uma manhã preguiçosa. Edmond e eu estamos lavando roupa e lendo na cama.

— A última parte parece boa, pelo menos.

— Fique à vontade para se juntar a nós. — Percebendo tarde demais que sua *cama* estava implícita no convite, ele se encolheu. — Quer dizer…

— Eu sei, eu sei. Acabamos de discutir isso, lembra? — Passei por ele com meus casacos, fria como gelo, mas por dentro eu ardia.

Não falamos muito enquanto ele me ajudava a descarregar o resto das coisas. Não demorou muito. Eu não tinha motivo para fazer hora, só estava derrotada e insatisfeita. Senti que Macon também não estava pronto para que eu fosse embora, mas não tínhamos outra tarefa.

Eu estava a caminho da porta quando ele pensou em algo.

— Ah! Estou escolhendo o verde. — Ele me conduziu até uma parede onde havia apenas dois cartões de tinta remanescentes: um tom intenso chamado Vamos à Caça e um tom similar com uma pitada de marrom chamado Chão de Floresta.

— Prefiro o nome deste aqui. — Apontei para o Chão de Floresta. — Mas Vamos à Caça… É esse.

Macon sorriu.

— Concordo.

— Talvez eu possa começar a pintura no próximo final de semana.

— Sem pressa — disse ele, mas eu não gostava de deixar o trabalho inacabado. Estava indo para a saída quando Macon voltou a falar. — Lembra daquela ventania semana passada? Meu vizinho, o que se mudou para a casa onde Shawn morava, perdeu um galho gigantesco da nogueira dele. Ele está usando a minha composteira e

me perguntou se tudo bem cortar a madeira pra colocar lá, mas tive uma ideia melhor.

De repente, me senti cansada. Eu queria ficar, mas não queria falar de nenhum tipo de trabalho.

— Uma árvore para gatos. Literalmente uma árvore para gatos. Estou pensando naquele canto — disse Macon, apontando para o espaço entre a lareira e as janelas da frente. — Sabe, porque combinaria com o nosso tema. E o Edmond ia adorar.

Nós dois olhamos para Edmond, que estava empoleirado no lugar de sempre nas costas do sofá. Seus observadores olhos verdes estavam focados em um corvo que pulava nas folhas murchas lá fora, e a ponta branca de seu rabo preto tremia.

Franzi a testa.

— Qual o tamanho desse galho?

— Bem grande.

— Como vamos fazer isso?

— Não tenho ideia. Vou pesquisar.

Macon parecia pensar que a gente podia fazer qualquer coisa. Eu não queria desencorajá-lo, então deixei o assunto de lado, mas o projeto parecia ir além das minhas habilidades, do meu tempo, da minha energia. Meu cansaço aumentou, e fiz outra menção de ir embora.

— Já almoçou? — perguntou ele, quase desesperado. Ele estava sempre tentando me alimentar.

— Acabei de tomar café.

Soei mais irritada do que me sentia, e Macon pareceu ficar magoado. Teria sido perfeito almoçar, teria sido perfeito ter uma tarde preguiçosa, teria sido perfeito passar qualquer tempo com ele na sua cabana mágica de livros. Mas minha intuição, ou talvez meu instinto de autopreservação, gritava para que eu fugisse. Macon se encolheu e não se opôs quando fui embora.

CAPÍTULO VINTE E SETE

A temperatura chegou ao ápice do verão e não diminuía, nem mesmo à noite. Os dias se transformaram em semanas. Kat anunciou que eu tinha permissão para cortar a franja agora, mas a vontade tinha passado. Eu ia para o trabalho e para as aulas. Me tornei membro da Associação de Livreiros dos Estados Unidos e comecei a frequentar aulas adicionais, estudando os materiais durante o expediente, atrás do balcão. Macon acabou lendo, já que estavam ali, e Mika os leu também. Ajudei Mika e Bex a montar a base da cama, pendurar as persianas e instalar a minicozinha — que contava com frigobar, uma pia pequenininha, bancada estreita, armário de parede, armário de chão, fogão de duas bocas —, e elus me ajudaram a procurar um local para a livraria.

Havia três lugares em potencial. Uma propriedade foi descartada imediatamente. O espaço era decente e o aluguel era barato, mas ficava em uma rua lateral no centro aonde os turistas nunca iam e a maioria dos moradores nem sequer sabia que existia. Era um beco de melancolia, um monumento a lojistas falidos. Todos concordamos que a energia era sinistra demais ali.

As outras duas propriedades eram mais ou menos. Uma tinha uma linda vitrine em uma rua proeminente no centro, mas o espaço era menor, e o aluguel, bem caro. A outra tinha um preço mais razoável e era mais espaçosa, mas estava em um centro comercial meio morto. A vizinhança era popular o bastante, mas a Livraria Tic-Toc ficava no centro, e eu estava imaginando a minha loja lá também.

Era fácil arrumar motivos para desistir das duas. Mika argumentou pela do centro e Bex pela outra, mas mesmo assim estavam hesitantes. Uma decisão precisava ser tomada, e eu não me sentia capaz de fazer isso, não importava quantas vezes os

corretores abrissem as portas para mim. Comecei a perder o sono de novo, com medo de que ambos os imóveis acabassem alugados por outras pessoas e eu fosse forçada a ficar com a loja do beco.

Mesmo assim, de alguma forma — não sei como —, ainda consegui passar um terrível dia e meio na casa de Macon, durante o qual preparamos e pintamos a sala de estar dele. A mudança foi gigantesca. As paredes verde-escuras pareciam ao mesmo tempo naturais e exuberantes. A sensação era a de estar debaixo da copa protetora de uma densa floresta, mas era também como estar dentro na biblioteca de uma mansão muito antiga e luxuosa. No entanto, as estantes ainda precisavam ser montadas, e Macon ainda precisava arranjar as cadeiras da sala de jantar, assim como cortinas e tapetes. Me desculpei outra vez por deixar o projeto incompleto e por não fazer ideia de quando conseguiria retornar. Provavelmente, dali a meses. Ainda mais provável, no ano seguinte.

— Esperei doze anos pra fazer tudo isso — disse Macon, gesticulando para o espaço. Estávamos usando nossas camisetas do condado de Colburn de novo, agora com manchas de Vamos à Caça. — Posso esperar mais um pouco.

Ele se ofereceu para preparar um jantar cedo, e eu aceitei. Terminar as paredes foi um bálsamo inesperado e um impulso na minha energia, e apesar de agora ter um fogão, era desafiador cozinhar em um espaço tão apertado. Macon me mandou ao jardim com instruções de colher um pouco de abóbora amarela, que estava crescendo além dos canteiros, assim como salsinha, cebolinha, manjerona e erva-gateira. Ele me deu uma tesoura e uma cesta, e foi divertido, parecia que eu estava brincando de faz de conta. A magia foi quebrada quando tive que usar o celular para identificar a manjerona e a erva-gateira, mas voltei para a cozinha satisfeita comigo mesma.

— Eu não sabia que podíamos comer erva-gateira — falei alegremente, deixando a cesta na bancada.

Macon pegou o ramo e o jogou no chão. Edmond se aproximou, deu uma fungada para verificar o que era e esfregou as bochechas fervorosamente nas folhas.

— Ah — falei.

Mas Macon sorriu.

— Tem gente que usa pra fazer chá. Mal não faz.

Essa era uma das muitas coisas que eu gostava nele. Macon nunca fazia eu me sentir mal quando eu não sabia de algo — ele também era assim com os frequentadores da biblioteca. Embora ele tivesse um ar arrogante, sempre era generoso com seu conhecimento. Ele não era metido.

Depois de lavar tudo, Macon secou as ervas com uma toalha e me pediu para picá-las. Ficou ao meu lado, ralando a abóbora. Seus braços estavam bronzeados pelo sol do verão, e sua nuca também. Eu nunca tinha reparado na nuca dele. Era tão masculina, e aquela linha onde o cabelo despenteado encontrava a pele…

Meu coração acelerou.

Macon parou de ralar. Sem virar a cabeça, olhou de relance para mim.

Larguei a faca e corri para lavar as mãos. Água fresca, não quente. No chão, Edmond rolava alegremente sobre a erva-gateira. Pedi licença, e quando recuperei o juízo e ousei voltar à cozinha, Macon já tinha juntado todos os ingredientes e estava fritando bolinhos. Ele era quase insuportável de tão atraente. Exalava uma confiança relaxada ali diante do fogão, segurando a espátula. E uma domesticidade fácil.

Quase saí correndo de novo.

Ele me deu outra olhada, mais curiosa que tensa. Estava se certificando de que eu estava bem. Se fôssemos um casal, ele teria me perguntado, mas como não éramos — e porque eu tinha corrido para o banheiro —, não perguntou. Por mim, beleza. Que ele pensasse que meus problemas eram digestivos.

Na bancada, havia um pote cheio de dálias frondosas e endro. Para ser útil, eu o levei para a mesa da varanda dos fundos junto com as cadeiras, que ainda estavam na sala de jantar. Montei a mesinha e ele logo apareceu com nossos pratos.

Quando enfim nos sentamos, me perguntei como é que eu ia levantar outra vez. Me virando de lado, afundei na cadeira e permiti que minhas pernas se esticassem paralelas à mesa. Fiz isso porque estava exausta, mas confesso que também transformei aquilo em um teste. Ou talvez um desafio. Será que eu podia provocá-lo e fazê-lo olhar para as minhas pernas de novo?

Não me dei conta de que Macon só tinha me visto com calças, vestidos e saias

apropriados para o trabalho, por isso, no dia anterior, havia escolhido a roupa apenas pensando que seria mais um dia escaldante. Mas meus shorts eram bem curtos e minhas pernas eram compridas, e quando entrei na casa, ele tropeçou no chão perfeitamente plano.

Desde então, Macon manteve o olhar respeitosamente longe de mim.

Ele também estava de shorts naquele final de semana, e foi a primeira vez que tive *algum* vislumbre das pernas dele. Não havia nada marcante nelas além de… tudo. Era uma porção inteira do corpo dele, do tornozelo até o topo do joelho, que eu nunca tinha visto antes.

Talvez fosse o calor que estivesse me deixando com tanto tesão. A trombeta-de-anjo floria lindamente. Suas flores se derramavam sobre a cerca feito centenas de saias laranja girando, sua fragrância docemente intoxicante se misturando com a madressilva se enrolando na cerca ao lado. Um sapo escondido coaxou por sua companheira, e um par de pintassilgos bem amarelos se banhavam no bebedouro de pássaros a alguns metros de distância, sem se incomodar com a nossa presença.

— Que bom que ficamos amigos fora do trabalho — falei, porque precisava reafirmar nossa relação em voz alta.

Ele colocou uma colherada generosa de creme azedo em cima dos bolinhos, ainda sem olhar para as minhas pernas.

— Que bom mesmo.

— Seria terrível se eu saísse do trabalho e a gente nunca mais se visse, né?

Macon soltou um som de insatisfação.

— Não vai ser a mesma coisa sem você.

Eu sabia que era verdade porque odiaria que ele me abandonasse, mas adorava toda vez que ele dizia isso.

— Tenho certeza que a pessoa que vai me substituir vai ser bem legal — falei diplomaticamente.

— Não. — Macon espetou um bolinho. — Vai ser uma pessoa chata que vou odiar.

Eu ri, o que o fez sorrir. Eu me sentia sortuda de poder ver seu sorriso com tanta

constância agora.

Me dei conta de algo, e parecia inacreditável não ter pensado nisso antes. Endireitei a postura, colocando as pernas debaixo da mesa outra vez.

— Ei, você não tem interesse em trabalhar na livraria? Estou precisando de um homem mal-humorado e sabido como você.

O sorriso foi sumindo. A resposta dele demorou mais do que imaginei.

— Não.

Foi um soco no meu peito. Me encolhi.

O sorriso dele voltou, só que mais suave.

— Já pensei nisso. E agradeço a proposta. Mas acredito que o que faço, fornecer materiais de leitura e pesquisa gratuitos pra comunidade, é um trabalho nobre. O público é um pé no saco às vezes. Mas é o meu chamado.

Ri um pouco, mas senti uma tristeza profunda. Ele tinha razão, e devia ser por isso que eu nunca tinha considerado convidá-lo para trabalhar comigo até aquele momento. Macon era bibliotecário. Suas crenças sempre foram fortes. Eu também acreditava nelas, só não com a mesma firmeza e intensidade. Bibliotecários e livreiros percorriam caminhos paralelos, mas diferentes. Por isso eu estava partindo.

Dei uma mordida e me surpreendi ao descobrir que o creme azedo era de limão. O gosto forte complementava e elevava o sabor do bolinho.

— Entendo — falei, engolindo. — Mas, se você mudar de ideia, o convite vai continuar de pé.

— Obrigado.

O primeiro vaga-lume da noite pairou entre nós, piscando. Macon o acompanhou por alguns segundos antes de prosseguir.

— Mas você deve estar animada. Está quase livre.

— Parece que estou cometendo um erro enorme. Estive tão ocupada que nada disso me pareceu real, mas… agora está começando a parecer.

— Você vai se sentir melhor quando tiver o imóvel. Ainda acho que você quer o do centro — adicionou ele. — Você soa mais animada quando fala dele.

Gostei que ele prestasse tanta atenção em mim.

— É só que é demais pra mim — falei, e ele sabia que eu estava me referindo a dinheiro.

— Não precisa responder, mas quanto dinheiro você *tem*?

Embora falássemos abertamente sobre finanças e tivéssemos uma ideia do que o outro podia pagar no dia a dia, nunca conversamos sobre o conteúdo específico das nossas contas bancárias. Revelar a quantia exata seria como ficar nua diante dele.

Hesitei… e então lhe contei exatamente quanto eu tinha de economias.

Ainda bem que o céu escurecendo disfarçou minhas bochechas coradas. Eu tinha orgulho da quantia que consegui juntar, mas ela me fazia sentir pequena no mundo. E ser tão direta significava admitir que estava arriscando tudo o que tinha por esse sonho.

Macon pareceu sutilmente surpreso de jeito recompensador. Como se talvez não esperasse um valor tão considerável, já que não fazia muito tempo que eu tinha quitado minha dívida estudantil. Ele abaixou o garfo, assentindo solenemente e reconhecendo a confiança que eu estava colocando nele, e ficou pensando. Quando enfim falou, não foi sobre dinheiro.

— Me leve junto da próxima vez que você for visitar os imóveis. Quero ver.

O jardim inteiro se iluminou com vaga-lumes brilhando seu amarelo elétrico.

— Tá bom — falei, como se não fosse o que eu sempre quis. Eu não o chamei antes porque já tinha lhe pedido coisas demais aquele ano, e sabia o quanto ele tinha me dado. Não quis incomodá-lo com mais uma demanda.

Ele se juntou a mim na noite seguinte depois do trabalho, apesar do turno noturno. Como sempre, eu estava ficando sem tempo e não podia desperdiçar nem mais um segundo. Macon dirigiu até o imóvel na vizinhança tranquila primeiro. Apesar de a fachada do centro comercial ser meio sem sal, as outras lojas e o estacionamento eram decentes, e o visual poderia ser melhorado com as vitrines sublimes e chamativas que Mika tinha tanto talento em criar. Eu estava descrevendo o que ela sugerira, uma decoração que envolvia balões de papel coloridos, quando o corretor chegou.

Ele usava sua melhor máscara de entusiasmo, mas ela estava rachada, e era óbvio que estava contrariado por ter que se encontrar comigo de novo. Ele se empertigou,

empolgado, quando viu que eu estava com Macon, como se um homem pudesse me convencer a tomar uma decisão logo. Ele destrancou a porta e começou a dizer as falas pretensiosas de sempre diretamente para Macon.

Para o azar dele, Macon lia as pessoas rapidamente e tinha zero paciência para gente exibida. Ele entrou e não deu atenção para o corretor.

Mostrei o imóvel para ele, indicando onde ficaria cada coisa. Ele não falou muito, mas fez perguntas sagazes. Nada precisava ser consertado nem reformado. Em geral, tudo estava em ótimas condições. Mas, a certa altura, Macon abaixou o olhar e franziu a testa.

— É novinho — disse o corretor atrás da gente.

Entendi que Macon não estava julgando o estado do carpete, apenas o fato de haver um carpete, para começo de conversa. Quando eu imaginava uma livraria perfeita, a visualizava com um piso de madeira rangendo de tão antigo. Um lugar com história para contar, não uma construção moderna e pré-fabricada. Eu não precisei dizer nada disso em voz alta. Conhecia Macon bem o suficiente para saber que era nisso que ele estava pensando também.

Fomos até a propriedade no centro. Havia algumas poucas vagas atrás do prédio, mas não havia estacionamento para clientes. Era um ponto negativo, mas não um fator decisivo, porque era fácil parar o carro na rua. E diferentemente do outro imóvel, aquele tinha uma boa fachada, com duas grandes vitrines ladeando a porta, arabescos elaborados e gesso decorativo. Era encantador… mas estava malcuidado e detonado.

O interior também daria muito trabalho. A segunda corretora de imóveis já estava lá quando chegamos, uma mulher que esperou educadamente, sem atrapalhar, enquanto eu mostrava o espaço para Macon. Tudo estava coberto com uma grossa camada de sujeira e poeira, um empreiteiro teria que consertar a parte elétrica e o banheiro, e o local todo exalava sua antiga vida de loja que vendia fragrâncias, sabonetes e loções. O outro imóvel era espaçoso, aquele era apertado. Mas era fácil imaginar onde tudo ficaria e me imaginar indo das estantes às ilhas, me imaginar chegando para trabalhar todos os dias. Quase dava para ouvir a batida constante do

relógio de coluna dentro da Livraria Tic-Toc.

Macon se inclinou para a frente, e a madeira de lei rangeu sob seus pés. Ele olhou para mim e sorriu.

— Tem muito trabalho a ser feito — falei. — E tudo ficaria bem apertado.

— Mas tem um certo charme em uma livraria apertada, né?

— Sim — concordei.

— O lugar tem potencial.

— Tem.

— E seria melhor lidar com ela do que com o outro corretor.

— Seria mesmo. — Suspirei. — Mas o aluguel…

— Mas o aluguel — concordou ele.

Estávamos perto da vitrine. Me virei para fazer uma pergunta à mulher quando reparei na vista lá fora. Outras lojas e restaurantes brilhavam calorosos e vívidos. Multidões de pessoas passeavam e riam. Um artista de rua tocava violoncelo. Fiquei observando a cena por um minuto ou dois com um nó de desejo na minha garganta. Eu ainda não tinha visto aquele local à noite. Tentei me lembrar da vista do outro imóvel, mas só consegui visualizar o estacionamento de asfalto.

— Você tem o suficiente — sussurrou Macon, ainda ao meu lado.

— Vou ficar bem apertada — sussurrei.

Eu estava perto, mas ainda hesitava. Tinha medo de tomar uma decisão tão monumental assim.

— Você se ilumina aqui — disse ele. — Na outra loja, você se apaga.

Assinei a papelada e um cheque, que entreguei para a corretora.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Na última aula, apresentei meu plano de negócios e solicitei um empréstimo da própria organização. Parecia errado pedir o empréstimo *depois* de pagar o primeiro mês do aluguel da loja. Tentei não ficar pensando muito nisso, e, lógico, não conseguia pensar em mais nada: minhas suadas economias escorrendo, escorrendo, escorrendo por um novo buraco no meu bolso.

No meu último dia, meus colegas de trabalho deram uma festa para mim. Sue trouxe meu bolo de limão favorito que ela costumava fazer apenas no meu aniversário; Alyssa, uma tábua de queijos chiques; Elijah, biscoitos e nozes; e Macon, vegetais fatiados e uma quantidade excessiva de molhos. Eles me deram de presente um cartão-postal do vitral de Mary Brisson que vendíamos para arrecadar dinheiro para os Amigos da Biblioteca, e o colocaram em uma moldura bonita para que eu o pendurasse no meu novo escritório. Eles me encorajaram bastante e estavam felizes por mim, e eu chorei várias vezes.

Dei um abraço de despedida em todos, exceto Macon. Sabia que o veria de novo em breve, mas também era doloroso demais.

Nós dois sabíamos que nunca teríamos um colega de trabalho melhor que o outro.

Agosto

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		
30 MAR		
17 ABR		
10 MAIO		
03 JUN		
22 JUL		
04 AGO		

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Amira Najafi nasceu nas primeiras horas de agosto. Mãe e bebê estavam bem e saudáveis, exceto pela fúria de Brittany pela gestação ter durado duas semanas a mais que o previsto. Nem a dedicação de Reza à pontualidade conseguiu fazer Amira chegar mais rápido.

Eu entendia um pouco do que Amira estava passando. Estava transitando de uma fase da vida para a próxima, o que era muito trabalhoso. Estava indo o mais rápido que podia.

Agora eu passava o tempo todo dentro da minha loja vazia. Finalmente, eu tinha algo considerável que me pertencia e estava dando tudo de mim para abrir as portas o quanto antes. Meu objetivo estupidamente ambicioso era dia primeiro de outubro e meu raciocínio era sólido e prático. Eu precisava do dinheiro dos turistas que chegariam na virada da estação. O outono era a melhor época para o turismo em Ridgetop, e o centro estaria tomado de clientes em potencial que eu não podia me dar ao luxo de perder — assim como não podia perder as vendas do fim de ano. Aqueles poucos meses representavam uma enorme porcentagem das minhas vendas projetadas anuais, e a estação que viria depois seria a mais fraca do ano. Eu não podia correr o risco de adiar a inauguração da livraria.

Se eu não alcançasse um número de vendas razoável-mas-ainda-considerável até o final do ano, poderia falir tão rápido quanto abrira aquele negócio.

Sem pressão.

Eu só teria uma resposta sobre o empréstimo no final do mês, então continuei torrando minhas economias e fazendo cada dólar valer o máximo possível. O agente de empréstimos da Ridgetop É Um Negócio me garantiu que minhas chances eram

boas, mas eu não me sentiria bem até de fato ter o dinheiro. O plano B era bater na porta de um banco tradicional, embora minhas chances fossem bem menores assim. O plano C era pedir à minha família. Eu rezava para não precisar do plano B e para nunca, jamais, precisar do plano C.

Aqueles primeiros dias e semanas foram caóticos. Juntei e reciclei todo o lixo deixado pelos inquilinos anteriores e esfreguei cada superfície, do teto ao piso. A poeira era grossa, as moscas mortas eram muitas. Para economizar, não liguei o ar-condicionado, e suei e praguejei durante uma forte crise de enxaqueca devido ao cheiro das fragrâncias que estava impregnado em tudo. No calor, ficava ainda mais terrível. Mantive as portas bem abertas para que o ar circulasse, e às vezes os transeuntes entravam para ver o que eu estava fazendo. Todos ficavam com ânsia de vômito quando sentiam a mistura de perfumes com produtos de limpeza.

— Jesus Cristo — disse uma mulher cuja blusa se movia sozinha. — Como é que você está aguentando?

— O que tem aí embaixo? — perguntei, sem conseguir conter a curiosidade.

Ela semicerrou os olhos, toda protetora.

— Meus ratos de estimação.

— Ah, é a Shanelle. — Mais tarde, a dona da loja de brinquedos ao lado me contou. A vitrine dela tinha uma dúzia de carrosséis girando ao vento, e eu esperava que ajudasse a atrair crianças para a seção infantil da minha livraria. — Ela é grossa, mas inofensiva. Já conheceu o Clyde?

— Quem é o Clyde?

— O cara da dentadura frouxa que vive contando piadas e charadas.

Clyde tinha aparecido mais cedo naquela semana para perguntar:

— O que cheira melhor do que tem gosto?

Achei que fosse alguma piada com a minha loja, mas a resposta foi um murmúrio inofensivo:

— O nariz!

— Ah, ele é um querido — falei.

A dona da loja de brinquedos deu um sorrisinho satisfeito, e senti que tinha

passado por um teste.

— É uma ótima vizinhança — disse ela. — Sua livraria vai se encaixar bem aqui.

Do outro lado, na esquina boa, havia uma cafeteria de nome doce. Infelizmente, era a mesma cafeteria onde Gareth e eu fomos pouco depois da primeira vez que nos pegamos. Mas apesar das lembranças que lhe conferiam um gosto amargo, os donos do lugar também eram amigáveis — principalmente depois de saber que minha loja não seria uma cafeteria.

— Achamos que íamos ter que jogar uma pedra na sua vitrine — disse a esposa.

— O que seria uma pena, já que você acabou de limpar tudo — disse o marido.

Mika só podia pedir demissão em setembro, mas, durante o tempo livre, ela raspou, lixou e tapou os buracos da fachada. Bex também me ajudava sempre que possível. Enquanto isso, eu cuidava do lado de dentro. Por sorte, o salão principal e a sala dos fundos já estavam prontos, mas o banheiro precisava ser reformado, e era vital colocar a iluminação certa. Conversei com empreiteiros, encanadores e eletricistas, tentando encontrar pessoas que pudessem começar a trabalhar imediatamente, e vasculhei a cidade em busca de objetos com desconto. Mas até os mais baratos eram caros, principalmente as estantes. E as mais baratas eram de metal, mas eu não queria estantes de metal. Metal tinha cara de clínica.

No meio de tudo isso, Macon apareceu de repente.

Confesso que estivera esperando vê-lo às vezes à noite depois do expediente dele — torcendo para que talvez ele viesse me ajudar —, mas, diferentemente de Mika (e, por extensão, Bex), ele não tinha nada a ver com o meu negócio. Ele estava ocupado com a própria vida, cuidando da mãe e trabalhando no jardim. O exaustivo processo de cuidar da colheita havia começado.

Então meu coração deu um pulo de susto e alegria quando o carro dele parou na frente da loja em uma manhã de segunda. Ele quase pareceu decepcionado ao me ver. Desci da escada (a escada que eu tinha pegado emprestada com ele) para cumprimentá-lo com um grande sorriso.

— O que você está fazendo aqui?

— Você não deveria estar aqui — disse Macon. — Era para ser uma surpresa.

— Estou chegando cedo, quando a temperatura está apenas terrível, e não infernal. — Tinha passado os últimos dois dias trabalhando na parte de fora, pintando toda a madeira do exterior, que percorria toda a parte superior da fachada, emoldurava as janelas e se estendia um pouco abaixo delas. Havia vários detalhes cheios de rococós, e a moldura precisava de muitas camadas de verniz. Embora o trabalho em si não fosse divertido, era animador porque era a primeira vez que eu podia deixar minha marca em um espaço. — O que era para ser uma surpresa? — perguntei.

— Ah, meu Deus. — Ele estava analisando o meu trabalho. — Vamos à Caça?

— Gostei tanto que quis fazer minha própria caçada. Espero que não se importe. É uma cor com cara de livraria.

A expressão dele era de deslumbre. Ele ainda estava admirando, fascinado.

— Claro que não me importo. Você que me ajudou a escolher essa cor. Ela é sua também.

Eu ri.

— É, não é?

— Ficou lindo. Ficou bom demais.

Tinha ficado tentada a mandar uma foto para ele, mas fiquei curiosa para saber quanto tempo ele levaria para reconhecer a cor ao vê-la pessoalmente. (Um instante foi o tempo que levou.) Meu sorriso se alargou.

— O que era para ser uma surpresa? — repeti.

Macon balançou a cabeça como se estivesse saindo de um transe, e então me olhou.

— O que foi? — perguntei, porque não sabia o que aquele olhar significava. Em vez de responder, ele abriu a porta de trás do carro e pegou uma planta alta do assento. Era um exemplar atraente de uma espécie de cacto.

— Macon!

Ele a carregou até a entrada e a deixou no chão soltando um *ufa*.

— Onde você arranjou isto?

— Espere — disse ele, e então voltou ao carro e retornou com uma segunda planta, que colocou ao lado da primeira. — Comprei pra casa da minha mãe há alguns anos. Ela não cuida, e estou cansado de colocar terra nelas e regar, então são suas agora.

— Não posso ficar com as plantas da sua mãe…

— Se você detestou, pode ficar com elas só por um tempo. Mas você precisa de plantas aqui fora. Todo mundo tem flores no centro.

— Eu não detestei. Eu adorei. Elas são lindas. Não sei o que dizer.

Macon se afastou de novo para ir até o carro.

— Não sei onde vou colocar uma terceira — brinquei.

Ele começou a tirar pacotes de terra e mais plantas do porta-malas.

— Considere como um presente de casa nova. Um presente de loja nova.

— A loja já tem bastante coisa, mas obrigada. É muito atencioso da sua parte.

— Também trouxe isto. — Ele ergueu duas mãos francesas com seus braços longos. — Eu não instalaria nada sem sua permissão. São pra isto aqui. — Ele apontou para o assento frontal do passageiro, onde duas cestas suspensas com lindos forros de coco estavam empilhadas.

— *Macon*.

— Os forros são novos, mas as cestas também são da casa da minha mãe. E todas as plantas estavam meio que sobrando na minha casa. Prometo que não é nada de mais.

Eu não conseguia parar de sorrir enquanto o ajudava a descarregar tudo. Mesmo assim, senti uma pontada de culpa.

— Tem certeza que sua mãe não quer mais essas plantas?

— Ela nem vai reparar que sumiram.

Não havia humor que pudesse disfarçar a conotação sombria daquela afirmação.

— Como ela tem estado? — perguntei. Grande parte do foco naquele ano tinha sido a tia dele.

— De saúde física? Bem. Já de saúde mental…

Assenti, compreendendo.

Conforme ele fechava o porta-malas, sua preocupação se voltou para mim.

— Não vou atrapalhar você, né? Queria ter feito tudo isso antes de você chegar.

— Você não está me atrapalhando.

Macon *estava* me atrapalhando um pouquinho, mas eu o queria ali comigo. Estava

feliz por ele me atrapalhar. Queria poder abraçá-lo — pela mãe dele, pela tia, pelas plantas —, mas abraçar ainda parecia uma coisa que a gente não fazia. Eu me lembrava da força dos braços dele me envolvendo. Do seu toque.

— Ah, meu Deus. — Ele tinha acabado de entrar na loja. — Está um forno aqui dentro. Que cheiro é esse? Juro que não tinha esse fedor antes.

— Estou deixando arejar. Acho que a tinta vai amenizar… e os livros também.

— Sim — concordou ele. — Vai passar. Tudo bem se eu der uma olhadinha?

— Não. Você veio com presentes e a porta está aberta, mas vou ter que te pedir para ir embora.

Macon fez uma careta exagerada, e eu me animei, entretida. Ele sorriu e foi bisbilhotar as coisas, apreciando meu trabalho duro, ouvindo minhas histórias.

— Você ainda não me contou qual vai ser o nome da livraria — disse ele.

— Você vai ter que esperar que nem todo mundo.

Eu me sentia protetora e supersticiosa em relação ao nome, assim como Brittany e Reza, que não revelaram o nome de Amira até que ela nascesse.

— A Mika sabe.

— A Mika trabalha comigo — falei.

Precisei da ajuda dela para pensar na placa e contratar a pessoa certa para a tarefa — mais custos que eu não tinha previsto.

— Ninguém vai conseguir escrever o nome — Mika tinha me alertado. — Nem pronunciar direito. Nem saber o que significa.

Ela tinha razão, mas não me importei. O nome era perfeito. Em certos dias, era a única coisa de que eu gostava.

— *Eu* estou aqui para trabalhar — disse Macon.

— Te ofereci um emprego e você recusou. Falando nisso, como vão as coisas na biblioteca?

— Chatas. Paradas. É irritante o quanto as pessoas sentem a sua falta.

Fiquei ainda mais feliz.

— É?

— Todo mundo fica perguntando de você. Estou começando a ficar ofendido.

— Espero que você esteja falando da livraria. Preciso da propaganda gratuita.

— Não posso contar pra ninguém sem saber o nome.

— Boa tentativa.

— Claro que estou falando da livraria — disse ele.

— Como vai a Jenny? — Uma bibliotecária que às vezes cobria alguns turnos, uma pessoa de que nós dois gostávamos, foi contratada para assumir minha vaga.

— Ela está bem. — Macon torceu o nariz. — Ouço bastante sobre a ordem de rebatedores do time de softball da filha dela.

Dei risada. Não queria que ele curtisse a companhia dela mais que a minha.

— Ah, está sabendo que estão falando de acabar com as multas outra vez? — disse ele. — Liguei pra todos os membros do corpo administrativo pra defender nossa ideia.

A ideia já tinha sido proposta, mas o condado custava a entender seus benefícios, embora fosse claro que as multas afetavam desproporcionalmente as famílias de baixa renda, as que mais precisavam dos serviços da biblioteca. Era estranho não participar mais dessas conversas. Enquanto ouvia Macon falar, tive a impressão de que fazia bem mais que duas semanas desde que tinha trabalhado ao seu lado pela última vez.

— Olha só isso — disse ele, mudando de assunto. — Como é que não vi antes?

O olhar dele estava fixo na entrada com mosaicos. Vários prédios do centro ainda os exibiam, vestígios dos primeiros inquilinos. Afastei um saco de terra para que ele pudesse ler o nome ROMAN'S no azulejo hexagonal. Era o nome da delicatéssen que tinha ocupado o espaço havia quase cem anos.

— É incrível, né? — falei.

— Estou tão feliz por você ter escolhido este lugar. É o lugar perfeito.

Eu estava sorrindo outra vez. Não tinha parado de sorrir.

Macon ficou apreensivo.

— O que foi? Você está me olhando como se tivesse algo no meu rosto. — Ele limpou as bochechas e o queixo, só para garantir.

— Estou te olhando como se estivesse feliz de te ver. Estava com saudade.

— Ah — disse ele. Era difícil dizer com aquele bronzeado de verão, mas pensei ver

sua pele corar enquanto ele se ocupava com as plantas, os montes de ervas folhosas, as videiras longas e as alegres flores amarelas e laranja.

Subi na escada.

— Eu também estava com saudade, Ingrid.

Esperei que ele fosse dar risada e fazer piada, mas não. O olhar dele permaneceu fixo nas plantas. Me arrependi de ter levado a provocação longe demais. Aquela era sua forma educada de me afastar de novo? Ou ele só estava acanhado demais para devolver o flerte? De qualquer forma, Macon passou o resto da manhã trabalhando debaixo de mim e ao meu lado.

CAPÍTULO TRINTA

A busca pelas estantes perfeitas, até por estantes mais ou menos, permanecia infrutífera. Estava achando que teria que comprar estantes novas, provavelmente de MDF, o que me lembrava de todos os móveis frágeis que eu tinha acabado de descartar. Mika me garantiu que não seria tão ruim, mas também estava desanimada. Nós duas desejávamos a suavidade, a dureza e a vida da madeira verdadeira.

— Fico imaginando as estantes da antiga livraria — falei uma manhã na cozinha dela e de Bex. — Com aqueles cantos arredondados, com todos aqueles nós e arranhões.

— Você se lembra daquele mostrador diferente, todo espiralado? — perguntou ela. — Nem vendem mais coisas assim. Alguém deve ter feito sob medida pro Len.

— Qual foi o fim dessas coisas? — perguntou Bex. — Será que ele vendeu tudo quando fechou a loja?

Mika e eu congelamos com nossas colheres de cereal a meio caminho da boca. Trocamos um olhar e balançamos a cabeça. Não sabíamos.

— Não me lembro — falei —, mas tenho certeza que ele vendeu. Deviam valer um bom dinheiro.

Bex deu de ombros.

— Talvez valha a pena ligar pra Carla e perguntar.

— Não, não quero incomodá-la com isso.

Mas Mika endireitou a postura.

— Por que não? Que mal faz perguntar?

Eu não tinha uma resposta para isso — só era desconfortável entrar em contato com a viúva do nosso antigo chefe.

— Vou ligar — disse ela, sem esperar nem um minuto. Ela ainda tinha o telefone da casa deles. Carla atendeu, e Mika se afastou para que não escutássemos a conversa. Olhei para Bex em desespero, como se elu pudesse detê-la. Mas Bex só deu de ombros de novo e serviu outra tigela de cereal.

Poucos minutos depois, Mika voltou com um sorrisão.

Eu tinha ido à casa de Len e Carla uma vez, quando eles deram uma festa para a equipe da Tic-Toc. Ninguém queria ir, mas sentimos que era meio que uma obrigação. Acabamos nos divertindo, mas nunca mais fizemos isso de novo. Socializar pode ser exaustivo demais para o povo dos livros. Lembro que a casa deles era simples, mas organizada por fora e bagunçada e muito amada por dentro.

Quando Mika e eu chegamos, o gramado estava alto e cheio de ervas daninhas, e os arbustos estavam tão crescidos que bloqueavam as janelas. A velha van na entrada da garagem parecia abandonada. Nosso humor alegre ficou sombrio e apreensivo.

A campainha estava quebrada, então batemos na porta. Para a nossa surpresa — pela aparência da casa, parecia que a moradora se movia devagar —, a porta se abriu de imediato. Carla estava mais velha, mas claramente continuava sendo a cara-metade de Len, sempre animada. Ela nos convidou a entrar e falou por cima das nossas saudações:

— Vocês chegaram na hora certa! Que coisa boa. Vão poder ver como está tudo — disse ela, se referindo à casa. — Acabou que ficou difícil cuidar desse lugar sozinha. Estou finalmente pronta para sair daqui e ir para um lugar menor, mas é tão cansativo. Faz tempo que estou adiando vender essas estantes.

— Ainda não acredito que ele não vendeu tudo com a loja — falei.

— Você conhece o Len — disse Carla com uma risada sombria. — Aquele homem não se livrava de nada.

Era verdade. O escritório dele, a sala dos fundos e os arquivos estavam abarrotados de itens de que ele não precisava mais.

— Talvez eu *precise* algum dia — ele sempre dizia quando um de nós

implorava para esvaziar a gaveta cheia de clipes prateados. Ou o cubículo lotado de contas de água antigas. Ou a prateleira arriada com o peso dos papéis de impressora matricial.

Mika arfou e tocou meu braço de leve.

— Ouviu isso?

Carla nos levou até o local de honra da casa: o relógio de coluna que ficava na sala de estar, satisfeita em ver como ficamos animadas. O relógio tinha mais ou menos a minha altura, tinha uma face toda decorada, e a madeira era de um verde-escuro que lembrava o tom Vamos à Caça. Sua batida rítmica era profunda e imponente, e de repente senti o perfume e a vibe de livraria que o cercou por tantos anos. Meus avós também tinham um relógio desses, mas cuja afinação sempre foi alta e estridente. O som do tiquetaquear fugia pelos arredores, em vez de se fundir ao entorno. Mas aquele relógio envolvia o ouvinte em um ritmo calmo de reafirmações constantes.

Ficamos diante dele por um tempo, compartilhando histórias e memórias.

— Mas vocês não vieram aqui pra isso — disse Carla.

Só que, de certa maneira, estávamos ali exatamente para isso. Ela nos guiou em direção à garagem. Quando abriu a porta, Mika e eu nos assustamos. A van estava parada do lado de fora porque não havia espaço lá dentro. O lugar me lembrou daquele primeiro final de semana estressante no microestúdio, quando as pilhas de coisas empilhadas chegavam ao teto.

— Podem pegar tudo o que quiserem — disse Carla.

— Está tudo aqui — falei. — Está tudo aqui mesmo.

— Eu falei.

— Vamos ficar com tudo. Quanto você quer?

— Eu *também* disse que é tudo de vocês, desde que eu não tenha que ajudar a carregar.

Tinha ficado aturdida quando Mika compartilhou essa notícia, e agora, vendo tudo aquilo pessoalmente, fiquei aturdida de novo.

— Carla. Não posso aceitar.

Ela balançou a cabeça como se não fosse nada, quando na verdade era tudo.

— Preciso me livrar dessas coisas. E o Len adoraria que elas ficassem com vocês. Ele teria ficado tão feliz de saber que vai abrir outra livraria na cidade… e que vocês duas são as donas.

Essas eram as palavras que eu precisava ouvir para aceitar o presente. Porque eu acreditava que Len — um mal-humorado de carteirinha, uma versão mais velha de Macon — teria se divertido ao saber que suas duas funcionárias mais alegres estavam seguindo seus passos. Ele reclamava de tudo, era ruim para caramba com as pessoas de quem não gostava e vivia fedendo a cigarro por conta das frequentes pausas para fumar. Mas sempre teve um fraco por nós duas, porque sempre tivemos um fraco por ele.

Contratei um carreto para o mês seguinte e insisti para que Carla me ligasse quando fosse se mudar, assim eu poderia ajudá-la. O mínimo que eu podia fazer era fornecer mão de obra para ela de graça.

Enquanto Mika e eu nos afastávamos, me imaginei comprando a casa de Carla. Estava descuidada e precisaria de muitos reparos, mas eu tinha certeza de que poderia deixá-la mais alegre e interessante. Mas até aquela vizinhança modesta era cara demais para mim, principalmente agora.

— O que foi? — perguntou Mika. — Pensei que você estaria nas nuvens.

Eu *estava*, então obriguei meus pensamentos a voltarem a se concentrar no milagre que tinha acabado de acontecer. Tentei não focar nos vários anos que eu levaria para conseguir comprar uma casa. Nos anos que levaria até mesmo para alugar uma. No fato de que, se a livraria falisse e eu perdesse tudo, o relógio recomeçaria a contar outra vez.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Então o segundo milagre aconteceu: o empréstimo foi aprovado mais cedo do que o esperado. Tinha passado o mês inteiro com isso na cabeça, esse peso sobre os ombros que sabotava o meu sono, apesar de praticamente terem me garantido que ia dar certo. E *deu*, e ainda por cima antes do previsto, e me libertar dessa pressão foi como um hidrante aberto em um dia quente de verão.

O dia já estava melhor que os dois anteriores, que passei pintando o teto da livraria. Pintar tetos era um trabalho bem exaustivo que fazia o pescoço doer. Mas o eletricista tinha terminado o trabalho rapidamente — o terceiro milagre —, deixando o teto pronto para mim. E agora ele estava pronto para receber as luminárias. E agora eu tinha dinheiro para comprá-las.

Eu também tinha conhecido Amira naquela manhã, o que me ajudou a parar de pensar só em mim. Sim, eu estava cansada, mas não tão cansada quanto Brittany e Reza. Parecia bem menos cansativo abrir uma livraria do que ter uma recém-nascida em casa. Amira era linda, faminta, dorminhoca e boazinha, mas mesmo assim fiquei grata pela bebê ser deles, e não minha. Tinha passado lá para entregar uma rodada de roupas limpas e dobradas. Era o meu presente de chá de bebê: pegar os cestos de roupa suja na varanda e devolvê-los com a roupa lavada sem que eles tivessem que interagir comigo. Os avós maternos e paternos estiveram na cidade para acompanhar a primeira semana de vida da bebê, então meu trabalho de lavar roupa começara só depois que eles partiram, mas aquela era a primeira manhã que Brittany teve energia para abrir a porta e dizer *olá*. Era também a primeira vez que eu a via sem maquiagem. Ela continuava linda de morrer, embora talvez fosse um lindo desastre.

— Ouço nossa lava e seca funcionando em horários estranhos, mas ainda não

entendo como é que você está encontrando tempo pra isso — disse Bex.

Bex estava me ajudando a pintar as paredes, um trabalho bem mais gratificante que o teto. Também era mais simples, pois não mexeríamos nas áreas de tijolo exposto. Mika tinha me ajudado a escolher o tom pálido e quente perfeito de páginas amareladas — uma cor tão natural em uma livraria que ninguém nem sequer repararia nas paredes. Seria como uma extensão dos livros em si.

— É fácil — falei. — Parei de lavar minhas próprias roupas. — Eu estava feliz pra caramba pela aprovação do empréstimo. Estava *cheia* de energia.

— Anfetamina, talvez. Adderall ou Ritalina.

— Tá vendo o que estou vestindo?

— Impossível não reparar, querida. Gracinha de sutiã.

Eu ri. Estava usando minha última camiseta limpa — branca e agora para sempre manchada de tinta — e um sutiã push-up para ocasiões especiais, com uma estampa floral vermelha. O sutiã estava extremamente visível através da camiseta, mas eu não estava nem aí. Não tinha tempo para isso.

Meu celular tocou. Não estava no silencioso porque eu estava esperando notícias de Mika, que ainda não sabia do empréstimo. Ela já tinha um carrinho de compras online cheio de computadores e equipamentos, e eu estava ansiosa para que finalizasse a transação. A mensagem não era dela, mas fiquei mais animada ainda.

— O Macon falou pra eu não comer. Ele vai trazer o jantar.

— Pra você ou pra todo mundo?

— Provavelmente só pra mim. Foi mal.

— Imagina. — Bex abaixou o pincel. — Vou me limpar e encontrar Mika. A gente pega alguma coisa e encontramos vocês.

A loja em que Mika trabalhava ficava a uma curta distância a pé, e havia vários restaurantes no trajeto.

Eu estava cantando baixinho quando Bex voltou do banheiro. Elu gostava de hip-hop e dancehall, e já que estava me fazendo um favor, escolhi ouvir música em vez dos audiolivros de sempre. Começamos com as boas e passamos para as porcarias quando a grana do empréstimo caiu. Eu estava me divertindo pra caramba.

— Sabe — disse Bex, parando perto da entrada —, pra alguém que não é seu namorado, o Macon age como se fosse.

Paralisei.

— Ele te trouxe flores — disse elu.

— Ele trouxe flores pra loja.

— Ele veio "ver como elas estavam" duas vezes.

— É porque ele não confia que vou cuidar direito delas.

Bex ergueu uma sobrancelha.

— Vocês também estão me ajudando — observei.

— Só porque minha esposa está largando uma boa carreira para trabalhar aqui. Precisamos fazer essa livraria dar certo. Qual é a motivação dele?

— Ele é meu amigo.

— Tem certeza?

Minha garganta parecia inchada, e eu engoli em seco.

Bex balançou a cabeça, dando uma risada baixinha, e foi embora.

Não, eu não tinha certeza. Pensei que tivesse, mas errei e agora estava em algum ponto no meio. Eu sentia que ele tinha atração por mim. Ele com certeza gostava da minha companhia. Mas o meu desejo era tão forte que eu temia estar entendendo tudo errado de novo.

Se Bex também via, significava que era real?

Ele chegaria em breve. Corri para o banheiro, limpei o suor com uma toalha e enxaguei o rosto com água fria. Refiz o coque bagunçado. Passei batom. Graças a Deus minhas axilas e pernas estavam recém-depiladas. O que mais, o que mais? Era tarde demais para fazer algo em relação às minhas roupas, mas percebi com um sobressalto que *queria* que ele me visse assim — com pouca roupa. Meu reflexo estava rosa e corado, radiante e elétrico. Com sorte, seria minha própria versão de um lindo desastre.

Peguei o rolo de novo. Estava começando a anoitecer, e liguei o som bem alto, uma música europeia techno-pop de boate, ridícula e bate-estaca. Ele chegaria a qualquer momento. Voltei a pintar, rebolando os quadris com a batida. Queria que ele me visse

alegre. Queria que ele me visse me sentindo bem, atraente, sexy. Queria que ele *me visse*.

— Ingrid — gritou ele. Dei um pulo e quase deixei cair o rolo.

Soltei uma gargalhada.

— Macon!

Ele estava congelado na porta, segurando uma grande travessa de vidro, quase como se estivesse com medo de se aproximar.

Deixei o rolo de lado. A batida mudou, acelerou, e fui dançando até ele com os braços erguidos e um sorrisão.

— O empréstimo caiu!

Macon levou um momento para entender o que eu disse, porque estava olhando para mim atentamente. Para as minhas pernas compridas. Para o sutiã com estampa de flor. Sua expressão boquiaberta, tão diferente da que eu costumava ver, me encheu de uma sensação de poder. Ele piscou. E então piscou de novo.

— Que ótimo — disse ele, a voz falhando um pouco.

Eu ri e me aproximei dançando.

— Estou comemorando.

Macon parecia atordoado, mas deu uma risadinha envergonhada enquanto eu pegava a travessa e a colocava no chão. Continuei dançando, embora ele não tivesse se movido nem um centímetro. Ele nunca me disse, mas eu sabia que Macon não gostava de dançar. Cory gostava. Na verdade, Cory *adorava* dançar, e era muito bom nisso. Tão bom quanto eu, pelo menos. Mas eu não precisava que Macon dançasse comigo. Eu podia dançar com ele.

A música pulsava. Ainda rindo, pulei e girei ao redor dele, movendo braços, pernas, barriga, pélvis, peito. Macon ficou ali, enraizado no mesmo lugar, constrangido e fascinado. Como se quisesse que eu parasse, mas também torcesse para que eu continuasse.

Eu queria tocá-lo. Não ousei.

Ele ainda levava uma caneta do trabalho atrás da orelha. Dançando, devagar, a tirei dali de um jeito brincalhão. Então a coloquei na boca e mordi a ponta.

Os olhos dele, arregalados, me encaravam.

Não. Ingrid, não.

Sua cara era tão familiar que perdi o ar. Meu corpo paralisou enquanto Mika vinha às pressas por trás, gritando:

— Você conseguiu o empréstimo!

Ela e Bex tinham entrado pela porta dos fundos. Sua presença me trouxe de volta à vida. Mika e eu nos abraçamos e demos gritinhos, mas parte do meu grito também era de medo. Eu não sabia se Macon estava prestes a me dizer não outra vez — eu *achava* que não —, mas se isso acontecesse, eu não aguentaria outra rejeição. Mesmo assim, era igualmente insuportável permanecer naquele limbo tenso.

Eu queria que ele tomasse uma atitude.

Queria que ele dissesse sim.

A música mudou. Bex aumentou ainda mais o som, e então nós três dançamos e rimos. Acenei para que Macon se juntasse a nós, um convite que eu sabia que ele não aceitaria, e ele balançou a cabeça vigorosamente.

Fui pulando até ele, recuperando o fôlego. Estendi a caneta.

Ele não a pegou.

— Opa. — Eu a limpei na camiseta. — Desculpe. Me empolguei demais?

Macon encarava a caneta ou minha camiseta ou talvez meu sutiã. Acho que o quebrei. Tentando um último flerte, deslizei a caneta atrás da orelha dele. Automaticamente, ele a tocou. Esperei, esperançosa, que ele fizesse algo. Qualquer coisa.

Ele desviou o olhar, interrompendo a tensão.

— Não posso ficar.

A decepção foi esmagadora.

— Só vim deixar isto. — Ele gesticulou para a travessa. — Fiz o jantar pra minha mãe, e faz um tempo que eu não te alimentava, então…

— Ok. — Não consegui afastar a frustração da voz. — Bem, então obrigada.

O olhar dele voltou ao meu. Fiquei surpresa por ele parecer frustrado também. Talvez até irritado.

— Ainda preciso entregar a comida dela.

— Ah — falei, me sentindo um pouco pior.

Nos encaramos com o baixo ainda vibrando. Mika e Bex dançavam. Olhamos para o casal. De repente, vi a década entre nós, as diferenças das nossas responsabilidades, e me senti jovem e julgada de uma maneira que não gostei. Ele abriu a boca para dizer algo, mas então mudou de ideia e a fechou. Ele estava em conflito, e não tive vontade de ajudá-lo. Quando ele enfim falou, sua voz estava muito baixa, e não consegui ouvir com a música alta.

Levei a mão à orelha.

— A cor — disse Macon, apontando para as paredes. Acho que ele tentou sorrir, mas as linhas do seu rosto estavam tão agitadas que pareceu uma careta. — Ficou boa. É como… as páginas meio antigas de um romance.

Ele saber disso me matava. Me matava o fato de ele ter reparado. O fato de que interpretávamos o mundo de formas parecidas. Ele me fez querer gritar. Eu queria mais que cores de tinta e flores de amizade e refeições por pena. Eu *o* queria.

— Também gostei — falei.

Peguei o jantar em um movimento brusco e me afastei.

— Eu sufoquei ele com aquela dança idiota — contei a Kat horas depois, ainda me sentindo teimosa, mas também me contorcendo de humilhação e arrependimento.

— Sim — disse ela com uma confiança irreverente —, mas ele gostou.

— Então por que ele não fez nada?

— Porque você não estava sozinha, e ele não me parece o tipo de cara que se arriscaria com gente olhando.

Ela não estava errada, mas a frustração ainda rugia como as chamas do inferno dentro de mim.

— Desculpe só te ligar pra falar dele — disse. Nossas videochamadas tinham se tornado raras, já que eu estava sempre ocupada com as aulas e depois com a loja.

— Ei, lembra do primeiro ano da vida do Howie, quando eu desapareci?

Dei um sorriso melancólico.

— Você se importou? — pressionou ela.

— Claro que não. Você estava se ajustando a um evento que mudou sua vida.

— Exatamente. Você está em uma nova fase da vida, e tem muita coisa acontecendo com você. Sei que não quer dizer que você vai sumir da minha vida ou que não se importa comigo. Também sei que quando as coisas se acalmarem, você vai voltar. E eu ainda vou estar aqui, assim como você me esperou.

— Como é que você sabe que ele gostou? — perguntei, sem conseguir me conter.

Kat sorriu.

— Porque ele te observou dançar a música inteirinha.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Havia algo queimando. Fumaça invadiu minhas narinas segundos antes que nuvens negras subissem do capô do meu carro. Praguejei e estacionei. O reboque levou noventa minutos para chegar, e enquanto eu entrava na cabine de rosto vermelho e pingando de suor — eu tinha passado o mês inteiro me sentindo um frango de padaria no forno —, tentei não me irritar com o motorista. Não era culpa dele que aquele calor terrível ainda não tivesse passado. Ele também não tinha culpa de que eu não tivesse nada para ler enquanto esperava.

Ele nos levou — meu carro e eu — até o mecânico. Harvey balançou a cabeça de um jeito decepcionado e arrogante.

— Eu te avisei.

— Eu sei — resmunguei, e saí pisando duro na direção da casa de Macon enquanto Harvey consertava o veículo.

Era uma pequena bênção saber que Macon estaria em casa em uma quarta-feira. Ele tinha tirado duas semanas de férias para cuidar da colheita e do jardim, como fazia todos os anos. Eu esperava encontrá-lo com terra até os ouvidos, então me assustei quando seu carro passou por mim.

Como a rua estava vazia, ele parou e deu ré. Abaixou o vidro da janela.

— Você estava indo me ver? — Macon também parecia assustado ao notar o meu estado. — Você está bem?

Como ele não tinha mordido a isca quando eu estava toda corada e sexy na livraria alguns dias antes, era difícil me importar que ele agora me visse corada e nem um pouco sexy. De qualquer forma, fazia meses que ele me via assim. Deslizei para o banco do passageiro.

— Meu motor superaqueceu de novo.

— Que merda.

— Pois é. E tenho uma carga de azulejos no carro que preciso levar pro empreiteiro. Você poderia me levar ao mecânico e me ajudar a levar os azulejos pra loja?

Outro carro apareceu atrás de nós, então Macon começou a dirigir.

— Hum, na verdade, não é um bom momento. Pode ser daqui uma hora?

Não podia — meu empreiteiro já tinha começado a trabalhar no banheiro, precisava ver os azulejos que eu tinha escolhido e estava me mandando mensagens sem parar cobrando atualizações —, mas também podia. Porque, por mais irritada que eu estivesse com Macon naquele momento, eu estava lhe pedindo um favor, e ele nunca tinha me negado um favor antes. Ele parecia estar ansioso e irritado por um motivo que não tinha a ver comigo.

— O que aconteceu? Você está bem?

Macon me olhou, hesitando.

— O que aconteceu? — perguntei de novo.

A boca dele se comprimiu de uma maneira que me comunicou que ele estava pensando a respeito. Fosse o que fosse, ele não queria compartilhar comigo. Enquanto o silêncio reflexivo perdurava, virei a cabeça em direção à janela — para lhe dar privacidade, mas também para esconder a irritação. Eu o senti me olhando.

O volante fez um barulho agudo pelo apertão que ele deu.

— Minha mãe acabou de ligar.

Toda a minha atenção se voltou para ele.

— Aparentemente, ela não estava pagando os impostos do imóvel e, seja lá por que merda de motivo, o cartório só recebe pagamento de impostos até o meio-dia às quartas-feiras. Eu poderia te deixar no mecânico e voltar quando tiver terminado…

Ele inspirou fundo.

Esperei pelo *ou*.

— … ou você pode ir comigo.

Era compreensível que ele estivesse constrangido pela mãe, mas não me parecia

nada de mais acompanhá-lo até o cartório. Apesar da minha confusão, suavizei o tom.

— Sim. Claro que posso ir com você. Obrigada por me ajudar.

Macon assentiu, mas não relaxou. Em vez disso, resmungou:

— Ela me ligou quando eu estava colocando o molho de tomate que fiz nas garrafas. Agora, o gosto vai ficar estranho.

— Que bom… que ela é que está arruinando a sua manhã, e não eu.

Isso o pegou de surpresa e ele quase riu.

— Ah, você também está arruinando minha manhã. Porque vou chegar em casa ainda mais tarde. Meu molho já era.

Mesmo com o tom sério, eu sabia que ele estava me provocando. Mas me encolhi mesmo assim.

— E aí, o que aconteceu com o seu carro?

Contei a desventura para ele e me senti vingada porque o que ele mais odiou foi a parte de eu ter tido que esperar sem nenhum livro. Eu podia ter pegado um livro digital da biblioteca, mas odiava ler no celular, então achei que era um sinal para responder alguns e-mails.

De repente, Macon estacionou diante de uma garagem. Estávamos a apenas algumas ruas da casa dele, e a residência diante de nós me lembrou bastante da casa de Carla, modesta e simples. O quintal também era bem comum, mas, diferentemente do de Carla, a grama estava cortada, e os arbustos, podados. E foi então que entendi.

— *Ah*. Esta é a casa da sua mãe? Foi aqui que você cresceu?

— É. Desculpe, temos que parar aqui primeiro.

Ele desligou o carro, mas não se mexeu para sair.

— Quer que eu espere aqui? — perguntei.

Macon balançou a cabeça com determinação antes de me olhar. A intensidade da encarada dele me engoliu por inteiro.

— Não, quero que você entre. Você deveria entrar.

Minha garganta ficou seca.

— Está bem.

— Fique sabendo que…

Esperei que ele terminasse, mas Macon tornou a desviar o olhar.

— Eu sei — falei baixinho. Querendo dizer: *Eu conheço sua mãe. Sei que ela não está bem. Prometo não fazer nenhum julgamento. Nem dela nem de você.*

— Ver um rosto diferente vai ser bom pra ela — disse ele enquanto descíamos do carro.

Isso me deixou apreensiva com a minha aparência. Meu cabelo estava preso em duas tranças malfeitas, então, enquanto íamos até a porta da frente, eu as desfiz às pressas, penteei os fios com os dedos e refiz as tranças. Macon destrancou a porta com uma chave do próprio molho, mas gritou antes de entrar:

— Mãe? Eu trouxe uma visita. Estamos entrando.

A casa estava abafada, quase tão quente quanto lá fora. Havia pilhas tortas de caixas de encomendas e embalagens amassadas por toda parte. Mal dava para ver o piso. Macon olhou para mim, tentando avaliar minha reação. Dei um sorriso encorajador. A mãe dele apareceu do outro lado das caixas e veio abrindo caminho através do caos, o que demandou certo esforço.

— Lembra da minha amiga Ingrid, da biblioteca? Que está me ajudando com a casa?

Não tinha passado pela minha cabeça que ele pudesse falar de mim para a mãe, mas fazia sentido que ela soubesse das novidades na casa. Gostei de saber que fui assunto das conversas deles.

— Claro que lembro. — Ela tinha um grande sorriso no rosto e estava bem-vestida, o que, admito, eu não esperava.

— Oi, sra. Nowakowski. Prazer em vê-la de novo. Desculpe por invadir sua casa assim sem avisar.

— Por favor, me chame de Lynn. — Sua voz era amistosa, embora um tanto frágil. Desde a última vez que eu a vira, foi como se ela tivesse passado de uma jovem senhora a uma velha senhora. Macon me contou que ela o teve mais velha, mas ela parecia muito mais idosa que os meus pais. — E não me importo, desde que você não ligue pra bagunça. Geralmente a casa não fica assim.

Me perguntando o que ela tanto andava comprando, assenti e continuei sorrindo.

Macon me olhou, visivelmente desconfortável.

— Olha só pra você — disse Lynn, me analisando. Os dois tinham o mesmo tom de pele, mas as feições dela em nada tinham a ver com as dele, e fiquei imaginando como era seu pai. Macon o conhecia, mas pouco.

O homem tinha namorado a mãe dele por um período curto e não tivera interesse em criar o filho. Por conta disso, Macon também se mantinha hostilmente desinteressado. — Tão linda quanto eu me lembrava.

Sorri, feliz demais de receber um elogio dela.

— Que bom que você está ajudando o Macon — prosseguiu Lynn. — Ele me mostrou fotos. Está muito melhor do que antes. Aquele lugar precisava de um toque feminino, é isso o que eu vivo dizendo desde que a Dani foi embora.

Macon parecia um adolescente em sofrimento, implorando em silêncio para que a mãe calasse a boca. Enquanto isso, tentei esconder a surpresa por Lynn não ter visto nosso trabalho pessoalmente. Eu sabia que a agorafobia estava piorando com a idade, reduzindo as áreas que ela estava disposta a visitar. Por isso ela tinha parado de ir à biblioteca e de fazer tarefas cotidianas; a maioria dos lugares que ela costumava frequentar agora estavam fora do seu raio. Mas presumi que a casa do filho ainda fosse um local seguro. Nunca pensei que o motivo de ele sempre entregar as refeições na casa dela era porque Lynn não podia mais ir até ele.

— Tem sido um projeto divertido — falei. — Eu gosto.

— E você está abrindo uma livraria?

De novo, fiquei surpresa e satisfeita por ela saber disso. Respondi a mais algumas perguntas e então ela me convidou para entrar, para me sentar e tomar um copo de chá gelado.

— Mãe, precisamos ir. — Macon já tinha começado a se enraizar perto da mesinha ao lado, coberta de correspondências. — Onde estão as cartas?

— No cesto — disse ela, com a mesma impaciência dele.

— Que cesto?

— Aquele debaixo da mesa.

Macon removeu uma pilha torta de caixas do topo de um cesto decorativo e as

jogou em outra pilha do outro lado da entrada. Elas caíram com um som alto que fez a mãe dele se encolher. Quando olhou dentro do cesto, ele ficou atordoado.

— O que é isto?

O cesto estava cheio de envelopes fechados.

— É onde eu coloco a correspondência importante, pra não perder nada.

— Mãe. Você não pode ficar ignorando as coisas. Tem que abrir a correspondência, ou pelo menos me avisar pra que eu abra. Achei que tudo o que era importante ficava na sua mesinha.

— Bem, *agora* eu deixo lá porque o cesto está cheio. Foi assim que encontrei a carta nova.

— Preciso dela. Onde você deixou a carta nova? — Ele já estava indo na direção do que presumi ser a sala de estar, mas olhou para mim. — Se importa de ver se acha algo do departamento de impostos ali?

— Imagina.

Comecei a vasculhar a correspondência — enviada por instituições financeiras querendo que Lynn pedisse novos cartões de crédito e instituições de caridade querendo que ela doasse dinheiro, mas também vi cartas de seguradoras e do banco, assim como diversas contas. Algumas estavam atrasadas.

Macon voltou rapidamente com a carta que estava procurando.

— Que tal se eu levar tudo pra gente olhar no caminho, já que estamos com pressa? — perguntei. Eu queria que ele examinasse o conteúdo com calma, mas não queria constranger Lynn.

— Boa ideia. Mãe, trago tudo de volta mais tarde, está bem?

— Tome *cuidado* — disse ela. — O piso do cartório é escorregadio. E as ruas do centro são muito cheias e perigosas com todas aquelas vias de mão única.

Macon a abraçou e lhe deu um beijo na bochecha antes de abrir a porta para mim.

— Foi bom te ver de novo, Lynn — falei, carregando o cesto.

— Volte quando quiser — disse ela. — Cuidado, hein! — gritou para Macon.

— Vou tomar — respondeu ele.

Ficamos em silêncio até a casa estar fora de vista. Ele tinha acabado de me mostrar

algo íntimo, doloroso e real. Com certeza, desde Dani, ninguém mais tinha recebido acesso a essa parte da vida dele. Apesar de não saber direito o que havia testemunhado, entendi que aquilo era uma janela para as dificuldades e responsabilidades da vida dele. Macon se mostrou vulnerável para mim, talvez pela primeira vez, e segurei o peso dessa confiança como se fosse algo sagrado.

— Tem algumas coisas aqui que você devia dar uma olhada — falei baixinho, me referindo ao cesto no meu colo. Revirei os papéis de novo.

Macon suspirou profundamente.

— Aposto que sim.

— Então… ela sempre tem várias caixas espalhadas pela casa?

— Eu levo tudo pra reciclagem sempre que vou lá. Como ela dificilmente sai de casa, manda entregar todas as compras. Já falei mil vezes pra ela me dizer o que precisa, mas ela se sente mal e acha que eu já faço muito por ela, então não me pede nada. E coisas assim — ele gesticulou para o cesto — a deixam estressada, então ela só ignora. Pedi pra ela deixar a correspondência na mesinha pra eu dar uma olhada quanto aparecer por lá, mas não sabia que ela tinha acumulado tudo isso. Pelo visto, faz meses que ela anda recebendo esses avisos sobre os impostos do imóvel. Não sei o que deu nela pra abrir uma carta esta manhã, mas graças a Deus ela abriu, porque hoje é o último dia para acertarmos tudo antes de o condado penhorar a casa dela.

— Sinto muito. Não sabia que a situação estava tão ruim assim. Quero dizer, acho que sabia. Mas não *sabia*.

— O último dia — repetiu ele.

— Ela… — Não havia forma delicada de fazer essa pergunta, mas senti que ele tinha me dado permissão. — Ela é acumuladora?

— Não do jeito que você está pensando. Mas se está se perguntando se o resto da casa é bagunçado daquele jeito, a resposta é sim. Só não de lixo. Mas de coisas que a fazem sentir segura e preparada pra qualquer emergência.

— E ela não vai mais na sua casa?

— Não desde que a Dani se mudou. Todo aquele espaço vazio a enlouquece. Ela é esquisita com espaços vazios.

— Por isso você nunca preencheu os espaços? Pra manter sua mãe longe?

— O quê? — Macon me lançou um olhar duro. — Não.

— Desculpe, eu não quis dizer que… não sei o que eu quis dizer. — A ideia me escapou antes que eu pensasse direito. Macon obviamente estava se esforçando para cuidar bem de Lynn. A pergunta insensível era mais um reflexo do meu relacionamento com meus próprios pais.

— Sabe, essa é a terceira pessoa que você tenta responsabilizar pelo estado da minha casa — disse ele. — Teve a Dani, a Bonnie, e agora minha mãe. Mas estou te falando a verdade. A culpa não é de nenhuma delas. É minha mesmo.

Eu estava morrendo de vergonha.

— Desculpe.

Seguimos em silêncio por um minuto. Ele alongou o pescoço para o lado e gemeu.

— Talvez você não esteja totalmente errada. — A energia dele mudou de irritação para nervosismo, o que *me* deixou nervosa. — É possível que eu não esteja com pressa pra preencher o espaço porque… ela provavelmente vai ter que vir morar comigo. Não sei quando exatamente, mas vai acontecer em algum momento nos próximos anos.

— Ah.

Macon me olhou de novo, e tentei manter uma expressão neutra. Eu não sabia bem como reagir. Não sabia por que essa notícia tinha me pegado tão de surpresa.

— É muito trabalhoso cuidar de duas casas — disse ele. — E coisas assim vão continuar acontecendo. E vão piorar. Ela precisa de cuidado, mas não quero mandá-la pra uma casa de repouso, e de qualquer jeito duvido que eu pudesse pagar um lugar decente. Sou o único familiar que ela tem agora que a Bonnie…

Macon deixou as palavras morrerem. Ele tinha visitado a tia algumas semanas antes quando ela saiu da reabilitação, mas só me contou depois. Ele disse que ela estava bem, mas pareceu mais cauteloso que esperançoso. Um vizinho tinha alimentado o Edmond enquanto Macon esteve fora. Ele não quis me incomodar porque eu estava ocupada com a loja. Queria que ele tivesse me incomodado.

— Bem — falei —, Lynn tem sorte de ter um filho como você.

A voz dele ficou carregada.

— É uma droga. Você é jovem, então seus pais ainda estão bem. Mas é uma droga.

Você é jovem. De repente me dei conta — tinha medo de que aquele fosse um dos motivos de Macon não querer ficar comigo. Não gostei que aquilo estivesse na ponta da língua dele.

— Mas ela está bem — arrisquei.

— Minha mãe passou a vida fingindo que não tem nada errado com ela. É só não tentar levá-la pra passear. Ou pro médico. Ou pra farmácia.

— Você vai conseguir convencê-la a se mudar pra sua casa? Ela não vai querer ficar na casa dela?

— Ah, ela vai resistir. Mas eu vou vencer. Minha mãe vai morar comigo, porque eu é que *não vou* morar com ela.

— Além disso, tem o seu jardim — falei.

Um segundo de silêncio se passou, e então ele abriu um sorrisinho.

— Além disso, tem o meu jardim.

— Sinto muito — repeti.

— Como estão seus pais? Faz um tempo que você não fala deles.

— Estão bem. Fazendo as coisas deles. Animados com o casamento.

— Achei que eles fossem vir te ajudar com a loja.

Soltei uma risada.

— Eles não fariam isso.

— Como assim?

Era sempre difícil explicar meu relacionamento com os meus pais.

— Eles são bons pais. — Eu sempre começava assim, porque era uma informação importante. — Eles me apoiam. Me amam e acreditam em mim. Mas não são… o tipo de pais que *apoiam* presencialmente. Não é como você e sua mãe. Eu mal os vejo. Não conversamos com frequência. Quando parei de responder às mensagens deles durante tudo o que aconteceu — fiz um gesto para indicar a primeira metade do ano —, eles só aceitaram e não me perguntaram o que estava rolando. Eles estão vivendo a própria vida, assim como esperam que a Riley e eu vivamos a nossa. Sempre foi

esperado que cuidássemos de nós mesmas. Nem consigo me imaginar pedindo ajuda pra eles.

Macon ficou reflexivo por um momento.

— Parece que é muita pressão.

Fiquei sem graça, pois tinha acabado de testemunhar a pressão que ele sentia com Lynn.

— Na verdade, não. Nada comparável à pressão que você sente.

— É diferente, só isso. E explica por que você odeia pedir ajuda.

— O quê? — Eu ri outra vez, mas estava incrédula. — Pedir ajuda é *tudo* o que eu faço agora. Lembra desta manhã? Quando te pedi ajuda? É por isso que estou sentada no seu carro agora, esqueceu?

— Sim, mas é difícil pra você. Mas você está sempre ajudando os outros. Você é boa em dar, mas não em receber.

Essa doeu. Não que ele tivesse dito alguma grosseria, era só a verdade.

Ficamos em silêncio de novo. Quando chegamos ao cartório, eu já tinha encontrado mais cinco cartas cobrando os impostos atrasados. Enfiei a pilha na bolsa e nos apressamos para entrar no prédio iluminado que fazia eco. Macon foi à frente, sabendo para onde ia. Seu cabelo estava armado por conta da umidade, o que me fez meu peito doer. Enquanto subíamos de elevador até o terceiro andar, ajeitei as tranças de novo. Ele ficava bem mais atraente de cabelo bagunçado do que eu. Mas quando o elevador parou, olhei para Macon e vi que ele me observava no reflexo turvo das portas de aço. Elas se abriram, quebrando o contato visual, e Macon desviou o olhar rapidamente, se apressando para seguir pelo corredor.

Eu o segui devagar, com o coração acelerado. O que *era* esse estranho relacionamento que tínhamos? Essa amizade carregada de olhares roubados? Eu sabia o que sentia por ele, mas continuava confusa quanto ao que ele sentia por mim. Macon nunca flertou comigo. Nem uma vez. Mas agora que tinha me deixado entrar na casa da mãe, talvez estivesse prestes a me deixar entrar em outro lugar.

Ele já estava no departamento de impostos quando o alcancei. Entreguei as cartas e me sentei, imaginando que ele quisesse privacidade. Por sorte, havia apenas uma

pessoa à frente dele no balcão. Conferi o celular e mandei mensagem para o empreiteiro, avisando que chegaria em breve.

— Ingrid. — A voz de Macon estava baixa.

Ergui o olhar, esperando que ele fosse dizer mais alguma coisa, mas seus olhos estavam inesperadamente arregalados e acesos. Eles dispararam para a cabine do atendente.

Olhei e quase arfei.

Nossos olhares se encontraram de novo, encantados.

Fiquei de pé e me juntei a ele na fila.

— Seja boazinha — sussurrou ele.

— Eu sempre sou boazinha — sussurrei em resposta.

Quando a pessoa diante de nós foi embora, fomos casualmente até a cabine de um certo sr. Ken Fondness. Havia uma placa impressa, esfarrapada e meio torta de tão velha colada na parede ao lado dele: POR FAVOR, DIGA AO ATENDENTE APENAS O INDISPENSÁVEL. Meu sorrisinho se tornou um sorrisão delirante. Ken Fondness mexia no computador.

— *Oi* — falei.

Ken Fondness franziu a testa.

Macon pigarreou para mim, e entregou a correspondência. Explicou que precisava pagar os impostos da mãe, e Ken Fondness ficou irritado.

— Não preciso disto — disse ele, gesticulando para as cartas como se estivesse ofendido só de olhar para elas. — Mas como as contas estão atrasadas, você precisa preencher um formulário antes de pagar.

— Está bem — disse Macon.

— Não tenho ele aqui, vou ter que ir buscar — disse Ken Fondness, como se aquilo fosse uma inconveniência enorme em sua jornada, que terminava ao meio-dia.

— Tudo bem — disse Macon. — Posso esperar.

Ken Fondness lhe lançou uma expressão incomodada antes de se afastar. Temendo que ele ainda pudesse nos ouvir, Macon e eu nos comunicamos em silêncio. Empolgada, apontei para o livro ao lado do computador, um exemplar sobre barcos

antigos que ele havia retirado da biblioteca. Macon ergueu os punhos no ar, alegre.

Ken Fondness voltou com o formulário, e ficamos quietos. Macon o preencheu enquanto Ken Fondness digitava algo.

— É bom ver você fora da biblioteca — falei. Não consegui me conter.

Ken Fondness ergueu o olhar do computador. Não apontou para a placa para me fazer calar a boca, mas me olhou com irritação.

Eu sorri.

Macon pagou o que precisava, e saímos porta afora com dez minutos de sobra.

— Adoro ele — falei no elevador. — Amo velhos ranzinzas.

— Sei bem e fico grato por isso.

A tentação estava bem ali, mas eu estava animada demais para tirar alguma coisa daquilo. Guardaria a indulgência para mais tarde.

— Acha que ele nos reconheceu?

— Claro que ele nos reconheceu. E acho que ter nos visto juntos fora da biblioteca manchou a opinião dele sobre mim. — Seu tom era brincalhão, mas seu sorriso era provocador, porque Ken Fondness nunca tinha me perdoado por aquela gafe sobre os piratas.

Ri enquanto voltávamos para o térreo.

Quando passamos por um grupo de advogados, Macon abaixou o tom de voz.

— Faz trinta e seis anos que ele faz o mesmo trabalho e ninguém se lembra de ele ter tirado um dia de folga sequer.

— Ele come sanduíche de ovo e banana todo dia no almoço.

— Com licença — disse um homem, interrompendo nossa brincadeira. Devia ter uns quarenta e tantos, mas estava acabadinho. Seu rosto, braços, pernas e cabelos eram longos e esguios de uma maneira descuidada, e ele usava uma camiseta com um desenho de um menino feio. — Estão com pressa?

— Sim — respondeu Macon.

Eu é que estava com pressa, mas estava curiosa e alegre.

— Depende.

Macon me olhou feio.

— Estamos nos casando e precisamos de uma testemunha. — Ele gesticulou para uma mulher com cara de exausta na sala de espera. Três criancinhas se contorciam perto dela, e duas estavam chorando.

— Ah — falei. — Bem, acho que eu…

— Quanto tempo vai levar? — Macon perguntou para o homem, ainda olhando feio para mim.

— Vai ser rápido — disse o homem. — Só uns minutinhos. Já fiz isso antes.

— Certo — falei, mas não estava mais tão tranquila.

— Ótimo. — O homem bateu palmas e foi na frente. Relutantemente, eu o segui. — Vamos, tropa, vamos! — disse ele.

A mulher cansada e seus filhos irritados reuniram os pertences. Por cima do ombro, lancei um olhar de súplica para o Macon, que me encarava incrédulo. Então ele balançou a cabeça e se juntou a nós.

Na sala, um juiz puto da vida ficou dizendo à mulher para fazer os filhos calarem a boca. Macon e eu ficamos nos fundos, a terceira criança começou a chorar, os votos foram trocados e então acabou. Assinei um papel, e Macon e eu fomos embora.

— Parabéns — falei, horrorizada.

— Ele sabia que ia se casar hoje, e mesmo assim escolheu, *escolheu*, usar essa camiseta do Cornholio. — Macon me olhou e logo se deu conta da nossa diferença geracional outra vez. — Do *Beavis e Butt-Head?* Bem, você não perdeu muita coisa.

— Ah, já ouvi falar.

— Quando eu tinha doze anos, achava engraçado.

— Será que os filhos daquela mulher estão bem? — perguntei.

— Não — disse ele.

Ainda estávamos estremecendo quando ele me levou ao mecânico.

— O que é que significa o casamento se as pessoas podem apenas… ir ao cartório e fazer aquilo? — disse ele. — Por que se dar ao trabalho?

Cory e eu um dia acreditamos que nos casaríamos no outono. (Era quase outono.) Me imaginei ao lado dele naquela mesma sala vazia com o mesmo juiz irado e me senti mal.

— Merda — falei, lembrando de outra coisa. — Ainda preciso comprar meu vestido de madrinha. A Riley escolheu um tão caro.

— Talvez seu novo amigo te empreste a camiseta — disse Macon amargamente.

Enfim chegamos ao mecânico, e Harvey disse:

— O bloco do motor rachou porque você não comprou um radiador ou mangueiras novas na primavera passada.

— Posso comprar agora? — perguntei.

Harvey bufou.

— É tarde demais.

— Então…

— Então você precisa de um motor novo — disse ele —, que vai custar mais do que o carro vale.

— Então…

Harvey franziu a testa como se eu fosse uma idiota, o que talvez eu fosse mesmo.

— Então estou te falando que você precisa de um *carro* novo.

Macon e eu transferimos as coisas que estavam no meu Volkswagen para o Volvo dele, incluindo todas as coisinhas do meu porta-luvas, chão e porta-malas, e então fomos até a livraria para entregar o azulejo. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu me odiava por chorar diante dele de novo, e me odiava por fazer seu carro de carreto de novo.

— Que porra de ano — falei.

— Que porra de ano — Macon concordou em um tom calmo, firme e deprimido.

— Não posso comprar outro carro agora. Nem uma lata-velha. Mal posso pagar o vestido do casamento da minha irmã. — Ele estacionou e se mexeu para sair, mas eu o interrompi. — Preciso de um momento. Não quero que o empreiteiro me veja assim. Preciso parecer responsável.

— Você *é* responsável.

— Meu carro discordaria.

— Bem, você sempre odiou o seu carro, e estou feliz por você enfim matar ele antes que ele te matasse.

Revirei a bolsa até encontrar um lencinho. Assoei o nariz como se fosse um ganso. O que era mais uma humilhação diante dele?

— Talvez… seja melhor não comprar um carro — disse ele.

— O quê? Macon. Preciso de um carro.

— Mas e se não precisar? Você mora a dez minutos a pé daqui, e pode ir a pé pro supermercado. Você conseguiria ficar sem carro pelo menos por uns meses.

— Mas e quando eu tiver que ir à loja de artigos usados do outro lado da cidade? — Gesticulei para as caixas de azulejo no banco de trás do carro dele. — Não posso te pedir ajuda toda vez.

— Por que não?

Porque você não é meu namorado. Não falei, mas deixei a resposta pairar entre nós de qualquer jeito. O silêncio ficou tenso.

— Porque você tem emprego — falei por fim.

— Não, você tem razão — disse Macon, ignorando o desconforto. Outro silêncio sombrio se estendeu. Um minuto depois, ele se endireitou no assento. — Está bem. — Ele estava se esforçando muito para resolver o meu problema. — Se você não tiver carro, pode cancelar seu seguro. Guarde o dinheiro pra alugar um carro toda vez que tiver que ir a algum lugar mais distante.

O peso da coisa toda era muito desmoralizante.

— Seria temporário — disse ele.

— Como o estúdio. Como as minhas economias.

— Ei. — Macon esperou até ter minha atenção total. Até que eu o olhasse. — Você está fazendo uma coisa legal. A livraria vai ficar ótima.

— *Pufff*.

Me virei para a vitrine sem nome. Um cachorro meio golden retriever, meio poodle estava bebendo da tigela que eu tinha deixado ali fora para os cachorros das pessoas que passassem. As flores penduradas nos cestos balançavam ao vento. Nas vitrines, havia duas grandes placas pintadas a mão com a caligrafia cursiva de Mika: LIVRARIA

EM BREVE! MAL PODEMOS ESPERAR POR VOCÊS! Meu coração ficou um pouquinho mais leve.

— Ai, meu Deus — disse Macon de repente. — Nem te contei da perna de cheeseburguer.

Minha carranca já estava suavizando.

— O quê?

— Meses atrás, quando a gente não estava…

Ele ia dizer *se falando*, mas gesticulei para que continuasse.

— Enfim. Sonhei que dobrava as barras da minha calça, e a pele das minhas panturrilhas tinha umas partes carnudas, com cara de carne moída e em formato de hambúrguer. Era uma condição chamada perna de cheeseburguer. — Ele sorriu diante da minha perplexidade. — Você ficou chocada por eu não ter ido ao médico, mas só fazia uma semana que minha perna estava daquele jeito.

Coloquei as mãos na cabeça.

— Pare de tentar me animar.

— Pensei que o negócio ia passar sozinho.

Me virei para ele com a cabeça ainda apoiada nas mãos.

Macon ergueu uma das pernas da calça para me mostrar.

— Os hambúrgueres eram *muito* dolorosos.

— Está bem — falei.

— Está bem o quê?

Empurrei o braço dele.

— Eu vou ficar bem. Pode parar agora.

Toda vez que eu o tocava, os dedos dele acabavam onde os meus tinham acabado de estar. Macon ainda ria enquanto sua mão ia inconscientemente para aquele ponto.

— Só espero que a condição não seja hereditária — disse ele. — Eu jamais conseguiria levar minha mãe ao médico.

Finalmente, caí na risada.

O sorriso dele aumentou — e então ele também empurrou meu braço. O toque foi leve, mas elétrico. Minha palma foi direto para esse ponto, cobrindo-o tão firmemente

quanto uma promessa. Eu lhe daria o tempo e o espaço de que ele precisava. Macon estava me deixando entrar, e a espera valeria a pena.

Setembro

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		
30 MAR		
17 ABR		
10 MAIO		
03 JUN		
22 JUL		
04 AGO		
28 SET		

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Minha mente era uma lista de tarefas que nunca diminuía. Para cada item resolvido, mais uma dúzia aparecia, se acumulando e aumentando a pressão que eu sentia. Eu abriria a livraria quando a temperatura amenizasse, e, enquanto isso, Ridgetop tivera o agosto mais quente da história, e setembro não estava muito melhor. Teimosamente, continuei trabalhando com as portas abertas e um ventilador emprestado, suando cada litro de água que bebia. Suei tanto que mal precisei usar o banheiro da cafeteria. O meu ainda estava sendo reformado, e tudo estava barulhento e caótico.

Os momentos em que o tempo desacelerava — os momentos que passava com Macon — eram espaçados feito ilhas. Ele ainda estava de férias, mas andava ocupado com o jardim. Uma noite, porém, ele me levou a uma loja de bicicletas. Com uma longa mensagem de texto argumentativa, Macon me convenceu a testar uma bicicleta elétrica cargueira em vez de um carro, ao menos temporariamente. O dinheiro do seguro que eu não estava pagando, além do pouquinho que recebi por vender meu carro para que aproveitassem as peças, cobriria o custo da bicicleta. Eu estava mais animada para passar o tempo com ele do que para pedalar, mas depois de alguns minutos de passeio, fui convencida. Nos revezamos no pedal, e eu nunca o vi tão jovial e entusiasmado daquele jeito.

— Eu deixo você pegar meu carro emprestado se você me emprestar sua bike — disse Macon, sério, e eu ri. — Os casos de traumatismo craniano aumentaram porque poucas pessoas usam capacete com uma bicicleta elétrica, então prometa que sempre vai usar — disse ele todo sério, e eu me derreti toda.

Agora, eu reconhecia que parte do seu cuidado — coisas como mandar mensagem

para saber se cheguei bem em casa e dirigir um carro conhecido por ser seguro — era resultado direto de ter sido criado por uma mãe cautelosa. Mesmo assim, eu gostava que ele se preocupasse *comigo*. Gostava que ele quisesse *me* manter segura. Comprei a bicicleta e um capacete fofo cor de menta, e pedalei alegremente para o trabalho.

A próxima ilha foi o dia em que tiramos as prateleiras e outros móveis da garagem de Carla e levamos até a loja. Usei toda a ajuda disponível — Macon; Mika; Bex; o sócio de Bex, Craig, e o caminhão dele; dois faixas-pretas altruístas do dojang que também praticavam crossfit e gostavam de exibir sua força; e Richard e sua van. Não acreditei que tantas pessoas apareceram só para me ajudar.

Enquanto terminávamos de colocar o último item na van, Richard, esquálido, mas cheio de vigor, ficou por ali fazendo hora enquanto se despedia de Carla. Cutuquei Macon.

— Será?

— *C*erteza — disse ele, tocando o próprio braço. Suor escorria de sua testa, e seus óculos estavam tortos e manchados.

Apontei para os óculos. Ele os tirou e me entregou. Baforei as lentes e as limpei com cuidado na minha camiseta. Fazia anos que eu os limpava para ele, embora não conseguisse me lembrar da última vez que tinha feito isso. Eu também limpava os óculos de Cory quando os achava jogados no nosso apartamento.

— Obrigado, fada da limpeza — dizia ele quando os colocava de volta no rosto.

— Não é bom conseguir ver o mundo outra vez? — falei, devolvendo-os.

— Não sei o que tem de tão bom assim no mundo — resmungou Macon. Essa era a *nossa* conversa habitual. Mas seus olhos brilhavam, brincalhões, quando ele entrou no carro.

De repente, percebi que Carla estava logo atrás de mim. Eu a agradeci de novo, mas ela me ignorou.

— Ele lembra o Len — disse ela.

— O Richard?

— Não. Seu namorado.

— Ah, ele não é meu…

Ela me deu uma piscadela.

— De nada. E sim — Carla acrescentou antes que eu pudesse falar alguma coisa —, vou te chamar quando estiver pronta pra me mudar. — Eu já tinha aberto a porta do carro de Macon quando ela adicionou: — E traga seu namorado de novo. Gostei dele.

— Ela gostou de você — falei para Macon, nós dois ignorando a outra parte do que ela dissera. Os faixas-pretas do crossfit também nos confundiram com um casal, assim como o cara na loja de bicicletas.

— Parece que o Richard tem competição — disse ele.

Eu ri, secretamente satisfeita por nossa química ser tão evidente para observadores externos. Secretamente satisfeita por voltar à loja no carro com ele, e não com outra pessoa.

Mas levamos um tempo frustrantemente longo para nos vermos outra vez. Meu trabalho não tinha folga, e com o espírito de barganha ainda forte, Macon fez um acordo com o vizinho: trabalharia no jardim em troca de ajuda para construir as estantes. Daí a mãe dele descobriu que havia mofo nas paredes do banheiro, o que se transformou em uma verdadeira saga. Bem quando a porta para algo novo havia se aberto, paramos de nos ver com tanta frequência e quase nunca estávamos sozinhos.

Mika enfim se juntou a mim em tempo integral, e tentei ligar o ar-condicionado como um presente de boas-vindas. Não funcionou. Imaginando que o proprietário do imóvel pagaria o conserto, fiquei chocada ao examinar o contrato e descobrir que o sistema de ar-condicionado era responsabilidade minha.

Paguei o conserto com um cheque suado.

Stephen da filial leste estava oficialmente contratado, e minha terceira funcionária apareceu depois de ver as placas nas nossas vitrines. Eu a reconheci imediatamente por suas tatuagens coloridas na perna — grandes flores e personagens amados da literatura infantil. Era a garçonete que tinha testemunhado meu término com Cory na lanchonete. Jo havia trabalhado em uma livraria infantil na Georgia da adolescência à faculdade. Ela ainda era jovem, mas esperta, entusiasmada e sabida, e eu a contratei imediatamente como especialista em literatura infantil.

— Precisamos de mais uma pessoa — disse Mika. — Alguém disposto a fazer eventos e cuidar das redes sociais.

Stephen era meio Macon (e Len) e já tinha reivindicado o trabalho de bastidores de receber carregamentos e processar pedidos online, mas foi o próprio Macon quem me enviou meu último funcionário: Amelia Louisa Hatmaker, a frequentadora da biblioteca que tinha nos dado o voucher do passeio de balão. *O marido dela acabou de trocá-la por uma mulher mais nova*, ele disse na mensagem. *O currículo dela é uma droga porque faz vinte e cinco anos que ela não trabalha, mas acho que ela vai dar o melhor de si pra se provar*.

Eu gostava de Amelia Louisa, e ela tinha a personalidade extrovertida que precisávamos para chamar a comunidade — uma habilidade que mais nenhum de nós tinha. Considerando minha própria experiência com términos, fiquei preocupada com a habilidade dela de lidar com tudo no olho do furacão, mas Amelia Louisa acabou sendo um presente de Deus. (Um presente de Macon.) Eficiente e organizada, ela também se dispôs a configurar os computadores e o sistema de vendas.

Stephen, Jo e eu encomendamos os livros enquanto Mika enchia nossa seção de presentes com itens sustentáveis, cadernos reciclados, canetas-tinteiro, cartões desenhados por artistas locais e apanhadores de sol em formato de romances clássicos feitos no estilo de vitral apropriado para Ridgetop. A cada nova tarefa, nossa fatiga de tomar decisões aumentava, mas quando um de nós surtava por conta de quantidades ou edições ou traduções, Amelia Louisa nos guiava com a habilidade de uma mãe de dois adolescentes mal-humorados. Não tínhamos história nem um ritmo preestabelecido como eu tinha com meus colegas na biblioteca, mas já conseguia me imaginar fazendo o bolo de aniversário de cada um.

O aniversário de Cory chegou, e ele começou uma nova década sem mim. Isso me deixou triste, mas não desolada. Meu aniversário de trinta anos também se aproximava rápido. Mandei uma mensagem desejando parabéns, ele respondeu de imediato e trocamos várias mensagens amigáveis. Ele ficou sabendo da minha loja e estava impressionado e orgulhoso. *Sabe*, disse Cory, *isso jamais teria acontecido se ainda estivéssemos juntos*. Ele tinha razão, mas eu não tinha pensado nisso.

— Pensei em convidar o Cory pro casamento — Riley confessou ao telefone.

— Vocês sempre se deram bem — eu disse.

— Falando nisso, você já comprou seu vestido?

Merda. Merda, merda, merda.

— Seu silêncio me diz que não.

— Ai, meu Deus. Desculpe. Eu acabei de pagar uma reforma enorme que não tinha planejado. — Estava pensando em como arranjar o dinheiro às pressas. Tive sorte de estar economizando com aluguel durante toda aquela saga, porque o dinheiro no banco estava me salvando de todas as despesas inesperadas. Infelizmente, minha irmã não tinha escolhido um vestido normal. Era de marca, caro pra caramba. Custava um mês de aluguel hipotético, o valor que eu tinha usado para pagar o conserto do sistema do ar-condicionado. — Eu literalmente não tenho dinheiro. Mas tenho certeza de que posso achar um parecido. Tudo bem se eu não estiver com a *mesma* roupa das outras madrinhas, né? Já que sou dama de honra?

— Iggy. Calma. Tá tudo bem.

— Prometo que vou pedir sua opinião antes de comprar qualquer coisa.

— Iggy! Para. Eu compro o vestido pra você.

Fiquei mal com isso.

— O quê?

Mas ela parecia feliz.

— Graças a Deus, enfim tem algo que posso fazer pra te ajudar. Isso aí. Vou pagar seu vestido. É um presente. E nós duas vamos ficar felizes com ele.

— Não posso te deixar fazer isso. O vestido custa mais de mil dólares.

— Sim, e eu sou a babaca que o escolheu. Talvez meu casamento apareça na imprensa, então fiquei paranoica e quero que tudo fique perfeito…

— Espere. Você acha que seu casamento vai aparecer na imprensa?

— A *People* cobre casamentos importantes da liga feminina de basquete o tempo todo.

— Pai amado.

— Eu sei.

— Isso não te assusta?

— Sim. Por isso o vestido. Que eu vou pagar.

— Ainda acho que não posso te deixar fazer isso.

— Não estou te dando opção.

Ficamos em silêncio.

— Você está surtando, né? — disse ela.

— Estou tentando descobrir como vou pagar.

A voz de Riley murchou com um suspiro:

— Olha, sei que nossos pais não comprariam o vestido pra você. E sei que você jamais pediria. Eu também não pediria. Mas só porque não temos esse tipo de relacionamento com eles, não significa que não podemos ter uma com a outra. Estar perto da família da Jess me fez perceber que há outras formas de *ser* uma família. Podemos conversar mais. Podemos nos visitar mais. E você pode me deixar te ajudar.

Fiquei perplexa.

No meio do verão, minha irmã tinha me dito que queria me ajudar com a loja, mas como a temporada da liga de basquete feminino era curta, ela não podia arriscar perder o tempo com Jess antes que ela começasse a jogar pela liga turca durante os meses fora de temporada. Eu ri e disse que tudo bem. Mas Riley ficou magoada por eu ter presumido que ela não viria me ajudar. Embora tivéssemos uma relação mais próxima do que a que tínhamos com nossos pais, nunca imaginei que nos apoiar fosse uma escolha. Nunca imaginei que pudéssemos fazer mais pela outra, e que talvez isso também fosse o que ela buscou de mim o ano todo: apoio.

— Desculpe — falei, desanimada. — Eu também devia ter te ajudado.

— Ah, nós duas estivemos um pouco ocupadas.

Demos risadas lamentáveis com o eufemismo.

— Não conte pra mamãe — disse Riley —, mas acho que ela tinha razão. Planejar um casamento grande assim em um ano foi um erro.

Suspeitava que dava menos trabalho do que abrir um negócio, mas, como irmã mais velha, deixei passar. O que me lembrou que eu tinha deixado outras coisas passarem.

— Deus, nem perguntei ainda. Como a Jess está? — O time dela, o Atlanta Dream, tinha perdido os primeiros jogos das eliminatórias e já estava fora do campeonato.

— Jess é durona. Está decepcionada, mas pelo menos elas *chegaram* às eliminatórias este ano. O time está melhorando.

— Que bom que ela está bem.

— Então você vai me deixar comprar seu vestido?

Lembrei de Macon dizendo que eu tinha dificuldade de aceitar ajuda. Ele só verbalizou a realidade. Engoli o orgulho.

— Sim. Obrigada.

— Ótimo. Porque eu comprei enquanto a gente estava conversando. Vai chegar na semana que vem. Sério, não tenho tempo nenhum pra desperdiçar nessa porra.

— Tamo junto — falei.

— Tamo junto — disse ela.

As fragrâncias fétidas enfim passaram, e o estoque — tudo novinho em folha — foi entregue em quantidades massacrantes. O cheiro dos livros era convidativo mesmo para nossas mãos sedentas e ressecadas de tanto tocar papéis e papelão. Estávamos atrasados no cronograma, e, em uma segunda-feira, Sue, Alyssa e Elijah apareceram para ajudar. Saboreei a generosa reunião e o companheirismo familiar. Elijah ficou abrindo caixas na sala dos fundos enquanto Sue e Alyssa me ajudavam a arrumar a loja.

— Pena que Macon não pôde se juntar a nós — disse Sue conforme organizávamos as seções de história.

— Ele está ajudando a mãe hoje — falei —, mas já fez muito por aqui.

— Pois é — disse Alyssa de um jeito dissimulado —, esses girassóis do lado das caixas registradoras são lindos.

Minha pele corou com a implicação.

— Suponho que você reconheceu os girassóis porque ele também levou alguns pra

biblioteca. — Macon costumava levar buquês para enfeitar a recepção. Os meus tinham sido deixados logo na entrada dias antes.

— Não recebemos girassol nenhum — disse Alyssa.

— Não mesmo — disse Sue, adotando o mesmo tom dissimulado.

Meu coração parou e depois acelerou.

— Desde que você saiu ele anda bem triste — acrescentou Sue.

— Pra mim é o Macon de sempre — falei, ainda pensando nas flores.

— Não — disse Alyssa. — Ele está *sofrendo*. Está infeliz em tempo integral agora.

Paralisei com uma pilha de livros de história antiga nas mãos. Ele tinha reclamado do trabalho para mim, mas não deu nenhuma indicação de que a tristeza que sentia era algo fora do comum.

— Sabe — falou Sue, mexendo nos livros ao meu lado, devagar e metodicamente —, antes ele queria trabalhar na mesa de referências. — A mesa de referências ficava no Memorial Rowe. Era a principal biblioteca do centro, a apenas dois quarteirões da minha loja. — Achei estranho como ele parou de falar disso quando você apareceu.

Bibliotecário de referência era o cargo que, em segredo, sempre achei que Macon desempenharia bem, embora ele nunca tivesse mencionado nada para mim. Ele sempre me pareceu satisfeito na posição atual.

Sue prosseguiu:

— Ele nem se candidatou pra vaga da Val quando ela se aposentou, há dois anos. Tentei convencê-lo a se candidatar, mas ele recusou.

Engoli em seco.

— Acho que ele mudou de ideia. Acho que está satisfeito fazendo o que faz.

— Como sou bobinha — disse Sue, com um humor seco. — E eu pensando que ele não trocou de emprego porque é apaixonado por você.

Dois pedreiros gritaram e começaram a martelar no banheiro. Dei um pulo e então me encolhi com cada batida. Sue e Alyssa trocaram um sorrisinho.

— Somos amigos — falei. E era verdade. — Nosso relacionamento sempre foi platônico. — Já isso não era tão verdade assim. Eu tinha muitos amigos, mas só queria dormir com um deles.

— Bem, já que vocês são tão amigos assim — Sue bateu uma fileira de livros na ponta de uma estante para dar ênfase —, talvez possa encorajá-lo a se candidatar para a vaga de referência que está para abrir ainda este ano. Ted vai se mudar pra Portland.

— Oregon ou Maine? — perguntei, querendo mudar de assunto.

Sue tinha usado a palavra *apaixonado*. Ela achava que Macon era apaixonado por mim. A palavra rachou e abriu meu coração, e os cacos dolorosos chacoalharam dentro do meu peito por dias, me fazendo desejar que fosse verdade. Me fazendo imaginar se era verdade. Me causando infelicidade e êxtase e eterno sofrimento.

Então meu coração se partiu outra vez.

Não alcançamos meu objetivo.

Embora o equinócio tivesse passado, o clima ainda estava quente e as árvores apenas indicavam o que viria a seguir. Passei o mês inteiro analisando a folhagem, rezando para que fossem com calma — ou *me* dessem mais tempo —, até que, milagrosamente, elas me obedeceram. (Não milagrosamente, culpa das mudanças climáticas.) Mas agora outubro estava a um sussurro de distância, os primeiros turistas já estavam enchendo as ruas, e ainda assim nossas estantes estavam mais ou menos vazias.

Eu estava arrasada. Senti que a livraria tinha falhado antes mesmo de começar.

Se perdêssemos a alta temporada do turismo, nossas vendas de fim de ano talvez não fossem suficientes para manter as portas abertas. Eu abriria o negócio só para fechá-lo de vez em janeiro. Eu não suportaria outro janeiro de recomeços. Era impossível me imaginar tão perto de perder tudo de novo.

— Conseguiremos abrir daqui uma semana — disse Mika, me reconfortando no escritório.

Gesticulei para as duas fotos que eu tinha pendurado na parede: o postal emoldurado de Mary Brisson e uma foto de Len franzindo a testa, com um cigarro entre os lábios e os pés apoiados na mesa abarrotada.

— Olha só como eles estão decepcionados comigo.

— *Você* está decepcionada com você mesma porque se deu um objetivo inalcançável. Estamos indo bem. Não desista agora.

— Não estou desistindo.

— Sei que não está. — O sorriso dela agora era provocador. — Então pare de agir como se estivesse desistindo. Além do mais, tenho notícias que vão te alegrar.

As placas da fachada tinham ficado prontas. Mika e eu decidimos que seria primordial investir nelas, e eu estava ansiosa para ver se nossa aposta tinha valido a pena. Ela tinha contratado dois artesãos locais: um ferreiro para esculpir o nome com distintas maiúsculas douradas que se estenderiam por toda a fachada da loja, e um marceneiro para criar uma placa suspensa que ficaria pendurada acima da calçada. A placa suspensa lembraria uma xilogravura antiga, com uma pilha de livros esculpida e um grande B estilizado, combinando com o B dourado acima dela.

Mika ainda estava preocupada com o nome que eu havia escolhido. Encomendar placas com o visual certo era uma maneira de chegar a um meio-termo.

As placas foram instaladas no último dia de setembro. A loja brilhava como um porta-joias. Parecia atemporal e culta. Digna de ser vista, digna de existir. Todos os meus quatro funcionários — eu tinha *funcionários* agora — ficaram ali comigo, admirando o espetáculo no crepúsculo.

— Sei que já perguntei o que o nome significa, mas já esqueci — confessou Amelia Louisa.

Senti a presença dele antes de vê-lo. A energia e empolgação se agitando dentro de mim se voltaram para cumprimentá-lo à medida que ele se aproximava por trás.

— *Bildungsroman* — disse Macon para Amelia Louise, com o olhar fixo nas letras douradas. — É um romance que acompanha os anos de formação de um protagonista, geralmente da juventude à vida adulta. — Seus olhos encontraram os meus, brilhando de admiração. — É perfeito.

— Até combina com a história do prédio, a antiga delicatéssen. — Apontei para a entrada de mosaico. — Roman's.

— Amei — disse ele, sincero. Ainda me olhando.

Amor. Sorri para a minha livraria.

— Eu também amei.

Outubro

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		
30 MAR		
17 ABR		
10 MAIO		
03 JUN		
22 JUL		
04 AGO		
28 SET		
07 OUT		

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Os itens personalizados da *Bildungsroman* chegaram, tudo feito com carinho: marcadores de páginas para enfiar nos volumes vendidos, um brinde lindamente ilustrado e fácil de compostar; camisetas, chapéus e bolsas de tecido eticamente produzido e canecas customizadas feitas por um ceramista local. Ver o nome da loja impresso era emocionante, e eu estava orgulhosa dos produtos que desenvolvemos.

Ameia Louise nos deu o restante do treinamento do ponto de vendas enquanto os filhos adolescentes estampavam a logomarca da *Bildungsroman* em inúmeras sacolas de papel e ficavam atrás de Jo, com suas tatuagens e cabelo pintado de preto, feito cachorrinhos apaixonados. Eles a ajudaram a criar o item dos sonhos para a seção infantil: uma lareira falsa inspirada na da biblioteca. Jo tinha achado um antigo console de lareira, meio desgastado mas lindo, e eles o pintaram para que combinasse com as paredes. Dentro dele, pintaram chamas impressionistas. Luzinhas iluminavam uma pilha de troncos de verdade, e eles colocaram um acolhedor tapete redondo diante dela, com adoráveis cadeirinhas de madeira.

A Semana dos Livros Banidos já tinha passado em setembro, mas Mika e eu a estendemos ao encher uma das vitrines com títulos polêmicos. Em outra, exibimos leituras sazonais, com títulos que iam do clima aconchegante do outono até livros de terror de arrepiar.

Finalmente, nossas estantes foram preenchidas com as seções costumeiras e também com as que mais queríamos: de autores locais, leituras regionais e escolhas da equipe, além de mostradores temporários, como Livros de Lá do Outro Lado (uma mesa com a curadoria de Kat honrando o melhor da ficção australiana), O Livro é Melhor (romances que foram recentemente adaptados para o cinema ou para a tevê) e

Livros de Camomila (histórias calmas onde nada muito estressante acontece).

— Ingrid! — Mika me chamou na noite anterior à inauguração. — Precisamos que você decida uma coisa.

Saí da sala dos fundos toda enrolada em luzinhas. Tinha pegado uma caixa cheia delas em um bazar e queria pendurá-las por toda parte nessa primeira temporada de fim de ano. Meus colegas de trabalho estavam reunidos perto de uma ilha de livros que considerávamos fantásticos, apesar do tamanho intimidador.

— Jo e eu queremos chamar essa seção de Gosto de Livros Enormes, Sim, e Daí? — disse Amelia Louisa.

— Enquanto Mika e eu preferimos Prometo Que Valem a Pena — disse Stephen.

— Sem querer ficar em cima do muro — falei —, ambos são ótimos.

— O primeiro — disse Macon do outro corredor —, porque todas as outras ilhas incluem a palavra *livro*.

Ele tinha vindo com o carro cheio de plantas e estava enfeitando cada cantinho da loja. Eram mudas das mesmas plantas que preenchiam cada cantinho da biblioteca.

— Caramba. — Stephen passou a mão pelo cabelo desleixado e grisalho. Ele era um cara meio desleixado no geral, da postura aos cardigãs. — Você tem razão.

— Só garantam que todas as prateleiras tenham etiqueta — falei antes de ir para o lado de Macon. — Vamos precisar convencer as pessoas a comprar esses.

Me apoiei na estante ao lado dele. Não de maneira sexy, mas exausta, com os braços ainda enrolados nas luzinhas.

— Tem *certeza* que não quer trabalhar aqui?

O olhar dele permaneceu focado na tarefa.

— Não quero que você seja minha chefe.

Meus sentimentos mais profundos ficaram em alerta. Seu tom era mais cuidadoso que nunca, mas ele deixou bastante margem para interpretação. Considerei dar uma resposta sedutora, mas então me lembrei do fracasso da dança.

— São todas lindas — falei, decidindo falar das plantas. Era seguro. Macon tinha passado o verão todo cuidando das mudinhas em sua estufa, outro atencioso presente vegetal que eu não sabia que receberia. — Tenho medo de matá-las.

— Você não vai matar nada — disse ele. — Vou te ensinar a cuidar delas.

Ele também tinha doado uma dúzia de abóboras para as nossas vitrines. Tinham sido cultivadas para serem comidas, mas também eram lindas.

— Ano que vem, vou plantar umas variantes decorativas — dissera ele, com medo de que eu estivesse decepcionada de algum jeito.

Ano que vem! foi tudo o que ouvi. Ele estava planejando um futuro que presumia que a livraria ainda estaria aberta — e que eu ainda estaria em sua vida.

Macon parou de mexer na pilha e gesticulou para as luzinhas.

— Precisa de ajuda?

Estendi os braços.

Devagar e pacientemente, ele começou a desembolar o fio. Fechei os olhos enquanto ele trabalhava. Macon tinha cheiro de terra adubada, livro antigo com capa de couro e sabonete — que na casa dele era de eucalipto.

— Ingrid — disse ele baixinho.

Abri os olhos de supetão — e então me assustei ao vê-lo tão perto.

— Você pegou no sono?

— Estou cansada — falei.

— Reparei. Achei que você fosse cair.

— Falando de trabalho… — falei.

— Estamos falando disso?

— Sue mencionou que vai abrir uma vaga de referência. Você vai se candidatar?

Ele franziu a testa.

— Ela te pediu pra me perguntar?

— Sim, mas você devia se candidatar mesmo. Você é qualificado, e é uma boa posição para os seus pontos fortes e interesses. O trabalho seria mais interessante também.

Macon me entregou o cordão de luzinhas perfeitamente enrolado. Ele desemaranhou todo o fio sem me tocar. Eu queria que ele me tocasse de novo.

— Além disso — falei, corajosa —, a Rowe é aqui pertinho. A gente poderia almoçar juntos.

— Ah. O real motivo sempre se revela. Você só quer que eu cozinhe pra você.

Entendi que ele estava me provocando. Seria um flerte? O tom sério dele deixava impossível saber.

— Obviamente — falei, desta vez mordendo a isca.

Ele não mordeu a minha.

— Parece que tem umas pessoas interessadas na vaga. Pessoas que são melhores com pessoas. Acho difícil me contratarem em vez de alguém tipo… a Candice da filial oeste.

Fingi vomitar, e ele deu um sorrisinho. Nós dois achávamos a Candice exaustiva. Ela era aquele tipo de pessoa que se voluntariava para tudo e depois ainda tentava inventar *novas* tarefas para fazer. Mas também fiquei surpresa ao ver o Macon se desqualificar assim.

— Você é melhor com pessoas do que acha — falei. — E é ótimo com a população de rua e com quem tem transtornos mentais. Isso importa na Rowe. — Bibliotecas eram espaços seguros e acolhedores para pessoas em vulnerabilidade, e a unidade do centro era a que mais as recebia esse perfil. Macon era calmo e paciente com muitos dos frequentadores difíceis com quem outros bibliotecários não conseguiam lidar. — *Você não se dá o crédito que merece*. Você me disse isso uma vez, mas você também não se dá o crédito que merece.

Ele ficou confuso.

— Quando foi que te falei isso?

— Na central de atendimento de emergências. — Foi no dia em que admitimos que teríamos saudade um do outro se fôssemos enviados para localidades separadas. Tinha parecido uma confissão, uma lasca da verdade não dita.

— Deus — disse ele. — Lembra quando a gente teve que trabalhar na central de atendimento de emergências?

— Sério, que porra foi aquela? Mas fomos enviados pra lá porque confiavam na nossa capacidade.

— Sim, verdade. Entendo o que você quer dizer.

— Eu te contrataria. Eu *tentei* te contratar — falei, o que quase o fez rir. — Tipo,

você não vai mesmo conseguir o trabalho se não se candidatar.

— Você está começando a soar inspiradora, e sabe que não tolero isso.

— Minha livraria abre amanhã. Tenho permissão pra estar me sentindo assim.

— Tem mesmo. — A voz dele suavizou com afeição. — Você é assim.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Nossas portas se abriram para o doce cheiro marrom do outono. A temperatura enfim tinha caído, e um vento gelado soprava. Andávamos de um lado ao outro parecendo esquilos animados recolhendo nozes, ainda ajeitando a loja e nos perguntando quantas pessoas repariam que nossa placa deixara de dizer FECHADO e passara a dizer ABERTO. Decidimos esperar um dia para colocar o cavalete na calçada suplicando em uma caligrafia escrita a mão para que os clientes entrassem. Tínhamos que ter certeza de que tudo estava indo bem.

Nossa primeira cliente foi uma turista de Chattanooga, e sua primeira compra foi uma romantasia popular. Ela segurou o livro e fez uma pose satisfeita para tirar uma foto comigo para as redes sociais. E então — tão fácil e impossível assim — estávamos funcionando.

Clyde, o homem da piada, entrou quando a cliente saía.

— Hoje tenho uma especial pra você — anunciou ele, batendo os dentes.

— Manda — eu disse.

— Por que a bibliotecária virou livreira?

Fiquei tocada antes mesmo que ele chegasse na parte engraçada.

— Porque ela queria começar um novo capítulo!

— *Clyde* — falei, quase chorando.

— Quero comprar algo — disse ele. — Algo barato.

Dei risada. Vendi para ele um cartão para o aniversário da neta — por coincidência, compartilhávamos a data de aniversário —, e ele saiu com um gingado alegre em seus passos de avô.

Macon chegou alguns minutos depois, resolvendo aparecer antes de ir para o

trabalho. O alegre sino sobre a porta o surpreendeu, e ele olhou para cima.

— Um último presente de Len — falei, indo até ele depressa. Macon trazia uma panela elétrica que parecia pesada. — Mika encontrou em uma das gavetas.

— É da loja antiga?

Assenti, sorrindo, e peguei a concha que estava debaixo do braço dele.

— Já tivemos dois clientes!

— Ai, meu Deus. Que ótimo.

Enfim percebi a importância do que ele estava segurando.

— *É* o que estou pensando que é?

— Não conte pros meus colegas. Ainda não tive chance de fazer pra eles.

A panela estava cheia de café com especiarias preparado com abóbora de verdade, não com xarope saborizado. Ele costumava levar a bebida para a biblioteca na primeira semana de outono. Macon deixou a panela atrás do caixa, e eu ergui a tampa para inspirar o cheiro maravilhoso. *Café, abóbora, canela, gengibre, noz-moscada, cravo.*

— Você chegou na hora certa. Na verdade, estou com um pouco de frio. Não achei que sentiria frio de novo nessa vida.

Macon analisou o que eu estava usando: uma camisa de manga curta que ele já tinha visto mil vezes, e então a ficha caiu.

— Suas roupas de inverno estão no quarto do Edmond.

Eu ri.

— Também percebi isso hoje de manhã.

— Bem, passe lá quando quiser.

— Parece que faz uma eternidade desde que fui à sua casa.

— Concordo — disse ele com um tom inesperado na voz.

E lá estava, aquele zumbido elétrico, aquele empuxo gravitacional entre nós, e eu *sabia* que ele também sentia porque seu corpo se inclinou para mais perto do meu. Os lábios dele se entreabriram como se fosse me perguntar algo. Ou sugerir algo. Mas então todos os meus funcionários apareceram, fazendo festa com a panela, e a boca dele se fechou e o corpo dele se afastou. Nossa conexão foi interrompida.

Macon foi para a porta pigarreando.

— Só queria dar os parabéns. A todos vocês. E boa sorte.

O sino soou enquanto ele partia.

Amelia Louisa inspirou o cheiro do café e suspirou.

— Se eu não soubesse a verdade, te pediria permissão pra namorar com ele.

Me virei para ela de uma vez.

Todos riram.

— Como eu disse — falou ela, sorrindo —, sei a verdade.

Toda interação recente com Macon andava acompanhada pela tensão de sermos observados. Fazia tempo que não ficávamos sozinhos. Me perguntei o que aconteceria da próxima vez que acontecesse.

Para a minha frustração, não tive oportunidade de ir até a casa dele por mais uma semana. A loja estava mais cheia — sendo mais *vista* — do que eu esperava, o que era empolgante para os negócios, mas péssimo para o meu tempo livre. Nosso banheiro continuava em reforma. Era um mistério o fato de termos conseguido montar uma loja inteira enquanto meu empreiteiro não conseguia terminar nem um único cômodo. Fantasiei como eu estaria dali a um ano: ouvindo o som baixinho dos clientes virando páginas, me sentindo aclimatada ao ritmo dos negócios, e morando… fosse lá onde eu estivesse morando. Saber que eu ainda teria que me mudar me deixava ansiosa, e eu tinha que me forçar a voltar ao presente. Para o barulho de obra. Para um cenário em que eu ainda me preocupava com as vendas e a possibilidade de falhar e perder aquele sonho de futuro. E todo o meu dinheiro também.

Mas o presente também era cheio de esperança. Nossa primeira autora local apareceu, autografou o estoque e prometeu mandar os amigos escritores. Amelia Louisa organizou nosso primeiro evento e, a pedido de vários clientes, deu início a um clube do livro. Vários dos nossos clientes nos deram conselhos úteis. Outros, que nunca tinham trabalhado no varejo, nos deram conselhos terríveis. E várias vezes por dia, alguém entrava pela porta e dizia: "Uma livraria! Achei que não existiam mais livrarias no mundo. Você não tem medo de…" e então mencionava o Lugar Ruim. Essas pessoas nunca compravam nada porque não eram leitoras, então as palavras delas não nos desanimavam. As outras pessoas estavam felizes por terem uma livraria

na cidade de novo.

— Como você está? — perguntou Macon quando enfim surgi na porta dele.

— Morta — falei, mas meu sorriso era enorme.

— Queria ter ido à livraria, mas também não queria te incomodar. Sei que você precisa se acostumar ao novo ritmo.

— Por favor, me incomode — falei, tirando a panela da mochila e a entregando para ele. — Está limpa, mas você provavelmente vai querer lavar de novo.

Ele ergueu a tampa para inspecionar a situação e ergueu as sobrancelhas ao descobrir que a panela estava lotada de blusinhas enroladas.

— A bicicleta não tem muito espaço — expliquei.

Macon assentiu.

— Esperta.

— Fique sabendo que o Stephen está falando da bebida até agora, e olha que ele nem é de falar muito… Edmond!

Edmond Dantès entrou na sala, e eu me abaixei para cumprimentá-lo. Ele começou a ronronar assim que o toquei, um som suave como estática.

— Sentiu saudades de mim? Eu senti de você. — Ergui o olhar para dizer algo para Macon, mas então vi as estantes que tinham sido instaladas, mas não pintadas. Arfei. — Você não me contou que tinha começado o trabalho com o Phil.

— Estamos trabalhando na árvore de gato agora. Estou lixando e envernizando a madeira.

— E as cadeiras! — Fiz um zigue-zague até a sala de jantar. — Adorei.

— *Sério?* — perguntou Macon, nervoso. Ele tinha encontrado um conjunto completo no bazar da Habitat for Humanity e me mandado uma foto. As cadeiras tinham um formato bonito, que gostei de imediato.

— Sim. Esqueça aquela ideia de cadeiras descombinadas. Estas são ótimas. Perfeitas.

— Ainda acha que eu devia pintar?

— Deus, sim. — Elas eram de um tom feio de bege. — De vermelho.

Ele ficou em dúvida, o que me fez sorrir de novo.

— É a cor de destaque da sua cozinha — falei.

— Não tenho cor de destaque na cozinha.

— Mas *vai ter* quando eu enfim escolher o tapete e as cortinas.

Isso o fez rir. Eu amava fazê-lo rir.

— E o sofá? — Macon gesticulou para a sala de estar de novo. — Está parecendo um pouco pior desde que o resto foi melhorado.

— Destrua. Queime. Jogue as cinzas no rio e mije nelas.

Eu estava agitada, mas ele ficou perplexo.

— Não sabia que você odiava tanto esse sofá — disse ele. — Entendi.

— Esse sofá é a manifestação física da depressão.

— Você o substituiria pelo quê?

— Vou te mandar uns links. Me ajuda com o resto das minhas coisas?

Descarregamos o bagageiro e as bolsas laterais da minha bicicleta e levamos tudo para dentro. Eu só tinha conseguido trazer as roupas mais de verão. Teria que fazer outra viagem depois, mas enquanto revirava as tralhas no quarto do Edmond, fiquei preocupada.

— Está faltando alguma caixa?

— Merda. — Macon se encolheu. — É, coloquei umas caixas no meu quarto pra deixar a caixa de areia mais acessível. Estão lá há tanto tempo que se tornaram invisíveis.

— Ah, *não*. — Eu estava morrendo de vergonha. — Desculpe.

— Tudo bem, juro. Como eu disse, me esqueci delas.

— Bem, *prometo* que vou tirar tudo daqui assim que tiver um apartamento.

Segui Macon para dentro do único cômodo onde eu nunca tinha entrado. Tive vislumbres naquela primeira noite em que cuidei do gato, quando passei pela porta a caminho do banheiro, mas meu inconveniente interesse nele me impediu de examinar melhor. O quarto era pequeno, mas aconchegante. As paredes eram do mesmo branco detonado que antes havia nos outros cômodos, da mesma cor do escritório e do quarto de Edmond. Havia um armário grande e um espelho que eu me lembrava de ter visto, assim como o par de mesinhas de cabeceira, abajures e uma cama queen-

size. Os móveis eram comuns, porém robustos, e a cama estava coberta por uma colcha surpreendentemente boa.

— Quem fez isto? — perguntei.

— A Bonnie. Ela me deu de presente de casa nova, embora a casa em si fosse praticamente um presente.

— Que fofo. E como ela está?

Ele ficou pensando na resposta.

— Ela atende quando eu ligo. Parece bem. Já é melhor do que quando as coisas estão ruins.

Assenti, sem saber o que dizer.

Macon gesticulou para a colcha.

— Foi uma das únicas coisas que sobraram quando a Dani se mudou. Ela levou até o colchão — adicionou ele.

A afirmação se destacou como se estivesse em negrito. Parecia que ele queria que eu soubesse que o colchão era novo. (Pelo menos eu esperava que fosse novo. Esperava que ele não o tivesse achado no mesmo lugar onde tinha achado o sofá.) Será que ele estava lembrando que carregou até o lixo o colchão que eu compartilhava com Cory? Será que ele estava pensando que aquela era a primeira vez que eu entrava no quarto dele?

Enquanto eu mexia nas minhas caixas, a energia dele pareceu pulsar.

— Já começou a procurar apartamento? — perguntou.

— Vou procurar em janeiro, quando a loja acalmar. Ou quando eu falir. Haha. Não consigo lidar com mais nada agora.

— Ah — disse ele baixinho.

Então me dei conta: será que ele achava que um relacionamento estaria incluído naquele *mais nada*?

De coração acelerado, eu o testei.

— Ei. Sei que você não conhece eles, mas a Brittany e o Reza vão dar um jantar de aniversário pra mim semana que vem. Mika e Bex vão. Sei que você odeia festas, e eu também odeio, mas essa vai ser bem pequena e simples. Tipo aquela que você deu

aqui na sua casa anos atrás, lembra? Mas tudo bem se você não quiser ir — adicionei, lhe fornecendo um escape. — Você não conhece todo mundo, então pode ser desconfortável…

— Não — disse ele. — Quero dizer, sim.

— Sério?

— Você *está* me convidando, certo? Você não disse com todas as letras.

— Sim.

Macon engoliu em seco.

— Eu adoraria ir.

Meu corpo inteiro formigou em resposta. Não era um encontro. Mas também não deixava de ser um encontro.

Por mais que eu não costumasse fazer nada especial no meu aniversário, tinha sido um *ano e tanto*, e trinta era um número especial. Tive esperanças de que Macon me oferecesse um jantar de comemoração, o que seria difícil de pedir, daí a Brittany e o Reza me surpreenderam ao aparecer na loja com Amira a reboque, fazendo a sugestão. E agora Macon iria, simples assim. *Eu adoraria ir*. Minha mente ficou repetindo isso na semana seguinte, ouvindo-o engolir em seco antes de aceitar o convite.

No dia vinte e dois de outubro, Mika, Bex e eu chegamos cedo na casa de Brittany e Reza, levando vinho e minhas comidas favoritas. (Pedi para que não cozinhassem; eles não precisavam de mais tarefas no momento.) Macon me surpreendeu ao chegar na hora certa, embora eu tenha me dado conta de que só chegava atrasado no trabalho. Ele sempre era pontual quando tinha que me encontrar em algum lugar. Além dos pratos que eu tinha especificamente pedido, ele levou dois buquês de flores do jardim, um grande para mim e um menor para os anfitriões.

— Onde está o meu? — brincou Bex, e Macon ficou tão inseguro que fiquei com vontade de abraçá-lo.

Em vez disso, abracei as flores. Flores! Ele tinha me presenteado com flores de novo.

— Que atencioso — disse Brittany. — Obrigada.

Ela ainda não confiava plenamente nele por conta do incidente de janeiro. Nós duas estivemos tão ocupadas que eu não tinha conseguido atualizá-la sobre o quanto ele tinha me ajudado. Mas Macon não sabia que a opinião dela sobre ele era ruim, e fiquei aliviada por ela se comportar.

Apresentei todo mundo oficialmente, e então descobrimos as vasilhas e esquentamos o que precisava ser aquecido. Havia evidências da presença de uma criança por toda parte: mamadeiras, pilhas de babadores, um carrinho, uma cadeira de balanço, cobertores no chão — mas a casa tinha sido aspirada e exalava o aconchegante cheiro de cera. Assim como durante o Ramadan, dois castiçais estavam acesos na mesa. E mais uma vez, Brittany estava deslumbrante.

— Vocês não precisavam ter feito tudo isso — falei, me sentindo culpada.

— Estamos apenas gratos por receber vocês — disse Reza. Eles não estavam prontos para chamar uma babá ou passar uma noite inteira longe de casa.

— *Cadê* a bebê? — perguntou Mika. — Eu adoraria conhecê-la.

— Ela está dormindo — disse Brittany.

Toda a conversa parou.

— Está no quarto com um aparelho de ruído branco — disse Reza, nos reconfortando. — Mas logo, logo ela acorda.

— Amo a bebê e quero passar cada segundo de cada minuto de cada dia com ela — disse Brittany. — E estou exausta pra caralho e preciso que ela durma mais que só duas horas por vez. — Sua perfeição já estava se esvaindo, o que me fez amá-la ainda mais. Ela colocou as flores de Macon entre os castiçais antes de se virar para nós. — E nem *pensem* em nos dar conselhos, porque já tentamos de tudo, e não quero nem saber.

Depois de uma pausa breve e desconfortável, Bex abriu um sorrisão.

— Tenho certeza de que nenhum de nós tem conselhos pra te dar.

Brittany suspirou.

— Graças a Deus.

— Nossas mães têm exagerado — explicou Reza.

Nos reunimos à mesa. Brittany se sentou na ponta e mais perto do corredor e de

Amira, e Reza se sentou diante dela. Mika e Bex se sentaram lado a lado, e eu fiquei ao lado de Macon. Apesar dos anos que passamos trabalhando sentados lado a lado, sempre houve uma distância entre nós no balcão, e na casa dele sempre ficávamos de frente um para o outro. Enquanto todos se acomodavam e riam e compartilhavam histórias, tentei me lembrar da última vez em que sentamos pertinho assim. Devia ter sido em uma das reuniões de dia inteiro na biblioteca principal. Sempre nos sentávamos lado a lado em um mar de cadeiras dobráveis, mas sob luzes fluorescentes e cercados de centenas de colegas de trabalho. Ali estávamos à luz de velas e com apenas mais dois casais.

Seu perfil era dolorosamente familiar. A linha do nariz e do queixo, a curva dos ombros. Mas as mãos dele pareciam maiores e mais vivas ao se mexerem ao meu lado. Nossos cotovelos se esbarraram e nossos antebraços roçaram. Toda vez, murmurávamos um pedido de desculpas, nos afastando. Mesmo protegida pela manga, minha pele arrepiou. Macon parecia sólido. Não abstrato, como era nos meus pensamentos confusos antes do sono, mas como músculo, tendão e osso. Ele estava usando uma camisa bonita que eu nunca tinha visto, e eu tinha escolhido um vestido que ele nunca tinha visto, e me sentia bonita e feliz, rodeada de amigos na luz bruxuleante.

Ao longo da reunião, Macon até se abriu e começou a compartilhar histórias. Todos estavam se divertindo, e eu não podia desejar um aniversário melhor.

— Esquecemos de brindar! — disse Mika.

Nossas taças de vinho estavam quase vazias, mas todos se viraram para mim.

Mika ergueu a dela.

— Ingrid, você teve um ano terrível e sensacional. — Todos riram. — Mas estou orgulhosa de tudo o que você conquistou, e muito grata por estar de novo trabalhando em uma livraria. Obrigada.

Bex ergueu sua taça.

— E *eu* estou animade por não estarmos correndo nenhum risco financeiro.

Todo mundo riu de novo, e Brittany adicionou:

— À Ingrid e sua nova livraria.

— À Ingrid e sua nova livraria — todos repetiram.

Minha pele estava corada de alegria e champanhe enquanto todos brindavam. A taça de Macon encostou na minha por último. Ele me encarou enquanto falava.

— Feliz aniversário, Ingrid.

Eu estava radiante.

— Feliz aniversário, Macon.

Todos paralisaram de surpresa — e então caíram na gargalhada. Quando percebi o erro, minhas bochechas coradas se transformaram em um rubor de corpo inteiro. Os olhos de Macon se iluminaram, divertidos, mas ele era o único que não estava rindo.

— Tive um ano muito cheio e estou muito cansada — falei.

— Feliz aniversário, Mika. — Bex brindou na taça da esposa, e todos se desejaram feliz aniversário.

Do quarto, Amira chorou. Brittany e Reza se levantaram em um pulo, mas ela gesticulou para que ele se sentasse e saiu.

— Então, quando é o seu aniversário, Macon? — perguntou Mika.

— Vinte e três de novembro — respondi.

Todos me encararam de novo.

— Sei o aniversário de todos aqui — falei, na defensiva. E para tirar a pressão de mim, acrescentei: — Ele também vai completar uma década este ano.

O olhar deles mudou, e eu me arrependi na mesma hora por colocá-lo sob os holofotes.

— Quarenta — disse ele. Isso o tornava, por uma diferença de seis anos, o mais velho à mesa.

Houve uma sutil subcorrente de compreensão enquanto eles sacavam que ele era uma década mais velho que eu. Quando éramos mais jovens, uma diferença assim era uma grande coisa, mas fazia tempo que isso já não me importava mais.

Mika dissipou a tensão com um sorriso caloroso.

— Feliz aniversário adiantado.

— Ei — falei para Macon, mergulhando de volta no desconforto. Culpa do vinho. — Esta é a primeira vez desde que nos conhecemos que nós dois temos trinta e

alguma coisa.

A expressão dele ficou tensa.

— Por um mês e um dia inteiros.

A tensão subiu mais um pouco, e percebi que ainda não tinha desviado a atenção dele. Me virei para os outros e sorri.

— Bem, não era assim que eu imaginava minha vida com esta idade, mas… gosto de pra onde estou indo.

— Um brinde a isso — disse Bex, erguendo a taça uma terceira vez.

Mas Macon ainda não havia acabado.

— Como você se imaginava?

A pergunta direta diante de pessoas que ele mal conhecia me surpreendeu. Talvez o vinho o tivesse deixado mais relaxado também.

— Com certeza não em um microestúdio ainda em construção — falei.

Todos riram de novo, exceto Macon.

— Na minha própria casa — falei, porque ele estava esperando uma resposta sincera. Mas não consegui encará-lo. — Com alguém que eu amasse. Mas a livraria foi uma surpresa maravilhosa.

— Você quer ter filhos? — perguntou Reza.

— Reza! —Brittany o repreendeu do quarto do bebê.

Eu ri e falei que tudo bem. Mas agora todos à mesa estavam interessados na minha resposta. A intensidade do olhar de Macon me comunicou que *ele* estava interessado na minha resposta.

— Não — falei.

— Mesmo se encontrar o cara certo? — perguntou Reza.

Algo bateu na parede do corredor. Mika inclinou a cadeira para trás para saber o que era.

— Brittany jogou um coelhinho de pelúcia.

Reza se acanhou.

— Significa que eu não devia ter perguntado nada, e você não tem que responder.

— Tudo bem — falei. Embora não estivesse tudo bem assim, mas só porque

Macon estava ali. Mesmo assim, eu queria que ele ouvisse a resposta. — Cory queria filhos. Eu não. É um dos motivos de termos terminado.

— Ah — disse Bex. — Sinto muito.

— Sem problemas. Eram muitos motivos. E nós dois estamos felizes com nossas escolhas.

— Estamos considerando adotar — disse Mika baixinho.

Bex ficou tímide, mas segurou a mão de Mika. Elus se olharam com tanto amor que meu coração doeu.

— A família de vocês vai ser linda — falei.

Macon foi o único que não comentou nada e, mais uma vez, pareceu superimportante desviar o foco da conversa. Eu estava perguntando para Reza sobre Amira quando Macon falou inesperadamente.

— Também nunca tive interesse em ter filhos.

Ele olhava para Reza, mas estava falando comigo. Queria que *eu* soubesse.

Fiquei imóvel.

— O relacionamento com minha namorada da faculdade terminou por conta disso — disse ele.

— Ah — falei.

Eu não tinha pensado muito nas outras namoradas, embora soubesse que ele teve dois relacionamentos sérios antes de conhecer Dani, um no ensino médio e outro na faculdade. Na época em que ele e Dani terminaram, em um dos seus momentos mais sombrios, Macon se referiu a si mesmo como um monógamo em série.

Outro silêncio delicado se seguiu, por sorte interrompido pelo reaparecimento barulhento de Brittany. Ela estava fechando o zíper do macacão.

— Quem quer bolo?

De alguma forma, Reza conseguiu encontrar tempo para fazer uma sobremesa elaborada: bolo leve de limão com geleia de framboesa entre cada uma das três camadas e um lindo anel de framboesas inteiras por cima.

— É mais veranil que outonal — disse ele —, mas limão me pareceu alegre. Como você.

Ele não tinha testemunhado nem um grama da minha alegria naquele ano, então foi bom ouvir que ainda pensava em mim assim. Não pude deixar de olhar para Macon. Ele assentiu, concordando.

— Bolo de limão é o meu favorito — falei para Reza.

Brittany deu um tapinha na lateral da cabeça.

— Esquecemos as velas.

— Está perfeito desse jeitinho — falei

— Sopre os castiçais — sugeriu Bex, e os outros concordaram.

E quem era eu para recusar um desejo? Eles colocaram os castiçais à minha frente e eu fechei os olhos. Cercada de amor, senti meus medos pelo futuro se dissolverem. Desejei que todos os meus amigos tivessem um bom ano.

Devoramos o bolo e a conversa passou para assuntos menos arriscados, e todos ajudaram na limpeza. Quando Brittany e Reza começaram a bocejar, conduzi o grupo para a porta.

E então Macon me surpreendeu de novo.

Ele me deu um abraço de despedida.

Era a primeira vez que ele me tocava de propósito desde o empurrão no carro dele, e a primeira vez que me abraçava desde que eu tinha chorado em sua casa. O contato foi tão carregado que quase desmoronei. Inspirando seu cheiro reconfortante e familiar, me agarrei às costas dele com força por mais tempo do que costumava fazer. As batidas do coração dele aceleraram contra o meu peito.

— Feliz aniversário — disse ele com uma voz tão baixa e tão próxima que ressoou pelo meu corpo.

Macon começou a se afastar, mas mudou de ideia e me deu um beijo na bochecha. Foi um beijo que qualquer amigo daria na bochecha de uma amiga, só que meus joelhos fraquejaram. Então ele se afastou tão rápido que sua barba rala arranhou meu queixo.

Fiquei paralisada e muda.

— Foi bom conhecer vocês — disse ele, acenando para os anfitriões.

— Ah, Ingrid, esqueci — disse Reza, totalmente acordado de novo. — A Brit

queria te mostrar o quarto da Amira. Obrigado por vir, Macon! — Ele bateu a porta atrás de Macon.

Meus quatro amigos me encararam.

— Por que não está rolando? — perguntou Bex.

— Não acredito que vocês não estão transando — disse Brittany. Ela arregalou os olhos. — Vocês estão transando?

— Não! — Abaixei a voz, caso ele ainda estivesse nos ouvindo. — E não sei por que não está rolando. Eu gostaria muito que rolasse.

Brittany, Reza e Bex soltaram gritinhos.

Me virei para Mika em busca de orientação, mas ela balançou a cabeça.

— Também não faz sentido pra mim. Está claro, desde o dia em que o conheci, que ele gosta de você.

— Pois é — disse Brittany —, eu costumava odiar Macon por ele ter te rejeitado, mas gostei do cara que conheci esta noite. Você devia tentar outra vez.

Bex se virou para mim.

— Como assim "por ele ter te rejeitado"?

— Você não sabe? — Reza perguntou animado.

— Você só me disse que tinha uma quedinha por ele! — Agora até Mika estava se empolgando. — Você não me contou que tentou ficar com ele!

— Eu tentei beijar ele, e ele recusou *enfaticamente*.

— Quando foi isso? — perguntou ela.

— Em janeiro — disse Reza. — Depois a gente levou ela pra sair e tentar arranjar alguém.

— Isso também não funcionou — acrescentou Brittany.

— Feliz aniversário, Ingrid — falei. — Vamos falar da noite mais humilhante da sua vida.

— Bem, seja lá o que o impedia antes, já passou — disse Brittany.

— Ele literalmente acabou de te beijar — falou Reza.

— Dez meses depois, e na bochecha — observei.

Todos opinaram se aquilo queria dizer alguma coisa, e Mika disse simplesmente:

— Ele é tímido.

Todos nós paramos.

— É isso. — Bex pousou as mãos nos quadris. — Acho que é isso mesmo.

— Mas somos amigos há *anos* — falei.

— É, mas não é isso o que te assusta também? — disse Mika. — O medo de arruinar o que vocês já têm?

— Eu tentei. Mais de uma vez. Mais ou menos.

— Não — disse Brittany. — Ele é um bibliotecário tímido, e você é uma empresária foda, o que significa que você tem que dar o primeiro passo. De novo.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Na mesma noite, mais tarde, mandei mensagem para Kat enquanto escovava os dentes na minha minipia.*Todo mundo aqui está tentando me convencer que eu devia tentar mais uma vez com o Macon.*

Ela respondeu imediatamente.

Todo mundo aí tem razão.

!!! Por que você não me falou nada???

Você estava ocupada abrindo uma livraria. Mas, sim, esse cara com certeza está apaixonado por você.

Meu corpo foi tomado por uma emoção tão poderosa que achei que ia desmaiar. Digitei, apaguei, digitei de novo e enviei.

Acho que eu estou apaixonada por ele.

EU SEI, disse ela.

Minhas pernas ficaram fracas. Deslizei até o chão, agarrando a pasta de dente e o celular contra o peito. Pressionei a cabeça no armário da pia. Terror e dor passavam pelo meu corpo enquanto minha própria verdade era revelada. Eu não apenas gostava dele. Não queria só dormir com ele. Não queria só que ele fosse meu namorado.

Eu o amava, e fazia tempo que estava apaixonada por ele.

Bem mais tempo que aquele ano.

Tentei relembrar, mas a tontura nublava minha mente. Eu tinha afastado, enterrado e negado meu amor — minha completa e total adoração por ele — por tanto tempo que não conseguia definir quando, onde ou como havia começado. Aquele sentimento nunca existiu, e mesmo assim sempre existiu.

Não. Ingrid, não.

Larguei a escova e o celular. Minhas mãos, com todos os dez dedos inquietos, agarravam meu peito. Eu queria arrancar meu coração para que a agonia passasse. Estava apaixonada por Macon, e agora que sabia jamais poderia voltar a ser só uma amiga. Não tinha escolha a não ser tentar de novo. E se ele me rejeitasse — eu não achava que isso aconteceria, mas ai, meu Deus, e se ele me rejeitasse? —, teria que aceitar e pronto. Mas daí nossa amizade também acabaria, porque eu não conseguia imaginar sobreviver sem a presença dele.

Era hora de seguirmos em frente juntos ou separados para sempre.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Na manhã seguinte bem cedo, as folhas chegaram ao seu auge explosivo. As montanhas viraram uma explosão de laranja, vermelhos e amarelos, uma chama intensa contra o ar frio.

Era segunda-feira. Ele estaria em casa.

Eu o amo, pensei enquanto subia na bicicleta.

Meu coração martelava na garganta.

— Eu te amo — pratiquei com as árvores.

— Eu te amo — pratiquei com a caixa de correio dele.

— Por favor, me diz que você também me ama — pratiquei com a porta dele.

— Ingrid — disse Macon, abrindo a porta em choque. Ele estava chorando. — Como você chegou aqui tão rápido?

Nosso abraço não foi feliz. Eu o segurei enquanto suas lágrimas se transformavam em soluços. Eu o conduzi para dentro, e nos sentamos à mesa de jantar porque o sofá dele já tinha partido.

Era a Bonnie.

Ela também tinha partido.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Macon saiu da cidade. Eu queria ir junto — não queria que ele ficasse sozinho —, mas ele me pediu para tomar conta de Edmond, e eu também sabia que ainda não podia deixar a livraria.

Bonnie tivera uma overdose três dias antes, mas só foi descoberta naquela manhã por um vizinho. Secretamente, vergonhosamente, egoistamente, fiquei aliviada por ela não ter morrido no meu aniversário. Que aquelas datas jamais estariam relacionadas na cabeça dele. Macon pediu uma licença para cuidar do enterro e providenciar os preparativos necessários para o inventário. Will, o enteado, ainda estava no Mianmar e só poderia voltar dali a dois meses. Eles decidiram esperar e fazer o memorial no ano novo. Pelo menos eu conseguiria ir.

Fiquei na casa dele. Depois de uma breve conversa, percebemos que faria mais sentido do que pedalar da livraria para o estúdio e depois para a casa dele. Então, como ele não tinha mais sofá, de repente eu estava na cama dele.

Tem lençóis limpos no armário do banheiro, Macon me escreveu na primeira noite.

Eu lembro, respondi, já que tinha esvaziado o banheiro dele todinho para pintá-lo.

O que eu não disse é que não pretendia trocar a roupa de cama. Meu corpo tremia quando afastei o edredom e deslizei entre os lençóis e cobertores pela primeira vez. O aroma dele era intoxicante. O desejo se agitou dentro de mim e amadureceu. Ele estava de luto, minha reação carnal era inoportuna, e era errado fazer aquilo na cama de um amigo, mas me toquei e me contorci mesmo assim. Será que ele tinha pensado em mim ali também? Eu o imaginei me desejando tão desesperadamente quanto eu o desejava, e gozei, estremecendo com força contra minha própria mão.

Dormi profundamente, envolvida no cheiro cálido dele, e acordei com a mão ainda

no mesmo lugar.

Pelo menos consegui me controlar durante o dia. Entreguei as refeições que ele tinha esquecido de levar para a mãe, e conferi como ele estava com frequência, mas sem ser irritante, principalmente por mensagem, mas também duas vezes pelo telefone. Eu adorava ouvir a voz dele, mesmo chorosa. Queria que ele voltasse para casa. Queria lhe dizer o que *precisava* lhe dizer.

Voltei minha atenção para o Edmond. Eu o mimei com a graminha especial para gatos que crescia na estufa, penteei seu pequeno smoking de pelos, e satisfiz sua curiosidade travessa ao deixar minha mala aberta para que suas luvinhas brancas pudessem inspecionar e tirar cada item. Não demorou muito para que ele dormisse ao meu lado na cama à noite.

Pensando em arranjar um gato pra livraria, mandei a mensagem junto com uma foto fofa dele, com os membros esticados e a barriga volumosa espalhada ao lado das minhas pernas.

Alergias, respondeu Macon, acabando com a minha ideia. Mas um coração apareceu ao lado da minha foto.

Ele tinha razão, claro. Muitas pessoas eram alérgicas a gato.

Talvez quando eu tiver um apartamento, falei, pensando em quão reconfortante seria chegar em casa e encontrar a companhia gentil de um felino.

Macon levou alguns minutos para responder.

Eu consigo mesmo imaginar um gato no seu futuro.

Será que aquelas palavras foram tão cuidadosamente escolhidas quanto eu esperava?

Quando Macon voltou, oito noites depois, eu tinha me forçado a entrar em outro estado. Abri bem a porta, dando as boas-vindas com essa ideia ridícula de que era natural eu estar ali. Mas o peguei de surpresa.

— Pensei que você já teria ido embora — disse ele.

Estava sem fazer a barba havia alguns dias, e as rugas de seu rosto estavam marcadas pelo luto. Foi muito fácil esquecer que enquanto eu vivia uma fantasia — na casa dele, na cama dele, com o gato dele —, Macon estava sozinho na casa vazia de

Bonnie, sofrendo uma perda devastadora.

Não era a hora.

Não era o momento.

— Só queria ter certeza de que você chegou bem. Eu já vou — falei, me apressando para pegar a mala. Pelo menos eu já tinha feito a mala. Pelo menos eu já tinha lavado e trocado os lençóis. Parei na porta para abraçá-lo. O corpo dele estava frouxo de exaustão. — Meus pêsames — disse pela centésima vez naquela semana, e comecei a me afastar.

Então seu abraço ficou forte.

— Eu devia ter voltado lá antes. — Ele arfou. — Eu larguei ela naquela casa completamente sozinha, e nunca vou ter a chance de desfazer isso.

— Ah, Macon — falei com tristeza.

Ele levou um minuto inteiro para se afastar.

— Tem sopa de brócolis e cheddar na geladeira — anunciei.

A voz dele ficou um pouquinho mais alta.

— Você que fez?

— Não é nada chique. Mas pelo menos você não vai ter que cozinhar hoje.

Eu estava amenizando para caramba. Tinha me esforçado muito para fazer uma sopa digna, mas não queria que ele soubesse. Só queria nutri-lo, como ele tinha feito por mim.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

O dia seguinte era Halloween, e todos na livraria (exceto o Stephen) nos fantasiamos. Usei a mesma fantasia de Kiki — laço vermelho e vestido azul — que usava todo ano na biblioteca. Depois do trabalho, saí voando na bicicleta como se ela fosse uma vassoura, disparando pelas folhas crocantes e crianças alegres pedindo doces na vizinhança de Macon, pensando em ajudá-lo a distribuir os docinhos. Pensando se ele tinha tido tempo para esculpir uma abóbora. Pensando se ele tinha feito uma abóbora amistosa ou assustadora.

As luzes dele estavam apagadas.

Voei para casa.

Novembro

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		
30 MAR		
17 ABR		
10 MAIO		
03 JUN		
22 JUL		
04 AGO		
28 SET		
07 OUT		
12 NOV		

CAPÍTULO QUARENTA

Duas semanas depois do meu aniversário, minha coordenadora de eventos me convenceu a dar outra festa. Era a grande abertura da *Bildungsroman*, um mês atrasada, embora Amelia Louisa tenha me garantido que isso não era incomum.

— Vamos dizer que é uma festa pra comunidade, mas na verdade precisamos atrair uma multidão entusiasmada pra garantir a meta de vendas — disse ela.

— Vou fingir que a festa é pro novo banheiro — disse Jo, já que estávamos todos gratos por ele enfim estar pronto. — Você deveria colocar uma foto do vaso sanitário no convite.

Então, apesar de querer apoiar Macon, apesar de precisar saber se os sentimentos eram recíprocos, me dediquei ainda mais para a loja. Amelia Louise me ajudou a contratar um restaurante da nossa rua para fazer o bufê da festa e atrair interesse. Entramos em contato com a associação dos comerciantes do centro (éramos um membro novo), o jornal local (que mal passava de um panfleto) e alguns websites locais (de alcance desconhecido, mas provavelmente também ruim), e Amelia Louise marcou uma entrevista na estação de rádio pública.

Amigos e parentes foram convidados. Minha irmã ainda estava indisponível, mas meus pais quiseram ir. Fazia tantos anos desde minha última conquista digna de celebração que eu nem tinha considerado a possibilidade de eles irem. Eu os desencorajei porque não teria como recebê-los.

— Vocês estão ocupados com o casamento — falei, e era verdade. — Venham me ver no ano novo.

Estava orgulhosa da minha loja, mas ainda envergonhada pelo estúdio. Não queria que eles vissem como eu estava falida nem quanto tinha arriscado. Além do mais, não

queria me distrair do que quer que estivesse acontecendo — ou não — com Macon.

Desculpe, escrevi para ele, *mas tenho que te convidar pra outra festa.*

Já faz um ano desde o seu aniversário?, respondeu ele.

É a grande inauguração. Sei que as coisas estão difíceis agora, então obviamente não espero que você vá, mas queria te avisar.

Ah, isso. Já está na minha agenda.

Está???

Você enviou o convite pra o e-mail de todas as bibliotecas.

Fiquei envergonhada. Certo. Claro.

Macon voltou a digitar sem esperar minha resposta.

A não ser que você não queira que eu vá? Seus convites sempre parecem pedidos de desculpa.

Eu amaria que você viesse, digitei rapidamente.

Depois fiquei pensando que talvez fosse demais ter usado aquela palavra, mesmo nesse contexto. Ele levou vários minutos para responder.

Ok.

Os dias seguintes foram uma tempestade de estresse e ansiedade, mas então a noite de sábado chegou e a loja se transformou na própria essência do amor. Brittany, Reza e Amira. Carla e Richard, que não chegaram juntos, mas imediatamente se encontraram na aglomeração. Jamal, da Ridgetop É Um Negócio. Clyde, o cara da piada. Bibliotecários de todas as filiais, não só a minha. Reconheci os frequentadores da biblioteca e autores e ilustradores, e daí estranhos apareceram. Esperávamos uma grande multidão, mas nos preparamos mentalmente para poucas pessoas, só que as pessoas ficaram — e mais gente foi aparecendo. A livraria nunca esteve tão viva.

Eu estava nas pontas dos pés, olhando ao redor para ver se Macon tinha se materializado, quando outra pessoa passou pela porta. Arfei. Ele também me viu.

— Cory!

Ele sorriu, abrindo caminho pela multidão, e deu um beijo na minha bochecha. Foi exatamente o que Macon tinha feito no meu aniversário, mas foi bem diferente. Meus joelhos não bambearam. Ele não se afastou rápido, não me arranhou com a barba. Era

só o beijo de um amigo. Eu o abracei e ele riu.

— Iggy! A livraria está incrível.

— Obrigada por vir. Eu não sabia se seria estranho te convidar.

— Tá brincando? Eu ficaria puto se você não me convidasse. — Ele olhou ao redor com curiosidade genuína. — Quero dizer, olha só pra isso! Você conseguiu.

Sorri.

— Consegui.

— Meu Deus, Ig — disse ele, me olhando de novo. — Você está linda.

Eu estava usando um vestido vermelho sem mangas com uma saia de babados bem cheia e um decote quadrado dramático com uma delicada borda trabalhada. Era o meu vestido de dama de honra, embora não parecesse. Minha irmã tinha bom gosto. Eu nunca teria sido tão ousada a ponto de usá-lo antes do casamento, mas Riley me pedira para usar. Era a forma dela de estar ali.

— Obrigada — falei. Eu me sentia bonita *e* amada nele.

Não tive muito tempo para conversar com Cory, porque havia outras pessoas com quem eu precisava falar, mas foi bom vê-lo. Foi bom saber que ele ainda se importava comigo. E foi bom não ter arrependimentos quanto à separação.

Pouco tempo depois, ele me encontrou outra vez. Carregava uma pilha de compras para demonstrar seu apoio. Ele precisava ir, mas me deu um abraço orgulhoso com o braço livre. Fiquei feliz com aquele abraço. Cory me conhecia de uma maneira que ninguém jamais conheceria, mas havia tantos aspectos de mim que iam além dele agora. Que ele nunca veria. E essas partes de mim estavam reservadas para outra pessoa.

Elijah e a mãe dele atraíram minha atenção em seguida, e pude contar para ela como Elijah tinha moldado minha seção de ficção científica e fantasia. E então o sr. Garland me fez uma serenata com alguns versos elogiosos e constrangedores sobre uma livreira vivaz. Depois, avistei Shanelle, então levei um pedaço de queijo da mesa do bufê para que ela dividisse com seus ratos.

E então…

Lá estava ele. Perto dos livros regionais. Não sei quanto tempo fazia que ele estava

ali, mas estava afastado da multidão, observando a ilha.

Todo o meu corpo se iluminou. Tenho certeza que minha pele começou a brilhar.

— Com licença — falei, e flutuei até lá.

Pessoas chamavam meu nome e eu as cumprimentava, mas não parei.

Ele lançou um olhar para mim — um olhar que me disse que estava analisando a situação, e que estava fazendo isso já tinha algum tempo — e se assustou de me ver indo em sua direção. Meu sorriso era radiante. O olhar dele não deixou o meu. Minha saia balançava e só parou ao tocar as pernas dele.

— Oi — cumprimentei.

Macon parecia triste, mas também iluminado por dentro, exatamente como eu me sentia.

— Ingrid — disse ele, como se não pudesse dizer mais nada.

Ele ainda estava com as roupas do trabalho, uma camisa amassada e uma jaqueta de veludo cotelê que eu já vira inúmeras vezes. O cabelo estava despenteado. Tudo nele era familiar; mesmo assim, agora que eu entendia que aquilo era amor — agora que eu estava pronta para me declarar —, ele parecia cercado por uma aura estranha.

— Pegou algo pra comer? — perguntei. — Um restaurante de produção própria fez o bufê. Acho que você vai aprovar.

— Ainda não. Vou pegar. — Macon sorriu, mas o sorriso não durou. — Hã, vi o Cory quando entrei.

Meu brilho diminuiu. Dei um passo para trás, e meus músculos tensionaram.

Ele balançou a cabeça como se dissesse que eu tinha entendido mal.

— Acho ótimo que ele veio. Que bom que vocês ainda são amigos.

— Ah. — Meus membros relaxaram. — Eu também. Foi bom ver ele.

— Você está… a loja está… está tudo muito bonito.

Macon se encolheu, mas meu coração quase saiu para fora do peito. Era a primeira vez que ele me elogiava desse jeito. Em todos os nossos quatro anos juntos, ele evitara com cuidado comentários sobre a minha aparência. Mesmo quando nos arrumávamos um pouco no trabalho e seria normal um amigo ou colega dizer "Você está bonita hoje", ele nunca deixara essas palavras escaparem dos seus lábios.

Meus amigos tinham razão: Macon era tímido. Eu sempre soube disso, mas ele era tão confiante no trabalho e nas nossas conversas que disfarçava. Mas agora era óbvio — muito *óbvio*.

Macon era tímido. E gostava de mim.

Eu estava *radiante*.

Ele parecia rígido e desconfortável, como se os sapatos estivessem apertando seus pés. Então inspirou fundo.

— Você chegou na minha casa só dois minutos depois que te escrevi falando sobre a Bonnie.

Ali estava. Estava me perguntando quanto tempo levaria para ele perceber que teria sido impossível eu chegar tão rápido. Assenti com o coração martelando.

— Por que você foi à minha casa aquela manhã?

— Ingrid! — Jo gritou acima da multidão. — O sistema do caixa caiu!

— Merda. — Mordi meu lábio. — Já volto, ok?

Enquanto eu abria caminho pelo mar de leitores, olhei para trás e vi que ele ainda me observava. Abri outro sorriso, me esforçando para transmitir: *Deixa comigo. Eu resolvo. Entendi tudo agora. Você já fez o suficiente, e eu assumo de agora em diante.*

Mas quando a crise foi revertida e minha equipe conseguiu voltar a passar as compras, descobri que Macon não estava mais lá. Agitada, circulei pela loja. Ele não estava em lugar nenhum. Convidados me pegaram para conversar, e por mais que socializar e vender fosse ótimo para os negócios, era terrível para o meu estado emocional. Quando a multidão enfim começou a se dissipar, horas mais tarde, esperei que ele reaparecesse, como se tivesse se escondido atrás de uma cadeira para esperar que todos partissem. Mas ele tinha desaparecido.

A livraria só ficou vazia depois das dez. No que deveria ter sido um momento de triunfo, a decepção me esmagou. Mika e eu mandamos os outros para casa enquanto limpávamos o lugar. Bex ficou para ajudar a varrer o chão.

— Você está bem? — perguntou Mika, percebendo meu desconforto.

— Claro — falei.

Mas eu estava infeliz porque Macon tinha ido para casa sem mim. Eu teria que

escrever para ele de manhã e perguntar se ele queria se encontrar comigo. Estive esperando o ano inteiro por ele — esperando anos por ele —, mas esperar mais um nascer do sol era agonizante.

Bex dançou em seu macacão verde-esmeralda e girou a vassoura.

— Sucesso!

A noite *tinha sido* um sucesso, e eu estava chateada por ter me distraído de tudo. Me forcei a encarar as últimas horas de outra maneira. A loja cheia era justamente o que tanto lutei para conquistar. A comunidade tinha sido generosa, e as vendas foram ótimas. Amelia Louisa tinha razão: o incentivo adicional foi quase suficiente para compensar a semana de atraso na inauguração. Desde que tivéssemos um fim de ano saudável, a chance de sobrevivermos era boa. Mas ainda precisávamos ter um fim de ano saudável.

Terminamos de organizar tudo. Eu não tinha ido de bicicleta porque queria preservar o vestido, e o carro de Bex e Mika estava estacionado mais adiante na rua, já que nosso pequeno estacionamento de funcionários estava cheio. Pegamos nossos casacos, desligamos as luzes principais e saímos. As luzinhas ainda piscavam na vitrine. Abracei meus amigues, enfim sentindo a onda esperada de gratidão, e ficamos olhando para as brilhantes letras douradas no alto. O ar do início de novembro era revigorante e frio. A lua era um convexo minguante, clara o suficiente para iluminar o caminho.

Uma figura saiu das sombras atrás de nós.

Nos assustamos — e então elus riram, aliviades. Mas eu perdi o ar.

— Desculpem. — Macon estava usando o grosso casaco de lona. Seu casaco Paddington. Fazia meses que eu não via a peça. Macon não estava usando o casaco na festa. — Não quis assustar vocês.

Bex sorriu.

— Veio nos acompanhar até em casa?

— Não vi sua bicicleta — disse ele para mim —, então pensei que talvez você quisesse companhia.

Mika me abraçou, e então ela e Bex foram na frente.

— Desculpe por ter ido embora. — A expressão de Macon era agitada. — Eu não estava com roupas quentes o suficiente pra fazer uma caminhada. E achei que você também fosse precisar de um casaco.

Com uma onda de prazer, percebi que ele estava segurando um dos casacos que eu tinha deixado no quarto de Edmond. O que estava em cima das caixas.

— Mas… esqueci que você não estaria sozinha. E é outono. Então claro que você trouxe um casaco. — Ele se encolheu de constrangimento.

Fiquei tão feliz e empolgada que as palavras me fugiram.

Fomos em direção à minha vizinhança, pisando nas folhas caídas sob os nossos pés. Enquanto Mika e Bex se afastavam, o casal deu as mãos. O gesto foi simples, mas devastador. Aquele vínculo físico e aquele companheirismo representavam tudo o que eu queria.

Macon ainda segurava meu casaco, mas seu braço vazio balançava ao meu lado.

Estendi um dedinho corajoso, procurando-o. Relei na sua mão e ele se encolheu. Mas seu braço parou de se mexer. A mão parou completamente. Tentei de novo. Meu dedo deslizou entre dois dedos dele, que seguraram o meu. Uma onda me fez estremecer. O resto da minha mão se enfiou ali, e então a mão grande dele se mexeu e engoliu a minha por completo. Seu toque era forte e firme. A euforia se espalhou por mim tão rápido que quase desmaiei.

À nossa frente, meus amigues assentiram com empolgação, entraram no carro e partiram.

Macon e eu não falamos nada.

Não nos olhamos.

Não queríamos quebrar o feitiço.

Sem nos soltar, nossas mãos se exploraram. Pressão ali. Leveza aqui. Um roçar acolá. Estávamos aprendendo as linhas e os contornos um do outro. Embora já nos conhecêssemos fazia anos, descobríamos algo novo.

Quando chegamos no meu bairro, as árvores ficaram grandes o bastante para dispersar o luar. Acima de nós, elas se elevavam com seus galhos cruzados. As poucas folhas restantes tremiam ao sabor do vento. Nossa respiração ficou curta. A energia

entre nós se intensificou, pulsante. Por vários minutos, caminhamos em um silêncio pesado, questionador e ansioso. Quando nossos pés enfim afundaram nas pedrinhas da entrada da garagem, ele hesitou.

Eu o puxei e o conduzi para os fundos da casa.

A noite se aprofundou ao nosso redor. A iluminação dos postes ficou para trás.

Na minha porta, nossos corpos se voltaram um para o outro. As cabeças se aproximaram e se afastaram. Nos encaramos por alguns segundos, mas nossos olhares eram intensos demais, então fechamos os olhos. Talvez isso tornasse a transição mais fácil e nos deixasse menos envergonhados por nos conhecermos tão bem de todas as outras maneiras, exceto aquela.

Nossos lábios se entreabriram. Senti seu hálito quente contra o meu.

Macon me puxou para seus braços, ainda segurando meu casaco. Meus quadris se projetaram para a frente e descobriram sua ereção. Outra onda elétrica me percorreu. Me esfreguei nele devagar.

Ele arfou.

Ergui o queixo.

Estava pronta.

Nossas bocas se encontraram com agressividade. Com ganância, ânsia, desejo, frustração e cinco longos anos de anseio reprimido. Gemi, e o som libertou algo dentro dele, porque Macon me beijou com mais vontade. Arfei. Nossos olhos se abriram ao mesmo tempo, mas então ele olhou para baixo, observando meu peito subir e descer. Me apressei para tirar as chaves da bolsa.

Nos beijamos de novo, ofegantes, e nossos dentes bateram. A porta se abriu e entramos com tudo. Minha bolsa e o casaco extra caíram no chão; depois foi a vez dos casacos que usávamos e da jaqueta de veludo dele. Nossos corpos se arquearam e se enterraram um no outro, aproveitando a sensação de haver menos barreiras entre eles. O cômodo estava escuro como breu. Seus braços eram fortes, e me deliciei na solidez do seu peito, na rigidez dos músculos e dos ossos, a estrutura que nos mantinha de pé. Nos beijamos com tanta força que era como se temêssemos que o outro ainda não tivesse compreendido nossa intenção. Os lábios dele viajaram pelo

meu pescoço, descendo pela minha clavícula, e eu o agarrei pela nuca e o puxei para os meus seios, que estavam espremidos no decote baixo do meu vestido. A boca dele desceu ainda mais o vestido até encontrar o que queria e chupar. Estremeci. Meus braços enlaçaram seu pescoço para mantê-lo ali. Ele tentou agarrar minha bunda, mas a saia volumosa era um empecilho. Estendi a mão para descer o zíper e ele me ajudou.

— Cuidado — sussurrei. Foi a primeira palavra que um de nós disse.

Macon paralisou.

— É o vestido do casamento da minha irmã.

Ele relaxou e riu em silêncio contra mim. O silêncio não era necessário, mas estávamos cientes da fina parede que nos separava da cozinha da casa principal. Agora que tínhamos feito uma pausa, ouvimos movimentos de Mika e Bex. Temendo que a pausa se transformasse em um final, guiei a mão dele até o zíper.

— Espera — sussurrou ele, o que não era a palavra que eu queria ouvir. — Você tem proteção?

Falei que eu tomava anticoncepcional e o senti relaxar. Nenhum de nós esperava estar nessa situação naquela noite. Macon desceu o zíper com cuidado, como eu tinha pedido. Tirei os sapatos e ele me ajudou a sair do vestido. Abri o sutiã sem alças e o deixei cair enquanto o conduzia para a cama. A urgência voltou. Ele lutou para tirar a camisa e despencamos sobre os cobertores. Nossos peitos nus se apertaram com força pela primeira vez. Nossos corações batiam descompassadamente. Ele chutou o ar para se livrar dos sapatos e tirou os óculos. Nos beijamos de novo, e enquanto a língua dele entreabria meus lábios, sua mão deslizou entre minhas pernas. Através do algodão fino da minha calcinha, ficou óbvio que eu estava pronta para ele. Me contorci para tirá-la, me atrapalhando com a calça dele, e Macon rapidamente se despiu por completo. Quando ele entrou em mim, foi como um delírio. Estocamos, metemos, rebolamos, montamos. Nossa fome era desesperada e voraz. Gozei primeiro, e ele gozou segundos depois, como se mal conseguisse se conter, esperando pelo meu orgasmo.

Nos jogamos na cama, suando e arfando, chocados.

Um minuto se passou. Outro. Enquanto nossas respirações voltavam ao normal, o

lugar foi parecendo cada vez mais apertado. Finalmente, me contorci para o lado para nos dar um pouco de espaço e descobri que não havia para onde ir. Ri uma vez. Ele se mexeu contra mim, questionando.

— Cama de solteiro — sussurrei.

Macon riu baixinho.

— É *tão* pequena.

— Acho que a gente devia ter esperado pra fazer isso na sua casa.

— Dá próxima vez — disse ele, e fechei os olhos para agradecer ao universo.

Senti uma pressão diferente.

— Já volto. — Saí da cama, mas então tive um pensamento desconfortável. — Meu banheiro não tem exaustor. Nem porta ainda.

— Tudo bem. — Uma pitada de divertimento transpareceu na seriedade da voz dele. — Sou adulto.

Era a melhor e mais característica tranquilização que ele poderia me oferecer. Sorri enquanto seguia pelo curto corredor. O piso laminado e a porcelana gelada esfriaram minha pele nua. Me aliviei e voltei, e então ele se levantou para fazer o mesmo. Ele tateou as paredes e a bancada da cozinha para se orientar. Os lençóis e cobertores estavam tortos, amontoados e caindo. Eu os endireitei, me deitei e fiquei escutando. A banalidade dos sons era inesperadamente reconfortante: o xixi, a descarga, a mão sendo lavada. Outro ser humano se mexendo no meu espaço.

Macon voltou parecendo mais seguro, mas quando se inclinou para se deitar, todo o seu corpo ficou tenso.

— Você, hã, quer que eu fique? Devo ir embora?

Me virei de lado para encará-lo e pressionei as costas contra a parede. Dei tapinhas no espaço vazio entre nós. Ele subiu na cama. Sua pele ainda irradiava um calor feliz, e minha visão tinha se ajustado o suficiente à escuridão para que eu o visse melhor agora. Suas feições eram milagrosamente familiares, mas também continham uma nova abertura. Era como se fosse mais ele do que jamais fora antes. Ele observava meu corpo nu com curiosidade e descrença.

Não consegui segurar um sorriso tímido.

— Então você *gosta* de mim.

— Ingrid — disse Macon, desmoronando. — Sempre gostei de você.

Olhei para baixo.

— Então o que mudou?

— Entre agora e… janeiro?

— É.

— Nada.

Ergui o olhar de uma só vez.

— Ingrid. — A voz dele falhou ao dizer meu nome outra vez. — Eu te amo. Faz anos que sou apaixonado por você. É possível que eu esteja apaixonado desde o dia em que nos conhecemos.

Uma onda de felicidade cresceu dentro de mim… e então se quebrou nas antigas rochas de tristeza e confusão.

— Mas você me rejeitou. Você me disse não.

— Porque você tentou me beijar no trabalho. Sem mais nem menos. Enquanto você tinha um *namorado* com quem planejava *se casar*.

— Não foi sem mais nem menos — falei inocentemente.

— Te garanto que foi.

— O casamento não era uma decisão definitiva.

— Estava sendo considerado.

O calor feio da vergonha se espalhou por mim de novo.

— Você tem razão. Desculpe.

— Tudo bem. Você estava passando por várias coisas.

— Mesmo assim.

— Está bem. — Macon abriu um sorriso triste antes de grunhir. — Se você soubesse quantas noites passei insone, me perguntando se tinha ferrado tudo e perdido minha chance com você para sempre… Mas eu queria que você *me* quisesse, não estivesse só atrás de um corpo quente. Eu não queria ser só um ficante. Depois que você e o Cory terminaram, você disse que não queria namorar ninguém por um tempo. Você estava sofrendo com o fim do relacionamento. Eu não quis me

precipitar. Não daria conta de ser um erro do qual você pudesse se arrepender mais tarde.

— Então… você estava esperando?

Ele assentiu. Sua expressão era temerosa e esperançosa.

— Macon — falei. — Eu apareci na sua porta minutos depois daquela mensagem porque já estava a caminho pra dizer que te amo. Faz anos que sou apaixonada por você. É possível que eu esteja apaixonada desde o dia em que nos conhecemos.

Ele fechou os olhos. Lágrimas cintilaram ao luar.

— Quando o Cory e eu elaboramos aquele plano burro e absurdo, você foi a primeira e única pessoa em que pensei. Eu queria *você*. Desesperadamente. Mas você tem razão, não pensei no que aconteceria depois que aquele mês acabasse. Não entendia a posição em que estava te colocando. E não entendia que essa *coisa* intensa entre a gente era amor.

— O que você achava que era?

— Desejo.

Macon riu, secando as bochechas.

— Também.

— Quando foi que você percebeu?

— Eu *não* sabia que você me amava. Mas suspeitava. Tinha esperança.

— Quando você se apaixonou por mim?

— Imediatamente — disse ele. — E aos poucos.

O calor do reconhecimento invadiu meu corpo.

— Quando você chegou no trabalho — continuou ele —, era… tão mais bonita que sua antecessora. — Rimos de novo. Minha antecessora era uma mulher aposentada com quatro netos. — E você brilhava como o sol. Como o sol de verdade, não como aquelas pessoas horríveis que tentam forçar o otimismo delas na gente. Era bom te orbitar.

Sorri, mas ele ficou sério.

— Você também era jovem.

— Jovem demais? — perguntei.

— Talvez. Sim. Provavelmente.

— Mas não sou mais?

— Não. — Então ele pareceu preocupado ao perguntar: — Sou velho demais?

Me inclinei para beijá-lo.

— Não.

— Quero dizer — disse ele um minuto depois —, não fiquei *sofrendo* por você todo esse tempo. Eu tinha a Dani, e você tinha o Cory. Eu estava feliz por ser seu amigo.

Eu o beijei de novo.

— Sofri um pouquinho — disse ele na minha boca, e sorri contra ele. — Sofri muito — disse ele, sem ar, depois de outro minuto.

— Ei. — Me afastei. — Posso te perguntar uma coisa?

As sobrancelhas dele se ergueram em uma expressão divertida de dúvida, porque já tínhamos passado da fase de pedir permissão.

— Por que você e a Danielle terminaram?

— Ah. — Ele ficou sério de novo. — Quer saber se foi por sua causa?

Eu devia estar com uma expressão esperançosa, porque ele deu um sorriso de desculpas, como se estivesse me decepcionando com cuidado.

— Não. Nossas diferenças ficaram claras na pandemia. No fim, não conseguíamos nos aguentar. Nos separamos tranquilamente, mas nunca vamos ser amigos. A gente não se fala.

— Ah.

Minha decepção o fez sorrir de novo, embora fosse injusto da minha parte me sentir assim.

— *Porém* — disse Macon —, na pandemia, quando trabalhamos juntos naquele call center… senti que fui me aproximando de você. E acho que foi quando comecei a ter esperanças. — Os dedos dele percorreram os meus e seguraram minha mão. — Então talvez você tenha tido parte nisso.

— Você ainda fala com as outras ex?

— De vez em quando. As duas são casadas e têm filhos, e estão vivendo vidas que

eu nunca quis.

— Eu não tenho nenhum outro ex.

Macon hesitou.

— Você não considera nenhum daqueles caras do começo do ano como ex?

— Ai, meu Deus. *Não*. — Eu ri, mas vi que a mente dele já tinha chegado na próxima pergunta. — Você está se perguntando com quantos eu transei, né?

— Não é da minha conta. — Só que ele fez uma careta. — Mas sim. E não.

— Foram dois. Os dois que você pode adivinhar — adicionei.

— Estamos quites, então.

Ele estava me dizendo que só tinha dormido com as três namoradas, confirmando minhas suspeitas. Também significava que ele não tinha ficado com ninguém desde o término com a Dani, o que eu também suspeitava. Um desejo poderoso cresceu dentro de mim de novo. Venci a distância entre nossos corpos.

Nossa primeira vez foi rápida. A liberação dos sentimentos reprimidos resultara em uma detonação atômica. Desacelerar a explosão teria desafiado as leis da natureza.

Nossa segunda vez foi transcendental. Contemplativa, meditativa e lânguida. Nos movemos juntos em fascínio por aquilo enfim ter acontecido, por *estar* acontecendo, por que ia *continuar* acontecendo. Éramos dois corpos que se ouviam e respondiam, extáticos a cada nova revelação. Venerando uma profunda comunhão. E o universo se abriu diante de nós, nos banhando em uma luz brilhante e reluzente.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Dormimos por algumas horas, mas acordamos cedinho, um consciente de cada movimento do outro. O colchão estreito elevou a experiência, mas estaríamos conscientes e despertos mesmo se estivéssemos dormindo em uma cama king. Nos observamos enquanto o amanhecer era filtrado pelas persianas de bambu. A luz crescente aos poucos revelou mais dos nossos corpos, nossas sardas, manchas e cicatrizes.

— Você é tão linda — disse Macon, tocando a pinta na minha bochecha com admiração. — Nunca vi pessoa mais linda.

Minha pele formigava. Passei os dedos pelo cabelo despenteado dele, acariciei a barba no seu rosto, tracei os contornos de sua orelha, nariz e lábios. Ele ficou imóvel.

— Te amo — sussurrei.

— Te amo — sussurrou ele.

— Agora temos permissão pra dizer isso.

— Em voz alta, até.

Nos beijamos longa e vagarosamente, mas minha avidez foi se acumulando e se acumulando e se acumulando cada vez mais até eu ter que me afastar para declarar:

— Eu gosto *tanto* de você.

Macon me lançou aquele olhar divertido que eu vira tantas vezes — o olhar que ele só dirigia a mim —, mas também parecia estar derretendo de felicidade.

— Sinceramente, se você soubesse o quanto gosto de você — falei —, provavelmente surtaria.

— Meu Deus, Ingrid. Sou obcecado por você.

Dei outro beijo nele, e ele me beijou de volta intensamente antes de gemer e

enterrar o nariz no meu cabelo.

— Caralho, o seu cheiro é incrível — disse ele.

Eu ri.

— Sério. Você tem um cheiro frutado e cítrico que me enlouquece faz anos. Eu tomaria um frasco inteiro do seu xampu, seja lá qual for.

Esfreguei o rosto contra o peito dele, mais risonha do que nunca.

— É o condicionador. Manga cítrica.

Ele inspirou de novo e grunhiu.

— Meu banheiro está com esse cheiro desde que você partiu. Quando ligo o chuveiro, sinto o seu cheiro. Ainda está nas minhas toalhas.

Sua ereção se pressionou contra mim, me fazendo uma pergunta.

Eu o empurrei para o colchão e subi nele.

— Que horas você tem que estar no trabalho? — ele perguntou depois. Era domingo, então ele estava de folga.

— Não vou hoje.

Ele se apoiou nos cotovelos, surpreso.

— Mika tem tentado me convencer a tirar uma folga desde que abrimos. Enfim vou folgar.

— Ai, meu Deus. Tenho você o dia inteiro só pra mim?

— O que vamos fazer?

Seus braços me envolveram, me puxando de volta para si.

— Primeiro, vamos nos agasalhar e caminhar até a minha casa. — Não conseguíamos parar de nos beijar. — Então vou fazer panquecas pra você. — Éramos capazes de nos devorar. — E depois vamos pra minha cama e ficar lá o resto do dia.

— Posso levar um livro?

— Com certeza. Mas duvido que você vai ter tempo de ler.

— Talvez de manhã.

— Sim — concordou ele —, talvez amanhã de manhã.

— Acho que é melhor levar uma bolsa pra passar a noite então.

— Sim — disse ele. — Ou você pode usar minhas coisas.

— Ou as minhas. Já que ainda estão na sua casa.

— Estou cuidando bem delas.

Sorri enquanto me afastava e me levantava para me alongar. Macon fitou todo o meu corpo, saboreando-o. Entreguei os óculos dele e me vesti devagar fazendo um show, em uma espécie de striptease reverso. Escolhi minhas roupas íntimas mais bonitas. Me inclinei para beijá-lo, e seus dedos mergulharam sob as alças de renda do meu sutiã, brincando com elas, deixando-as estalar gentilmente, tendo prazer ao antecipar o que viria mais tarde. Vesti um suéter solto com gola V, e o olhar dele se voltou com desejo para as minhas pernas. Abotoei as calças.

Macon balançou a cabeça, quase rindo, como se ainda não conseguisse acreditar que aquilo era real. Eu sabia como ele se sentia.

Passamos as próximas vinte e quatro horas juntos, nos deleitando com nosso recém-descoberto acesso ao corpo um do outro. Embora tivesse sido tímido para dar o primeiro passo, se mostrou confiante em todos os outros. O sexo era emocionante, nossa necessidade de possuir um ao outro era insaciável, mas mais que isso, me deliciei no sagrado do cotidiano — abraçá-lo enquanto ele virava as panquecas, me inclinar contra ele enquanto escovávamos os dentes, enrolar as pernas nele enquanto líamos. Seus abraços eram fortes e ilimitados. Eu sorria toda vez que ele colocava meu cabelo atrás das orelhas, pressionava a mão na minha lombar, apoiava a cabeça no meu ombro para se maravilhar com nosso reflexo no espelho do banheiro.

Nós já conhecíamos as estranhezas secretas um do outro. Já confiávamos um no outro. Coloquei o aparelho de bruxismo. Ele usou o chinelo com meias. E quando Edmond amassou pãozinho em mim na cama naquela noite, Macon levou a mão ao peito, e seu olhar se derreteu, parecendo aqueles ridículos olhos de coração de desenho animado.

ACONTECEU, escrevi para a Kat a caminho do trabalho no dia seguinte.

Meu celular acendeu imediatamente com uma chamada de vídeo.

— *Me diz* que a espera valeu a pena — disse ela.

Gargalhei em júbilo triunfante.

Passei a dormir na casa de Macon todas as noites, exceto quando ele trabalhava até mais tarde na biblioteca. Parecia certo definir algum tipo de limite, embora arbitrário, mas as horas sem ele eram insuportáveis.

— Você está parecendo uma adolescente com o primeiro namorado — Mika brincou.

Então Bex entrou na conversa:

— *Ding-ding-ding-ding-ding-ding-ding.*

Era o som do meu abajur, e da primeira vez que Bex fez isso, eu praticamente morri.

Mas Macon e eu *parecíamos* mesmo adolescentes, excitados e obcecados. Transamos na estufa úmida dele, no chão de azulejo frio da cozinha dele, no chuveiro dele quando deveríamos estar nos arrumando para trabalhar. Não conseguíamos tirar nossas mãos, bocas e corpos um do outro.

— Sabe — falei em uma daquelas primeiras noites, deitada exausta à luz do abajur e me sentindo ousada —, meu primeiro orgasmo nesta cama não foi com você. — O olhar dele se iluminou de descrença, e fiquei exultante. — Não me entenda mal. Eu *estava* pensando em você.

— Puta merda. Quando eu estava viajando?

— Não troquei a roupa de cama. Queria estar cercada por você.

— E eu decepcionado pensando que você *tinha* trocado os lençóis antes de ir embora.

— Claro que troquei! Meu cheiro estava por toda a parte.

— Ai, meu Deus. — Ele tocou a testa. — É, isso poderia ter me matado. — Ele ficou boquiaberto, me olhando por entre os dedos, rindo. — Não acredito que você fez isso.

— Você teria feito o mesmo na minha cama.

— Bem… eu com certeza fiz sentindo seu cheiro nas minhas toalhas.

Arfei e soltei um gritinho, rindo.

— O que mais?

Macon sorria abertamente para mim. Ele sempre me *olhava* agora, e eu estava sempre olhando para ele. Não precisávamos mais esconder nosso interesse.

— O que mais o quê?

— O que você não podia me contar? Tipo, ficou cheirando minhas roupas nas caixas também?

A expressão dele ficou séria.

— Ingrid, não. Juro que nunca mexi nas suas caixas. Teria sido uma violação e tanto.

Na verdade, essa resposta era muito melhor.

— Sério?

Macon ergueu a mão como se fizesse um juramento.

— Tirando uma vez quando eu estava trocando as caixas de lugar, uma caiu e se abriu, e tinha um suéter bem no topo. Talvez eu tenha cheirado o suéter. Talvez o cheiro dele fosse inacreditavelmente bom.

Empolgada, esfreguei os pés nos dele. Eu não era louca por pés, mas gostava que era outra parte dele que eu nunca tinha visto antes mas a que agora eu tinha acesso. Eu gostava de todas as novas partes dele.

— O que mais?

Ele prendeu meus pés entre os seus para me impedir de contorcê-los. E sorriu de novo.

— Sua vez.

— Seus óculos. — Suspirei. — Tão sexy.

Macon estava sem eles e ergueu as sobrancelhas.

— Fique à vontade pra botar os óculos às vezes. Você sabe.

Ele ergueu mais ainda as sobrancelhas, então ficou pensativo.

— Acho que são a única coisa que eu e Cory temos em comum, em termos de

aparência.

— Gosto de um nerd — confirmei.

— Então por que você usava lentes de contato? Antes do laser?

De vez em quando, eu estranhava o fato de nos conhecermos havia tanto tempo — e quão bem ele me conhecia. Ele lembrava que eu tinha feito a cirurgia de miopia cinco anos antes.

— Minha visão era *horrível*. As lentes dos meus óculos eram tão grossas que faziam meus olhos parecerem maiores e mais esbugalhados do que são.

Ele franziu a testa.

— Você não tem olhos esbugalhados.

— Tenho um pouquinho. Era mais óbvio quando eu era mais nova.

— Seus olhos são lindos e únicos. São uma das minhas coisas favoritas em você.

Balancei os pés, contente.

— A caneta. — Estendi a mão e toquei atrás da orelha dele, emitindo um som rouco de prazer. — Isso também.

— Então você está dizendo que gosta dos meus acessórios.

Eu ri.

— Sim. Você vem com bons acessórios.

— Tá, já que você mencionou… sabe aquela noite na livraria? Quando você estava dançando? Pensei muito naquele momento em que você colocou minha caneta na boca.

Me encolhi e enfim afastei o olhar.

— Ai, meu Deus. Não sei no que eu estava pensando. Acho que não estava pensando. Eu só estava com tesão.

— Pois é. — Macon riu. — Eu também. Mas você me assustou pra caralho. Fiquei sem saber se era o tipo de coisa que você fazia com amigos ou sei lá.

Olhei para ele de uma vez.

— O tipo de coisa que eu fazia com *amigos*?

— Sei lá! Você *saiu correndo* pra ir dançar assim que Bex e Mika chegaram. Estava enlouquecida. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo.

— Uma sedução terrível, ao que parece.

— A sedução foi efetiva, garanto.

Sorri e me aproximei mais. Eu não conseguia estar perto o suficiente. Queria rastejar para dentro do seu corpo e montar acampamento ali.

— Falando nisso… — Ele balançou a cabeça. — Aquele sutiã com estampa vermelha floral… que dava pra ver por baixo da sua camiseta.

— Pensou nisso também, né?

— Caralho. Por favor, use ele de novo.

— Sabe, você sempre foi muito bom em manter seu olhar aqui em cima. — Apontei para o meu rosto. — Você sempre foi respeitoso. Gosto disso.

— Graças a Deus não preciso mais ser tão cavalheiro assim.

Eu o cutuquei.

— Me esforço pra não ser esquisito — disse ele. — Mas eu te olhava muito quando você não estava olhando. Só vou dizer isso.

— Eu também te olhava quando você não estava olhando.

— Pros meus acessórios?

— Pra sua nuca.

Ele não sabia como interpretar isso.

— Pra minha nuca?

— Hum, e pros seus braços e ombros. E pra sua bunda.

Macon deu uma risada surpresa. Me aconcheguei no seu peito e ele tocou minha clavícula suavemente.

— Salvei todas as fotos que você me mandou. — A voz dele retumbava na minha orelha. — Até as fotos em que você nem aparece. Que infelizmente são a maioria.

Virei a cabeça para olhá-lo, e ele assentiu para mim.

— Passei horas olhando aquela foto que você tirou com o Edmond — disse ele.

— Que foto?

— Aquela selfie. Com o livro do bacon.

Fiquei satisfeita, mas também um pouco constrangida.

— Se eu soubesse que você ia salvar, teria mandado uma melhor.

— Não. É perfeita. Você está como é.

— É porque é uma foto — expliquei.

Ele me cutucou de volta.

— Você está natural. E está na minha casa com o meu gato. É uma boa foto.

— Não é justo. Não tenho nenhuma foto sua.

Ele estremeceu.

— Odeio tirar foto.

— Eu sei, mas não tenho *nenhuma*. Depois de todos esses anos! Quero uma foto. Quero muitas e muitas fotos de você. Quero fotos nossas juntos, múltiplos álbuns no meu celular.

— Você que é fotogênica.

— Para. Você é muito lindo, e quero poder olhar pro seu rosto quando eu quiser.

Senti a pele dele esquentar.

— Está bem.

— Ótimo. Eba!

— Falando em celular… eu costumava ter esperanças de que aqueles emojis de coração significassem algo, mas você sempre usava nas mensagens de trabalho também.

— É, eu envio corações pra todo mundo — falei. — Desculpe.

— Droga. Gastei muito tempo pensando nisso.

— *Agora* eles significam algo. Vou trocar o vermelho e passar a usar o rosa. Só as pessoas mais especiais da minha vida recebem corações rosa.

— Que bom saber que enfim subi no seu conceito. — Ele ajeitou o braço ao meu redor e acariciou meu cabelo. — Sabe, eu me preocupava por não ser o seu tipo porque seu ex era muito mais divertido e extrovertido que eu. Tipo, aposto que ele usa emojis.

— Ele usa. Mas todo mundo deveria usar menos, então você que é o descolado aqui. E é exaustivo namorar alguém tão extrovertido.

— Só não quero acabar como a minha mãe, aterrorizado pra sair de casa. Embora eu nunca tenha tido essas fobias — adicionou ele rapidamente. — Não quero que

você se preocupe.

Balancei a cabeça contra seu peito. Sabia que ele não tinha fobias e nunca me preocupei com isso, mas fiquei triste que ele se preocupasse.

— Por isso me forço a sair — disse ele.

— Tipo pras minhas festas?

— Fui nas suas festas porque eram suas. Eu queria estar lá. Mas, sim, no geral, não sei o que tem de errado em não querer fazer coisas.

— Talvez essa seja a coisa mais sexy que você já disse.

— Você deve estar cansada de fazer coisas.

— Estou *tão* cansada de fazer coisas.

Macon beijou o topo da minha cabeça.

— Isso me lembra de outra coisa.

Me animei.

— É?

— Lembra daquele treinamento em que nos ensinaram como usar o novo sistema? — Ele se referia a um evento chato que tinha durado o dia todo e terminou, inexplicavelmente, em uma reunião social. — Bem, eu estava todo amuado em um cantinho qualquer, e você me encontrou e disse: "Vou embora comer um hambúrguer. Quer ir junto?". E me senti resgatado. Você me *resgatou*. Não sei por que não percebi que podia simplesmente… ir embora sozinho. Mas aí comemos aqueles ótimos hambúrgueres vegetarianos e rimos tanto e você estava tão hipnotizante à luz daquele restaurante. E eu me lembro de pensar *oh-oh*.

Me enterrei ainda mais nele. Tinha me esquecido daquela noite.

— Depois comentei com a Dani que você tinha me salvado, deixando de fora o *oh-oh*, mas, aparentemente, não disfarcei o suficiente, porque ela ficou puta comigo. Ela te odiava pra valer.

— Sério? — Fiquei estranhamente magoada, embora também não gostasse dela. Eu já suspeitava que ela não gostava de mim.

— Ela não gostava da forma como eu olhava pra você. Ou falava de você. Ou de você ser essa mulher linda e luminosa que passava o dia todo sentada ao meu lado.

— Às vezes eu achava que não era o seu tipo, porque ela era tão séria.

— Era exaustivo namorar alguém tão sério — disse Macon, e eu ri. — Viu? Eu nem me lembro de como era a risada verdadeira dela. Quando ela se mudou, já fazia muito tempo que eu não ouvia nada além da risada sarcástica dela.

— Sinto muito.

— Eu não. Só me fez ter mais certeza do que eu queria de verdade.

— Parece que você está falando de mim de novo.

— Com certeza estou falando de você de novo. Você é o meu assunto favorito. Deviam escrever livros sobre você pra eu poder comprar e ler.

— *Coisas que todo mundo deveria saber sobre a Ingrid* — falei.

Ele riu.

— *Uma história popular da Ingrid*.

— *Como virar amigo da Ingrid e influenciá-la*.

— *A Alegria da Ingrid*.

— É esse — falei. Meu coração estava tão cheio que transbordava. — É esse que escreveriam primeiro.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Só fazia três semanas que estávamos juntos quando Macon me pediu para me mudar para a casa dele. Foi na véspera do Dia de Ação de Graças e do aniversário de quarenta anos dele. Eu estava animada porque seria um raro dia de folga. Ele estava estressado porque estávamos cozinhando para Lynn; ele a tinha convencido a ir até a sua casa. De mim, ele não pediu presentes nem rebuliço, mas eu tinha comprado um presentinho e planejava fazer um rebulicinho. Só coisinhas que ele gostaria e com as quais eu sabia que ele conseguiria lidar.

Já tínhamos entrado em um ritmo reconfortante. Eu amava ficar de conchinha com ele no fim do dia, sabendo que tínhamos toda a tranquilidade da noite à nossa frente. Logo aprendemos a dormir juntos, entendendo quando o outro precisava de espaço e quando não, e descobrimos que gostávamos de nos aconchegar cedinho de manhã, quando ainda estava escuro e frio lá fora, mas nossos corpos tinham tido uma noite inteira de calor. Então nossos membros se mesclavam em cima, em baixo e um entre o outro.

Naquela noite, eu estava usando uma camiseta dele e nada mais enquanto líamos, banhados na mesma fosforescência feliz que personagens de filmes antigos, que transavam e depois fumavam cigarros. Gostávamos de ler os trechos bons em voz alta um para o outro. Era gratificante poder compartilhar nossas leituras com alguém de novo. Macon deixou seu livro de capa dura no colo, e pensei que ele estava prestes a introduzir outra seleção. A leitura dele era de primeira, com uma voz profunda e firme. Mas quando olhei, fiquei surpresa ao perceber que ele parecia nervoso.

— Mudei de ideia — disse ele. — Quero um presente de aniversário.

Abaixei o romance e ergui as sobrancelhas.

— É?

— Vem morar comigo.

— Ah — arfei.

— Você vai ter que sair do estúdio em breve, e os apartamentos estão caros. Isso aliviaria suas finanças.

A oferta soava familiar. Apesar de chamá-la de presente, ele falava com seu tom sério de bibliotecário e não olhava para mim. Eu queria sentimentalismo e ardor.

— Você já está praticamente morando aqui mesmo — prosseguiu ele. — Já estamos compartilhando responsabilidades e tarefas domésticas.

Eu o encarei até que ele me encarasse. A timidez dele tinha voltado.

— Sabe — falei —, é a segunda vez que você me pede pra vir morar com você.

Ele engoliu em seco.

— Aceite desta vez.

— Por que você me chamou da primeira vez?

— Eu queria te ajudar.

— Só isso?

Ele abriu um sorriso manchado com a lembrança de um coração partido.

— Não. Esperava que você se apaixonasse loucamente pelo seu novo colega de casa.

— E por que está me chamando agora?

A mão de Macon tremia quando ele tirou o livro das minhas mãos para segurá-las.

— Porque quero você aqui. O tempo todo. Bem assim.

Apertei sua mão em resposta.

— Agora, *sim*, é um bom motivo.

Ainda não tínhamos contado para os colegas de trabalho dele que estávamos namorando. Na manhã seguinte, quando Alyssa mandou um GIF da Morte de feliz aniversário para o Macon no grupo deles, ele enviou uma selfie em que eu o abraçava e beijava sua bochecha.

Consegui o presente que eu queria este ano, escreveu ele.

Alyssa, Sue e Elijah surtaram, o que foi tremendamente satisfatório.

Passei o dia ajudando Macon na cozinha. Estávamos fazendo as receitas da família dele, não da minha, e por mim tudo bem. Eu preferia quando ele cozinhava, e além disso ele tinha fortes opiniões sobre o menu porque seu aniversário vez ou outra caía no Dia de Ação de Graças. ("A coincidência torna difícil não gostar de um feriado que eu objetivamente desaprovo", ele tinha me dito uma vez.)

Antes que ele saísse para buscar a mãe, liguei para os meus pais. Eu costumava fazer uma videochamada, mas sabia que isso seria demais para Macon.

— Estamos os dois aqui, debulhando milho — contei para eles.

— Olá. — Macon conseguiu projetar confiança no viva-voz, apesar de estar um pouco trepidante. — Feliz Dia de Ação de Graças.

— Ah, o velho novo namorado — disse meu pai.

Macon se virou para mim, alarmado.

Mutei o celular.

— Ele não está falando da sua idade. Acho que não. É porque nos conhecemos há muito tempo.

Tirei do mudo.

— Não sei se vocês se lembram — disse Macon —, mas nos encontramos da última vez em que vocês estiveram na cidade.

— Eu lembro — disse minha mãe. — E a Ingrid sempre falou muito de você.

Macon me observou, satisfeito, enquanto arrancava os cabelinhos do milho.

Abri um sorriso envergonhado e dei de ombros.

— Então, tenho boas notícias — falei para os meus pais. — Vocês vão ter onde ficar quando vierem me visitar em janeiro. A casa nova tem um quarto extra.

Macon arregalou os olhos, como se dissesse: *Não é assim que você vai contar pra eles, certo?*

Dei de ombros de novo enquanto meus pais comemoravam e me parabenizavam.

— É a casa do Macon — falei. — Vamos morar juntos.

A espiga de milho caiu das mãos dele. Parecia que ele estava morrendo. Fui com o celular para o quarto enquanto meus pais gaguejavam, preocupados, e faziam várias perguntas, sendo a principal: *Depois de apenas três semanas de namoro?*

— Três semanas mais um verão inteiro mais cinco anos — falei.

Macon estava na porta quando desliguei, meia hora depois.

— Pelo menos eles disseram que sou seu namorado.

— Você é meu namorado. — Na verdade, nunca tínhamos usado essa palavra antes.

— Eu sei. Só estou feliz que eles saibam. Eu gosto que as pessoas saibam.

— Eles com certeza sabem agora.

— Não acredito que você contou desse jeito.

— *Tudo bem* eles ficarem aqui em janeiro, né?

— Claro.

— Está bem. Obrigada. Percebi tarde demais que não tinha perguntado.

— Você não precisa perguntar. São seus pais.

Era uma boa resposta, mesmo assim senti uma dor estranha quando ele não adicionou: "E a casa é sua". Mas duvidava que isso quisesse dizer algo, então não permiti que meus pensamentos se demorassem nisso.

— Falando em pais… — falei.

— Pois é. — Macon pegou a carteira e as chaves da mesinha. — Vamos entrar pela porta da cozinha, está bem? A sala de estar pode ser assustadora pra ela.

Fiquei impressionada, mas não comentei nada. Sabia que a mãe dele tinha fobia de espaços vazios, mas a sala de estar não estava exatamente *vazia*. Macon tinha pintado as estantes na semana anterior, mas elas estavam secando, então não tinham recebido os livros. E ele ainda não tinha sofá. Mas os cobertores e brinquedos de Edmond estavam lá, e a árvore para gatos tinha sido instalada. Macon e o vizinho fizeram um trabalho impressionante. Ela era imensa, indo do chão ao teto em um canto da sala, com galhos polidos. Uma perfeita adição à floresta.

Arrumei a mesa, descasquei e cozinhei as batatas, e coloquei os bolinhos no forno.

Macon não deveria levar mais que dez minutos. Minha ansiedade aumentou. Era importante para ele que Lynn viesse. Ele queria que ela visse o trabalho que ele tinha feito e queria lembrá-la de que a casa dele era segura. Eu também suspeitava que ele queria que minha primeira interação mais longa com ela fosse em seu território. Acho que isso tornava a situação mais segura para *ele*.

Quarenta minutos depois, eles chegaram. Eu o vi conduzi-la pelo jardim. Embora a voz dela fosse frágil, ela nunca me pareceu frágil nas poucas vezes que nos vimos. Agora, ela parecia, parando e fechando os olhos com força. Lynn se agarrava nele. Com paciência, Macon a guiou até a porta dos fundos. Eu a abri e os cumprimentei.

— Mãe, você lembra da minha namorada, Ingrid?

Claro que ela se lembrava de mim. Vi que ele só queria me chamar de namorada para dizer a palavra em voz alta para a mãe dele. Minha barriga se aqueceu de prazer.

— Feliz Dia de Ação de Graças, Lynn — falei.

Ela estava usando uma linda blusa e várias joias, e fiquei aliviada por estar usando algo bonito também. (Macon estava com as roupas de sempre, mas por instinto não confiei que esse fosse o código de vestimenta.) Ela estava pálida e agitada, e não disse nada. Macon me lançou um olhar frustrado de desculpas, e pus as mãos nas costas dele, reconfortando-o. Ele a conduziu para dentro e direto para a mesa.

— Por que não descansa uns minutinhos? — Macon disse para ela. — A gente já vai comer.

Macon se juntou a mim na cozinha. *Desculpe*, disse ele sem emitir som.

Sorri. *Tudo bem!*

Levei para Lynn um copo de água e lhe dei espaço para se recuperar. Reparei que Macon a colocou em um canto de onde ela não poderia ver a sala de estar. Ele estava amassando as batatas, talvez com agressividade demais, quando voltei.

— Vou terminar aquilo e cortar o peru — falei. Ele tinha comprado uma ave pequena por causa da Lynn. — Por que você não grelha o milho?

Te amo, ele murmurou.

— Também te amo — falei, toda alegre e em voz alta.

Um cantinho da boca dele se ergueu em um sorriso e Macon balançou a cabeça de

um jeito afetuoso, como se lembrasse o quanto gostava de mim.

Fiquei lisonjeada.

Sua cabeça ainda tremia quando ele saiu para ficar com a mãe. Resisti à vontade de ver como eles estavam, pensando que os dois precisavam de tempo, e terminei o que precisava ser feito. Quando levei a molheira para a mesa (Macon tinha uma molheira! Cory e eu definitivamente não tínhamos uma molheira), a cor e a respiração de Lynn tinham voltado ao normal.

— Você claramente é uma visita mais bem-educada que eu, Ingrid — disse ela.

— Bobagem. — Abri um sorriso amistoso, só depois percebendo a palavra *visita*. Ele tinha lhe contado naquela manhã que eu estava me mudando. Macon disse que ela tinha ficado feliz por nós. Mas eu não podia ficar pensando nisso porque precisava garantir que ela estivesse confortável. — Estamos felizes por você estar aqui.

— Também estou feliz por você estar aqui. Era tão óbvio que meu filho gostava de você.

Eu ri.

— Queria que ele tivesse *me* contado antes.

A porta dos fundos se abriu e ele entrou de novo.

— Ah, ele continua o mesmo garoto de sempre — disse Lynn. — Ele vivia esperando a garota o chamar pra sair primeiro.

— *Mãe*. — Macon deixou o recipiente com milho no balcão, fazendo barulho. — Esta conversa acaba agora, seja lá qual for o assunto.

Lynn e eu sorrimos uma para a outra, e voltei para a cozinha. Macon me lançou um olhar extremamente mal-humorado, o que me fez sorrir ainda mais.

— As paredes estão bonitas — disse Lynn. — A mesa também. E gostei das cadeiras vermelhas.

— A Ingrid me ajudou com muita coisa — ele a relembrou.

— Obviamente — disse Lynn, e eu ri.

— Mas você precisa de cortinas — adicionou ela.

Assenti para Macon como se dissesse *viu?* enquanto enchíamos os pratos de peru assado com recheio de alecrim, milho grelhado, purê de batatas, bolinhos e molho de

mirtilo com gengibre adocicado e raspas de laranja.

— Ah! — disse Lynn.

Macon paralisou.

— Tudo certo?

— Esqueci que você tem um gato agora.

— Ele não vai te machucar.

— Não, eu sei. Estou bem. Bonnie tinha um gato malhado, lembra? Ele ficava correndo sem parar. Ela o levou embora quando se casou com o Jim.

— Snickers — disse Macon.

— Ele mesmo.

O rosto de Macon ficou sombrio. Pousei a mão sobre a dele e a deixei ali. Ele e Lynn andavam brigando por conta do memorial de Bonnie. Sua mãe, como era de se esperar, queria que fosse em Ridgetop. Mas a vida de Bonnie era em Durham.

Quando entramos na sala de jantar, Edmond estava empertigado em uma das cadeiras vazias. Macon jogou um pedaço de peru para ele.

— Lembrou de desligar a grelha? — perguntou Lynn.

Macon suspirou.

— Sim, desliguei a grelha.

— Olha só isso. — Ela sorriu de novo para o prato diante de si. — Você cozinha tão bem. Meu filho não é o chefe mais talentoso que existe?

— Ele é — falei.

— A Ingrid também ajudou, mãe.

Sorri e fiz um gesto para Lynn que dizia: *só um pouquinho*.

— Sou melhor na decoração… Ah! — Me levantei de uma vez. — Seu presente.

Macon começou a reclamar, mas saí para pegar a sacola, que eu tinha escondido no quarto de Edmond.

— Feliz aniversário barra Dia de Ação de Graças.

— Eu te disse que…

— Pare com isso e abra o presente — disse Lynn.

Ele abriu. Era um par de candelabros feito pelo mesmo ceramista que produzira as

canecas da *Bildungsroman* e duas velas espirais de cera de abelha feitas por um vendedor local.

— Gostei — disse Macon, surpreso.

Sua mãe e eu rimos, e ergui o queixo dele para lhe dar um beijo.

— Obrigado — disse ele.

— Ocasiões especiais pedem velas — falei, diminuindo as luzes e pegando uma caixinha de fósforos do bolso.

— Cuidado — falou Lynn.

— Mãe — disse Macon. Mas depois de soprar o fósforo, eu o passei na água corrente da pia para mostrar que eu era confiável.

A refeição estava deliciosa, as velas deixavam um cheiro de mel no ar, e Lynn se mostrou bem faladeira e animada. Ela era inteligente, curiosa e culta, e fiquei aliviada por termos assunto. Foi fácil imaginar todas as refeições, fósforos e velas que poderíamos compartilhar naquela mesa. Tinha me esquecido de que talvez um dia ela tivesse que vir morar com Macon. Havia espaço para nós duas, e eu esperava que ele também achasse isso.

Tudo estava indo bem até a sobremesa. Macon e eu estávamos na cozinha. Eu estava empratando a torta de abóbora e ele estava batendo o chantili quando Lynn anunciou que precisava usar o banheiro. Fiquei surpresa ao vê-lo tenso.

— Macon — repetiu ela, ansiosa.

— Eu ouvi. Tudo bem.

Larguei a espátula de cortar torta (Macon tinha uma espátula de cortar torta!) e fui até ela. Lynn pairava na soleira da sala de estar com olhos grandes e assustados.

— Lynn? Posso te levar até o banheiro?

Ela não respondeu, então pousei uma mão gentil em seu braço. Tentei guiá-la para a frente, mas os membros dela estavam enrijecidos. Quando tentei de novo, ela deu um gritinho.

Macon veio correndo.

— Está tudo bem. É a mesma casa de sempre.

— Não consigo — disse ela. — Não consigo.

— O banheiro fica bem ali.

— Não consigo! Quero ir pra casa.

— Você consegue — disse ele. — Eu te levo.

— Me leve pra casa! Quero ir pra casa!

Lágrimas desciam pelas bochechas dela, e me afastei para a parede quando ela ficou histérica.

— Mãe, está tudo bem — disse Macon.

— Me leve pra casa — gritou ela.

— Vou te levar pra casa. — Ele me olhou desesperado, e saí correndo para pegar as chaves e a carteira. Lynn berrou de novo, talvez porque eu estava no espaço vazio. Os galhos sem folhas da grande árvore para gatos lançavam sombras sinistras nas paredes. — Espere — disse ele atrás de mim. — Estão comigo. — E então: — Eu não tirei do bolso, mãe. Assim como prometi, viu? As chaves estão bem aqui. — Enquanto a levava para fora, ele a instruiu a respirar. — Faça como eu. Vamos deixar as expirações mais longas que as inspirações.

Lembrei de quando tinha chorado no chão do banheiro da biblioteca, com Macon agachado ao meu lado. Quantas vezes na vida ele tinha dito aquelas exatas palavras? Ainda em choque, limpei os pratos e os coloquei na lava-louças. Imaginei como aquilo deveria ser assustador quando ele era criança — e humilhante depois que ele cresceu. Pensei na tia dele de novo, entendendo melhor o apoio e a liberdade que ela devia ter lhe fornecido.

Quando Macon enfim retornou, eu estava sentada à mesa com duas fatias de torta.

— Feliz aniversário — falei baixinho.

— Uma noite. — Ele se jogou na cadeira ao meu lado. — Estava esperando que ela pudesse passar uma noite fora.

— Você a trouxe aqui. Tivemos um jantar maravilhoso. É um bom começo.

— Eu sabia que a sala faria ela surtar.

— Você disse isso, e eu não acreditei — confessei. — Mas vamos comprar um sofá. E encher as estantes. Vamos encher a sala inteira e vamos convidá-la de novo.

— Tenho saudades da Bonnie.

Meu coração se partiu.

— Eu sei.

— Queria que você tivesse conhecido ela.

Edmond pulou no meu colo e a luz da vela bruxuleou.

— De qualquer forma, ela não seria a *minha* Bonnie. Aquela Bonnie já tinha partido. — O pesar pairava sobre seus ombros. — Minha mãe é tudo o que me resta agora.

Ergui uma patinha de Edmond e acenei para ele.

— Tudo, não.

Macon nos observou. Um sorriso apareceu.

— Desculpe por ter piorado tudo — falei, fazendo uma vozinha e erguendo ambas as patas dianteiras como se ele fosse um boneco. — Mas vou aprender. Vou ler sobre o assunto, e você também pode me ensinar.

Macon não riu.

— Não é necessário. E você não precisa se desculpar por nada.

Ele só devia estar tentando me absolver de qualquer responsabilidade, mas murchei. Se íamos todos morar juntos um dia, eu precisava saber ajudá-la. Ajudá-lo. De repente, senti que estava me enfiando na sua vida, o oposto de seguirmos em frente juntos. Mesmo assim, ali era exatamente onde eu *queria* estar — com ele, na casa dele.

Edmond também quisera pertencer a Macon e morar na casa dele. Enquanto ele afastava as patas de mim, tentei segurá-lo — o envolvi com todo o meu corpo —, mas ele se contorceu para fora do meu colo e saiu correndo pela sala.

Só era confuso porque era tudo novo, eu disse a mim mesma. Quando eu me ajustasse, todo o resto se ajustaria também.

Dezembro

DATA DE DEVOLUÇÃO	NOME DO TOMADOR	Nº DA SALA
25 JAN		
19 FEV		
30 MAR		
17 ABR		
10 MAIO		
03 JUN		
22 JUL		
04 AGO		
28 SET		
07 OUT		
12 NOV		
06 DEZ		

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Levamos mais tempo que o esperado para transferir o resto das minhas coisas para a casa de Macon. Depois do Dia de Ação de Graças, veio a temida Black Friday, e minha livraria se preparou para o Sábado dos Pequenos Negócios. Amelia Louisa tinha conseguido o milagre de marcar uma sessão de autógrafos com Susie Corners, uma celebrada mas reclusa autora e ilustradora de livros infantis que vivia em uma fazenda fora da cidade. Ela só tinha feito um evento na Tic-Toc antes de eu trabalhar lá. Susie era peculiar e complicada, mas chegou em seu costumeiro macacão, e os leitores (e Jo) estavam eufóricos. Pela primeira vez, a *Bildungsroman* ficou lotada desde a abertura até o fechamento, e tivemos fila nos caixas o dia todo.

Depois disso, permanecemos extraordinariamente atarefados.

Novembro se transformou em dezembro, e Mika se jogou na decoração de fim de ano. Inspirada pelas pilhas de caixas na sala dos fundos, ela fez do papelão enormes árvores, menorás, guirlandas, dreidels, luas e estrelas tridimensionais. Fez meias e um prato de biscoitos para a nossa lareira, e a bota do Papai Noel aparecendo por cima das chamas. Ela cortou rolos de papel higiênico e os entrelaçou em inúmeras guirlandas. E tudo estava brilhando com luzinhas brancas. Era uma visão de tirar o fôlego. Muitos clientes entraram só para admirar as criações dela.

Macon se candidatou para o trabalho de referência e foi imediatamente chamado para uma entrevista. Fiquei orgulhosa dele e nem um pouco surpresa de saber que o viam como um forte candidato. Ele disse que tinha ido bem, mas não quis discutir suas chances. Parecia estranhamente estressado com a coisa toda, provavelmente porque fazia anos que não tentava algo novo. Garanti que não importava o que fosse acontecer, pois os superiores agora sabiam do seu interesse; ele teria mais

oportunidades. Mas dava para ver que ele queria que desse certo.

Fomos ao estúdio em uma manhã de domingo bem cedo. Precisamos carregar o carro duas vezes para pegar todas as minhas coisas e colocamos tudo no quarto de Edmond, em cima do restante dos meus pertences. A pilha caótica parecia tão irritantemente familiar que tive que me lembrar que aquilo não era uma mudança temporária. Organizaríamos tudo quando tivéssemos tempo.

Primeiro, eu precisava manter a promessa que tinha feito a meus amigues.

Macon e eu vestimos nossas camisas do condado de Colburn, jogamos fora os engradados, instalamos a porta do banheiro e pintamos as paredes do tom de verde esfumaçado que Mika e Bex tinham escolhido. Depois, esfregamos o estúdio inteiro de cima a baixo e ajudamos a carregar a cômoda nova. Ninguém conseguia acreditar na transformação do lugar. O estúdio havia passado de uma espelunca deprimente e minimalista para um espaço relaxante e meditativo, perfeito para um viajante solo.

— Talvez vocês queiram substituir o abajur — falei, devolvendo a chave.

Mika e Bex riram, mas pareceu simbólico deixar para trás essa última parte da minha vida com Cory enquanto eu começava a nova vida com Macon.

Ele recebeu um convite de última hora para o casamento da minha irmã. Não sei por que isso nos pegou de surpresa, apesar de eu ter tido várias conversas sobre o casamento naquele ano e ele nunca ter estado nos planos.

— Você foi convidado — falei, encerrando a ligação com Riley e entrando no quarto.

Eu estava procurando um suéter desaparecido que queria usar no trabalho no dia seguinte. Macon já estava na cama, mas tinha ouvido o bastante da conversa para entender. Deixou de lado o livro da biblioteca com evidente apreensão. Sua expressão era tensa, talvez até apavorada.

— Pro casamento gigantesco? Que vai contar com uma possível cobertura da imprensa e no qual toda a sua família vai?

Entendi o pavor e a relutância dele, e meu impulso foi ajudá-lo. Corei enquanto eu, de boa vontade — e às pressas —, lhe fornecia uma desculpa.

— Está tudo bem. Vou recusar em seu nome. Posso dizer que você não tem como

tirar mais uma folga do trabalho este ano.

Ele ficou ainda mais infeliz.

— Deixar de ir não vai ficar feio pra mim?

— Todos vão entender. É Natal. O convite foi de última hora.

Mas Macon parecia precisar ser convencido. Ele parecia *querer* ser convencido. Me sentei ao lado dele na beirada da cama, segurei seu rosto triste entre as mãos e beijei seus lábios.

— Está tudo bem — murmurei.

— Tem certeza?

Meus dedos traçaram e amenizaram as rugas de preocupação dele.

— Claro.

— Você me salvando de novo. — Ele me beijou com mais intensidade. — Meu Deus, eu te amo.

Eu ri e o deixei me puxar para a cama. Enquanto ele descia para me agradecer com entusiasmo, o livro caiu no chão. Vi fogos de artifício. Meu Deus, eu também o amava.

Mas mais tarde, com o livro de novo nas mãos dele e sua atenção de volta à rede secreta das árvores, me deitei de lado na cama com o abajur apagado e me perguntei se a hesitação dele *era* mesmo só pelo tamanho e alcance do evento, pela potencial presença da mídia, pela ideia de conhecer toda a minha família de uma vez — tudo era mesmo demais — ou se havia algum fator adicional. Será que a cerimônia em si o assustava? O casamento?

Lembrei do começo do ano, quando Alyssa ficou sabendo do noivado de Riley e perguntou a Macon sobre a ex. Lembrei da resposta séria dele. *Não existe cenário nenhum em que eu teria pensado em casar com ela*. Era fácil interpretar isso ao pé da letra, mas uma segunda interpretação também era possível. E quando o questionei sobre as namoradas do ensino médio e da faculdade, ele disse: *As duas são casadas e têm filhos, e estão vivendo vidas que eu nunca quis*. Eu sabia que ele não queria ter filhos. Mas e quanto ao casamento? Talvez, ter um pai que não queria nada com a mãe dele o tenha feito se ressentir do conceito. Talvez, como ele não cresceu com esse exemplo

— quando Bonnie se casou, ela saiu da cidade —, não enxergasse o valor da união. Também lembrei da sua reação naquele terrível casamento no cartório. *Por que se dar ao trabalho?*

Seriam casos individuais ou posições claras quanto ao assunto? Era estranho, depois de todos aqueles anos, eu não fazer ideia do que ele achava do matrimônio.

Enquanto eu me contorcia ao lado dele, outro pensamento infeliz — e severamente tardio — me ocorreu: eu não tinha como dirigir até Orlando para o casamento.

— Merda — sussurrei.

Macon ficou tenso, e eu o ouvi largar o livro.

— O que foi?

Me virei e falei o que me preocupava.

— Você pode pegar o meu carro emprestado. — Ele sorriu, relaxando com a solução fácil, grato por ser útil outra vez. — Eu uso sua bicicleta.

— Cancelei meu seguro, lembra?

O sorriso sumiu. Qualquer coisa relacionada a veículos caía na categoria de coisas com as quais ele não queria arriscar. Ele ficou pensando por um momento.

— E o Cory?

Era absurdo ouvir aquele nome sair da boca dele naquela cama.

— O que tem ele? Ele não vai ao casamento.

— Mas ele vai visitar a família no Natal, não? Acha que ele te daria uma carona?

Era uma ideia inteligente. E generosa, um ato de confiança e amor. Me aproximei — beijei seu braço, seu ombro, seu rosto, envolvendo suas costas com os braços, subi no seu colo, querendo tocar e segurar cada parte dele, sem conseguir ter o suficiente.

Acontece que Cory *ia* para a Flórida e topou me dar uma carona de volta a Ridgetop, mas, se eu fosse com ele, não chegaria a tempo dos preparativos necessários para o casamento. Macon estava tentando me convencer a deixá-lo pagar pela cara passagem de avião para Orlando quando minha irmã salvou o dia.

— A gente te leva — disse Riley. Ela morava em Atlanta, a duas horas e meia de distância de Ridgetop. Ela e Jess se ofereceram para dirigir até o norte para vir me buscar, e então faríamos juntas a longa viagem até Orlando.

— Vocês não têm tempo pra isso — falei. Jess teria acabado de chegar da Turquia e as coisas seriam bem corridas.

— Queremos ver sua livraria — disse Riley, e seu tom ficou sombrio. — E quero conhecer esse novo carinha aí com quem você juntou as escovas.

— Te falei que ele não é exatamente *novo*.

Ela criticou:

— Então por que ele não vai ao casamento?

Quando contei que tinha me mudado para a casa dele, Riley ficou mais feliz por mim que nossos pais, mas também demonstrou muita preocupação. No lugar dela, eu também teria ficado desconfiada. Decidi não comentar com Macon porque não queria lhe dar mais razões para ficar ansioso com a visita delas. Ele já se sentia culpado por não ir ao casamento. Riley e Jess chegariam no domingo, ficariam conosco na segunda, e então eu partiria com elas bem cedo na terça. Macon e eu pegamos emprestado um colchão inflável com Alyssa e o colocamos no escritório dele. Então franzimos a testa, preocupados, para o objeto cheio de ar.

— Onde seus hóspedes ficavam? — perguntei.

— No mesmo lugar onde você ficou da primeira vez: no sofá.

— E a Bonnie?

Lembrando do sofá, fiquei ofendida em nome da Bonnie.

— Ela ficava com a minha mãe. Só ofereci a cama pra você.

Derreti.

No domingo, corri para casa depois do trabalho para ajudá-lo. Como a linguagem do amor de Macon era comida, fazia horas que ele estava preparando o jantar: ravióli de abóbora com molho bechamel e sálvia, salada de alface americana e endívia, batatinhas amassadas com alho e pudim de caramelo para sobremesa. Ainda estávamos cozinhando quando as convidadas chegaram. Jess colocou as bolsas no chão e me abraçou.

— Olhaaaaa, este lugar parece saído de um livro! — Ela gritou por sobre o meu ombro para Macon, que estava na cozinha: — O cheiro está ótimo!

Eu sempre me esquecia que a Jess era barulhenta, mas eu amava a energia cálida

dela. Seu corpo era forte, e a presença dela era gigantesca. Seu cabelo estava solto, mas em dias de jogo ela o prendia em um coque alto e apertado de quem tinha um trabalho sério a fazer. Ela tinha uma expressão severa e caracteristicamente intimidadora, confiante em seu status de elite na quadra. Mas fora da quadra ela era uma bobalhona energética.

Riley estava como sempre: uma versão mais jovem, mais durona e protetora de mim. Seu cabelo estava curto e com um corte estiloso; desde que começara a namorar Jess, seu corpo tinha ficado mais atlético, o que combinava com ela. Nos abraçamos com força. Dezoito meses tinham se passado desde a última vez, quando Cory e eu fomos até Atlanta para ver um jogo. Fazia tempo demais, e muita coisa tinha mudado.

Macon entrou na sala, nervoso, embora menos do que previ. Ele estava com aquela expressão profissional, mascarando a maior parte do que sentia. Mas agora que eu reconhecia a timidez dele, era mais fácil reparar. Jess se apresentou animadamente e apertou sua mão. Ele olhou para baixo, surpreso, e escondi um sorriso. A aspereza das mãos dela também me assustou da primeira vez. Temi que ela o cansasse, mas já que a cordialidade era autêntica, ele respondeu com gentileza, relaxando um pouco. O desafio era minha irmã.

— Que bom enfim te conhecer — disse ele. — Faz anos que ouço histórias sobre você.

Riley foi educada, mas reservada, agradecendo-o por recebê-las.

Mostrei a casa para as duas, contando tudo o que tínhamos feito e planejávamos fazer, para que Macon pudesse terminar de cozinhar sem distrações, tendo um momento para se recompor. Elas ficaram impressionadas, o que foi gratificante, e Jess suspirou com inveja.

— Vamos levar anos pra criar raízes assim — disse ela, lançando um olhar de desculpas na direção da minha irmã. Fora da temporada, ela costumava jogar no exterior. Além disso, sempre havia a possibilidade de trocar de time e ir jogar em outra cidade.

Mas Riley apenas disse:

— Temos o resto da vida pra criar raízes. — E vi que aquela era uma tranquilização recorrente. Enquanto ela estendia a mão para a noiva, o anel de noivado de Riley brilhou.

Criar raízes, dissera Jess. Eu sentia que tinha criado raízes, ou pelo menos sentia que *criaria* quando tivesse tempo de me acomodar. Mas ainda não pensava na casa dele como nosso lar, porque não era. Ela pertencia a Macon. Essa sensação inquietante abriu de novo uma rachadura na minha fachada e se infiltrou em mim. Agarrei-a pela cauda e a puxei para fora.

Macon anunciou que o jantar estava pronto, e o ajudamos a levar os pratos para a mesa e a servir o vinho. Nosso pequeno banquete tinha cara e aroma de festa, o que combinava com a estação. Erguemos nossas taças, brindamos em nome das noivas e comemos.

— Meu Deus do céu — disse Jess. — Este ravióli é caseiro?

— Macon faz tudo do zero — me gabei. — E os vegetais e temperos são do jardim dele.

— Sem querer falar do seu ex, Iggy — disse minha irmã, começando a relaxar e ser ela mesma —, mas isto aqui é bem melhor do que as refeições que eu fazia com você e Cory.

— *Riley* — falamos Jess e eu em uníssono.

Mas Macon riu, sem se importar com a comparação.

— Comemos muita pizza congelada — disse Riley.

— Quem você acha que andou alimentando sua irmã de vegetais durante todos esses anos? — disse Macon, e eles brindaram.

— Não tem nada de errado com pizza congelada — disse Jess.

— Obrigada — falei. — Na verdade, não sei por que de repente estamos defendendo pizzas congeladas.

Todos riram, e conduzi a conversa para o casamento, porque era disso que elas sempre queriam falar. O jantar foi agradável. Depois das apresentações sérias, fiquei aliviada de ver que Riley estava deixando suas hesitações de lado para dar uma chance de verdade a Macon. Eu não sabia o que esperar, pois nunca tinha apresentado minha

família a ninguém além de Cory.

Na cama, aquela noite, Macon disse:

— Sua irmã te chama de Iggy.

Eu sabia para onde essa conversa estava indo. O fantasma se materializou de novo no quarto.

— Achei que só Cory fazia isso — disse ele.

— Ele aprendeu com ela.

Meio minuto depois, Macon disse:

— Devo te chamar de Iggy?

Abaixei o livro e olhei para ele, surpresa.

— É assim que… seus entes queridos te chamam?

A incerteza dele soava doce, e pensei na resposta.

— Um dia, foi assim. Mas sou Ingrid há mais tempo, e você é o meu ente *mais* querido.

Ele ergueu as sobrancelhas de leve. Afinal de contas, fazia apenas algumas semanas que estávamos juntos.

— Mais querido?

Também fazia anos.

— Mais.

Ele ficou refletindo por vários minutos, então confessou:

— Você é a minha mais querida também.

O colchão inflável foi um desastre, e Riley e Jess saíram do escritório de Macon de mau humor. Ficaram se esbarrando a noite inteira e acordaram com o colchão totalmente murcho. Pedimos desculpas e culpamos Alyssa injustamente.

— Vamos dar um jeito hoje à noite — prometi, enquanto Macon empurrava pilhas conciliatórias de waffles de mirtilo e ovos mexidos bem fofos para elas.

— É bom mesmo — disse Jess, nos dando um vislumbre de sua intimidadora faceta de jogadora. — Senão você é que vai levar nossos traseiros doloridos até

Orlando.

— Acabei de perceber que vocês não decoraram a casa — disse Riley, olhando ao redor, irritada.

Sabendo o quanto elas amavam o Natal, me senti mal por não ter enfeitado antes da chegada delas.

— Falamos disso, mas com a livraria, a mudança e a sala em reforma e a minha viagem, o esforço não ia valer a pena.

— Você *sempre* decorava seu apartamento — disse ela.

Parecia que ela estava sugerindo que aquela não era minha casa.

— Sim, e não faço ideia de onde estão os enfeites. — Tentei não ficar na defensiva. — Em algum lugar entre a caixinha de areia e todos os meus livros.

— Você não costuma ter árvore de Natal? — Jess perguntou para Macon.

— Hã, não nos últimos anos. Mas estou ansioso pra comprar uma ano que vem — adicionou ele, com um olhar agitado, mas sincero, para mim.

Era fácil nos imaginar pendurando ornamentos e ouvindo canções natalinas, e meu coração doeu de vontade. A exaustão do ano estava chegando aos meus ossos. Trabalhar tanto assim tinha, paradoxalmente, me dado *mais* energia — aquela energia de seguir em frente —, mas agora que eu estava sendo forçada a tirar nove dias de folga para o casamento, me perguntei como eu conseguiria dar conta. Como a loja sobreviveria sem mim? Até agora, eu só tinha tirado um dia de folga depois que Macon e eu nos tornamos um casal, fora o Dia de Ação de Graças. Fiquei enjoada só de pensar em estar ausente durante uma semana tão crucial de vendas. Macon tinha até se voluntariado para trabalhar na livraria na semana seguinte, e Bex também faria alguns turnos. Estávamos perto de bater a meta de vendas, mas não fora da zona de perigo ainda. Eu sentia que estava abandonando a livraria quando ela mais precisava de mim. Como se, de alguma forma, minha ausência fizesse menos clientes aparecerem. Não fazia sentido, mas me incomodava assim mesmo. Eu já tinha feito Mika me prometer que me mandaria atualizações diárias.

Por sorte, o café da manhã majestoso melhorou o humor de Riley e Jess, e depois de nos revezarmos no banheiro, fomos a pé até a *Bildungsroman*. Os galhos estavam

secos, e o ar, gélido. Macon e eu tínhamos plantado repolhos ornamentais e couve com flores nos vasos do lado de fora, e a vitrine brilhava com sua decoração festiva. Elas posaram animadas para um montão de fotos. Jess postou as melhores nas redes sociais com mais de um milhão de seguidores, muitos deles na nossa região. Eu não sabia ao certo qual era a relação entre basquete e livros, mas era nossa menção de maior destaque até então, e fiquei grata por isso.

Riley ficou maravilhada com o interior da loja. Como a opinião dela só contava menos que a de Macon, fiquei exultante com sua aprovação. E minha equipe ficou feliz de conhecer Jess, admirando sua tatuagem dos anéis olímpicos e ouvindo suas histórias, o que deixou Riley ainda mais orgulhosa.

Depois, ela e Jess exploraram o centro e almoçaram em uma sidraria enquanto eu voltei para casa para fazer as malas. Macon e Edmond me fizeram companhia.

— Uma semana é tempo demais — falei, toda carente e grudenta.

— Pelo menos o casamento vai te manter ocupada — disse ele. — Com sorte, o tempo vai passar rápido.

Era uma heroica tentativa de manter o otimismo, principalmente considerando a fonte, mas Macon estava deitado na cama, igualmente moroso. Me perguntei se devia tentar convencê-lo a ir comigo, mas me parecia cruel forçá-lo a enfrentar uma situação que ia deixá-lo infeliz.

Mostrei meu vestido vermelho antes de guardá-lo na mala.

Macon grunhiu para o teto.

— Ninguém vai apreciar esse vestido do jeito que eu aprecio.

A angústia dele fez eu me sentir um pouquinho melhor.

— Espero que não.

De repente, ele se sentou.

— Esqueci de agradecer sua irmã.

— Pelo quê? — perguntei, surpresa.

— Por esse vestido.

Dei risada, mas ele ficou melancólico de novo e se jogou na cama.

— Nunca vou esquecer de você atravessando a multidão e vindo até mim. Você

parecia um farol vermelho.

Me deitei ao lado dele. Edmond desceu da cama. Nos aconchegamos, entrelaçamos os dedos, e ficamos ali em silêncio por vários minutos.

— Eu vou voltar logo — sussurrei.

— Você acabou de chegar e já está indo embora.

Não era uma acusação. Era a verbalização da mesma tristeza insuportável que me sufocava.

— Nem desfiz as malas e já estou fazendo de novo.

Ele me cutucou de uma maneira que dizia *sim* e também *essa foi boa*.

Estávamos cansados. Adormecemos juntos e acordamos assustados com a voz de Jess.

— *Oun* — disse ela, sorrindo para nós da porta.

Me levantei de uma vez com o coração acelerado, no pânico desorientado que às vezes surge depois de uma soneca não planejada.

— Preciso fazer a mala!

Macon me puxou de volta para a cama e para os seus braços.

— Não vou deixar você sair daqui ainda. Vou te ajudar a terminar a mala esta noite. — Ele selou a promessa com um beijo na minha testa. Foi tão reconfortante ser mimada desse jeito que quase me esqueci de Jess. Então percebi que minha irmã estava atrás dela, nos analisando.

Fiquei surpresa por Macon não ter ficado tímido na frente delas; eu ainda não sabia quais eram seus limites. Fiquei feliz por ele estar confortável em demonstrar afeto diante de outras pessoas. Me aconcheguei em seu abraço e desejei que ele não me soltasse nunca.

Depois do jantar — torta de grão-de-bico com tomilho fresco e crosta de massa trançada —, enchemos duas garrafas térmicas com chocolate quente com hortelã para compartilhar (porque não tínhamos quatro), sintonizamos a estação de rádio natalina e dirigimos até o Lago de Cardo. Em uma das ruas atrás do lago, havia um trecho de

casas extravagantes e espetacularmente decoradas. O tráfego estava lento, e Riley e Jess abaixaram as janelas e exigiram que Macon aumentasse o volume. Passamos pela rua iluminada três vezes, enquanto minha irmã e a noiva cantavam a plenos pulmões e se deliciavam com os gramados abarrotado de decorações de Natal vintage, uma roda-gigante cheia de ursinhos de pelúcia com chapeuzinhos de Papai Noel e um telhado coberto com uma elaborada camada de biscoito de gengibre com pingentes de açúcar em forma de arco-íris. Eu me juntei a elas em algumas das músicas, e Macon riu o tempo todo, envergonhado, mas feliz.

— Cara — disse Jess enquanto voltávamos. — Senti falta disso quando estava em Istambul.

— Sentiu falta da breguice americana? — perguntou Macon.

— *Sim*. Eu adoro.

— Vocês vão passar a lua de mel na Disney depois que as festas acabarem, certo? — perguntou ele.

Jess riu.

— Eu percebo o julgamento na sua voz.

— Juro que falei com minha voz normal.

— *Você* já foi à Disney? — Riley perguntou para ele.

Macon sorriu, pois sabia que era um teste. Minha família não saía muito da Flórida quando eu era criança, mas tínhamos passado bastante tempo nos parques temáticos perto da nossa casa. Eu não era fanática como Riley e Jess, mas gostava de lá, e Macon sabia disso.

— Uma vez — disse ele. — Minha tia me levou quando eu tinha sete, talvez oito anos.

— Estou imaginando você pequeninho e mal-humorado com orelhinhas de Mickey, e é uma imagem adorável — falei.

— Eu me diverti — disse ele.

— Temos que te levar lá de novo — disse Jess. — Quando você for nos visitar, vamos todos.

Nunca tinha pensado em perguntar para Macon se ele iria a um parque temático

com a minha família. Era quase impossível imaginá-lo em cima de um elefante voador.

— Você *consideraria* ir? — perguntei.

Ele inclinou a cabeça enquanto pensava.

— Eu estaria aberto a ir com vocês.

Aberto! Ele disse isso mesmo. Enquanto Riley e Jess riam, meu coração se encheu, e eu queria devorá-lo de tanto que o amava.

Macon franziu a testa.

— Nada de orelhas.

— Eu jamais te obrigaria a fazer isso — prometi.

Macon e eu cedemos a cama para Riley e Jess porque tínhamos esquecido de resolver a questão do colchão inflável, e eu acreditava que minha irmã poderia me matar se não descansasse direito antes da viagem. Além disso, me senti culpada por oferecer um colchão inflável para uma atleta profissional cujo sustento dependia de cuidar do próprio corpo. Enquanto íamos lentamente para o escritório na escuridão total, concordamos que deveríamos transformar o quarto de Edmond em um quarto de hóspedes antes da visita dos meus pais.

— Vamos ter que comprar uma cama — falei, infeliz. — Colchões são tão caros.

— Eu cuido disso.

— Não, eu cuido. Vou dar um jeito de pagar metade.

— Ingrid.

— Vou dar um jeito.

— Por favor, quer me deixar fazer isso por você? Pra gente?

O colchão inflável atingiu um novo nível de murcho, e nossos corpos rolaram um contra o outro. Enquanto nos afastávamos, ele acidentalmente roçou no meu rosto e sentiu minhas lágrimas.

— Ai, meu Deus — Macon disse, ansioso. — Tudo bem se você não quiser que eu compre. Pode pagar metade. Não conversamos sobre as nossas finanças ainda…

— Não é isso — falei.

— Não é?

— Não é *só* isso.

— O que foi?

Funguei.

— Odeio chorar na sua frente agora.

— *Por quê?*

— Porque já chorei tanto na sua frente este ano. E por conta da sua mãe. Você não precisa de mais…

— Por favor, deixe ela fora disso. Juro que não é a mesma coisa. Quero que você possa chorar diante de mim. O que aconteceu?

— É só que… vou sentir saudade de você. Não quero ir.

Embora já estivéssemos abraçados, ele me trouxe ainda mais para perto. Enterrou o rosto no meu cabelo, inspirou e suspirou.

— Manga cítrica. — Então praguejou, ajeitando as costas no chão. — Vou sentir saudades também, mas vou estar bem aqui quando você voltar.

— Não *bem* aqui, espero.

Macon deu risada e beijou a lateral do meu pescoço.

— Mesmo triste, você é engraçada.

— Estou muito triste.

Ele beijou minha garganta. Meus lábios.

— Muito triste — repeti, menos tristemente.

Retribuí o beijo e senti seu sorriso contra mim. Nossas mãos vaguearam. Nossas bocas também. Descemos do barulhento colchão inflável. O piso de madeira estava frio, então nossas camisas e meias permaneceram. Na escuridão, as mãos deles encontraram meus quadris, nos guiando. Ele se empurrou para dentro de mim e reprimiu um gemido. Mordi sua boca para silenciá-lo ainda mais. Ele se enfiou mais fundo e mordi meu lábio. Me movi devagar, sem pressa. Nos agarramos um ao outro,

procurando posições mais confortáveis, roçando e rebolando, nos prometendo que não havia motivo para pressa.

Fiquei chorosa de novo pela manhã, e nosso beijo de despedida foi molhado. Não conseguia entender por que estava tão chateada com uma simples semana de separação. Tentei me manter otimista no carro pensando no bem de Riley e Jess, fingindo que só estava preocupada em deixar a livraria. Eu não queria estragar a festa delas. Além disso, sabia muito bem que, logo depois do casamento, Jess viajaria de novo para fora do país enquanto eu voltaria para Macon. Meu mau humor seria indelicado.

Fazia pouco tempo que estávamos na estrada quando Riley se virou no banco do passageiro para me interrogar.

— E aí, quando você vai comprar outro carro?

— Não sei se vou comprar outro carro — falei, surpreendendo a mim mesma. — Talvez a gente arranje outra bicicleta elétrica e divida o carro dele. — Não tínhamos falado disso, mas Macon amava minha bicicleta, e a ideia fazia sentido financeiramente e para o meio ambiente. A casa dele ficava pertinho da livraria. — Ele pode me colocar no seguro do carro dele, certo?

Jess me olhou pelo retrovisor.

— Você e Cory nunca estiveram no seguro um do outro?

— Não, tínhamos nossos próprios carros. Não precisávamos disso.

— Nós estamos no mesmo seguro — disse Riley, apontando para Jess.

— Sim, mas vocês vão se casar — falei.

Riley deu de ombros.

— Faz uns anos que fizemos isso.

Senti que tinha caído em uma armadilha, mas ainda não sabia bem o que era. Riley explicou com a próxima pergunta:

— Você acha que vai se casar com Macon?

Fiquei boquiaberta com a audácia dela, então balancei a cabeça e soltei uma risada

entrecortada.

— Isso é um não? — perguntou Riley.

Desviei o olhar.

— Não.

— Então é um sim?

— Faz seis semanas que estamos juntos. Não conversamos sobre isso.

— Mas vocês estão morando juntos.

— Sim, porque nos conhecemos há anos. — Quantas vezes eu tinha que repetir isso?

— O Macon quer se casar um dia?

— Como eu disse — minha voz ficou tensa —, não conversamos sobre isso.

— Mas você sabe o que ele acha de casamento? Ele quer se casar *um dia*?

Não existe cenário nenhum em que eu teria pensado em casar com ela.

As duas são casadas e têm filhos, e estão vivendo vidas que eu nunca quis.

Por que se dar ao trabalho?

O banco de trás ficou quente.

— Não sei.

— *Você* quer se casar um dia?

O banco pegou fogo.

— Não sei.

— Talvez seja melhor a gente falar de outra coisa — disse Jess, enfim nos interrompendo.

— Não, é importante. — Riley retirou os óculos escuros para mostrar que falava sério. — Você se mudou pra casa de um cara sem nem conversar sobre o futuro. Ele teve várias namoradas sérias e não se casou com nenhuma. E se nenhum de vocês quiser se casar, tudo bem! Mas e se um quiser e o outro não… Iggy. Aquela não é a sua casa.

— Eu sei! — gritei.

A voz da minha irmã falhou e suavizou.

— É só que eu não quero que mais onze anos se passem sem que você resolva isso,

porque *você* que teria que partir. Você recomeçaria do zero.

Eu estava atordoada. Me sentia atacada. Não sabia o que dizer.

— Escute, gostei dele — disse ela com doçura. — Ele é gentil e respeitoso, te ajudou muito com a livraria e todo o resto este ano, deixou você pintar a casa dele com *suas* cores favoritas, e ele te olha como…

— Como se você fosse a única pessoa na sala — disse Jess.

— Exatamente — disse Riley. — A amizade de vocês me lembra do que você teve com Cory, mas seus interesses parecem bem mais compatíveis. O Macon parece ser do tipo que prefere ficar em casa.

— *Eu* prefiro ficar em casa.

— Eu sei. É disso que estou falando. — Eu não disse mais nada, e a postura de Riley murchou e ela colocou os óculos de volta. — Não sei bem o que vocês estão fazendo. Tenho certeza de que está tudo bem. Só… pense em conversar com ele sobre isso antes de se livrar de todas aquelas caixas.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

O sentimento incômodo voltou — serpenteando ao redor da dor da saudade de Macon, serpenteando ao redor dos meus medos quanto à livraria e minhas contas bancárias — enquanto o carro descia as montanhas para longe de Ridgetop. Pensei que enfim estava sobre uma rocha sólida, mas e se aquilo fosse apenas uma camada superficial — tão brilhante quanto mica, mas igualmente fina e frágil? E se minha vida desmoronasse outra vez? E se eu caísse?

Não. Eu o amava e ele me amava. Rocha sólida.

Mas e se ele nunca quisesse se casar? Eu ficaria bem com isso?

E se ele *quisesse* se casar comigo? Eu ficaria bem com *isso*?

Ai, meu Deus.

Sim.

Eu queria me casar com ele.

Não era uma pergunta como foi com Cory. Era uma resposta.

Eu queria me casar com Macon e viver no seu chalé de pedras para sempre e ajudar a cuidar da mãe dele e ver seu jardim florir e ver minha livraria ser um sucesso e levá-lo para a Disney com a minha família e me deleitar com suas reações exasperadas à monocultura corporativa. Eu queria envelhecer com ele e criar um monte de gatos. Eu

queria beijá-lo quando nosso cabelo ficasse ralo e nossa pele caída e nossos joelhos parassem de funcionar e nós dois esquecêssemos a palavra para "azul". Eu queria morrer ao lado dele na cama algum dia, dali muitas décadas, enquanto dormíamos de mãos dadas. Eu queria ser enterrada ao lado dele e ter nossos nomes esculpidos em uma única lápide para que todo mundo que topasse com a gente pelo resto da eternidade soubesse que pertencíamos um ao outro.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Estar no meio dos preparativos para o casamento não ajudou com a minha ansiedade. E as tarefas não me mantiveram tão ocupada quanto pensei. Riley e nossa mãe já tinham toda a operação organizada e fluindo bem. Eu não deveria estar na Flórida tão cedo. Deveria estar com Macon e minha livraria. Enchi tanto o saco de Mika pedindo o número das vendas que ela me mandou parar porque eu estava estressando todo mundo. E eu não podia perguntar para Macon o que ele pensava sobre casamento porque essa era uma conversa que precisávamos ter pessoalmente. Eu sabia que ele me amava. Sabia que ele queria ficar comigo. Mas não fazia ideia do que ele achava do conceito de *para sempre*.

Havia sinais que me davam esperança. Depois de três dias separados, eu o convenci a fazer uma chamada de vídeo pela primeira vez. O semblante dele mudou ao me ver, e ele tocou a tela.

— Viu? — falei. — A tecnologia não é tão ruim assim.

— Eu odeio a tecnologia com a intolerância feroz de mil inimigos dos livros, mas meu amor por você é mais forte.

Dei risada e toquei a tela também.

Ele me pediu selfies, e eu as enviei — mas só se ele também mandasse algumas. O álbum de Macon no meu celular crescia. Eu olhava para o rosto dele toda vez que ficava sozinha.

Minha família chegou na cidade, e depois a família da Jess, seguida por um mar de jovens robustas em recesso de fim de ano e um repórter e um fotógrafo da revista *People*. Mais de duzentos convidados apareceram, provando que as preocupações da minha mãe de que ninguém iria a um casamento no Natal eram infundadas. Eu era a

dama de honra mais baixa por vários centímetros. O local iluminado por velas estava tomado de poinsétias, frutas vermelhas e galhos de pinheiro, e as noivas estavam de vestido branco com tênis Air Jordan da mesma cor. Chorei quando elas deram as mãos e caminharam juntas até o altar, chorei quando leram seus votos e chorei quando se beijaram.

A recepção foi uma loucura. Uma festa cheia de atletas era bem diferente de uma festa cheia de pessoas que amavam livros. Elas não tinham medo de dançar comigo, e dançamos a noite toda.

O dia seguinte era véspera de Natal. Quando acordei, mandei para Macon uma foto de mim ainda com o vestido vermelho, pois tinha dormido assim, e ele me ligou imediatamente.

— Se precisar de ajuda com o zíper, chego aí em nove horas.

— O casamento foi a cara delas e muito divertido — falei. — Estou morta.

A expressão dele murchou.

— Desculpe.

— Pelo quê?

— Tomei a decisão errada. Eu devia ter ido.

— Você teve que tomar a decisão às pressas. A gente tinha acabado de começar a namorar — falei, mas meu coração doeu, porque eu também queria que ele estivesse ali.

Macon ainda parecia chateado.

— Se te faz se sentir melhor, você teria odiado a festa — falei.

— Gosto da sua irmã. Gosto da Jess.

A sinceridade séria dele me fez sorrir.

— Elas também gostam de você. E você vai ter bastante tempo pra ficar com elas no futuro.

Riley e Jess aproveitaram os últimos dois dias juntas para visitar a família, sem jamais se separarem. Pensei em como seria comigo e com Macon: teríamos mandado todo mundo dar o fora, dizendo que a festa tinha acabado. Mas elas brilhavam de felicidade. Passaram a véspera de Natal conosco e o Natal no hotel onde a família de

Jess estava. Fiquei sozinha com meus pais.

— Que bom que não temos que te dividir com a família de Cory este ano — disse minha mãe, me abraçando.

— *Rá* — falei.

— Quem sabe você não traz Macon no ano que vem?

Então me dei conta de que eu *queria* passar o próximo Natal em casa — em Ridgetop.

O irmão mais velho de Cory tinha parado de ir aos Natais da família deles depois que a esposa deu à luz o primeiro filho, e Cory e eu tínhamos acreditado que era assim que as coisas funcionavam. Que devíamos passar as festas de fim de ano com as próprias famílias, a não ser que tivéssemos a nossa. Não era necessariamente ruim, mas excluía os casais que não queriam ter filhos, mas desejavam criar as próprias tradições longe de seus pais e irmãos. De repente, ficou claro que eu me sentia assim havia anos, que eu tinha sido acorrentada a uma tradição que não fazia mais sentido. Eu não queria estar ali.

Isso explicava por que fiquei tão mal de fazer essa viagem. Não se tratava apenas de deixar Macon e a livraria para trás, mas de deixar *minha família* e *meu lar* para trás durante as festas de fim de ano.

Tentei mostrar aos meus pais o que eu estava perdendo. Macon estava na casa da mãe, então fizemos uma videochamada com eles. Todo mundo estava desconfortável e polido demais, mas foi bom. Eu esperava estar do outro lado da tela no ano seguinte.

Enfim chegou a hora de ir embora. Foi surreal ver o carro de Cory parar diante da casa dos meus pais, como ele fez tantas vezes antes. Ele saiu para cumprimentá-los, e foi esquisito, mas menos do que imaginei que seria. Em vez dos abraços costumeiros, ele acenou para a minha mãe e apertou a mão do meu pai. Perguntou sobre o casamento, riu das piadas deles e demonstrou entusiasmo pelas fotos que minha mãe lhe mostrou no celular.

Então Cory os deliciou com uma história, dizendo que seu irmão do meio o empurrou para o tronco de uma palmeira e acidentalmente o machucou segundos antes da foto anual de família. Ele tirou os óculos para mostrar o estrago e então compartilhou a foto com todos, para a descrença educada dos meus pais. Nela, o rosto de Cory estava digno de uma cena de crime, e todos estavam rindo, principalmente a mãe dele. Eu gostava da família de Cory, mas fiquei aliviada por não ter que futuramente morar com nenhum deles. Me perguntei se o pacato Macon e sua pacata mãe (eu não precisava revelar a agorafobia ainda) tinham subido no conceito dos meus pais.

— Que bom que vocês ainda são amigos — minha mãe disse para nós, e o desconforto voltou.

Nos despedimos, e ele carregou minha mala para o carro. Não precisava mais fazer isso, mas duvidei que tivesse feito só porque meus pais estavam ali. Ele era assim e pronto. O cheiro do carro dele era estranho, familiar e mesmo assim evocando um passado que já parecia bem distante. Meus pais nos observavam, então ficamos tensos até sairmos de vista.

Cory suspirou.

— Meu Deus. Foi estranho, não foi?

O som da risada dele me fez relaxar.

— *Muito* estranho.

— Eu não sabia se eles iam querer falar comigo.

— Claro que iam querer. Eles sempre gostaram de você.

— Seu pai estava mais estranho que sua mãe. Acho que ele não estava animado em me ver.

— Acho que ele estava confuso e não sabia como agir. Obrigada por me dar carona. Sei que é esquisito — de novo essa palavra —, mas agradeço.

— Fico feliz pela companhia. O que aconteceu com o seu carro? O motor enfim morreu?

— Sim. Estou sem carro desde o verão, o que não é um problema, já que moro bem perto da livraria.

— E o resto? As compras e saídas? Está pegando carona?

— Ah, não. Meu… — Me interrompi. *Meu namorado tem carro* continha uma informação crucial que eu ainda não tinha contado a ele. Não teria importância se o namorado fosse outra pessoa que não Macon.

Mas Cory entendeu. O sorriso dele se espalhou para a voz.

— Seu *o quê?*

— Meu namorado tem carro.

Cory gritou e buzinou com empolgação.

Afastei as mãos dele dali.

— Tá bom, tá bom.

— Qual o nome dele e como vocês se conheceram? — Ele me olhou e viu minha relutância. — Ai, meu Deus. Vai ser bom, não vai? Por favor, me diga que é constrangedor.

— Não é não, é só que… — Engoli em seco. — É o Macon.

A alegria sumiu do rosto dele. Enquanto processava a informação, sua expressão se tornou incrédula antes de se transformar de novo em presunção.

— Eu sabia. Sabia, porra!

— Tá. — Rangi os dentes. — Calma.

— Caramba. O Macon.

— Você nunca gostou dele.

Cory riu, ultrajado, mas também parecia achar a situação hilária.

— Sim, porque ele claramente tinha uma queda por você. E você claramente gostava dele!

— Ele era meu amigo! Sempre fomos amigos.

— Ah, sei. — Ele balançou a cabeça, me acusando de brincadeira. — A forma como você falava dele… Eu percebi. Eu sabia.

— Bem, *eu* não sabia.

Ele riu de novo e gritou:

— Como é que você não sabia?

Dei de ombros, inocente. Era verdade que eu não sabia. Mas também meio que

sabia, e não parecia gentil admitir essa parte.

— Caralho — disse Cory. — Macon Nowakowski.

Sorri, satisfeita em deixá-lo perplexo de novo.

— Estamos morando juntos.

— *O quê?* Desde quando?

— Faz algumas semanas.

— Quando vocês ficaram? No inverno, quando a gente…? — Ele fez uma careta. — Esquece. É estranho! Não sei se quero saber.

— Não — falei. — Aconteceu só mês passado.

— E JÁ ESTÃO MORANDO JUNTOS?

Rimos tanto que choramos.

— Não sei como processar nada disso — disse Cory.

— Tudo bem. Também é novidade pra mim.

Ele pensou em algo.

— Espera. Ele sabe que estou te levando pra casa?

— Claro que sabe.

— E ele não está, tipo, preocupado?

Revirei os olhos.

— Não. Ele é adulto.

— Eu sei disso. Caramba. — Rimos de novo antes que ele adicionasse inocentemente: — Minha namorada também sabe que estou te levando.

— Ai, meu Deus. Você estava *esperando* pra soltar essa.

Ele bateu no volante.

— Estava mesmo!

— É a mulher do início do ano?

— É. Ela é adulta também — ele se gabou.

Não contei que eu já sabia que ela era mais velha que nós dois. Não queria que ele soubesse que eu tinha pesquisado sobre ela. Mas havia alívio e alegria em conversar com alguém que entendia, que não precisava de nenhuma explicação. Nós dois estivemos parados no tempo, nós dois tivemos um ano infernal, e agora, do outro

lado, estávamos bem. Ele me contou que tinha conhecido Holland na primeira vez em que ele saiu depois do nosso trato e que eles ficaram se encontrando o ano inteiro. Ele nunca tinha acreditado em destino. Agora acreditava. Eu tinha menos certeza quanto ao destino, mas fiquei grata ao sentir que Macon e eu tínhamos o tempo e a proximidade do nosso lado.

— Acha que vai casar com ela? — perguntei. Não era um interrogatório como o que minha irmã fizera, e ele não interpretou assim. Era mais uma continuação da nossa última conversa na lanchonete.

— Sim.

— *Cory* — falei, alegre.

— Quero dizer, ainda não. — Ele riu. — Ferrei tudo de muitas formas este ano. Ela precisa saber que sou confiável. Mas sim. Casamento, filhos. Enxergo tudo isso com ela.

— Que ótimo — falei, séria.

— E você?

Houve uma mudança no meu humor.

Cory ficou quieto.

— Desculpe, Ig. Não precisa responder.

Expliquei que queria me casar com Macon, mas temia não ser o que ele queria. Essa era uma conversa que teríamos que ter em breve, e eu estava com medo. Eu não sabia o que faria se ele me dissesse que não queria se casar, mas essa possibilidade era real.

A voz de Cory endureceu.

— Não ouse ficar adiando essa merda. Vocês precisam ter essa conversa *agora*.

— Eu sei, eu sei…

— É sério. Você precisa falar com ele. Não pode ficar evitando. Não repita o que a gente fez.

Cory estava parecendo minha irmã. Eles tinham razão, e era um sentimento horrível. Imaginar perder Macon parecia muito pior do que tinha sido perder Cory.

— Escute — disse ele, tentando impedir meu surto visível —, não sei o que ele vai

dizer. Não sei a história dele. Mas sei que ele sempre gostou de você. E aposto que teria dado um pé naquela namorada chata pra caralho pra colocar um anel no seu dedo anos atrás se eu não estivesse no caminho.

Ficamos em silêncio por um momento, e então sussurrei dramaticamente:

— Ela *era* chata, não era?

— E metida. Eu não ia querer me casar com ela.

— Você também não quis se casar comigo — observei.

— Mas quase casei, porque você é incrível.

Eu ri.

Não paramos de falar durante a viagem de nove horas, nos atualizando e contando histórias. Por acaso, Holland também tinha adotado um gato de modo inesperado aquele ano, e Cory tinha se apegado a ele. Compartilhamos fotos, e fiquei convencida por Edmond ser bem mais fofo, além de bem-comportado. Mas era estranho e mágico que apesar dos nossos caminhos terem divergido, ainda seguissem paralelos.

Começou a escurecer conforme nos aproximávamos de Ridgetop, e o ar da montanha estava tomado por… outra coisa.

NEVE, Macon me escreveu.

Fiquei chocada pelas maiúsculas.

Está nevando?!

Ainda não, mas dizem que vai nevar mais tarde.

Parece que a neve está me esperando.

Ela não é a única, disse ele, o que fez todo o meu corpo formigar.

— Vai nevar — falei para Cory, e então ele também ficou animado.

Outra mensagem chegou, dessa vez de Mika.

Já chegou?

Daqui meia hora!

Venha pra loja, disse ela. *Tenho um presente de Natal pra você.*

É NEVE?

Você ficou sabendo! (Não. É algo melhor.)

— Acho que ela quer me contar das vendas — contei para Cory, me endireitando

no assento. — Acho que batemos a meta.

— Por que ela não te mandaria uma mensagem dizendo isso?

— Não sei. Talvez ela tenha feito um bolo pra comemorar?

— Quer que eu te deixe na livraria ou na casa do Macon?

Conferi a hora.

— Na livraria. Ele tem que trabalhar até mais tarde hoje, de qualquer forma.

Avisei Macon sobre a mudança de planos e pedi para que me buscasse na *Bildungsroman*. Quando chegamos, meu estômago revirava — pelas vendas, mas também por Macon. Era incrível estar prestes a vê-lo novamente. E era assustador pensar que eu teria que confrontá-lo sobre o nosso futuro.

Cory parou e me deixou sair. Peguei a mala no bagageiro e ele ligou o pisca-alerta para sair do carro e me dar um abraço de despedida.

— Ai, meu Deus — disse ele, vendo algo por sobre o meu ombro. — *É* ele.

Me virei. Macon estava do outro lado da rua, esperando para atravessar. Usava seu casaco de lona amassado. Os cabelos estavam despenteados e a caneta do trabalho estava atrás da orelha. Estava exatamente como sempre — exceto que agora ele era meu.

Meu coração disparou.

— Quero dizer, você me disse que era ele — disse Cory. — Mas sim. Aí está ele.

Macon estava conferindo o celular e não tinha nos visto.

— *Ugh* — disse Cory.

Sorri.

— Bem, boa sorte — falou ele. — Espero que tudo dê certo pra vocês dois.

— Tem certeza?

Ele deu um sorriso travesso.

— Ei, posso não gostar do cara e ainda querer que você seja feliz. — Enquanto Macon atravessava a rua, Cory agitou o braço todo e gritou: — Deixa comigo, cara!

Macon se assustou ao nos ver.

— Bem, ela disse que ainda está apaixonada por mim, então vou levar ela pra casa.

Dei um soco na barriga dele, rindo.

— Palhaço.

— Oi, Cory — cumprimentou Macon.

Ele se aproximou, calmo e tranquilo. Corri até ele e me joguei em seus braços. Ele me abraçou com força e me beijou apaixonadamente.

— Oi — falei, olhando para ele.

— Oi — disse ele, olhando para mim. Não me soltou. Acho que ele não queria, mas também senti que fazia parte do espetáculo.

Cory riu.

— Tchau, Iggy.

— Tchau, Cory. Obrigada pela carona.

Ele entrou no carro, desligou o pisca-alerta e acelerou com uma série de buzinadas mal-educadas, mostrando o dedo do meio pela janela.

Macon ainda me segurava. Ele parecia encantado.

— Ele apoia minha escolha — falei —, mas também não gosta muito de você.

— Como alguém que esteve nessa exata posição por muitos anos, sei como ele se sente.

Sorri e o beijei de novo.

— Estava com saudade de você.

— E eu de *você*.

— O que está fazendo aqui? Não deveria estar trabalhando?

— A biblioteca fechou mais cedo — disse ele. — Neve.

Dei risada.

— Ai, meu Deus! Recebeu o e-mail cedo?

Ele também riu.

— Recebemos.

Me enterrei mais nele, inspirando seu cheiro familiar.

— Não me solte nunca mais.

— Está bem.

Ele me abraçou.

— Na verdade, está frio — falei. — Vamos entrar. Mas você não pode me soltar.

— Prometo que não vou te soltar nunca mais. — Nossos corpos se separaram e ele segurou minha mão. Com a outra, pegou minha mala. Me ajeitei para poder me segurar nele com ambas as mãos.

— Tenho novidades — disse ele em um tom que anunciava que era coisa boa. — Consegui o trabalho.

— O quê? Macon! Isso é incrível.

— Descobri semana passada, mas queria te contar pessoalmente. Começo em janeiro. Vamos trabalhar perto de novo. E podemos almoçar juntos, como você disse.

— Podemos ir até o trabalho juntos caminhando!

— Ou posso comprar uma bicicleta também. Mas pelo menos agora posso te levar quando estiver chovendo.

— Ou nevando — falei.

— Ou nevando.

Estávamos sobre o mosaico romano.

— Estou tão orgulhosa de você, quero que me conte *tudo*. Mas, primeiro, preciso me aquecer e saber o que a Mika quer.

— Sim — concordou ele.

Olhei para ele como quem dizia: *Você sabe do que se trata?*

Macon sorriu e soltou minha mala, não minha mão, para abrir a porta. O sino soou acima das nossa cabeças. Entramos na livraria, e minha equipe comemorou.

— Aí está ela! — Mika correu até nós e me abraçou. Ela riu, já que Macon e eu não nos soltamos.

— A loja está linda — falei. Eu estava feliz demais por estar de volta.

Todo mundo me encarava com expectativa.

— O que foi? — falei e, por um breve momento, pensei que Macon estava prestes a me pedir em casamento. Mesmo que ele não soubesse da discussão que eu vinha tendo na minha cabeça durante aquela última semana. Mesmo que fazer um pedido público não fosse o estilo dele.

Mas então ouvi: um pulso ritmado, profundo e imponente.

Meus olhos brilharam.

— É o que acho que é?

Mika pegou minha mão livre, e ela e Macon me conduziram para o canto em que o relógio de coluna fora colocado.

— Mas… é demais. A Carla não quer ficar com ele?

— Ela me ligou semana passada. Disse que nossa loja estava linda, mas que o som estava errado. — Mika sorria e também não me soltou. —*Além disso*, ela disse que o relógio seria barulhento demais na casa nova. Macon o buscou e o trouxe para cá faz alguns dias.

Apertei a mão dele — essa era outra boa surpresa que ele escondeu de mim — enquanto exclamava:

— Ela encontrou uma casa!

— Sim — disse Mika. — Parece que você vai ter que ajudar com a mudança mês que vem.

Soltei uma risada com um grunhido.

— Vai demorar um longo tempo até eu ter outro dia de folga, né?

— Você acabou de tirar *nove* dias — disse ela. — É a minha vez.

— Você não falou pra ela olhar de perto — falou Stephen, e todos se reuniram.

— Ah! — disse Mika. — Olhe mais de perto.

Eu já estava olhando, e arfei. Havia um cartão aninhado em uma ranhura do relógio. Com um grande número escrito nele.

— Por favor, me digam que é o que acho que é.

— É o que você acha que é.

Arfei de novo.

— Conseguimos.

— Conseguimos.

— Tipo, foi por pouco — falei, rindo e pegando o cartão.

Ela riu e se emocionou também.

— Por pouco vale. Ainda estamos abertos.

Macon apertou minha mão e a soltou, permitindo que Mika e eu nos abraçássemos direito. E então Stephen, Jo e Amelia Louisa se juntaram a nós. Comemoramos e

gritamos e celebramos, e então, depois de agradecê-los sem parar, eu os mandei vazarem dali. Ainda não era hora de fechar, mas a loja estava vazia. Ridgetop estava pronta para a neve.

Levei o cartão para o escritório, o centralizei na mesa e tirei uma foto para Kat.

AHHHHHHHHHHH, ela respondeu, junto com uma selfie em júbilo.

Abracei meu celular como se a abraçasse.

— Você precisa emoldurar o cartão e pendurá-lo ao lado do Len e da Mary — disse Macon. — Eles ficariam orgulhosos de você. *Eu* estou orgulhoso de você. Você trabalhou muito duro por isso.

— Eu estou orgulhosa de *você*. Olha só a gente nos nossos novos trabalhos.

— Olha só a gente — disse ele, encontrando os meus olhos.

Meu corpo se encheu de desejo renovado pelo nosso tempo separados, e nos beijamos de novo até que ele quase se transformou em outra coisa. Mas nós dois queríamos ir para casa antes da neve. Ele me ajudou a fechar os caixas, guardar o dinheiro e apagar as luzes. O relógio de coluna tiquetaqueava seu ritmo constante na escuridão.

Chegou a hora, ele me dizia. *Chegou a hora*.

Macon pegou minha mala de novo e a levou até a porta da frente. Minhas mãos tremiam. Ele abriu a porta para mim e o sino soou.

— Estacionei na outra rua — disse, enquanto eu me abaixava para passar sob seu braço. Ele riu da minha estranha manobra. — O que foi?

Mas enquanto eu trancava a porta atrás de nós, a risada dele sumiu. E quando me virei, vi que ele estava lembrando da mesma noite que eu.

— Preciso falar com você sobre uma coisa — anunciei.

Ele me encarou, nervoso, cuidadoso.

— Está bem.

— Acontece que… — falei. E o resto das palavras congelou.

— Acontece que…

— Quero me casar um dia — falei.

Ele arregalou os olhos.

Terror pulsou pelo meu corpo. Agora que finalmente tinha o que eu queria, estava prestes a perder tudo. Mas não podia deixar a visão de alguém diante de mim bloquear todo o meu futuro. Nem se fosse a pessoa certa. A melhor pessoa. Eu havia tomado uma decisão irracional e catastrófica no começo do ano, em vez de encarar meus verdadeiros sentimentos e medos de frente. Não podia fazer isso de novo. Precisava saber o que Macon queria. Eu não tinha escolha a não ser seguir em frente.

— E nunca falamos de casamento, então não sei o que você acha disso. Se é algo que você quer fazer com *alguém*. Mas estou com medo de tirar minhas coisas das caixas se tiver que empacotá-las daqui onze anos. E não estou querendo te pressionar nem ficar noiva agora, mas quero conversar sobre isso. Só preciso saber se é uma possibilidade…

— Eu quero me casar com você — disse ele.

Meu coração parou.

— Você quer?

— Desesperadamente.

— Ah — sussurrei.

— Eu também não sabia o que você achava disso. E estava com medo de te assustar se dissesse algo cedo demais, mas teria me casado com você ontem. Eu teria me casado com você um mês atrás. Um ano atrás. Cinco anos atrás.

— Mas você teve vários relacionamentos longos. E nunca sequer noivou.

— Porque eu não queria passar o resto da vida com elas.

— Mas quer passar comigo?

— *Sim* — disse ele.

A palavra se enrolou dentro de mim, reescrevendo o código, subindo e se repetindo no infinito.

Sim. Ingrid, sim.

Algo frio e úmido atingiu minhas bochechas. Olhamos para cima ao mesmo tempo. Floquinhos de neve caíam rodopiantes do céu. Nossos olhares se encontraram, maravilhados. Mas quando eu estava prestes a reescrever o segundo erro daquela noite — quando eu estava prestes a beijá-lo e ser beijada de volta —, ele

me interrompeu com a própria preocupação.

— Antes de seguirmos em frente — disse ele, e ergui as sobrancelhas. Ele sorriu, embora a preocupação tenha logo substituído o gesto. — Minha mãe. Não sei se você se lembra, mas…

— Ela pode ficar com o quarto do Edmond. Vamos dar um jeito.

Parecia que Macon queria acreditar em mim, mas estava com medo.

— Ela está doente. Não vai ser fácil.

— Eu sei. Quero ajudar. Quero viver com você pra sempre, e entendo que isso provavelmente significa morar com ela também.

— É um comprometimento e tanto.

— O casamento também — falei, pegando as mãos dele de novo.

— E filhos?

Me surpreendi.

— Pensei que… a gente já tinha falado disso?

— Eu nunca me imaginei com filhos, mas se você mudar de ideia, eu reconsideraria. Mas preciso saber agora. Preciso saber se é algo que devemos discutir. Já estou velho.

Meu coração disparou, mas eu estava ainda mais grata por nossas opiniões não terem mudado.

— Não mudei de ideia.

Ele ficou aliviado.

— E o casamento? Grande ou pequeno ou…

— Pequeno. Não quero duzentas pessoas nos olhando. Mas também não vai ser no cartório. Não quero um casamento de *Beavis e Butt-Head*.

Macon enfim riu. Lágrimas brilhavam em seus olhos.

— Talvez uma cerimônia no jardim com nossa família e amigos mais próximos — falei.

— Sim. Ótimo. E quanto às praias?

Então eu ri, completamente surpresa.

— O quê?

— Se estou de férias, prefiro praias mais frias. Pedregosas, cinzentas, inadequadas pra banho. Mas a maioria das pessoas não gosta disso, então se você prefere algo tropical, eu não me importo de revezar.

— Eu já sabia disso. — Sorri. — E também prefiro uma praia sombria.

Ele colocou um fio solto do meu cabelo atrás da orelha e confessou:

— Também já sabia disso sobre você.

— Mas eu gostaria de visitar Kat algum dia, embora a praia na cidade dela seja ensolarada. Nunca saí do país.

— Nem eu. E eu adoraria visitar a Austrália com você um dia.

— Então… é isso? Sabemos tudo sobre o outro agora?

— Acho que sim — disse ele. Mesmo assim, não pensei que aconteceria. Arfei quando ele se apoiou em um joelho na entrada de mosaicos. — Não tenho um anel.

— Sim. — Minha resposta saiu antes mesmo que ele perguntasse.

A forma como ele deu risada e sorriu me fez sentir que eu era o único sol de que Macon precisava.

— Ingrid Dahl. Quer se casar comigo?

— Sim — repeti, assentindo e acenando com a cabeça.

Eu o ajudei a se levantar e o puxei para um beijo arrebatador. Tínhamos o nariz frio, mas nossa boca estava quente. Nos beijamos por tanto tempo que os flocos de neve engrossaram e se acumularam no chão. Eles polvilharam nossos cabelos e nossos casacos. Nos beijamos até nossos lábios doerem, nossos corpos tremerem e nossos dedos congelarem. Nos beijamos como se tivéssemos toda a eternidade pela frente.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Macon me levou para casa. As luzes da varanda e da sala de estar estavam acesas quando chegamos, e o chalezinho de pedra brilhava alegremente na neve. A silhueta de Edmond estava diante da janela.

— Você parou aqui a caminho da loja só pra acender as luzes? — perguntei, encantada.

— Sim.

Fingi suspirar.

— A eletricidade!

— Eu queria que você chegasse em uma casa aquecida. Na *nossa* casa.

As palavras se aconchegaram em mim. Eu as testei, e a sensação era boa.

— Nossa casa. — Senti um nó na garganta enquanto as lágrimas se acumulavam nos meus olhos. — Amo esta casa.

Macon desligou o carro e sorriu para mim.

— Eu sei.

— Quero dizer, talvez eu me case com você só pra ficar com esta casa.

Ele riu.

— Ótimo. Então meu plano maligno funcionou.

— Que plano maligno?

— Criar a casa perfeita pra te prender. Com as suas cores favoritas, suas coisas favoritas.

Meu suspiro foi real desta vez.

— Riley disse que foi isso o que você fez!

— Sim. Achei que estava bem óbvio.

Embora uma emoção me percorresse, a mágoa e a preocupação apareceram.

— Mas achei que você gostava de tudo. Nunca teria feito você decorar de um jeito que não gostasse.

Macon pegou minha mão esquerda e envolveu meu anelar com um dos dedos. Nos entrelaçando.

— Eu sei. E eu *amo* tudo, principalmente porque tudo me lembra de você. De nós. Acho que a casa toda é muito a gente.

Segurar a mão dele continuava sendo o prazer mais extraordinário.

— É, não é?

— Vem — disse ele, me encorajando a sair do carro. — Vem ver seu presente de Natal.

— Ah, não! Você concordou que não íamos trocar presentes. Não tenho nada pra você.

— É pra nós dois. Dá pra ver daqui, na verdade.

Me virei para ver, mas tudo parecia igual.

— Está no jardim?

— Não.

— É outro gato?

Ele me incentivou a sair de novo.

— Vem.

Corri até a porta e procurei a chave enquanto Macon tirava minha mala do bagageiro. Eu ainda estava remexendo o fundo da bolsa quando ele me alcançou, destrancou a porta e a segurou para mim.

— Ai, meu Deus — falei. — Os livros!

A longa parede de prateleiras tinha terminado de secar enquanto eu viajava, e ele havia transferido todos os livros do escritório para a sala de estar. O espaço agora era aconchegante e vivo. Exatamente como eu havia imaginado, as cores das lombadas contrastavam com a saturação excessiva do verde intenso. Isso fazia os livros parecerem antigas e adoradas obras de arte. Posicionava-os como os objetos mais importantes da casa, as primeiras coisas que as pessoas veriam ao entrar. Eram os

livros de um bibliotecário e de uma livreira. Então percebi que *eram* mesmo. Macon tinha desempacotado meus livros e os misturado com os dele em ordem alfabética.

— A gente não conversou sobre a organização. — Macon parecia nervoso. — Podemos trocar ficção e não ficção de lugar. Ou se você preferir manter nossas coleções separadas, podemos colocar meus livros daquele lado da porta e os seus do outro…

— Está *perfeito*. Amei que nossos livros estão juntinhos, se conhecendo, se esfregando. Misturando todo o conhecimento e as histórias contidas neles.

O sorriso que ele abriu me comunicou que também pensava assim.

— O Phil achou que era um exagero tantas prateleiras assim, mas tinha que ter espaço suficiente pra nós dois.

Me dei conta de algo.

— Mas você fez tudo antes de começarmos a namorar.

— Como eu falei, o Phil achou que era um exagero.

Meu sorriso aumentou, combinando com o dele.

— Ah! — disse ele. — Mas esse não é o seu presente. Vire-se.

Fiquei tão fascinada com os livros que não reparei nos móveis novos — o sofá comprido de veludo verde, a poltrona de dois lugares da mesma cor e as luminárias de leitura ajustáveis. Não eram imitações dos itens que eu havia enviado para ele tantos meses antes: *Algo assim, mas obviamente não I$$O*. Eram os mesmos itens. A bolsa escorregou da minha mão e caiu no chão.

— Você viu Edmond sentado no encosto do sofá pela janela — disse Macon, adorando minha reação. — Você só se esqueceu que não tínhamos sofá.

Devagar, me virei para encará-lo.

— Não quero ser… não sei como te falar isso… mas claramente esquecemos de discutir outro assunto.

— Não sou secretamente milionário, se é isso o que você está pensando.

A piadinha quebrou a tensão, e eu ri.

— Mas obviamente nunca gastei dinheiro nesta casa. Então tenho um dinheiro guardado.

— Você não precisava ter feito isso. Eu me casaria com você mesmo sem os móveis. — Eu estava brincando, mas também não estava. — Pelo visto, o enxoval da noiva já incluiu uma casa inteira.

— Tentei encontrar itens parecidos usados, mas tudo o que você escolheu era tão especial. E me apaixonei pela ideia de ficarmos lendo juntos nesta sala. Então esperei a Black Friday — ele fingiu vomitar e engasgar —, e o Phil me deixou guardar tudo na garagem dele. Ainda vamos precisar de cortinas, almofadas e tapete, mas não quis comprar nada disso sem você.

— Não sei nem o que dizer. Ninguém nunca fez nada parecido para mim.

— Feliz Natal — disse Macon, me guiando para o sofá e me fazendo sentar com ele. O estofado de veludo era macio e confortável, muito melhor do que qualquer sofá que um de nós já tivesse tido. Era meu primeiro móvel de verdade. Eu nunca mais teria que me preocupar se ele desabaria debaixo de mim, pois a estrutura era sólida e resistente. — O que você acha? — perguntou ele.

Sorri.

— Acho que vai durar a vida toda.

Edmond se levantou do encosto e se inclinou para a frente, dando uma batidinha na minha testa como se estivesse me cumprimentando. Eu também estava com saudade dele e me aconcheguei no seu pelo.

— Vou ter um aumento no novo emprego — disse Macon —, então vou ter dinheiro pra nos sustentar. Sabe, se as coisas ficarem difíceis na livraria. Ou se algo acontecer com a minha mãe. Ou se seus pais precisarem de ajuda. Quero apoiar sua família também.

Inclinei a cabeça para ele.

— Por *isso* você estava tão nervoso sobre esse trabalho?

— Ah, eu queria o trabalho. Quero esse cargo desde que comecei a trabalhar em bibliotecas. Só não conseguia suportar a ideia de ficar longe da minha colega favorita.

Sorri para ele de novo. Não conseguia parar.

— Mas sim — disse Macon —, quero poder te ajudar. E sei que não posso resolver todos os problemas financeiros do mundo, pois ainda sou funcionário do condado —

nós dois rimos —, mas de vez em quando vou poder comprar um sofá novo pra gente. Ou uma cama pros nossos convidados. E vamos poder economizar pra fazer aquela viagem pra Austrália.

— E pra Disney.

— Estava torcendo pra que você tivesse esquecido.

Dei risada.

— Pelo menos vamos poder ficar com os meus pais. Não precisamos pagar hotel. — Aconcheguei meu corpo no dele. — Sabe… logo minha família vai ser sua família também.

Ele ergueu as sobrancelhas. Ele ainda não devia ter pensado nisso.

— E temos uma medalhista olímpica agora — me gabei.

Eu o fiz rir, mas então ele se levantou.

— Ah! Você tem que ver o resto.

— O *resto*?

O sorriso dele se alargou quando o segui até o escritório. Ele havia levado a televisão para lá, mas, sem os livros, o cômodo estava quase vazio.

— Pensei de colocar uma mesa pra você aqui também. Ou podemos fazer o que você quiser com esse espaço. — Ele me levou ao quarto de Edmond. — A cama dos hóspedes vai ficar aqui, mas o resto do quarto pode ser usado para guardar coisas. Se minha mãe vier morar com a gente algum dia, talvez a gente possa construir um depósito lá fora. — No nosso quarto, ele já tinha liberado espaço para mim no armário e na penteadeira semanas antes, mas me mostrou que tinha arrumado ainda mais espaço. — Eu teria aberto as outras caixas, mas não pareceu certo mexer nas suas coisas sem você.

— Está acontecendo mesmo — falei, fascinada.

— O quê?

— Não vou mais ter minha vida em caixas.

Era como se ele estivesse me pedindo em casamento de novo. Sua voz ficou rouca.

— É tudo seu. E podemos pintar esses cômodos da cor que você quiser.

Estremeci.

— Acho que não quero pintar mais nada por pelo menos um ano.

— Graças a Deus, porque eu também não quero. Mas eu pintaria por você.

Era uma coisa extremamente romântica de se dizer, então o beijei. Ele respondeu ardentemente, me guiando até à cama.

— O quarto está ótimo — falei, me afastando —, mas vamos testar o sofá novo.

Macon fingiu que estava com os joelhos bambos e me deixou levá-lo de volta para a sala de estar. Eu estava tão distraída com os livros e móveis que não percebi que ele também havia acrescentado uma série de lindos vasos de plantas. A casa parecia pertencer a nós dois. Parecia *nossa*. Então reparei que a planta maior, uma conífera de um metro e vinte, estava enfeitada com luzinhas, ainda que apagadas, uma guirlanda de frutinhas e pipoca e enfeites feitos com fatias secas de laranja.

Enquanto eu suspirava, ele seguiu meu olhar e praguejou.

— Era pras luzinhas estarem ligadas — disse ele, se afastando para consertar o erro. — Esqueci.

— Macon! Você arranjou até uma árvore de Natal pra gente.

— Um pinheiro de Norfolk — corrigiu ele. — Vai crescer. Ele pode ficar sempre aqui na sala, combinando com nosso tema de floresta. A não ser que Edmond comece a mordiscar, e daí teremos que colocar lá fora. É meio tóxico pra gatos. Mas até agora, ele só está dormindo debaixo dos galhos.

As luzinhas se acenderam, nos banhando em uma luz quente e brilhante. Meu coração derreteu.

— Você arranjou uma árvore de Natal pra gente — repeti.

— Roubei as luzes da sua loja, um fio de uma ilha nos fundos — disse ele, explicando rapidamente e se levantando de novo. — Mika disse que tudo bem.

Toquei de leve em um enfeite de laranja.

— Você que fez?

Ele assentiu. De repente, ficou todo tímido e constrangido.

Eu o amava tanto que doía. Puxei seu rosto para perto e o beijei novamente, amando sua doçura e seu sabor. Macon respondeu com mais intensidade, e eu o puxei para o sofá comigo. Edmond ainda estava sentado no encosto.

— Sai — grunhiu Macon, afastando-o.

Ergui a cabeça para ver Edmond pulando do sofá para sua árvore, e notei a surpresa final: o ar estava tomado pelo aroma de cebola, alho e pimenta caiena.

— Puta merda — falei, sem acreditar. — Você também fez o jantar.

— Claro que fiz. Tem ensopado de amendoim e a batata-doce está cozinhando.

— *Como* ninguém tentou se casar com você antes?

— Eu odeio todo mundo, exceto você, e faço careta pra que as pessoas saiam correndo feito caranguejinhos.

— Ah, para. Você não faz, não.

— Às vezes, faço.

— Só pra quem merece.

Ele riu.

— Isso é injusto — falei, batendo no peito dele. Quase com raiva de verdade.

— Como assim?

— É tão desproporcional. Você está me dando tanta coisa, e eu sou apenas eu.

— Em primeiro lugar — Macon me fez deitar no sofá e me prendeu —, estou recebendo a porra de uma *livraria* inteira. Já parou pra pensar que estou me casando com você por causa disso?

Sinceramente, me senti melhor.

— Em segundo lugar — o rosto dele suavizou ao me observar —, você *é* tudo. Você é literalmente um raio de sol. Você ilumina minha vida e traz cor pro meu mundo, e tudo o que eu quis desde o dia que te conheci é me banhar no calor do seu brilho.

Sorri para ele, radiante de felicidade.

— Viu? — sussurrou Macon. — Pura luz do sol.

Puxei a camisa dele, trazendo-o para mim.

— E calor — disse ele, se pressionando contra mim.

Iluminado pela árvore e pelas luzes das luminárias, Macon também parecia feliz, cercado pela nossa floresta verdejante, com a vida e as histórias dando frutos ao seu redor. E talvez eu fosse a sua luz, mas foi ele que me guiou para fora da escuridão e

para aquela nova vida. A luz simplesmente não tinha propósito sem vida.

Ali, com ele, eu tinha encontrado um propósito.

Ali, com ele, estava cheia de vida.





AGRADECIMENTOS

Trabalho com livros desde a adolescência, então meu primeiro agradecimento caloroso vai para os meus colegas de trabalho durante os anos em que fui livreira e bibliotecária. Agradeço ao Kevin Tobin, que me deu a chance de começar nesse mercado, e agradeço a todos os outros livreiros que salvaram minha vida de adolescente e me mostraram que eu tinha um futuro animador. Agradeço aos livreiros que então pegaram as rédeas dos meus vinte anos e me ensinaram a ser adulta. Eu amo e admiro todos vocês profundamente.

Agradeço aos livreiros da Malaprop's, a livraria independente da minha cidade natal, pela presença fundamental na nossa comunidade. E agradeço a todos os outros maravilhosos livreiros e bibliotecários pelo mundo que tive a sorte de conhecer em minha carreira como autora. Sou especialmente grata pelo trabalho duro de vocês na linha de frente da atual crise de banimento de livros nos Estados Unidos. Agradeço por continuarem lutando pelo nosso direito de ler livros que deixam outras pessoas desconfortáveis.

Na verdade, ainda sou bibliotecária: agora, faz mais de uma década que atuo como voluntária. E sou grata pelos meus colegas bibliotecários e pelos frequentadores daquela biblioteca tão especial. Sou muito grata por ainda colocar livros nas mãos das pessoas que precisam deles.

Quanto a *este* livro, minha agente, Kate Testerman, sempre foi minha campeã. Obrigada, Kate, por estar ao meu lado desde o primeiro dia. Agradeço também à Maria Napolitano pela ajuda internacional e à minha incrível agente de direitos visuais, Dana Spector.

Agradeço à minha editora, Sara Goodman, por sua orientação perspicaz e

sabedoria preciosa, e especialmente por honrar o tempo e o espaço que eu precisava para descobrir como escrever esta história. Que presente! Levo isso muito a sério.

Agradeço à Olga Grlic por criar uma capa na qual me reconheço — e também reconheço Ingrid e Macon —, e agradeço a toda a equipe da Saturday Books e da Macmillan por seu incrível apoio e amizade coletiva: Jennifer Enderlin, Merilee Croft, Cassie Gutman, Brant Janeway, Kim Ludlum, Michelle McMillian, Erica Martirano, Althea Mignone, Zoë Miller, Alexis Neuville, Sarah Pazen, Eileen Rothschild e Erica Young. Agradeço ao Manning Krull pelo lindo carimbo de caixa. E agradeço também a todas as minhas equipes editoriais no exterior.

Kiersten White me deu feedback para cada versão deste romance e é minha companheira constante de mensagens. Sou eternamente grata por sua amizade. Alison Cherry analisou a fundo cada frase, o que me deu paz de espírito. Jade Timms é uma leitora brilhante e uma hilária podcaster solo, Myra Simmons gentilmente me ouviu ler este livro inteiro em voz alta, Jeff Zentner apareceu com excelentes sugestões durante uma crise, e Laini Taylor deixou comentários tão gentis nas margens que eu abracei meu notebook com força. David Arnold, Nina LaCour e David Levithan também foram fontes maravilhosas de incentivo durante todo esse processo. Obrigada a todos.

Obrigada à minha mãe e ao meu pai por uma vida inteira de amor incondicional, assim como aos meus incríveis pais que moram na casa ao lado.

Obrigada à minha irmã. Sempre minha irmã.

Agradeço à Lauren Biehl e Melisa Pressley por responderem às minhas perguntas de pesquisa, e a todos os amigos que compartilharam comigo histórias de terror sobre encontros, algumas das quais roubei para escrever este romance. Agradeço às mentes brilhantes do meu grupo de meditação vespertina. Brinquei de "onde gostaríamos de estar" por fotos com vários colegas de trabalho ao longo dos anos, mas Lynn Hunter foi a primeira. Obrigada, Lynn, por me ajudar a superar esses turnos longos e tediosos.

Meu maior agradecimento vai para o meu marido, Jarrod Perkins, que me apoia diariamente de infinitas e atenciosas maneiras. Que é o alegre raio de sol da minha

nuvem chuvosa e sombria. Que me ajudou a pintar minha casa com as minhas cores favoritas. Que sorte termos nos encontrado tão jovens, e ainda darmos tão certo.

Por fim, este romance foi concluído depois do caótico Furacão Helene. Ridgetop foi inspirada na minha cidade natal, Asheville, na Carolina do Norte, que sofreu muitas perdas com a tempestade. Ainda é difícil entender e discutir o que aconteceu aqui, mas milagres também surgem das tragédias: gentileza, empatia e generosidade. Vizinhos ajudaram vizinhos, independentemente de posição política. Tive um vislumbre da nossa humanidade coletiva. Me lembrei de quem realmente somos e quem escolhemos ser. Obrigada, Asheville. O mundo é um lugar melhor porque você ainda está aqui.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE
Mande um e-mail para **opiniao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo "Assunto".

1ª edição, jan. 2026